
"Um mundo incomum
e sedutor no qual
nada é o que parece."
BECCA FITZPATRICK (Sussurros)
ANDREA CREMER
LUA DE
SANGUE
Nightshade – vol. 2
GALERA

Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Nightshade**

Sob a luz da lua
Lua de sangue

ANDREA CREMER

LUA DE SANGUE

Tradução de
Flávia Neves

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C937L

Cremer, Andrea R.
Lua de sangue [recurso eletrônico] / Andrea Cremer ; tradução de Flávia Neves. - Rio de Janeiro : Record, 2013. recurso digital (Nightshade ; 2)
Tradução de: Wolfsbane
Formato:ePub
Requisitos do sistem: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-40288-2 (recurso eletrônico)
1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Neves, Flávia. II. Título. III. Série.

12-1086.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
Wolfsbane

Copyright © 2011 by Broken Foot Productions, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-40288-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para Will, para sempre

As duas virtudes cardinais na guerra são a força e a fraude.

Thomas Hobbes, *Leviatã*

O PURGATÓRIO

PARTE I

Eu, exausto; incertos ambos quanto ao caminho
a seguir, quedamo-nos em veredas mais
solitárias que os caminhos do deserto.

Dante, *Purgatório*

UM



Não conseguia abafar os gritos. A escuridão me cercava. Um peso terrível pressionava o meu peito, e eu tinha de lutar por cada sopro de ar enquanto me afogava em meu próprio sangue. Sentei-me ofegante, tentando enxergar entre as sombras.

Os gritos cessaram. O ambiente tornou-se calmo, inundado de silêncio. Engoli a saliva com dificuldade e tentei umedecer a boca seca. Demorei a perceber que os gritos haviam sido meus, cada um deles arranhou a garganta até feri-la. Levei as mãos ao peito. Meus dedos moveram-se pela superfície da camisa. O tecido estava macio, sem sinal dos rasgos das flechas. Não conseguia enxergar direito na penumbra, mas dava para saber que a camisa que vestia não era minha, ou melhor, não era o suéter que Shay havia me emprestado — o que usava na noite em que tudo mudou.

Um borrão de imagens percorreu minha cabeça. Um manto de neve. Uma floresta escura. O rufar dos tambores. Uivos convocando-me para a união.

A união. Meu sangue congelou. Havia fugido do meu destino.

Havia fugido de Ren. Lembrar do alfa Bane me deu um aperto no peito, mas quando baixei a cabeça sobre as mãos, outra figura substituiu a de Ren. Um rapaz de joelhos, vendado e amarrado, sozinho na floresta.

Shay.

Dava para ouvir a voz dele, sentir o roçar de seus dedos no meu rosto, enquanto vagava entre a lucidez e a inconsciência. O que tinha acontecido? Ele me deixara sozinha na escuridão por tanto tempo… e eu continuava só. Mas onde?

Meus olhos se adaptaram à penumbra do ambiente. A luz do sol filtrada pelo céu nublado atravessava amplas janelas com vitrais ao longo de toda a parede oposta, tingindo as pálidas sombras com um clarão rosado enquanto eu examinava o local em busca de uma saída. Avistei uma porta de carvalho alta à direita da cama. A 3, talvez 5 metros de distância de onde eu estava sentada.

Consegui diminuir o ritmo da respiração, mas o coração continuava acelerado. Coloquei as pernas sobre a beirada, para fora da cama, e com cautela pus o peso do corpo sobre os pés. Não foi difícil me levantar e senti cada músculo voltar à vida, tenso e firme, pronto para qualquer coisa.

Se fosse preciso, teria condições de lutar, e matar.

O som de passos de botas chegou aos meus ouvidos. A maçaneta girou e a porta abriu em minha direção, revelando um homem que havia visto apenas uma vez. Tinha cabelo grosso, de um castanho bem escuro, como café preto. As linhas do rosto eram fortes e retilíneas, de ângulos bem definidos, com rugas sutis e pele sombreada pelos muitos dias de barba grisalha por fazer. Desleixado, mas ainda assim atraente.

Havia visto seu rosto segundos antes de ser atingida por ele com o cabo de sua espada. Meus caninos afiaram-se enquanto um grunhido

crescia com intensidade em meu peito.

Ele abriu a boca para falar, mas me transformei em lobo, agachei-me e rosnei para ele. Mantive as presas bem à mostra, e rosnei sem parar. Tinha duas opções: dilacerá-lo ou passar correndo por ele. Calculei que teria apenas alguns segundos para me decidir.

Ele levou uma das mãos à cintura, afastou a longa capa de couro e empunhou o cabo de um sabre longo e curvo.

Lutemos então.

Meus músculos tremeram quando me curvei, mirando em seu pescoço.

— Espere. — Ele soltou o cabo do sabre e ergueu as mãos na tentativa de me acalmar.

Congelei, chocada com o gesto e um pouco irritada por sua presunção. Não me acalmaria tão facilmente. Após um breve trincar de caninos, arrisquei um olhar de relance para o corredor atrás do homem.

— Não vai querer fazer isso — disse ele, caminhando e cobrindo minha visão.

Respondi com um rosnado.

E você não vai querer descobrir do que sou capaz quando me sinto encurralada.

— Compreendo o impulso — continuou ele, cruzando os braços, o sabre guardado na bainha. — Talvez até consiga passar por mim e então vai se deparar com uma unidade de segurança no final do corredor. E se conseguir passar por eles, e acho que provavelmente conseguiria, por ser uma alfa, vai encontrar um grupo ainda maior de guardas em qualquer das saídas.

Por ser uma alfa. Como sabe quem sou?

Ainda rosnando, recuei e olhei para trás, para as janelas. Poderia facilmente atravessá-las. Doeria, mas se a queda não fosse muito alta, eu sobreviveria.

— Não é uma opção — disse ele, olhando as janelas.

Quem é esse cara? Sabe ler pensamentos?

— São mais de 15 metros de queda livre no mármore. — Ele deu um passo à frente. Eu recuei novamente. — E ninguém aqui quer ver você se machucar.

O rosnado se desfez na garganta.

Ele baixou a voz e falou lentamente:

— Se voltasse à forma humana, poderíamos conversar.

Rangi os dentes, frustrada, andando de lado. Mas ambos sabíamos que a cada minuto que passava eu estava menos segura de mim.

— Se tentar fugir — continuou ele —, seremos obrigados a matá-la.

Ele disse isso com tanta tranquilidade que demorei alguns instantes para processar as palavras.

Dei um latido agudo de protesto, que se transformou em uma risada sombria quando passei para a forma humana.

— Achei que ninguém aqui queria me machucar.

Um vinco formou-se num dos cantos da boca do homem.

— E não queremos. Calla, eu sou Monroe.

Ele deu mais um passo à frente.

— Fique onde está — disse eu, revelando os caninos. Ele não se aproximou mais. — Você ainda não tentou me matar — respondi, examinando o lugar em busca de qualquer coisa que pudesse me dar alguma vantagem tática. — Mas isso não quer dizer que posso confiar em você. Se vir essa arma na sua cintura mover um centímetro, você perde um braço.

Ele assentiu.

Perguntas martelavam em minha cabeça, fazendo-a doer. A sensação de falta de ar ameaçou me dominar outra vez. Não podia me permitir entrar em pânico. Também não podia me permitir mostrar qualquer fraqueza.

Lembranças se remexeram profundamente dentro de mim — girando sob minha pele e me causando arrepios nos braços. Gritos de dor ecoaram em minha cabeça. Estremeci, visualizando espectros surgindo ao meu redor como sombras nebulosas, enquanto súcubos gritavam do alto. Meu sangue congelou.

Monroe! O garoto está aqui!

— Onde está Shay?

Engasguei ao dizer seu nome, a garganta paralisada pelo desespero enquanto esperava pela resposta de Monroe.

Fragmentos do passado rodopiaram em minha mente, um borrão de imagens que teimavam em ficar fora de foco. Lutei com as memórias, tentando capturá-las e mantê-las estáticas para conseguir entender o que havia acontecido, e como havia parado ali. Lembrei de ter corrido por corredores estreitos, ciente de que estávamos encurralados, e de ter encontrado uma saída pela biblioteca da mansão Rowan. Do tio de Shay, Bosque Mar, corroendo minha indignação com dúvidas sobre o que estava acontecendo.

Os dedos de Shay apertaram os meus com tanta força que chegou a doer.

— Diga-me quem você realmente é.

— Sou seu tio — respondeu Bosque calmamente, caminhando em nossa direção. — Sangue do seu sangue.

— Quem são os Defensores? — perguntou Shay.

— Outros como eu, que apenas querem te proteger. Te ajudar — respondeu Bosque. — Shay, você não é como os outros jovens. Você tem habilidades ainda inexploradas das quais não faz ideia. Posso lhe mostrar quem realmente é. Ensiná-lo a usar seu poder.

— Se está tão empenhado em ajudá-lo, por que ele seria sacrificado na minha união? — Puxei Shay para trás, protegendo-o de Bosque.

Bosque balançou a cabeça.

— Outro trágico mal-entendido. Foi um teste, Calla, de sua lealdade à nossa nobre causa. Achei que oferecíamos a vocês a melhor educação, mas talvez você não esteja familiarizada com a prova de Abraão com seu filho Isaac? O sacrifício daqueles que amamos não é a última medida de nossa fé? Realmente acredita que queríamos que matasse Shay com as próprias mãos? Pedimos a você que o protegesse.

Comecei a tremer.

— Está mentindo.

— Estou? — Bosque sorriu e quase pareceu amável. — Depois de tudo o que viveu, não confia nos seus mestres? Nunca a obrigariam a fazer mal a Shay. Outra presa seria entregue a vocês no último momento. Entendo que um teste como esse pode parecer horrível demais, muito a exigir de você e Renier. Talvez sejam jovens demais para encarar algo assim.

Fechei os punhos para que Monroe não visse minhas mãos trêmulas. Podia ouvir os guinchos de súcubos e íncubos, os silvos das quimeras e o arrastar dos pés daquelas criaturas dissecadas e horrendas que saíam das telas penduradas nas paredes da mansão Rowan.

— Onde ele está? — perguntei novamente, trincando os dentes. — Juro que se não me disser...

— Ele está sob nossos cuidados — respondeu Monroe calmamente.

Lá estava aquele meio sorriso em seu rosto outra vez. Não conseguia decifrar esse comportamento reservado e ao mesmo tempo confiante.

Não tinha certeza do que significava a palavra "cuidado" nesse caso. Com os caninos à mostra, fui margeando o ambiente, à espera de que Monroe se movesse. Enquanto o observava, imagens embaçadas do passado piscavam diante dos meus olhos como aquarelas.

Um metal frio ao redor dos meus pulsos. O clicar de cadeados e então a súbita ausência de peso em meus pulsos. O calor de um toque delicado afugentando o frio congelante na pele.

— Por que ela ainda não acordou? — perguntou Shay. — Você prometeu que ela não seria ferida.

— Ela vai ficar bem — disse Monroe. — O encantamento das flechas atua como um sedativo pesado; vai demorar um tempo para passar o efeito.

Tentei falar, mas as pálpebras estavam muito pesadas, e a escuridão onírica me puxou novamente para trás de seu véu.

— Se conseguirmos chegar a um acordo, levo você até ele — continuou Monroe.

— Um acordo? — Estava certa em não querer demonstrar fraqueza. Se fosse fazer algum tipo de trato com um Inquisidor, teria de ser nas minhas condições.

— É — disse ele, arriscando um passo em minha direção. Como não protestei, ele sorriu. Não estava trapaceando, pois — não farejei medo —, mas seu sorriso estava ofuscado por outra coisa. Dor?

— Nós precisamos de você, Calla.

Fiquei ainda mais confusa e sacudi a cabeça, como se para afugentar um enxame de insetos. Precisava demonstrar autoconfiança, e não me distrair com o comportamento estranho dele.

— “Nós”? De quem está falando exatamente? E para que precisam de mim?

A raiva havia se dissipado, mas me concentrei em manter os caninos afiados como navalhas. Não queria que Monroe se esquecesse nem por um minuto de com quem estava lidando. Ainda era uma alfa — precisava me lembrar disso tanto quanto ele. Essa força era a única coisa que tinha a meu favor nesse momento.

— Minha gente — respondeu, fazendo um gesto vago para trás na direção do que quer que existisse do outro lado da porta. — Os Inquisidores.

— Você é o líder deles? — Franzi a testa.

Ele parecia forte, porém cansado — como alguém que nunca dorme o suficiente.

— Sou *um* líder — respondeu. — Conduzo o grupo de Haldis; realizamos operações fora do posto avançado de Denver.

— *Vamos falar dos seus amigos em Denver.*

Em algum recanto da memória, Lumine, minha mestra, sorriu e um Inquisidor berrou.

Cruzei os braços sobre o peito para não tremer.

— Tudo bem.

— Mas não é apenas o meu grupo que precisa da sua ajuda — prosseguiu, virando-se de repente e caminhando na direção da porta. — Todos nós precisamos. Tudo mudou. Não temos mais tempo a perder.

Enquanto falava, passou as mãos pelos cabelos. Pensei em sair correndo — ele estava visivelmente distraído —, mas algo no seu jeito de falar me deixou fascinada, tanto que já não sabia se escapar era o que realmente queria.

— Talvez você seja nossa única chance. Não acredito que o progênito consiga fazer isso sozinho. Você pode ser a parte final desta equação. O ponto decisivo.

— Ponto decisivo do quê?

— Desta guerra. Você pode pôr um fim nela.

Guerra. A palavra fez meu sangue ferver. Gostei; o calor percorrendo minhas veias me fez sentir mais forte. Havia sido criada para lutar nesta guerra.

— Precisamos que se junte a nós, Calla.

Mal o escutava agora, encurralada em uma neblina avermelhada — lembranças da violência que consumiram tanto tempo de minha vida invadiram meu ser.

A guerra dos bruxos.

Havia servido aos Defensores em suas batalhas contra os Inquisidores desde a primeira vez que consegui cortar carne com meus próprios dentes. Havia caçado para eles. Matei para eles.

Fixei os olhos em Monroe. Eu havia matado *sua* gente. Como era possível que ele ainda quisesse que me unisse a eles?

Como que pressentindo minha desconfiança, ele ficou imóvel. Não disse nada, apenas entrelaçou as mãos atrás das costas, observando-me, esperando que eu falasse.

Engoli em seco, forçando firmeza na voz.

— Quer que eu lute por vocês.

— Não apenas você — disse ele. Percebi que ele também se esforçava para medir as palavras. Parecia desesperado por preencher o espaço que nos separava com seus pensamentos. — Mas você é a chave. Você é uma alfa, uma líder. É disso que precisamos. É disso que há muito tempo precisamos.

— Não entendo.

Os olhos dele brilhavam tanto que não sabia se deveria sentir medo ou fascínio.

— Os Guardiões, Calla. Sua matilha. Precisamos que você os traga para nós. Para lutar conosco.

Parecia que o chão abaixo de mim havia desaparecido e eu agora estava em queda livre. Quis acreditar no que ele dizia, afinal não era exatamente isso o que sempre desejei?

Um jeito de libertar minha matilha.

Sim. Era isso. Meu coração estava acelerado com a ideia de voltar para Vail, de reencontrar meus companheiros. Voltar para Ren. Poderia tirar todos do domínio dos Defensores. Uma mudança. Algo melhor.

Mas os Inquisidores eram meus inimigos... Precisava ter cautela se fosse fazer um pacto com eles. Decidi bancar a difícil:

— Não sei se isso é possível...

— Mas é! — Monroe deu uma guinada para a frente como se quisesse pegar nas minhas mãos, com um brilho insano nos olhos.

Dei um salto para trás, passando para a forma de lobo, e rosnei para seus dedos.

— Desculpe. — Ele balançou a cabeça. — Há tanta coisa que você não sabe.

Voltei para a forma humana. O rosto dele era talhado por profundas linhas de expressão. Um semblante angustiado, cheio de segredos.

— Nenhum movimento brusco, Monroe. — Dei alguns passos lentos em sua direção, estendendo a mão para evitar qualquer contato. — Estou interessada, mas não convencida de que você sabe o que está me pedindo.

— Eu sei. — Ele desviou os olhos e pareceu quase vacilar com as próprias palavras. — Estou pedindo para você arriscar tudo.

— E por que faria isso? — perguntei.

Já sabia a resposta. Havia arriscado tudo para salvar Shay. E faria tudo de novo num piscar de olhos se isso significasse que eu poderia ter de volta meus companheiros de matilha. Se pudesse salvá-los.

Ele deu um passo para trás e estendeu o braço, liberando o caminho para a porta aberta.

— Liberdade.

DOIS



A porta dava para um corredor amplo e bem iluminado. Prendi a respiração. As paredes eram trabalhadas em mármore brilhante e a superfície refletia um véu de luz solar que irradiava através da vidraça.

Onde estou?

A beleza estonteante ao meu redor me deixou tão distraída que não notei que não estávamos a sós no corredor.

— Atenção. — A voz familiarmente sombria me fez saltar.

Virei-me, e quase não consegui manter minha forma humana, cheia de raiva por ter sido pega desprevenida. Quase virei lobo outra vez ao ver o dono da voz.

Ethan. Encontrara com ele duas vezes e em ambas havíamos lutado. Primeiro na biblioteca e depois na mansão Rowan. Mostrei as presas. Com olhos fixos nele, fechei o punho na frente do peito. Suas flechas quase me mataram antes de Monroe me deixar desacordada. Ethan me encarou de volta, o nariz ainda ligeiramente torto de quando Shay o quebrou. Em vez de estragar seus belos traços, contribuiu para deixá-lo com uma aparência ainda mais ameaçadora. Meus músculos tremeram

enquanto o observava. Um movimento mínimo de seus dedos na direção da adaga presa à cintura foi a gota d'água.

Mudei de forma num salto, meu grito de revolta transformou-se em um uivo e minha mente fervilhava quando voei para cima dele.

Idiota. Idiota. Idiota. Bastaram duas palavras gentis de Monroe para eu cair direto em uma armadilha.

Os dedos de Ethan se perderam entre os pelos do meu peito, mantendo-me afastada para que minhas presas não se cravassem em seu pescoço. Ele vociferava palavrões, enquanto se contorcia debaixo de mim. Consegui me desvencilhar de suas mãos, mas antes que tivesse tempo de rasgar em pedaços sua carne desprotegida, alguém me acertou nas costas.

Braços e pernas envolveram meu torso, segurando com firmeza, recusando a me deixar ir. Rosnei e protestei, virando a cabeça para trás e tentando me livrar do novo agressor. Não conseguia vê-lo bem nem enfiar os dentes no braço que dava uma gravata em meu peito. Um forte brado masculino e o som de risada intensificaram ainda mais minha fúria. Empinei e girei em círculos, desesperada por lançá-lo para longe.

A risada era de Ethan, que já estava de pé e me observava com um sorriso debochado de satisfação no rosto.

— Segura, peão! Só oito segundos, Connor, e você ganha o ouro — disse ele. — Já conseguiu por cinco segundos.

— Parem com isso! — Monroe surgiu entre mim e Ethan. — Calla, dei minha palavra. Você não corre perigo aqui. Connor, saia de cima dela!

Debatia-me com violência, quando a risada de Connor soou atrás de mim.

— Mas, Monroe, falta pouco para alcançar meu novo recorde.

— Bem-vindo ao Rodeio de Lobos. — Ethan gargalhava tanto que chegou a se curvar, com as mãos apoiadas nos joelhos para não cair.

— Já disse para parar. — Não havia nenhum vestígio de bom humor na voz de Monroe.

Fiquei tão atônita quando Connor saiu de cima de mim que continuei a pular e quase levei um tombo.

— Calma aí, bela adormecida. — Virei-me bruscamente e dei de cara com Connor sorrindo para mim. Lembrei dele na mesma hora: o outro Inquisidor que havia armado uma cilada para mim e Shay na biblioteca. E também havia estado na mansão Rowan arrastando Shay — em forma de lobo inconsciente — e o levando para longe do bando de espectros, súcubos e íncubos de Bosque. Estremeci, pela lembrança daquela horda e pela sensação pavorosa que ainda me invadia por não saber o que havia acontecido com Shay.

Diferentemente de Ethan, cujo olhar não deixava dúvidas de que queria enfiar uma faca em minhas tripas tanto quanto eu desejava afundar meus dentes em seu pescoço, Connor se esforçava para não cair na risada. Tinha uma expressão que o deixava com cara de menino, um jeito meio inocente, embora me lembrasse bem demais da destreza com que ele manuseava espadas. Duas espadas, sabres curvados, como os de Monroe, enfiados em cada lado da cintura naquele exato momento. Rosnei para ele, afastando-me lentamente dos três Inquisidores.

— Não nasceu para acordar cedo, não é? — Connor sorriu. — Prometo trazer um café da manhã, lobinha. Só não pode comer o Ethan. Combinado?

— Calla. — Monroe veio na minha direção, balançando a cabeça negativamente. — Não somos seus inimigos. Por favor, me dê uma chance.

Deparei-me com seus olhos escuros, fixos em mim, intensos e um pouco ameaçadores. Desviei os olhos de Monroe e fitei Ethan e Connor. Ambos flanquearam as costas de Monroe, mas nenhum dos dois se desfez das armas. Impulsos conflitantes me paralisaram. Todos os instintos clamavam pelo ataque, mas os Inquisidores haviam apenas agido de forma defensiva. E não estavam tentando me machucar agora.

Ainda inquieta, mudei de forma.

— Prefiro ela deste jeito, e você? — murmurou Connor com um olhar de canto de olho para Ethan, que apenas grunhiu.

— O que eles estão fazendo aqui? — Apontei para os outros dois, mas me dirigi a Monroe. — Achei que tinha dito que eu estaria segura com você.

— Eles fazem parte do meu grupo — respondeu Monroe. — E você vai trabalhar com eles bem de perto. Pode confiar neles tanto quanto em mim.

Agora foi minha vez de cair na risada.

— De jeito nenhum. Esses dois tentaram me matar mais de uma vez.

— Nada de brigas agora que estamos no mesmo time — disse Connor. — Palavra de escoteiro.

— Até parece que algum dia você foi escoteiro. — O sorriso de Ethan surgiu e desapareceu em menos de um segundo. — Além disso, ela acabou de tentar me degolar!

— Ethan. — Monroe lhe lançou um olhar severo.

Mas a hostilidade de Ethan era mais reconfortante do que as promessas de Monroe ou as gracinhas de Connor; pelo menos faziam sentido. Esses caras eram Inquisidores e eu, uma Guardiã. O que mais poderíamos oferecer um ao outro senão sangue?

— Calla — chamou Monroe. — Nossos mundos estão mudando numa velocidade maior do que você pode imaginar. Esqueça o que acha que sabe sobre nós. Podemos nos ajudar. Queremos as mesmas coisas.

Não respondi, imaginando o que exatamente ele achava que eu queria.

— Você vem conosco? — perguntou ele. — Vai escutar o que tenho a dizer?

Tirei os olhos dele e observei o corredor abaulado de cima a baixo. Não havia nada de familiar. Se saísse correndo não saberia para onde ir. Enquanto seguia Monroe, pelo menos poderia procurar uma rota de fuga.

— Está bem — disse.

— Fantástico! — Connor riu. — Chega de brigas! Acho que isso quer dizer que agora somos amigos do peito? Ótimo.

Com esse comentário ele olhou direto para meu peito.

— Ela é um lobo — retrucou Ethan. — Que bestialidade.

— Não nesse momento — disse Connor, sem mover o olhar e dando alguns passos na minha direção. Conforme se aproximava, um aroma de cedro e violeta misturado ao de café invadiu meus sentidos. Uma mistura familiar — que já havia sentido de perto antes. Rosnei e saltei para trás, afugentando uma nova nuvem de lembranças que se formou em minha mente.

— Tem certeza de que ela é uma alfa? — perguntou Connor, pegando-me no colo, rente ao peito, quando me agitei. — Ela não parece ser tão durona assim.

— Você tem memória seletiva, imbecil — resmungou Ethan. — Só porque é uma loura bonita não quer dizer que o lado lobo foi embora.

— A esperança é a última que morre, companheiro. — Connor riu. — A gente precisa viver o momento. E neste momento tenho uma belezinha nos braços.

— Parem de falar dela como se eu não estivesse aqui! — berrou Shay.

— Oh, que horror, irritei o predestinado — zombou Connor. — Algum dia ganharei seu perdão?

— Não provoque o garoto, Connor — disse Monroe. — Já estamos quase chegando ao ponto de encontro.

— Desculpe, garoto. — Connor deu um sorriso debochado.

— Chega — rosnou Shay, e escutei sons de briga.

— Ei! — O corpo de Ethan surgiu na minha frente. — Não posso deixar você fazer isso, garoto.

— Basta — disse Monroe. — Ali está o portal. Vão logo.

Tentei me mover outra vez, esforçando-me para enxergar melhor o lugar a minha volta. O ar parecia faiscar; o frio deu lugar ao calor. Os braços de Connor ficaram mais firmes à minha volta, enquanto deslizava para a inconsciência outra vez.

Vendo o sorriso travesso de Connor, tive certeza de que o tinha visto antes — mesmo com a memória confusa. Ele retribuiu meu olhar, os olhos brilhando cheios de audácia. Fechei o punho, sem saber se teria mais prazer em acertá-lo na boca do estômago ou um pouco mais abaixo. Se quisesse evitar uma briga, ele teria de segurar a língua quando eu estivesse por perto.

No entanto, Monroe foi mais rápido:

— Saia de perto, Connor. Ela vai precisar de tempo para se acostumar com seu senso de humor.

— Sim, senhor! — Connor bateu continência, mas estava rindo.

Voltei a ficar confusa. Ethan resmungou, me olhando de cara feia, mas não se moveu. Aparentemente, não estavam procurando briga. Havia me encontrado com esses dois apenas nas ocasiões em que tentei matá-los, por isso estava achando aquele bate-papo descontraído sem pé nem cabeça. Quem eram essas pessoas?

— Anika está nos esperando no Centro Tático — informou Monroe, que mal conseguiu mascarar a risada com um pigarro. Ele se virou e desceu o corredor. — Vamos.

Praticamente tive que correr para acompanhá-los. Continuava desconfortável sabendo que Connor e Ethan estavam atrás de mim. Precisei de muito autocontrole para não ficar olhando para trás o tempo todo, nem que fosse só para mostrar os caninos em sinal de alerta.

Quanto mais caminhávamos, mais confusa eu ficava. O corredor tinha curvas constantes, muitas portas, mas nenhuma saída lateral. Fosse lá o que fosse o lugar, parecia ser circular, todo ele inundado pela luz do sol, ficando mais iluminado à medida que a manhã avançava. Precisei apertar os olhos contra a luz, que invadia o ambiente. Até as paredes reluziam. Mínimos filetes de cristais multicoloridos percorriam os pisos e paredes de mármore, recortando a superfície como rios de cores mesclados com raios de sol, preenchendo o ambiente com vários arco-íris fantasmagóricos. A disposição hipnótica de cores me distraiu e quando Monroe fez uma parada brusca, por pouco não trombei nele.

Havíamos chegado a um ponto onde o corredor sinuoso era interrompido por uma ampla câmara aberta que possuía novos caminhos que levavam à direita e à esquerda. O caminho da esquerda, que ia na direção do que deveria ter sido o centro do edifício, não era um corredor, mas portas de vidro que se abriam para uma ponte de mármore. Meus olhos observaram a passarela de pedra talhada e perdi o fôlego com o que

vi. As paredes haviam desaparecido para revelar um imenso pátio. Devia estar a uns 15, talvez 18 metros abaixo de nós.

Parece que Monroe havia dito a verdade sobre a altura das janelas.

O pátio estava repleto de... estufas de vidro e jardins? Pareciam ser jardins, mas não havia nenhuma planta. Além disso, era quase inverno. Ou já era inverno? Quanto tempo havia estado ali?

Olhei para cima e vi que, diferentemente do corredor por onde havíamos passado até então, o pátio não tinha teto, era a céu aberto. Do outro lado das portas de vidro, finos flocos de neve caíam preguiçosamente sobre a terra escura abaixo de nós.

Senti alguém me tocar no ombro e dei um salto.

— Primeiro vamos aos negócios. — Monroe sorria. — Prometo um tour depois.

— Está bem — respondi, seguindo-o pelo corredor à direita. Um rubor surgiu em meu rosto, e torci para que não tivesse demonstrado perplexidade ao olhar embasbacada a construção.

Esse novo corredor era bem mais amplo que o anterior e, diferentemente do primeiro, era reto. Havia portas à direita e à esquerda e duas de madeira maciça bem na nossa frente. Quando chegamos até elas, ofeguei. O símbolo alquímico da terra estava talhado sobre a superfície das portas — o mesmo triângulo que marcava a caverna Haldis nas páginas de *A guerra de todos contra todos.*

— Ela fez o trabalho de casa — comentou Connor. — Silas vai ficar entusiasmado.

Monroe e Ethan o ignoraram e eu mordi o lábio, esforçando-me para lembrar que precisava manter minhas emoções ocultas. Mas tais pensamentos desapareceram quando Monroe empurrou as portas. Entramos em um magnífico salão com uma única mesa no centro. Era

redonda e maciça, como se tivesse sido retirada da corte do rei Arthur. As paredes estavam cobertas de livros — antigos e revestidos com capas de couro, como os que havíamos buscado na mansão Rowan. A semelhança deixou-me com os caninos a ponto de saltarem.

Pelo canto dos olhos, vi duas pessoas de pé ao lado das estantes, conversando em voz baixa, enquanto olhavam os títulos nas lombadas. E uma delas eu conhecia. E amava.

A cabeça de Shay estava inclinada, enquanto ouvia a garota ao seu lado. Ela parecia ter a minha idade e tinha grandes e brilhantes olhos castanhos, meio cobertos por cachos cor de mogno que haviam escapado de um grosso coque preso na nuca por uma presilha de metal. A garota era a primeira Inquisidora que via não estar armada até os dentes, embora, assim como os outros, usasse um vestuário pesado: calça de couro bem surrada, botas de saltos grossos e uma túnica justa de linho cru. Roupas iguais às que eu agora também vestia. Um cinto frouxo na cintura carregava duas estranhas e finas estacas de metal. Não consegui decifrar o que eram. Com cerca de 60 centímetros, pareciam dormentes finos e prateados de estrada de ferro que se estreitavam em formato de pontas de agulhas afiadas. Em uma das mãos levava um monte de papéis dobrados, que batia de forma cadenciada na coxa.

Arrepiei-me ao ver que uma das mãos da garota segurava o braço de Shay. A pontada de ciúme me surpreendeu e a sensação ficou gravada em mim. Não queria nenhuma outra garota tocando Shay. Ele era meu.

Shay ergueu a cabeça como se houvesse escutado meus pensamentos. Ele se virou e percebi que havia reconhecido meu cheiro. A ideia me deixou à flor da pele e involuntariamente saí correndo para ele, lançando um olhar ameaçador para a garota de cabelos escuros quando passei apressada esbarrando nela.

— Calla! — exclamou Shay vindo em minha direção. — Você está bem?

Meu coração estava tão acelerado que mal conseguia respirar. Tinha tido tanto medo de nunca mais vê-lo. De que nenhum de nós sobrevivesse a esse suplício.

Fiz que sim com a cabeça na mesma hora em que minhas pernas bambearam, mas Shay já estava ao meu lado. Seus braços envolveram-me pela cintura enquanto eu desmoronava. Pendurei-me nele, pois sabia que agora era tão forte quanto eu. Poderia apertá-lo em meu abraço, sem medo de que pudesse machucá-lo. Shay me segurou com mais força, enquanto eu o pressionava ainda mais contra mim. Com uma das mãos, ele afagou minha cabeça em seu peito, seus lábios roçando em meu cabelo.

Shay. Shay. Respirei fundo. Seu perfume, o aroma de primavera, quente e cheio de esperança, como o sol que invadia esse lugar, derramou-se sobre mim.

Enfiei os dedos em seu cabelo e o fiz me encarar. Pude provar sua surpresa, doce e intensa, quando o beijei. A doçura transformou-se em calor, e esquentou ainda mais quando ele percorreu meu rosto com os lábios.

— Calla — sussurrou, mordendo delicadamente o lóbulo da minha orelha, um gesto típico dos lobos que me fez aconchegar em seu pescoço com carinho. *Meu. Ele é meu.*

— Não poder ver você estava me deixando louco — disse ele, afastando-me para que pudesse me olhar. — Meu Deus, que bom ver você.

Connor assoviou e os olhos curiosos da garota brilharam maliciosos. Apesar do alívio que sentia pela presença de Shay, xinguei a mim mesma

em silêncio pela distração. Devia ser mais cautelosa. Não se tratava de um encontro íntimo. Todos os nossos movimentos estavam sendo observados. Havia morrido de saudade de Shay, havia ansiado com todo o meu ser, desejado tocá-lo desde o momento em que pus os olhos nele, mas os Inquisidores não precisavam saber disso. Controlei os músculos para pararem de tremer e me desvencilhei de seu abraço.

— Estou bem, Shay — eu disse, tentando ignorar o choque desolador por não ter mais seu abraço. — Ou quase isso. Só um pouco confusa.

— É por isso que estamos aqui — disse Monroe, vindo em nossa direção. — Shay, pelo visto, está bem.

— Melhor agora — respondeu, sem tirar os olhos de mim. Meus dedos se contorceram quando ele me puxou de volta para me abraçar, ignorando minha tentativa de me afastar.

— Estou feliz por Calla também ter se recuperado — prosseguiu Monroe. — Teria sido trágico se a tivéssemos perdido.

Dei uma risada áspera.

— Me perdido? Pelo que lembro levei um tiro daquele ali. — Ethan permaneceu impassível quando lancei um olhar acusador em sua direção antes de voltar a fitar Monroe. — E você me golpeou.

Ele concordou com a cabeça, dando-me um sorriso de desculpas.

— Precisávamos saber mais sobre você antes de ter certeza de que poderia ser nossa aliada.

Olhei-o com desconfiança.

— E fizemos tudo que estava ao nosso alcance para garantir que se recuperaria rapidamente.

Foi a vez de Shay debochar:

— Claro, como se eu tivesse algum motivo para confiar nos seus curandeiros.

Virei-me, ainda em seus braços, para encará-lo.

— Curandeiros?

As lembranças do período entre a batalha na mansão Rowan e o momento em que despertei eram, na melhor das hipóteses, confusas, e na pior, assustadoras. Obviamente alguma coisa havia me curado, mas não me recordava de quando as feridas haviam sido tratadas.

— Não sei o que fizeram com você. — Shay olhou com raiva para Monroe, que deu de ombros.

— As flechas deixaram Calla inconsciente por um longo tempo — disse Monroe. — São feitas exatamente para isso. Nossos curandeiros removeram todas as toxinas do sangue dela. Não deve haver nenhuma sequela.

Uivei, usando toda a força que me restava para me aproximar de Shay. Cada passo era uma agonia. As flechas ainda estavam cravadas no meu peito. O sangue nos pulmões me asfixiava lentamente.

Quando o alcancei, mudei de forma, enterrando minhas mãos em seu pelo e o sacudindo pelos ombros.

— Shay! Shay! — Mesmo agarrada a ele, senti a força abandonando meu corpo.

— Flechas encantadas. Espero que aproveite a viagem. — A voz rouca e grave de Ethan me fez olhá-lo de relance. Ele tinha a balestra novamente apontada para mim.

— Foi você quem o transformou?

Meu peito estava em chamas, minha visão, turva. Assenti e desmoronei no chão, rolando ao lado de Shay.

Levei novamente os dedos ao peito, que ficou apertado só de lembrar as flechas penetrando minha carne. Me deixaram inconsciente?

— Por quanto tempo? — sussurrei.

— O quê? — Shay pegou na minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

— Quanto tempo fiquei desacordada? Quanto tempo depois de deixarmos Vail?

— Cerca de uma semana — disse ele.

Uma semana. De certa forma, nem parecia tanto tempo assim. Mas ao pensar no que poderia ter acontecido com minha matilha em uma semana, no que poderia ter acontecido a eles em apenas algumas horas, uma vez que minha fuga no momento da união tivesse sido descoberta, uma semana parecia uma eternidade.

E Ren. O que haviam feito com ele? Havia mentido para que eu e Shay conseguíssemos fugir da alcateia Bane, que nos perseguia, e não havia como os Defensores não terem descoberto a traição.

Estremeci e Shay me abraçou com mais força, mas em minha mente eu estava nos braços de outra pessoa.

A voz de Ren parecia soar bem atrás de mim.

— Não sei como acreditar em você. Em nada disso. O que mais há para saber? Isso é o que somos.

— Não é certo fazer isso. Você sabe que eu nunca abandonaria minha matilha se não fosse por necessidade — falei em voz baixa. — Se essa não fosse a única forma de ajudá-los.

Nossos olhos se encontraram; meu olhar era confuso e inseguro.

— Não temos muito tempo — disse a ele. — Como conseguiu chegar antes dos outros?

Ele olhou na direção de onde tínhamos vindo.

— Houve um alvoroço quando descobriram o corpo de Flynn, mas senti seu cheiro e saí primeiro. Os outros estão se reagrupando, a matilha do meu pai. Os Banes veteranos.

Ele ficou tenso e meu corpo foi tomado por uma onda gélida.

— E os Nightshades? — perguntei.

— Estão sendo interrogados.

— O que aconteceu em Vail? — Precisei me desvencilhar de Shay para conseguir me reestruturar.

Ninguém me respondeu e afugentei um calafrio igual ao que senti no dia da fuga.

Nesse instante não poderia me permitir ser consumida pelo medo do que poderia ou não ter acontecido a minha matilha. Coragem inabalável e nervos de aço eram minhas melhores — não, as únicas — chances de salvá-los.

— E a luta? Como descobriram onde estávamos? Mataram Bosque Mar?

Connor riu.

— Matar Bosque Mar. Ninguém consegue matar aquela coisa.

— Coisa? — Shay ergueu as sobrancelhas. — Como assim, coisa?

— Ninguém é capaz de matar Bosque ainda — disse Monroe, olhando para Shay antes de se dirigir a mim. — Ainda estamos tentando avaliar o que está acontecendo em Vail.

— Vocês nunca sabem de nada?

— Olha o tom de voz, lobinha — disse Ethan, ajustando a alça da balestra no ombro. — Se não fosse por nós, teria sangrado até morrer naquela biblioteca.

— Por sua causa estava sangrando na biblioteca! — Parti para cima dele, ainda na forma humana, agarrei Ethan pela jaqueta e o joguei em cima da mesa. Inclinei-me para ter certeza de que ele olhava diretamente para minhas presas. — Nunca mais chame minha atenção sobre o meu tom de voz. Não tem ideia de com quem está se metendo.

— Calla! — Monroe foi para o meu lado e me arrancou de cima de Ethan. — Por favor, isto não é necessário.

Ethan deu um salto.

— Que droga é essa? Precisa domesticar seu cachorro, Monroe.

Sorri com desdém.

— E você precisa aprender a não me chamar de cachorro.

A garota que havia estado ao lado de Shay quando cheguei começou a rir:

— Legal.

— Vai para o inferno, Ariadne. — Ethan permanecia lívido.

— Olha a boca. — Ariadne estalou a língua.

— Precisamos de Calla — disse Monroe, impassível, apesar do olhar de Ethan. — Isto não vai mudar.

— É verdade, além disso, ela tem razão — acrescentou Connor, com um olhar severo para mim, mas com um sorriso de admiração. — Você a acertou com um monte de flechas.

— Isto é ridículo — disse Ethan. — Primeiro, negociam com este garoto e agora com um lobo. Nós somos melhores que isso.

— Este garoto é o progênito. — Monroe conteve Ethan com um olhar severo. — E uma alfa pode ser a chave para ganharmos essa guerra.

Ethan bufou:

— O progênito nunca fez nada por nós, e não existe a menor chance de os lobos ganharem essa guerra. Essa é a nossa luta e eles estão do outro lado!

— Estou certo de que vai ser diferente agora que Calla se uniu a nós. — Monroe ergueu uma das sobrancelhas e olhou para Shay, com expectativa.

Shay enfiou as mãos nos bolsos.

— É, pode ser.

— Esta resposta não é boa o bastante, Shay. — Um vestígio de irritação sombreou o rosto de Monroe.

— Do que ele está falando? — perguntei.

Shay parou de encarar Monroe e demorou um pouco até olhar para mim.

— Eu disse que não contaria nada sobre Vail ou o que descobrimos na biblioteca até ver você. Sã e salva.

— Ah. — Não sei como consegui não corar, apesar da onda de calor por todo o corpo.

Ethan tinha os punhos fechados e começou a andar de um lado para o outro, próximo a Monroe.

— Não me importa que ele seja o progênito. É praticamente um bebê no nosso mundo. Precisa obedecer ordens, e não impor condições.

— Posso ir embora se quiserem — resmungou Shay. — Se acharem que estou abusando da hospitalidade.

— A porta da rua é ali. — Ethan apontou para a saída.

— Chega! É assim que as coisas são, Ethan — interrompeu Monroe. — De agora em diante. Está claro?

Ethan ficou olhando para Monroe em silêncio e finalmente virou-se e caminhou para o lado oposto do salão.

— Pois bem — disse Ariadne. — Pelo que entendi, não podemos falar sobre Vail até a chegada de Anika, então poderíamos passar às apresentações.

Ela começou a caminhar harmoniosamente pelo salão, sorrindo como se a tensão no ambiente sequer existisse.

Monroe franziu a testa.

— Apresentações?

— Claro. Parece que você se esqueceu da minha grande estreia. Estavam todos tão alvoroçados com Shay que ninguém se importou. Mas recebi ordens de me reportar a você, Monroe. — Ela empurrou um maço de papéis contra o peito de Monroe. — Acredito que esteja satisfeito com a conclusão do meu treinamento na Academia. Estou pronta para minha missão com o grupo de Haldis.

Ele suspirou ao pegar os documentos.

— Estou, Ariadne. Parabéns pela conclusão dos exames. Não poderíamos estar mais orgulhosos de ter você a bordo.

Ela lhe lançou um falso sorriso.

— A partir de agora é só Adne — murmurou. — O nome todo é longo demais.

— Se prefere assim. Você concluiu o curso numa velocidade impressionante, além de receber as mais altas recomendações de seus professores — comentou Monroe. — Vai poder escolher suas missões.

— Eu sei — respondeu, com olhos semicerrados.

— Não precisa trabalhar com Haldis.

— Eu sei. — Seus dentes estavam trincados. — Já era, tá? Vai ter que me engolir.

— Sabe que não é isso que quis dizer — protestou Monroe, mas ela balançou a cabeça.

— Desista.

Ela tirou a franja escura dos olhos e lançou um sorriso genuíno para Connor.

— Feliz em me ver? Está no posto avançado há quanto tempo... Uns três meses?

— Que tal seis? — respondeu ele. — E, obviamente, você já me esqueceu. Vi como dava em cima do nosso progênito quando entrei. Uma

verdadeira sedutora.

— Não estava dando em cima dele — disse ela, mas vi quando seu rosto ruborizou e ela olhou de canto de olho para Shay. — Sabe perfeitamente onde eu estava e por que precisei estar aqui. Não abandonei você.

Cravei as unhas nas palmas das mãos quando Shay me encarou com cara de culpa. Quem era essa garota?

— Um homem sabe quando leva um fora. — Connor levou a mão fechada ao coração.

— É assim que você tem se intitulado ultimamente? — perguntou ela com sorriso malicioso. — Um homem? Pensei em palhaço... ou talvez *poser*.

— Não — disse Connor. — Acho que ficaremos com homem. Gostaria de tirar a prova?

— Agradeceria se dissesse que não, Ariadne. — Apesar do rosto contrariado, reparei que Monroe escondia um sorriso por trás da expressão irritada.

O sorriso disfarçado sumiu quando ela retrucou:

— Nem preciso perguntar se você sentiu minha falta.

— Bem, estou exultante em vê-la — disse Connor rapidamente, enquanto Monroe fazia uma careta, e se meteu entre os dois. Inclinou-se e a beijou no rosto. — Tess e Isaac estão sempre fora. Ethan é mal-humorado demais para ser divertido. E não tem a metade da sua beleza para servir de colírio para os meus olhos.

Voltei a observar a nova garota. Era bonita… bonita até demais. Será que tinha dado em cima de Shay enquanto eu estava inconsciente?

— Ele está brincando — disse ela, olhando para Shay enquanto se virava de costas para Connor

— Não, não estou — disse Connor. — Sem querer ofender, Ethan.

— Estou devastado — respondeu Ethan, entediado.

Ariadne me encarou com um sorriso.

— E essa é a menina-lobo? Shay fala de você o tempo todo.

Sorri para ela. Mesmo que ela estivesse dando em cima de Shay, ele continuava com os pensamentos focados em mim. Que bom. Como eu queria.

— Esta é Ariadne — disse Shay. — Ela tem me mostrado como funcionam as coisas por aqui.

— Pode me chamar de Adne — pediu ela.

— Meu nome é Calla — respondi, esticando-me para acentuar os centímetros a mais que tinha sobre ela. Mesmo que Shay não estivesse interessado, queria que a garota soubesse o que havia entre nós.

Seus olhos brilharam de contentamento.

— Foi o que ouvi. Uma Guardiã chamada Calla… como a flor. Um detalhe de bom gosto.

Não pude conter um gemido que brotou da minha garganta.

— Uh-huh. Como a flor. — Esta era exatamente a impressão que eu não queria passar.

— Simplesmente fantástico — murmurou ela, um sorriso apareceu em seus lábios. — Bem, muito prazer em conhecê-la, Lily. Se estiver realmente do nosso lado.

TRÊS



Lily.

Dava para ouvir as risadas de Ren.

Quando vai parar de me chamar assim?

Nunca.

Meus joelhos ameaçaram falhar enquanto a encarava.

— Por que me chamou assim?

O impulso que sentia para mudar de forma era insuportável. Parecia que as paredes do lugar fechavam-se na minha direção.

Corra, Calla. Corra para sua matilha. Você não pertence a este lugar.

Certamente, Shay percebeu minha ansiedade, pois me agarrou pelos braços, forçando-me a encará-lo.

— Calla? Ei, relaxa. Ela não tinha intenção de magoar. — Notei que ele achou que a raiva de Ariadne havia sido o motivo por que quis mudar de forma. Mas não era esse o problema.

— É verdade. Desculpe se irritei você. — Ela deu de ombros; seus olhos brilhavam insolentes como se ela *quisesse* que eu a tivesse atacado. — Foi uma ideia que me veio à cabeça. Combina e é hilário.

Mal conseguia escutá-la, devido ao ruído em meus ouvidos. Era como se tivesse sido sugada de volta para um sonho. Não, não um sonho, um pesadelo. Sentimentos que eu havia sido capaz de enterrar enquanto estivera sozinha vieram à tona, inundando meu peito.

A expressão de divertimento desapareceu do rosto da garota.

— Alguma coisa errada?

Fiz que não com a cabeça, com um nó na garganta, desejando que um buraco se abrisse no chão e me tragasse. Podia ouvir Ren sussurrar o apelido em meu ouvido. Será que eu e Shay não podíamos ficar mais de cinco minutos sozinhos sem sermos lembrados da única pessoa capaz de nos separar?

Também com os dentes trincados, Shay respondeu:

— É que tinha uma pessoa que costumava chamá-la assim.

Uma pessoa. Agora não apenas ouvia o sussurro provocante de Ren. Também via seu rosto e lembrava a forma como ele havia me agarrado na noite em que fugi de Vail. Da cerimônia em que eu deveria ter me tornado sua companheira. Ele havia me beijado, implorado para que ficasse. Onde estaria agora? Havia mentido para que conseguíssemos escapar. Não queria pensar no preço que ele pagara por aquela mentira.

Vail. Lar. Meu coração saltava no peito, dificultando a respiração. *Por que estou aqui?* Cravei as unhas nas palmas das mãos, esforçando-me para não me virar para os Inquisidores e voar em cima deles na forma do lobo que rosnava dentro de mim, louco para lutar, para estar perto de minha matilha.

Os olhos de Adne abandonaram o maxilar retesado de Shay e focaram meu rosto, avaliando-me.

— Ah — comentou ela em voz baixa, sem a intenção de disfarçar o sorriso no canto dos lábios. — Uma pessoa. Entendo.

Um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente. Finalmente, Connor estalou os dedos e lançou um olhar sugestivo para Monroe.

— Então já estamos liberados do posto de carcereiros? Não que isso não seja emocionante, especialmente se compararmos com os combates mortais para onde geralmente mandam a gente.

— Você nunca cala a boca? — repreendeu-o Shay. Um sentimento de culpa arrepiou minha nuca. Sabia que o mau humor de Shay tinha mais a ver comigo. Mesmo que as piadas estivessem começando a ficar um tanto irritantes.

— Olhe os modos, os modos — advertiu Connor. — Não se esqueça de que você é o Escolhido, precisa dar o exemplo, causar boa impressão. É uma pena que não deem aulas de etiqueta aqui. Qual o garfo para a salada. Caligrafia. O jeito mais elegante de estripar um oponente.

Por um segundo, pensei que Shay fosse investir contra Connor.

— Chega, Connor. — O tom tranquilo de Monroe insinuava algo de ameaçador. — Vamos continuar onde estamos até Anika chegar.

— Ela chegou. — Uma mulher surgiu com passos largos pela porta. Vestia-se como os demais Inquisidores, porém tinha pendurado no pescoço um medalhão de ferro no formato de uma bússola. Os cabelos, presos em várias tranças que formavam um coque, pareciam barbas de milho.

Estava acompanhada de outra mulher, cuja aparência lembrava uma única palavra: feroz. O cabelo muito preto cortado rente ao couro cabeludo e uma tatuagem do que parecia ser um intrincado conjunto de rendas cobriam toda a pele caramelo de seu pescoço. O cinturão estava repleto de facas, cujos cabos brilhantes refletiam os raios de sol como mortíferos faróis de alerta.

— Lydia! — Connor correu pelo salão e agarrou a guerreira tatuada em um abraço de urso.

— Bom ver você também, Connor. — Sua risada era baixa e rouca. — Como está Tess?

— Ainda brigando com Isaac. — Ele sorriu. — E morrendo de saudade de você, claro.

Ela retribuiu o sorriso.

— Se tudo der certo, vou poder vê-la em algumas horas.

Connor pôs as mãos nos ombros da moça.

— Hoje à noite não vai ser bem um reencontro.

— Já vou estar no lucro — disse.

Ethan se aproximou do par. Pegou no cotovelo de Lydia e a virou. — Está vestida a caráter.

Lydia e Ethan encaixaram os antebraços no que parecia uma espécie de ritual curioso de saudação.

— Ouvi dizer que temos convidados especiais — disse ela, olhando em volta. Seus olhos pousaram em mim e ela então ergueu o queixo. Surpreendida, quase dei um passo atrás. Havia sido um gesto evidente de... respeito. Duas perguntas perseguiam uma à outra em minha cabeça: *Quem essas pessoas pensam que eu sou? O que querem de mim?*

Lydia fez uma reverência vigorosa para Monroe.

— Estamos prontos para partir?

Monroe olhava para ela e em seguida para mim.

— Ainda não.

A loura de feições austeras sorriu para os dois.

— Não tem problema. Isso significa que não teremos que retroceder.

Ela acenou para mim.

— Calla, é uma honra conhecê-la. Meu nome é Anika.

— Obrigada. — Retribuí o aperto de mão e sua força me surpreendeu. Tudo nessa mulher, desde a voz fortemente grave ao seu comportamento majestoso, revelava autoridade. — Apesar de não ter muita certeza sobre essa parte da honra.

Ela riu.

— Você salvou o progênito, o que quer dizer que provavelmente salvou a todos nós.

— Você ainda nem me explicou o que o fato de eu ser o progênito quer dizer. — Shay agora estava ao meu lado. — Adne tem sido minha babá desde que cheguei aqui.

— Não sou sua babá — protestou Adne. — Não dei sequer uma palmadinha em você, o que é uma pena.

Shay arregalou os olhos. Fitou meu rosto e balançou a cabeça negativamente, mas não evitou que meu sangue fervesse.

— Adne! — Monroe lançou um olhar severo em sua direção.

Estava crente que Connor fosse cumprimentá-la pela piadinha tirada de seu repertório usual, mas o rapaz parecia mais desapontado do que Monroe. Olhei a estrutura mignon da garota e comecei a calcular quanto tempo levaria para arrancar seus braços do restante do corpo. *Definitivamente, menos de dez minutos. Talvez menos de cinco.*

— Relaxem, estou brincando — provocou ela, mas em seguida olhou apreensiva para Anika. — Desculpe, Anika.

— Desculpas aceitas. — Um sorriso se formou nos lábios de Anika e a transformou brevemente. — Vamos precisar de tempo para ensiná-lo quem é realmente, Shay. Tenho certeza de que a espera é frustrante, e sinto muito por isso. Mas seu papel será desempenhado um pouco mais à frente nessa jornada. Qual será a função de Calla nessa história é a pergunta mais complexa.

— Minha função? — perguntei, esquecendo Adne, que certamente voltaria a provocar Shay. Mas agora ela olhava Connor com um sorriso malicioso.

— Eu sou a Seta — disse Anika. — O que quer dizer que neste momento sou eu quem dá as ordens por aqui.

— Ahn? — Franzi a testa.

Ela tocou a bússola de ferro pendurada no pescoço antes de apontar para Monroe. — A Seta supervisiona e orienta os Guias de cada divisão. Você já conheceu o Guia da divisão Haldis.

— O que é a divisão Haldis? — perguntei, pensando no símbolo terra na porta.

— Vamos explicar tudo no momento oportuno. Eu prometo. Mas há um assunto urgente que pede nossa atenção imediata. Precisamos da sua ajuda, se aceitar nos ajudar.

— Como posso ajudar? — Minha voz estava carregada de desconfiança. Por mais que me pedissem que confiasse neles, minha expectativa era de que em algum momento os Inquisidores fossem me armar algum tipo de cilada.

Ela sorriu, mas a expressão era triste.

— Precisamos que você volte para Vail.

Torci para que tivesse conseguido me manter neutra. *Voltar para Vail*. Era o que eu queria, não era? Então por que tinha a impressão de que minha pele havia virado pedra?

— Você deve estar brincando. — Shay deu um passo à frente, como se quisesse servir de escudo para me proteger do olhar penetrante de Anika. — Vão matá-la no minuto em que ela puser os pés lá.

Olhei para Shay, contrariada. Ele estava certo, mas eu havia nascido para lutar. Meu choque inicial pelas palavras de Anika já havia se

dissipado, afiando meus caninos. *Sou uma alfa, Shay, não um cãozinho. É bom não se esquecer disso.*

— Não é para voltar para a vida que tinha — explicou Anika. — Agora que você, o progênito, está aqui, a guerra vai se intensificar ferozmente, sem parar. Os Defensores virão atrás de nós com tudo que têm. Precisamos ganhar vantagem.

— E como enviar Calla de volta para Vail nos trará alguma vantagem? — perguntou Shay.

— Queremos fazer uma tentativa. — Monroe pôs a mão no ombro de Shay e o puxou para trás. — Tentar algo que funcionou há muito tempo. Uma aliança.

Uma aliança. O período Agonizante. A primeira revolta dos Guardiões. As peças começavam a se encaixar.

— Ah — disse, sentindo um misto de esperança e medo arrepiar minha pele. Guerra. *Os Inquisidores vão para a guerra e eu sou sua primeira salva de artilharia.* Meus ombros — sentindo-se prontos e poderosos — enrijeceram com a ideia de uma batalha.

— Espere um momento. — Shay desvencilhou-se da mão de Monroe. — Quer dizer uma aliança com os Guardiões?

— Já aconteceu no passado e fez uma diferença enorme na nossa luta contra os Defensores.

Shay fez que não com a cabeça.

— Não foi isso que li. Sei do período Agonizante. Vocês tiveram sorte de os Guardiões não terem sido extintos.

Pare de tentar me proteger. Ele ignorou meu grunhido ameaçador e manteve os olhos em Monroe.

— O período Agonizante terminou mal — concordou Monroe. — Mas por um tempo foi uma estratégia de sucesso. Num momento como

este, uma aliança assim poderia fazer a diferença entre ganhar ou perder.

— E há um elemento vital que não existia na época do período Agonizante — acrescentou Anika.

— E o que é? — perguntou Shay.

— Você — respondeu ela.

Foi a vez de Shay dizer:

— Ah.

Observei-o, especulando se ele havia aprendido mais alguma coisa sobre seu papel no mistério que havíamos desvendado em Vail. Anika o chamou de elemento vital — o motivo por que a revolta dos Guardiões havia fracassado e por que os Inquisidores agora acreditavam que poderiam vencer essa guerra. Torci para que ela tivesse razão, lembrando tudo que já me havia custado ter salvado Shay.

— Por quê? — murmurou Ren. — Vale a pena arriscar a vida por causa dele?

— Ele é o progênito — sussurrei. — Talvez seja o único capaz de nos salvar. A todos nós. E se nossas vidas pertencessem somente a nós mesmos? E se não servíssemos aos Defensores?

Recordei as palavras que havia pronunciado, mas também havia outra pergunta. Uma que não havia tido coragem de fazer ao Ren. Não quando a minha vida e a de Shay corriam perigo.

E se eu pudesse escolher o meu destino?

Meu corpo estremeceu com o flash de lembranças. Eu amava Shay. Desde a primeira vez que o toquei, ele despertou partes de mim que eu nem sabia que estavam adormecidas. Nossos segredos, momentos roubados, beijos proibidos, o que ambos arriscamos um pelo outro — tudo isso havia me levado a tomar a decisão que me trouxe até aqui.

Desviei-me do meu destino, porque não poderia permitir que ele morresse. Mas essa não era a única razão por que havia fugido de Vail. O mundo que eu conhecia havia desmoronado ao meu redor. Uma alfa protege e lidera sua matilha. Eu os tinha abandonado, mas somente porque acreditava que esta era a única forma de salvá-los.

Aproveitei a distração de Shay para me adiantar e afirmar minha disposição de lutar. Apesar da desconfiança que tinha dos Inquisidores, precisava da ajuda deles. Talvez essa fosse a chance de salvar minha matilha das garras dos Defensores.

— O.K. — disse. — Eu vou fazer.

— Calla — protestou o rapaz.

— Não — disse eu, calando Shay com um olhar fatal e um flash dos caninos. — Eles têm razão. Uma aliança é o que quero. O que minha matilha iria querer.

— Que bom — comemorou Anika.

Imaginei ter ouvido Ethan resmungar qualquer coisa, enquanto voltava sorrateiro para o canto onde tinha se escondido antes de Lydia e Anika chegarem.

— Antes de avançar seria bom conseguirmos algumas informações logísticas — disse Monroe.

— Posso contar o que sei — falei. — Não tenho certeza se vai ajudar muito no plano de ataque.

— Qualquer coisa vai ajudar — respondeu ele.

Que bom.

— Mas vamos começar pelo início. Perdemos dois Inquisidores no fim do outono. Sabe o que aconteceu com eles?

Nada bom. Consegui disfarçar o nervosismo. Isso certamente não ajudaria na formação de uma nova aliança.

— *Sei.*

Basta uma pergunta e eles provavelmente vão me matar se disser a verdade.

— Calla, espere. — Shay se aproximou de mim, sua voz tinha um tom de alerta. Tinha certeza de que estava pensando o mesmo que eu.

Fiz que não com a cabeça.

— Se eles querem uma aliança, precisam saber com quem estão lidando. — *E se quiserem vingança, que assim seja.* Olhei em volta. As portas estavam fechadas. Sólidas, mas não o suficiente para resistir a uma Guardiã arremessando-se contra elas em alta velocidade. *Conseguirei correr se tiver de fugir.*

— Mas... — Os dedos de Shay envolveram meu pulso.

Eu o ignorei.

— Os dois estão mortos.

Adne olhou para o chão. Anika e Lydia suspiraram, mas Connor apenas coçou o pouco de pelo que tinha no queixo.

— Esta informação não é exatamente uma novidade, Monroe.

— Soubemos do Kyle — disse Monroe em voz baixa. — Ele estava entre os mortos-vivos. Mas precisamos da confirmação do Stuart. Ninguém é considerado perdido até que haja uma confirmação de primeira mão da morte da pessoa.

Os pelos na nuca se arrepiaram.

— Primeira mão?

— Sim. Esse é o nosso protocolo — disse Anika.

Pensei no que eles fariam quando ouvissem exatamente o quão de primeira mão era o meu relato sobre a morte do outro Inquisidor.

— Espere um momento. — Shay franziu a testa. — O que são os mortos-vivos? Li esse nome no *A guerra de todos contra todos.* Aquelas

coisas que saíam das pinturas repugnantes do meu tio?

Por mais que me esforçasse, não consegui evitar a tremedeira no momento em que Shay mencionou as criaturas que haviam nos perseguido pelos corredores cavernosos da mansão Rowan. A maneira como se arrastavam e gemiam — o vazio dos seus olhos.

— É, mas não temos tempo para falar sobre isso agora. — Monroe encarou Shay com aspereza antes de voltar a me olhar. — Agora, sobre o Stuart, se você souber de alguma coisa...

Fiz que sim e tentei ignorar a falta de ar.

— O que aconteceu com nossos operantes, Calla? — perguntou Anika. — Precisamos saber como o pegaram. Nossas fontes em Vail não têm nenhuma informação.

— Fontes? — Franzi a testa.

A expressão no rosto de Monroe foi suficiente para que me arrependesse de ter feito a pergunta.

— Apenas responda.

Os olhos de Shay brilharam de preocupação.

— Acho importante você contextualizar a situação.

Puxei meu pulso, soltando-me de Shay, pronta para correr ou atacar.

— Eles já conhecem o contexto, Shay. Sou uma Guardiã. Eles sabem o que isso significa.

— Ai, merda — murmurou Connor. Ele e Lydia trocaram olhares e ambos começaram a caminhar na direção de Ethan, que inclinou a cabeça de um jeito inocente e incrédulo, enquanto me observava.

Adne olhou para Connor, austera.

— O quê?

Ele balançou a cabeça para que ela se calasse e não tirou os olhos de mim.

Engoli a saliva com dificuldade.

— Eu estava com Shay do lado de fora da boate de Efron Bane quando seus homens começaram a nos perseguir.

— Continue. — Monroe tinha os músculos do rosto tensionados.

— Era minha função proteger Shay. Matei um deles.

— Stuart — murmurou Lydia. Ela e Connor se encontravam ao lado de Ethan como sentinelas.

— A conversa já acabou? — A voz de Ethan era baixa.

— Não perca a cabeça — alertou Anika. — O que importa é vencer esta guerra. A guerra provoca baixas.

— A espécie dela provoca baixas — vociferou Ethan.

— Olhe para ela, Ethan. É apenas uma garota — disse Monroe. — Lembre-se do que conversamos. Os Guardiões não são o que parecem. Ela pode nos ajudar a trazê-los para o nosso lado.

A gentileza de suas palavras me deixou atônita. Não me entusiasmou muito a parte de ele ter me chamado de "apenas uma garota", mas fiquei bastante satisfeita em saber que não era vingança o que Monroe procurava. Infelizmente, sua atitude não era compartilhada por todos os presentes.

O rosto de Ethan estava desfigurado pela raiva e indignação. No momento seguinte, sua balestra estava fora do ombro e apontada para mim.

— Calma, Ethan! — gritou Anika.

Connor arrancou a arma das mãos dele.

— É melhor você sair.

— Não acho, não — respondeu Ethan, sem olhar para Connor. — O que aconteceu com o Kyle?

— Outros Guardiões apareceram — respondi, enquanto observava Shay posicionar-se na minha frente, quase bloqueando a visão de Ethan. — Eles disseram que os Defensores o queriam vivo.

Ethan fez que sim com a cabeça, sua jugular pulsava com força. — E?

— Eles o levaram até Efron Bane para ser interrogado. — Fechei os olhos, abruptamente invadida pelo horror daquela noite — a forma maliciosa como Efron me olhou e o calafrio que senti com seu toque. As sensações nauseantes provocaram uma onda crescente de revolta. *Deixa ele tentar de novo — não vou ficar quieta e aceitar.*

— Você estava lá?

— Estava. — Parecia que estava de volta àquele escritório, ouvindo os berros do Inquisidor, enquanto Ren apertava minha mão. Estremeci.

— Você participou do interrogatório? — Ele parecia calmo. Calmo demais.

— Não.

— Então quem?

— Ethan, isto já foi longe demais — Monroe o interrompeu. — Você já sabe o que aconteceu com Kyle. Nós o vimos na mansão Rowan. Não há nada que se possa fazer, esqueça.

Ethan encarou Monroe.

— Eu tenho o direito de saber o que aconteceu com meu irmão!

Irmão? Os olhares de ódio, o constante silêncio sombrio — agora tudo fazia sentido. Pontadas de compaixão doeram em meu peito. Pigarreei com um nó repentino na garganta quando a imagem de Ansel surgiu na minha mente.

— Sinto muito pela perda do seu irmão. Tenho um irmão, se alguma coisa acontecesse a ele... — *O que podia ter acontecido com meu irmão? E com Bryn, que é como uma irmã para mim?*

Ele me encarou com olhos de revolta.

— Então, conta...

— Espectros — respondi prontamente. — Eles sempre usam espectros para interrogar prisioneiros.

— Espectros? — Sua voz falhou. — Eles deram meu irmão para os espectros?

Ele fechou os olhos um instante, então levou a mão à cintura e vi o brilho de aço da adaga que tirou do cinto. Fiquei tensa, pronta para me transformar a qualquer momento.

— E você estava lá — sibilou ele com raiva. — Ele virou um morto-vivo, e você estava lá. Sua vadia sem coração, poderia ter evitado!

Quando abriu os olhos, estavam cheios de mágoa e revolta. Ele deu um passo em minha direção, a arma para baixo. Eu estava a ponto de investir contra ele, quando Monroe se meteu entre nós. Nesse instante, Shay agachou-se — um lobo de pelo dourado curvou-se de forma defensiva na minha frente. Rosnando, arreganhou as presas afiadas para Ethan.

O sorriso deste desfez-se e ele ficou ainda mais pálido.

— E foi você quem transformou o progênito em um monstro. Vou esfolar você e usar sua pele como casaco.

Shay ficou tenso, suas orelhas se esticaram quando Ethan investiu contra mim.

— Não! — gritou Anika.

Monroe esticou o braço e agarrou Ethan pela cintura.

— Lydia, Connor, tirem Ethan daqui — gritou, enquanto continha o rapaz que protestava furiosamente. — Tratamos desse assunto depois.

Palavrões e ameaças eram cuspidos da boca de Ethan. Os dois Inquisidores correram para ajudar seu líder. Com um esforço

considerável conseguiram arrastar para fora do salão o companheiro que soluçava e esperneava muito. Mesmo depois de perder o grupo de vista ainda deu para ouvir o choro agoniado de Ethan.

Monroe sacudiu a cabeça, a tristeza vincando seu rosto. Olhou para Shay, que permanecia agachado com os olhos fixos na entrada.

— Você se incomoda de voltar ao normal? — Monroe suspirou.

— Shay, mude de forma — murmurei. — Agora. — E então havia novamente um jovem de pé ao nosso lado, embora o olhar permanecesse cauteloso.

— Se alguém machucá-la, vocês vão se arrepender — disse Shay a Monroe.

— Ninguém vai fazer mal a ela.

Fiquei incomodada com aquela conversa, como se eu não estivesse lá. Entendi, até mesmo apreciei o desejo de Shay de me proteger, mas eu sou uma guerreira. Não preciso de proteção. O ressentimento instalou-se sob minha pele.

— Este tipo de incidente não vai acontecer novamente — desculpou-se Monroe. — Eu garanto.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse de repente, já incapaz de continuar calada quando era sobre meu destino que discutiam. — Sei que minhas desculpas provavelmente não têm valor nenhum para vocês.

Olhei para a entrada vazia por onde Ethan havia sido arrastado.

— Ou para ele.

— Têm valor se forem sinceras — disse Monroe, analisando minha expressão preocupada com olhar pensativo. — Vai demorar um pouco para ele conseguir confiar em você. Se é que algum dia conseguirá.

— Isto não vai funcionar. — Shay andava de um lado para o outro, punhos fechados. — Como vamos chegar a algum lugar se tem sempre

um de vocês tentando matá-la?

Boa pergunta. Não conseguiria ajudar minha matilha tão cedo se tivesse de me preocupar com Inquisidores vingativos atirando adagas pelas minhas costas.

— Ethan pode estar possesso de raiva e mágoa, mas ainda obedece minhas ordens — disse Anika. — Ninguém vai fazer mal a Calla enquanto ela estiver sob minha proteção.

Virei-me para poder encará-la e ergui uma das sobrancelhas.

— Sob *sua* proteção?

Talvez Shay estivesse certo. Essa aliança nunca daria certo. Alfas não precisavam de proteção. Os Inquisidores não entendiam meu mundo ou a mim. Mas haveria algum jeito de salvar Ansel, Bryn e os demais sozinha?

Anika ofereceu-me um sorriso irônico.

— Infelizmente, esta é sua sina, Guardiã. Pelo menos enquanto não convencer os outros de sua lealdade.

— Devo lealdade a minha alcateia — respondi instintivamente, e em seguida retraí-me. *A matilha que deixei para trás.* Pensei na mágoa insana de Ethan e me perguntei se não reagiria da mesma forma caso estivesse na mesma situação. Haveria algum lugar no meu coração para o perdão? Não fui eu que matei Kyle, mas ele estava morto porque eu havia feito meu trabalho. Não podia culpar Ethan por despejar toda a sua ira em mim.

Não tenho escolha; essa aliança precisa dar certo.

Shay envolveu minha mão na dele. O calor de seu toque me afastou dos pensamentos negativos. Meus olhos encontraram os dele e então me lembrei de por que havia sido capaz de ir embora de Vail. O

ressentimento já se dissipava, entrelacei os dedos nos dele e rocei meu polegar em seu pulso. Ele sorriu e senti minha pulsação se entrecortar.

— Vamos ajudar vocês, Cal — disse ele em voz baixa. — Eu estou de volta agora, e é isso que nós vamos fazer. Vamos ajudar Ansel, toda a matilha.

Concordei com a cabeça, mas o sorriso que queria retribuir não se formava. As linhas ao redor dos olhos de Monroe se apertavam enquanto ele fitava nossos dedos entrelaçados. Envergonhada, soltei a mão de Shay, imaginando se os Inquisidores desprezavam o fato de seu precioso progênito estar apaixonado por uma Guardiã. Meu peito comprimiu-se quando uma ideia perturbadora me passou pela cabeça. E se desprezassem, isso mudaria o que Shay sentia por mim?

— É o que todos nós desejamos — disse Anika. — Mas precisamos saber um pouco mais antes de dar o próximo passo. Há quanto tempo esteve planejando rebelar-se contra os Defensores?

Há quanto tempo estava planejando o quê?

— É... eu... — As palavras se enrolaram na língua. Não havia planejado nada. Meu único propósito havia sido salvar Shay. As decisões tinham sido tomadas de repente. E até o momento tinha sido um completo caos.

— Ela estava sendo obrigada a se casar — disse Shay, cheio de revolta. — Aos 17 anos... Dá para acreditar?

Monroe fez que sim com a cabeça e abriu a boca para responder. Mas me senti como se tivesse levado um murro no estômago. *Por que sempre tinha que lembrar minha história com Ren? Será que Shay não percebia o sacrifício de Ren em me deixar partir?*

— Não foi isso o que... — calei-me, pois não queria discutir meus problemas de relacionamento em público.

— Sei que não é só isso — disse Shay. Seus caninos se afiaram enquanto falava. — Mas é importante. Aquela cerimônia, tendo de estar com *ele*, um absurdo.

— Como tem coragem de falar assim dele? — protestei. — Ren tentou nos ajudar. Mentiu por nós e os Defensores vão descobrir. Podem matá-lo por isso!

Não, era pior que isso. E a verdade cruel era o que alimentava meu ódio. Baixei os olhos e falei para o chão.

— *Vão* matá-lo.

Não me preocupei em disfarçar a dor ao encarar Shay novamente, sem piscar, enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

Shay ficou pálido. As veias de seu pescoço estavam saltadas, mas foi Monroe quem reagiu ao ouvir o nome de Ren.

— Ren? — Ele arregalou os olhos. Percebi que ele se esforçou para demonstrar neutralidade. — Está falando de Renier Laroche?

— Sabe quem ele é? — perguntei, surpresa.

Monroe virou o rosto.

— Já ouvi falar — disse, com a voz áspera.

Anika observava Monroe atentamente.

— Trata-se de uma virada interessante. Pode ser vital, não acha?

Monroe concordou sem olhar para ela.

— Conte mais sobre a cerimônia — pediu Anika. — Pode nos ajudar a entender exatamente o que vamos encontrar em Vail.

— Calla e Ren teriam que formar uma nova alcateia nesta primavera — disse Shay, sem tirar os olhos de mim. — Um grupo novo de Guardiões para proteger a caverna Haldis. — Shay tensionou o maxilar. — Um dos Defensores arranjou a união.

Fitei-o e mordi a língua. Não havia fugido da união, deixado Ren para trás, arriscando tudo para salvar Shay? O que mais precisava provar para ele?

— Conhecemos essa prática. — Monroe me olhou. — Você estava fugindo dele?

— Não, não dele — falei. Shay fechou os punhos e apesar do gesto trivial, senti uma pontada de satisfação. — Os Defensores iam fazer com que nós matássemos Shay como parte do ritual da união. Encontrei-o amarrado na floresta. Precisei fugir para salvá-lo.

Shay já não me olhava mais, e a breve sensação de arrogância transformou-se em culpa. E em nada ajudou ver Adne pegar na mão de Shay e sussurrar algo em seu ouvido. *Que ótimo, agora eu sou a vadia insensível e ela é a amiga compreensiva. Bom trabalho, Calla.*

— O sacrifício — balbuciou Monroe. — Sabíamos que aconteceria no Samhain, mas não sabíamos onde. Fomos atrás do progênito na mansão Rowan.

— Para nossa sorte — disse eu, estremecendo só de pensar no que teria acontecido se os Inquisidores não tivessem aparecido naquela noite.

— Os Guardiões estavam perseguindo vocês? — perguntou Monroe.

Fiz que sim.

— Mandaram os Banes atrás de nós.

— Todos da alcateia? — Anika franziu a testa. — Como conseguiram escapar?

Shay suspirou, como se reconhecesse uma grande verdade.

— Ren nos ajudou a fugir. Ele nos alcançou na floresta, nos deixou ir embora e manteve o restante da alcateia longe de nós.

— Ele ajudou vocês? — Monroe me encarou. O brilho de seus olhos escuros permanecia inteiramente indecifrável.

— Ajudou. — Minha resposta saiu quase como um sussurro. Começava a ficar ofegante. Cada segundo que revivia daquela noite era como se uma pedra fosse colocada em meu peito, uma após outra, me sufocando.

Adne continuava nos olhando.

— Bom saber disso — comentou Monroe.

— Bom mesmo. — Um sorriso surgiu nos lábios de Anika, mas desapareceu rapidamente. — É um bom sinal para os nossos planos.

Connor reapareceu na entrada do salão.

— Perdi alguma coisa? — Ele olhou rapidamente para as mãos dadas de Adne e Shay, e então fez uma careta. — Deixe-me adivinhar: o progênito pediu sua mão.

— Ela conhece Renier Laroche — disse Adne, sorrindo da expressão amarga de Connor e mantendo a mão apertada na de Shay. — Os dois conhecem.

Shay fez uma cara feia e tirou a mão da de Adne, olhando para mim de canto de olho. Sorri de volta, e sua expressão se suavizou.

Connor assoviou, sua irritação foi dando lugar à surpresa.

— Que interessante.

Os dois trocaram olhares cúmplices. *Por que todos os Inquisidores conheciam Ren?*

— Isto não é problema nosso neste momento — disse Monroe secamente. — Onde está Ethan?

— Mandei-o para o posto dos Ceifeiros — respondeu Connor. — Acho que é uma distância segura o bastante.

— Ele acabou de fazer a ronda. — Monroe franziu a testa. — Não deve ser liberado para voltar até a noite.

Connor deu de ombros.

— Lydia também achou que seria uma boa ideia. Ethan precisa manter a cabeça ocupada. Além disso, você sabe que ele é nosso melhor *sniper*.

Monroe fez um som baixo de consentimento, lançando um olhar sério para Shay.

— Entendo que tenha motivos para quase ter atacado Ethan, mas é bom evitar transformar-se em lobo entre nós, exceto quando estivermos em campo de batalha, lutando. O que não faltam aqui são dedos nervosos para apertarem o gatilho, de soldados treinados para primeiro matarem Guardiões e só depois fazerem perguntas.

— Vou lembrar disso — murmurou Shay.

— Obrigada — disse Anika. — Calla, antes de você partir, algum de seus companheiros demonstrou insatisfação com sua condição? Se Ren estava disposto a se arriscar por vocês, talvez haja outros interessados em apoiar nossa causa — com você na liderança, claro.

Será? Pensei em Mason e Nev. Sabine. A vida sob a tutela dos Defensores era brutal para eles. Não perderiam a primeira oportunidade de irem embora, perderiam?

E Ansel. Ele queria a liberdade de escolher seu destino com Bryn. Mas este não era o único motivo por que tinha certeza de que ele se juntaria a nós sem pestanejar.

Nunca trairia os Defensores. A não ser que você me pedisse... alfa.

E não era apenas Ansel. Ao manter segredo do meu primeiro encontro com Shay, Bryn havia colocado sua segurança em risco. Ela era tão leal quanto meu irmão.

— Sim — respondi. — Eles vão se unir a nós.

— Seus pais? Seria de grande ajuda se os Nightshades mais velhos viessem para o nosso lado.

— Talvez. — Meu coração se agitou dentro do peito e fiquei ofegante. Minha mãe e meu pai eram alfas, meus alfas. Sempre estaria submetida à vontade dos dois. O que achariam da ideia de a filha tentar liderá-los? Os Guardiões não eram muito bons em aceitar quebra de hierarquias.

— E os Banes? — perguntou Shay. — Vocês não querem todos os lobos?

— Talvez os Banes mais jovens — disse Monroe. — Os mais velhos não vão se juntar a nós.

— Como pode ter certeza? — perguntou Shay.

— Temos um histórico com o bando — respondeu Anika rapidamente. — Emile Laroche nunca faria uma aliança conosco.

Histórico.

— Quer dizer que eles não vão se juntar a nós porque os Banes que estariam dispostos a se revoltar já morreram — disse eu. — Morreram da última vez que vocês tentaram uma aliança. Quando a mãe de Ren morreu.

Monroe ofegou.

— Como sabe disso?

— Encontramos o registro que os Defensores guardam sobre todas as matilhas de Guardiões — respondeu Shay. — Sabemos que Corinne Laroche foi executada por ter planejado uma revolta junto com os Inquisidores.

— Mas sempre me disseram que ela foi morta numa emboscada feita pelos Inquisidores no condomínio dos Banes quando Ren tinha apenas um ano — comentei. — Até a noite em que vocês atacaram a mansão Rowan, éramos os únicos que sabíamos da verdade.

O silêncio tomou conta dos Inquisidores; seus rostos empalideceram enquanto trocavam olhares preocupados.

— Agora sim faz sentido tanta lealdade dos Guardiões — murmurou Anika. — Os Defensores distorceram as ideias de vocês sobre como as vidas de sua gente foram interrompidas.

Um arrepio começou nos meus ombros e viajou até as costas.

— Era nisso que Ren acreditava, mas na noite em que fugimos, eu contei a verdade para ele.

Todos me olharam.

— Você contou a ele? — perguntou Shay. — Você não me disse nada!

— É a razão por que ele nos deixou ir — sussurrei, sem conseguir retribuir o olhar de Shay. Uma das razões. Mantive a segunda em segredo, enquanto relembrava o desespero de Ren. O jeito como me beijou. E de alguma maneira ele estava envolvido nessa história toda. Os Inquisidores não estavam nos dizendo tudo.

Monroe se virou bruscamente e se dirigiu rapidamente para a saída.

— Se me dão licença.

— Monroe! — chamou Anika, mas ele já havia desaparecido pela porta.

— Vou atrás dele — disse Connor.

Adne balançou a cabeça.

— É sempre assim.

O que aconteceu aqui? Olhei Shay, mas ele parecia tão confuso quanto eu.

— Talvez seja melhor que ele não participe dessa missão — declarou Anika.

— Acha que ele aceitaria? — Adne deu uma risada, mas seu som era amargo. — Ele esperou anos por uma nova chance. Esperou minha vida toda.

Anika pareceu desanimada.

— Tenha um pouco de respeito por seu pai, menina. Você não entende o quanto ele perdeu.

— Seu pai? — perguntou Shay. O jeito como ele a encarou era parecido com o olhar que me havia lançado há pouco, de alguém que havia sido traído.

A pontada de ciúme foi tão cortante quanto dentes cravando em meu pescoço. Quão íntimos eles haviam ficado enquanto eu me recuperava?

Adne expressou constrangimento e corou, como se tivessem revelado um terrível segredo.

— É. Monroe é meu pai.

— Você nunca me contou — disse Shay. — Por que nunca me disse isso?

— Não tem muita importância. — Ela se virou, o rubor pintando o rosto de vermelho.

Franzi a testa.

— Por que sempre o chama por Monroe? — Eu me referia ao meu próprio pai como um alfa Nightshade, mas ainda assim o chamava de pai.

— Porque não quero privilégios. Porque ele detesta que o chame de pai.

— Tenha respeito, Ariadne — repreendeu-a Anika. — A situação é mais séria do que imagina.

— Vou tentar — disse Adne, mas tive a impressão de que ela quase revirou os olhos com desdém.

Anika pôs as mãos na cintura.

— Apesar desta lamentável interrupção, o que você contou confirma nossas expectativas sobre os Guardiões. Vamos executar a missão como planejada.

— Quando? — perguntei. — Quando vou encontrar minha matilha?

Anika sorriu.

— Agora.

QUATRO



Agora? Mas isto significava que... Eles realmente planejavam um ataque aos Defensores tão cedo? A ideia de voltar para casa me assustava tanto quanto me impulsionava. Queria rever minha matilha o mais rápido possível, mas estaria pronta para lutar lado a lado com os Inquisidores? Não confiava nessas pessoas. Meus captores. Eles queriam uma aliança, mas ainda precisavam me explicar muita coisa.

— Excelente — disse Lydia, entrando no salão. — Ficaria desapontada se tivesse afiado minhas adagas em vão.

Uma onda de tensão percorreu meu corpo. A aparição de Lydia foi tão impactante que foi um sacrifício evitar mudar de forma quando ela se aproximou. O cheiro de suas roupas, o brilho metálico em sua cintura — ela representava tudo que eu havia sido treinada para matar.

— Neste momento? — Shay cruzou o salão rapidamente. Estava tão alterado que tive medo de que ele mudasse de forma outra vez. Pelo visto, nós dois ficávamos por um fio entre os Inquisidores. — Estão loucos?

— Shay. — Anika falou com tranquilidade, mas seu tom lembrou o som de uma espada sendo tirada da bainha. Suave e mortal. — Você é

muito importante aqui, mais do que sou capaz de explicar. Mas ainda estou no comando e você terá de seguir minhas ordens.

— Mal sei quem você é — ironizou Shay. — Por que receberia ordens suas?

Soltei um palavrão em voz baixa. Shay estava a ponto de se transformar. Lydia parecia pressentir o mesmo. Tinhas as mãos sobre os cabos brilhantes dos punhais presos à cintura. Rosnei. No momento em que as armas surgissem também me transformaria. Olhei em volta rapidamente. Estávamos em números iguais — nada bom.

— Vamos fazer uma pausa, garoto — respondeu ela. — Respire fundo uma vez. Ou várias.

Sabia que Shay não daria ouvidos a nenhum deles. Seu instinto de lobo o dominava, e estavam ameaçando o que ele considerava ser seu território... eu. Agia como se eu fosse sua fêmea. Sua parceira alfa, o que significava que apenas eu seria capaz de intervir. Embora meus instintos clamassem por sangue, consegui controlá-los. Não valia a pena correr o risco.

— Shay, espere — disse, agarrando seu braço. Seu pulso estava acelerado; o ritmo curto e rápido das batidas de seu coração, que sentia na ponta dos dedos, estava em sintonia com o meu. — Está tudo bem.

— Como está tudo bem? — Ele ainda estava a ponto de virar lobo, mas pelo menos agora estava focado em mim.

— Porque eu quero ir. Preciso ir.

Ao dizer isso, a verdade dessas palavras me invadiu até os ossos. Não importava quão pouco soubesse dos Inquisidores, por minha matilha valia a pena arriscar tudo. Precisava voltar para eles. Precisava lutar. Estava desesperada por isso. Se isso significava que teria de lutar ao lado

dos Inquisidores, encontraria um jeito de dar certo. Pelo menos era o que eu esperava.

Shay me olhava, inquieto, mas me deu ouvidos. Fiquei impressionada com o poder que seu lado lobo exercia nele. Sua reação havia sido a mesma de um alfa que se aconselhava com outro alfa. Esse tipo de parceria criava líderes fortes e inabaláveis. Se ele estivesse raciocinando nesses termos agora, eu teria como convencê-lo.

— A matilha, Shay — suspirei. — Pense na nossa matilha.

Minha pele ficou arrepiada ao chamar a matilha Haldis de "nossa" — minha e de Shay, em vez de minha e de Ren. Mas deu certo.

— Acha mesmo que assim conseguiríamos salvá-los? — perguntou ele, e notei que sua raiva aplacou.

— É nossa única chance. — Mostrei meus caninos afiados. Ele sorriu e entendeu que a aliança não significava que estávamos entregando os pontos. Eu estava negociando as condições de que os lobos guerreiros dentro de nós precisavam.

— Ela tem razão — disse Anika, fazendo gestos para que Lydia se afastasse. — Não nos arriscaríamos se não fosse nossa única saída. Não estamos apenas arriscando a vida de Calla. Também estou mandando gente nossa.

Olhei a Seta, avaliando-a. Tinha uma expressão determinada, resoluta, os olhos iluminados pelo fogo da luta iminente. Falava a verdade. Os Inquisidores estavam arriscando suas vidas, voltando para Vail. E o faziam para salvar os Guardiões — meus companheiros — do perigo. Era a última coisa que esperaria deles. Isso me deixava emocionada e irritada ao mesmo tempo.

— Com certeza — disse Lydia; seus olhos castanhos brilhavam como os de Anika. — Não perderia essa oportunidade por nada no mundo.

Olhando as duas mulheres, fiquei subitamente aliviada porque iria lutar com elas e não contra elas.

— E a não ser que encontremos o melhor dos cenários, o que é improvável — prosseguiu Anika —, o resgate não vai acontecer hoje à noite. O foco da missão é estabelecer o primeiro contato. Precisamos ir hoje por ser sábado.

— Sábado? — repetiu Shay.

— É o dia da patrulha da matilha de Calla. — Anika me olhou de canto de olho. — Estou certa?

— Está. — Fiz que sim com a cabeça, mas fiquei mais do que um pouco inquieta por ela saber dessa informação. *Como descobriram nossas rotas de patrulhamento?*

— Para que essa aliança aconteça, precisamos ganhar a confiança dos jovens lobos, com a intenção de espalhar um sentimento de rebelião entre os Guardiões a partir desse primeiro contato. Tomara que a presença de Calla hoje seja o primeiro passo para garantir essa confiança.

Quase esbocei um sorriso, mas me contive. Por enquanto, queria apenas que os Inquisidores me vissem como uma pessoa séria na iminência de uma batalha... e perigosa.

— Não sei se hoje será Mason ou Fey que vai fazer a patrulha com meu irmão — disse. — Eles alternam a dupla a cada sábado.

— Vamos torcer para serem Mason e Ansel. — Shay demonstrou certo alívio. — Provavelmente, é a melhor dupla para encontrarmos.

— Mas... — A alegria momentânea que senti com a possibilidade de rever Ansel e Mason fraquejou. — Quando deixei Ren, ele me disse que meus companheiros de matilha estavam sendo interrogados. Acham que eles já estão de volta na patrulha?

— Algum deles sabia a verdadeira identidade de Shay? — perguntou Anika. — Ou que ele seria sacrificado na cerimônia?

— Não — respondi. — Não sabiam de nada. — A culpa invadiu meu peito, como uma faca afiada cravada entre as costelas. Quanto perigo eles corriam por minha causa?

Lembrei de Bryn, da última vez que a vi.

— Está pronta para isso? — perguntou Bryn. Ela me lançou um sorriso animador, mas senti um vestígio de medo em sua voz.

— Acho que essa não é a palavra certa — respondi. Voltei a olhar para o anel. Pertenço a esse mundo. Sempre soube o meu destino, e preciso segui-lo.

— Saiba que estarei bem atrás de você. — Bryn segurou meu braço. — Ninguém da matilha deixará que algo de mau aconteça.

— Você não pode participar — expliquei, deixando que ela me guiasse pelas escadas rumo à floresta.

— Acha que conseguirão nos deter se você estiver em perigo? — Ela me deu uma cotovelada, brincando, e me fez sorrir. — Amo você, Cal. — Ela beijou meu rosto e se dirigiu para o anel de tochas.

Meu sangue fervia. Queria mudar de forma e uivar, chamar a matilha que havia deixado para trás. *Também amo você, Bryn. Estou indo encontrá-la.*

— A ignorância deles trabalha a nosso favor — dizia Anika. — Depois de concluírem que você e Shay conspiraram sozinhos, é muito provável que os Defensores tentem fazer com que as coisas voltem à rotina. E tentarão convencer os Guardiões de que nada está errado; iria feri-los sequer sugerir que perderam o controle da situação.

Concordei com a cabeça e engoli em seco o nó que se formou na garganta.

— Mas e o Ren... vão descobrir que ele mentiu. — Meus companheiros não sabiam o que eu havia feito ou quem era Shay. Ren sabia. Será que por isso seria tarde demais para salvá-lo?

— Não temos uma noção exata do que está acontecendo entre os Defensores e os Guardiões desde que invadimos a mansão Rowan — continuou Anika. — Estamos torcendo para descobrir alguma coisa a respeito antes de executar a segunda fase do plano. Mesmo que você não encontre os lobos que deseja, ainda assim será bom para esclarecer a confusão que se instalou desde a semana passada. A equipe dos vigias vai recolher informações de um dos nossos contatos hoje à noite.

— Vocês têm contatos em Vail? — perguntou Shay. — Quer dizer, espiões?

— Temos — respondeu Anika.

— Onde? — perguntei, tentando raciocinar rapidamente como poderia haver Inquisidores em Vail sem que desconfiássemos. Não parecia possível.

— Hoje temos apenas dois. Um na escola e outro na cidade.

— Na escola? — Arfei. — Impossível! — Fiz uma varredura na memória de rostos e cheiros de todos os colegas de classe, professores e empregados da Mountain School. Ninguém se encaixava no perfil.

Anika riu.

— Nem tanto.

— Se tivesse algum Inquisidor na escola, eu saberia. Os Defensores saberiam.

— E se fôssemos burros o suficiente para usar nossa própria gente como espiões já teríamos perdido esta guerra antes mesmo de ela começar.

A pessoa que falava era desconhecida, a voz abafada. Eu me virei, e me deparei com um sujeito estranho na entrada do salão. Seu rosto estava coberto por uma pilha bagunçada de livros e rolos de papéis que ameaçavam cair de seus braços.

— Alguém pode dar uma ajudinha — pediu ele. Achando graça da cena, Adne correu e apanhou os rolos de pergaminho que escapuliam do topo da montanha de papel.

— Olá, Adne. — O recém-chegado sorriu. Agora que dava para ver seu rosto, fiquei ainda mais confusa. Era um garoto, mais novo que Shay. Os óculos pesados de armação preta só faziam acentuar os traços brutos do seu rosto. Mas sua característica mais marcante era o enorme tufo de cabelo no topo da cabeça. Os redemoinhos cor de ébano e cobalto vívido lutavam entre si como um mar revolto, com ondas e picos um pouco acima das sobrancelhas.

Ele entrou tropeçando no salão, inclinado para a frente devido ao peso dos braços carregados, e despejou a papelada sobre a mesa.

— Obrigada por ter vindo tão rápido, Silas — disse Anika. — Ela acabou de acordar.

— Imaginei que tivesse sido algo do tipo. — Ele se virou para mim e me examinou com os olhos. Além de ter o cabelo bagunçado, vestia um jeans surrado, coturnos e uma blusa do Ramones. Se já estava intrigada com os Inquisidores, com a chegada dele minha perplexidade era total.

Connor, seguido por um Monroe ainda de aparência inquieta, apareceu na porta de entrada, deu uma olhadinha em Silas e fez meia-volta.

— Vejo vocês mais tarde — disse, dando adeus com um aceno de mão.

— Fique — disse Anika.

— Ah, cara — resmungou ele. — Está falando sério?

— Connor. — Ela não disfarçou o tom de ameaça.

— Eu fico, eu fico. — Ele olhava para Silas como se o recém-chegado com cara de punk tivesse acabado de sair de uma caçamba de lixo.

— Bom ver você. — O olhar de Silas para Connor não era dos mais amigáveis.

— Calla, Shay — disse Anika, ignorando o joguinho dos dois para ver quem fazia o olhar mais zangado. — Este é Silas. O Escriba de Haldis.

Voltei a observar a camisa amassada e o cabelo desvairado.

— Ele também é um Inquisidor? — Certamente não se parecia com um.

Anika contorceu os lábios e parecia estar se esforçando para não rir.

— Por ser Escriba, Silas tem um pouco mais de liberdade para escolher seu guarda-roupa. Dificilmente ele estará em um campo de batalha.

— O que é um Escriba? — perguntou Shay.

— Um carregador de papéis — murmurou Connor.

— Vindo de um semianalfabeto — debochou Silas. — Que insulto. Será que algum dia vou conseguir me recuperar?

— Vocês dois querem parar? — retrucou Adne, virando-se para Shay. — Os Escribas cuidam dos nossos arquivos e serviços de inteligência.

— Esta descrição está longe de ser a mais adequada — começou Silas, estufando o peito.

— É adequada o suficiente — interrompeu Anika. — Apenas diga oi, Silas.

— Muito bem, Senhorita Boas Maneiras. Só estava tentando manter minha reputação intacta — disse Silas, murchando.

Aquela conversa me deixou atônita, não apenas por Silas ser tão esquisito. Anika tinha as rédeas do grupo — era bastante claro. Mas ela não parecia se importar com as constantes zombarias. Os Guardiões tinham que se submeter aos seus mestres. Os comentários debochados que os Inquisidores faziam o tempo todo seriam motivo para punição severa. Mas Silas, Connor... todos tratavam Anika como uma amiga.

Meus pensamentos confusos foram interrompidos pelo olhar penetrante de Silas em mim. Ele inclinava a cabeça para trás e para a frente como se tentasse encontrar o melhor ângulo para estudar uma espécie estranha e nova exposta em sua mesa de laboratório.

— E você é a alfa, hum? Bonita. Que curioso. Achei que fosse ter cara de bruxa ou coisa parecida. A gente costuma ouvir histórias horríveis sobre os Guardiões. Sabe como é, pecado contra a natureza e essas coisas todas.

Pecado contra a natureza? Que diabos ele estava falando? Encarei-o confusa, incapaz de expressar uma resposta.

Silas moveu os olhos para a lateral e observou Shay de cima a baixo.

— Uhmmmm. E você deve ser o progênito.

Ele caminhou lentamente ao redor de Shay, parou, olhou a nuca de Shay e sorriu.

— E eis a marca. Finalmente, as coisas parecem melhorar para o nosso lado. Cara, esperei por muito tempo a chance de conhecer você. Tinha minhas dúvidas de que chegaríamos lá. Grant disse que você gosta de Hobbes. Isso é fantástico. Pena terem jogado o feitiço; acho que seus colegas de classe teriam embarcado numa discussão interessante se isso não tivesse acontecido. Uma lástima.

— Grant? — perguntou Shay aturdido. — Do que está falando?

— Grant Selby — disse Silas. — Ele é um dos nossos espiões.

— Calma aí — disse eu, olhando-o incrédula. — Nosso professor? Nosso professor de filosofia é um dos seus espiões?

— É. — Silas sorriu. — Bom disfarce, não?

Anika cruzou a sala e foi até a mesa mexer na bagunça de papéis que Silas havia despejado ali.

— Obviamente, não tem como nos aproximarmos dos Defensores sem sermos descobertos. Então passamos a recrutar humanos para serem nossos olhos entre eles. Não muitos, obviamente, não queremos arriscar ainda mais vidas do que já arriscamos. Na maioria das vezes, são pessoas que acabaram topando com nosso mundo acidentalmente, no meio de um fogo cruzado ou coisa do tipo. Aqueles que demonstram interesse genuíno pelo desenrolar da guerra normalmente oferecem ajuda. Os mais capazes são enviados para o meio do conflito. Os espiões.

— E vocês os fazem dar aulas para a gente? — perguntei. Parecia uma loucura. Uma loucura perigosa. Quem aceitaria uma missão como essa? Ou o professor Selby era muito corajoso ou um suicida.

— Essa escola é o lugar mais fácil de se conseguir pistas sobre os passos dos Defensores, porque nos oferece uma combinação de humanos, Guardiões e Defensores — disse Silas. — E só contratam professores humanos. Nos últimos anos, temos conseguido manter pelo menos um agente, às vezes dois, no quadro de professores. Eles contribuíram significativamente para nossas operações de inteligência.

— Ele tem sempre que lembrar desse assunto — sussurrou Connor para Adne, embora em tom alto o suficiente para que todos na sala o ouvissem. — Como se fosse o único a ter uma ideia original nessa história.

Fiz que sim com a cabeça para Silas, ignorando o comentário maldoso de Connor.

— Se o Sr. Selby sabe do nosso mundo, por que falou de Hobbes em sala de aula? Sabe o que aconteceu com ele?

Nosso professor havia comentado sobre a obra *A guerra de todos contra todos* — um assunto abordado por Shay, mas estritamente proibido pelos proprietários da escola, os Defensores — e Selby havia pagado por isso. Lembrei do jeito como ele se debateu na frente da turma, a saliva escorrendo pelo rosto. Uma tortura mágica disfarçada de ataque epilético.

Anika expressou contrariedade, mas Connor começou a rir.

— Sei, e isso aconteceu porque ele é um bobo sentimentaloide. Quase foi desmascarado por causa disso.

Ele piscou os olhos para Shay.

— Ele ficou tão emocionado com o fato de o progênito querer falar de Hobbes. Achou que fosse um sinal dos céus, sei lá.

Shay fez cara de contrariado.

— Provavelmente é — disse Silas. — Se você pegasse um livro, veria a conexão. Mas, como já disse, primeiro precisa aprender a ler...

— Dava para prever que algo assim aconteceria quando deixaram esse cara recrutar um agente. — Connor dirigiu-se a Anika, ignorando o Escriba. — Silas tem as prioridades mais equivocadas.

— Grant tem feito um trabalho excepcional — disse Silas com desprezo.

— Esse deslize quase acabou com o disfarce dele — disse Connor. — Foi uma idiotice e ele devia ter prestado mais atenção.

— Melhor do que aquele troglodita que você escolheu — retrucou Silas, remexendo uma pilha de papéis. — Nunca poria os pés naquele monte de estrume que ele gerencia. Mas também provavelmente você já deve ter pegado todas as doenças possíveis nesse tal de Rundown.

— É Burnout, idiota — disse Connor. — E é um disfarce tão bom quanto o da escola. Os lobos estão lá o tempo todo.

— Burnout? — Prendi a respiração. — Tom Shaw é um espião? — Lembrei do gerente bronco do nosso boteco preferido. Um lugar onde nos refugiávamos para escapar da vigilância dos Defensores – e onde nunca nos pediam a carteira de identidade. Tom era amigo de Nev, o baterista da banda. Tudo encenação para poder conseguir informação quando íamos ao bar?

— É — disse Monroe, que olhava exausto para Connor e Silas.

— Não é nem de perto o observador perspicaz que Grant tem sido para nós — Silas fungou.

— Os contatos de Tom são melhores. — Connor tinha agora a adaga empunhada, o polegar na ponta da lâmina, e olhava ameaçadoramente para Silas. — Ele será uma peça-chave nesta aliança. Grant não está tão envolvido quanto Tom. Aquela escola é o lugar ideal para tomar um chá de cadeira.

Isso se você não tiver um súcubo no seu pé. Grant não foi o único a ser punido na Mountain School. Estremeci ao lembrar das unhas da enfermeira Flynn penetrando meu rosto quando nos flagrou, Shay e eu, juntos numa das salas. Então ruborizei ao lembrar do que fazíamos. Fitei Shay com expressão de quem tinha culpa no cartório, mas ele não estava me olhando.

— Gosto do Sr. Selby — protestou Shay. — Ele era um ótimo professor.

— E por que não gostaria? — Adne lançou um olhar contrariado para Connor. — Ele é corajoso, além de brilhante. É que o Connor não valoriza o intelecto.

— Não precisa defender o Silas só porque vocês dois são *nerds* — disse ele. — Meu argumento é que intelecto não salva ninguém no fim das contas.

— Não necessariamente — refutou Shay, pronto para iniciar um sério debate. Mas Connor fez que não com a cabeça.

— É assim que os vejo, criança. Não vou discutir com você.

— Você só se preocupa em beber de graça. — Silas começou a escrever furiosamente no que parecia ser uma espécie de diário de bordo.

— Caramba, não está fazendo mais uma queixa contra mim, está? — Connor apontou a adaga para Silas.

— Ações inconvenientes, tom ameaçador... — Silas não tirou os olhos do papel.

— Vou ignorá-la, Silas. — Anika cruzou os braços. — Você envia pelo menos umas dez dessas por semana.

— Vinte.

Já estava ficando nervosa com a rixa infantil.

— Como eles conseguem passar informação para vocês? Como conseguem evitar serem descobertos? — Havíamos falado de um suposto combate. Será que aconteceria mesmo? Meus dentes estavam afiados, e eu tinha que me esforçar para que não crescessem enquanto falava.

— Temos duas caixas postais em Vail com pseudônimos, claro, mas cada um dos agentes tem uma chave — respondeu Anika, satisfeita com a oportunidade de interromper a briguinha. — É assim que nos comunicamos. Mudamos os nomes e as caixas postais após alguns meses de uso e distribuímos as novas chaves. Vail atrai muitos amantes de esqui e trabalhadores sazonais chegando e partindo a todo momento, o que facilita a constante mudança de nomes sem chamarmos muita atenção.

Concordei com a cabeça, à beira de um ataque de nervos. Os Inquisidores nos espionavam havia um bom tempo e nem desconfiávamos. Eram imprevisíveis, e isto parecia torná-los mais eficientes do que havia imaginado a princípio. A cada nova revelação, meu orgulho pela eficácia das patrulhas dos Guardiões diminuía.

— Você vai se encontrar com Grant hoje à noite — disse Silas, tirando do bolso da calça jeans um pedaço de papel amassado. — Acabei de receber a confirmação.

Anika estendeu o braço para pegar o bilhete.

— Silas, já conversamos sobre manter a correspondência limpa e organizada.

— Estava com pressa. — Ele deu de ombros.

— Não tocaria nisso se fosse você — disse Connor. — Sabe-se lá por onde andou.

— Cala a boca, parasita — rebateu Silas.

— Parasita? — Connor riu. — Essa você pegou do fundo do baú.

— Calados, os dois. — Monroe falou pela primeira vez desde o retorno ao grupo. A atitude calma e vigorosa que normalmente emanava do Guia havia retornado. — Anika, meu grupo já está formado e preparado. Podemos executar a missão hoje, como havíamos desejado?

Prendi a respiração, à espera de uma resposta. Se ela dissesse que não, eu estaria ferrada caso não encontrasse um jeito de voltar para Vail.

— Podemos — respondeu ela. — Quem está no grupo?

Sorri e em seguida passei a língua pelos dentes afiados. Shay me olhou. Percebi que estava preocupado, apesar do aceno positivo que fez com a cabeça. Ele sabia tão bem quanto eu a importância dessa luta.

— Lydia, Connor, Ethan e Calla — respondeu Monroe, olhos fixos em mim. Mesmo ansiosa por entrar em combate, fiquei incomodada por ser

incluída entre os Inquisidores. Além disso, outro nome me deixou contrariada.

— Ethan? — perguntei, me lembrando dos olhos cheios de ódio e dos gritos histéricos do Inquisidor menos de meia hora antes.

— Ele precisa se acostumar com essa aliança o mais rápido possível — disse Monroe. — Não há tempo para ficar mimando ele.

— Concordo — disse Anika. — Quem mais?

— Isaac e Tess vão nos ajudar a implementar a missão do posto avançado. — Ele fez uma pausa e fitou Adne. — Jerome tecerá os portais.

Adne começou a gaguejar, com raiva, mas Anika falou primeiro:

— Não. Jerome foi designado para um posto de professor. Ele é um excelente Tecelão e conquistou seu lugar na Academia. Adne é a Tecelã-substituta de Haldis.

Adne fechou a boca, convencida.

— Pensei que devido à natureza dessa missão... — começou a falar Monroe.

— Sem discussão — interrompeu Anika. — Adne será a responsável pelos portais. Tenho certeza de que isso não será problema.

— Certamente — respondeu Monroe, mas cruzou os braços, visivelmente contrariado.

Franzi a testa enquanto observava aquela conversa. *O que há com essa gente?* Fosse lá qual fosse a birra entre Monroe e Adne, não queria que acabasse prejudicando a missão. Por sorte, Anika também não.

— Que bom — disse ela. — Não temos tempo a perder. Ethan já está lá?

— Já — disse Connor. — Já deve ter esfriado a cabeça. A Tess faz milagres com as almas devastadas. Além disso, acho que ela deu uns cookies para ele.

Ele piscou para Lydia.

— Ela conseguiu fisgar você com aquele jeitão de vovó cozinheira, não foi?

— Sou louca por biscoito de chocolate e aveia. — Lydia deu de ombros.

— Quem sabe o Ethan ainda não comeu tudo. — Connor riu.

— Vai descobrir agora. — Anika sorriu. — Adne, abra uma porta.

CINCO



— Espere. — A mão de Shay agarrou meu braço, me segurando, embora eu ainda não tivesse saído do lugar. — Você já está indo?

— Temos poucas horas antes de a patrulha dos Nightshade mais velhos estar na montanha, se é que os lobos mais jovens ainda estão fazendo o patrulhamento, que é nossa aposta — explicou Anika. — É essencial que a gente se apresse, se quisermos fazer contato. Temos a diferença do fuso horário a nosso favor, mas nada além disso.

— Fuso horário? — perguntei. — O que quer dizer?

— Em Vail é uma hora mais cedo. — Lydia examinava a lâmina de uma de suas adagas.

— Estamos em um fuso horário diferente? — Estava boquiaberta. — Onde estamos?

— Na Academia Errante. — Adne veio para o centro do nosso pequeno grupo. — O coração e a alma de tudo que é Inquisidor.

— A Academia Errante? — perguntei. Nunca havia ouvido falar desse lugar. Do pouco que sabia sobre os Inquisidores, a ideia que havia tido até então era de que se escondiam em choupanas ao redor do mundo, tentando juntar esforços para seus ataques guerrilheiros.

— A Academia é nosso maior bem. — Anika sorriu. — É o local que guarda nosso conhecimento, nossos mantimentos, onde praticamos nossos ofícios e nos educamos. A maioria dos Inquisidores vive aqui, exceto aqueles que estão em serviço.

— O nome é Academia Errante porque muda de lugar de acordo com a necessidade — acrescentou Monroe. — Não ficamos mais de seis meses em um único local, para evitar que nos descubram. Se algum dia os Defensores trouxerem a guerra para cá, isto pode significar o fim de nossa resistência.

Não havia visto muito dessa Academia, mas vira o suficiente para saber que era gigantesca.

— Como conseguem mover um edifício?

— É. — Shay girou lentamente, contemplando o pé-direito alto do salão. — Também estava me perguntando a mesma coisa.

Adne piscou para ele.

— Se ainda estiverem interessados daqui a três meses, deixo vocês sentarem na primeira fileira.

— Deixa pra lá — fiquei emburrada. — Onde estamos agora?

— Iowa — disse Anika.

Franzi a testa.

— Por que a colocariam justo em Iowa?

— Exatamente. — Connor me mandou um solene e debochado aceno de cabeça.

Adne suspirou.

— Move-se por todo o mundo. Agora é Iowa. Depois será a Itália.

Visualizei um globo girando na minha frente. Como havia chegado aqui?

— Não temos tempo para lições agora. — Anika gesticulou para Adne. — Vamos deixar para depois.

— Tem razão. Adne, por que não abre logo a porta? — disse Connor. — Não posso ficar ansioso. Fico cheio de manchas.

— Quem sabe assim não melhora sua aparência — murmurou Silas, e em seguida apanhou um bloco de papéis dobrados da pilha de documentos. Como conseguiu identificá-lo naquela bagunça era um completo mistério.

— Aqui está o próximo despacho para Grant. — Ele jogou o rolo de papéis para Connor como se fosse um frisbee. — Vê se não perde.

Connor pegou o documento no ar.

— Obrigado.

— O que está acontecendo? — Olhei para Shay, completamente confusa com aquela conversa.

— Ariadne é uma Tecelã de portais — explicou Monroe. — É a missão mais importante de um Inquisidor.

A missão mais importante. Olhei Adne e podia jurar que tinha mais ou menos a idade do meu irmão. — Ela vai liderar nossa missão?

— Liderar, não — disse Monroe. — Apenas tecer.

— Ela não é meio... nova demais? — Não tinha ideia do que era esse tecer, mas se era algo vital para nossa missão, queria alguém um pouco mais experiente no comando.

— Como disse antes — Connor deu um tapinha na cabeça de Adne —, nossa pequena supera as expectativas.

— Deixa eu fazer meu trabalho — murmurou Adne, desvencilhando-se abruptamente de Connor.

Fui caminhando atrás de Adne, pois queria ter certeza de que ela era realmente excepcional como todos alegavam.

Shay me pegou pelo braço e me puxou vários passos para trás.

— Acho que é melhor ver do que ouvir explicações.

Adne tirou dois punhais finos de metal do cinturão.

— O que são? — perguntei, preocupada com a possibilidade de serem armas.

Ela levantou uma das sobrancelhas para mim, analisando minha atitude defensiva.

— Adagas escocesas — as ferramentas dos Tecelões. Já vai ver o que elas fazem.

Adne respirou fundo e fechou os olhos. E então começou a se movimentar. Os punhais cortavam o ar; cada um dos rápidos golpes deixava um rastro flamejante de luz pelo caminho e um som similar ao de um sino soava a nossa volta. O corpo de Adne movia-se rapidamente em uma dança insana. Ela mergulhava no chão, para em seguida se lançar na direção do teto, regendo as adagas escocesas com movimentos que mais pareciam uma espécie maluca de ginástica rítmica. Os fios brilhantes que brotavam das adagas começaram a se unir em uma única camada. Os sons que invadiram os ouvidos criaram um coro harmonioso de notas de campana. Seus braços teciam o ar como se as adagas escocesas fossem agulhas entrando e saindo de um enorme tear invisível. O intrincado desenho de luz foi ficando ainda mais brilhante até que precisei desviar os olhos. Ondas sonoras invadiram o salão e achei que fosse me afogar em um oceano de luz e música.

De repente, tudo parou.

— Olhe — sussurrou Shay.

Voltei-me novamente para Adne. Ela se pôs de pé, ofegante, diante de um enorme retângulo bruxuleante. Suspensa no ar e brilhando, havia uma tapeçaria de luz. A respiração ficou presa na garganta, enquanto me

aproximava. O retângulo ondulante guardava uma imagem: o interior de um armazém. Montes de caixotes ocupavam o ambiente pouco iluminado.

— É para lá que nós vamos? — murmurei.

Adne fez que sim com a cabeça, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Bom portal. — Connor deu um tapinha no ombro de Adne.

— Às ordens.— Ela sorriu enquanto enxugava o suor da testa.

— Então, o que vamos fazer agora? — Olhava boquiaberta para a paisagem reluzente.

— É uma porta — disse Adne. — Você a atravessa.

Olhei o alto portal de luz.

— Dói?

— Faz cócegas — debochou Connor, fingindo estar falando sério.

Adne o golpeou com o lado cego de uma de suas adagas.

— Ai! — Connor esfregou o braço.

— É tranquilo, Cal — disse Shay. — Foi assim que cheguei à Academia. Sei que parece louco, mas é seguro.

— Louco? — protestou Adne.

— Louco de tão lindo. — Connor sorriu para ela. — Eu vou primeiro.

— Por favor — disse eu, sem querer admitir que aquele portal brilhante tinha me deixado toda arrepiada.

Connor entrou confiante na imagem carregada de luz. Seu corpo ficou embaçado por um instante e então ele estava do outro lado, entre os caixotes. Espreguiçou e bocejou, e então de repente baixou as calças e nos mostrou as nádegas.

— Por Deus, Connor! — resmungou Adne. — Entre lá e morda-o, Shay.

— Eu não vou, esqueceu? — retrucou Shay, mas logo depois caiu na risada. — E mesmo que fosse, não morderia a bunda dele.

— Quem sabe a Calla não morde? — Adne sorriu com malícia.

— É improvável — murmurei. Se bem que, à segunda vista, a bunda de Connor nem era ruim de se olhar.

— Basta — disse Anika, abraçando Lydia rapidamente. — Fiquem bem.

— Claro — respondeu Lydia, apressando-se para dentro do portal a tempo de bater com a parte cega da adaga na bunda de Connor antes que ele tivesse tempo de sair do caminho.

Adne caiu na gargalhada.

— Vá em frente, Calla — disse Monroe. — Adne vai estar logo atrás de você.

— Espere. — Shay me segurou. — O que vamos fazer enquanto eles estiverem fora? Sentar e esperar?

— Não. — Monroe foi para o lado de Shay e gentilmente o afastou de mim. — Temos uma tarefa à parte para cumprir.

— Temos? — Shay franziu as sobrancelhas.

— Vamos fazer uma visita a alguns dos instrutores da Academia. E você vai convencê-los de que vai ficar tudo bem quando eles começarem a receber um bando de jovens lobos em sala de aula.

Então era disso que se tratava a aliança. Não apenas lutaríamos com eles. Treinaríamos com eles, estudaríamos sobre seu mundo. Por mais estranha que fosse a ideia, também era estimulante.

Adne começou a bater a bota no chão.

— Vamos, Lily. Tentamos abrir e fechar as portas o mais rápido possível. Isto aqui não é vitrine de shopping.

O apelido me abalou o suficiente para que lhe arreganhasse os caninos. Fiquei mais do que apenas satisfeita ao vê-la dar um passo para trás.

Fitei Shay, que me ofereceu um sorriso desanimado.

— Boa sorte.

Retribuí o sorriso da melhor forma que consegui, fechei os olhos e entrei na névoa reluzente.

Connor não estava de todo errado ao descrever a sensação de passar pela porta de luz, embora não fosse exatamente cócegas o que se senti ao atravessar o portal. A pele formigou por um instante, como se tivesse entrado em um espaço cheio de eletricidade estática. No momento seguinte, um ar rançoso e bolorento invadia meus pulmões e Connor dava risadas. Felizmente, ele já tinha colocado a calça.

— Está com a gente, Calla? — perguntou Lydia. — A viagem terminou. É aqui que saltamos.

Connor tossiu.

— Posso ajudá-la nisso.

Espantei minha perplexidade e encarei Connor.

— Você nunca se cansa de ouvir as próprias piadas? — Lydia empurrou-o na direção da porta.

— Precisa mesmo perguntar? — Ele sorriu, piscando para ela.

Lydia tentou olhar com cara feia para ele, mas o riso insistia em sair da garganta.

— Você é um desastre, garoto, mas amo você por isso.

— Claro que ama.

— Para de se gabar, Connor. — Adne surgiu do portal. Virei de costas. Ainda dava para ver a imagem tremeluzente do ambiente que havíamos

deixado pelo amplo retângulo atrás de Adne. — Atravessar o portal pela primeira vez intimida todo mundo.

— Mas não é um jeito ruim de viajar — comentou Connor, esfregando os braços como se ainda formigassem. — Não é, menina-loba?

— Não é. — Estava com os olhos fixos na porta bruxuleante. — Mas...

— Mas o quê? — Adne tinha as mãos na cintura. — Não aprovou meu tecido?

— Não é isso — disse, ainda examinando o portal. — Mas eles não deixam você nervosa?

Adne deu um suspiro, fazendo um X com suas adagas sobre o portal. A porta desapareceu.

— Olhe, Lily. Todo esse exercício foi para mostrar que é tudo perfeitamente seguro. Não sei mais o que fazer a não ser deixar você entrar e sair da porta durante a noite toda.

— Não estou falando disso. Vocês não têm medo de os Defensores abrirem uma dessas portas e encontrarem vocês? É perfeita para um ataque surpresa. Quer dizer, é para isso que estamos usando a porta, certo?

— Ah. — Adne balançou a cabeça. — Entendi.

— Entendeu o quê? — perguntei. — Você devia se preocupar com isso. É uma falha e tanto.

— Seria uma falha — prosseguiu Adne, com um sorriso convencido. — Se isso fosse um problema. Mas não é.

— Por que não? — Estava irritada com a expressão petulante estampada em seu rosto.

— Porque nossos Tecelões são muito especiais — disse Connor, abraçando Adne pela cintura e lhe dando um beijo no rosto antes que ela

se virasse e o empurrasse.

— Você é tão idiota — disse ela, mas não conseguiu conter a risada.

— Estava tentando fazer um elogio — disse Connor, fingindo estar machucado, e quando ela o agarrou ele não teve tempo de se esquivar.

— Alguém sabe me dizer por que não é um problema? — perguntei, confusa com as piadinhas enquanto eu ainda estava uma pilha de nervos.

— Os Defensores não podem usar portais — disse Adne tranquila, saindo da brincadeira de luta livre com Connor para encarar-me novamente.

— Por quê? — perguntei, franzindo a testa.

— É uma das poucas vantagens que temos por não desrespeitar a magia natural como eles fazem — explicou.

— Continuo sem entender — falei.

— Lembra da história do pecado contra a natureza de que Silas falou mais cedo? — Connor sorriu para mim.

— Lembro, mas não faz nenhum sentido. — Cruzei os braços. — E não entendo por que estão falando disso agora.

Ele ergueu os braços como se estivesse se rendendo.

— Por pura necessidade. Acho você linda, lobinha — nenhum traço mutante pelo que vi até agora. Mas também, você está de roupa.

— Cala a boca, Connor — grunhiu Lydia.

— Sim, senhora. Tá. Então os Defensores quebraram algumas normas importantes para que conseguissem todo o poder que têm hoje, incluindo os Guardiões — continuou Connor, passando as mãos pelo desarrumado cabelo castanho. — Os portais só funcionam a partir de princípios naturais. E se você abusa e sai ofendendo a terra o tempo todo, como fazem os Defensores, não pode esperar receber favores.

— Quê? — Não conseguia entender o que ele tinha dito.

— Tudo neste mundo está conectado, inclusive todos os lugares no globo terrestre — interveio Adne. — Tecelões usam a velha magia para manter os fios dessa conexão, unindo um lugar ao outro. É assim que viajamos.

— Mas os Defensores... — comecei a falar.

— Não sabem nem como usar os fios — concluiu Connor por mim. — Precisam viajar do jeito tradicional. Ou pelas formas modernas da tecnologia, suponho. Mas nada de portais. Eles não conseguem tecer. A terra não permite.

Ainda não tinha certeza se havia entendido, mas nossa conversa foi interrompida por uma porta do outro lado do ambiente sendo aberta. Eu me joguei no chão e mudei de forma, pronta para atacar o homem que tinha uma balestra apontada para nós. Connor posicionou-se na minha frente antes que eu tivesse tempo de atacar.

— Isaac, baixe isso! O que fizemos a você para merecer isso?

O homem com a balestra soltou um grunhido.

— Ah, bom. Estávamos nos perguntando quando vocês chegariam. Por que abriram a porta no depósito?

— Porque se fosse o Ethan com essa balestra, já a teria acertado. — Adne apontou para mim. — Eu estava sendo cautelosa.

— Não foi uma má ideia — concordou Isaac. — Se bem que a única coisa que ele conseguiria fazer agora seria vomitar cookies em cima do lobo. Está se entupindo de biscoitos desde que chegou.

— Calla, vê se evita mudar de forma aqui — disse Lydia, caminhando para abraçar Isaac. — Onde está minha garota preferida?

Voltei para a forma humana e engoli uma resposta que estava na ponta da língua. O que eles esperavam? Não tinha um passado feliz com Inquisidores e balestras.

— Está na cozinha com o Ethan — respondeu Isaac.

— Como está o Ethan? — perguntou Adne. — Além de estar se empanturrando de cookies?

Isaac olhou para mim.

— Está se recuperando.

— Melhor do que nada — disse Connor, pegando na minha mão e me puxando para a porta. — Isaac, esta é Calla. Ela é a alfa que vai liderar nossa nova revolta fabulosa dos Guardiões.

Vou fazer o quê? As ramificações desse novo plano terminaram caindo sobre mim como uma avalanche de pedras.

— Só isso? — Isaac sorriu. — Prazer em conhecê-la, agitadora.

Apertei sua mão e lancei um olhar antipático de canto de olho para Connor.

Ele me deu um tapinha no ombro.

— Só quero garantir que a sua reputação chegue antes de você.

— Obrigada.

Seguimos Isaac, cujas longas e minúsculas tranças estavam presas por um rabo de cavalo na nuca. Ele entrou em um amplo salão vazio exceto pelos colchonetes e armas apoiados nas paredes.

Notando meu olhar de curiosidade, Lydia sorriu para mim.

— Sala de treinamento.

Isaac nos guiou por uma outra porta, onde fomos recebidos por um fogo crepitante, pelo cheiro de café fresco e duas pessoas. Uma sorridente e a outra carrancuda.

— Oi, belezura. — Lydia abriu os braços para a mulher que parecia ter a mesma idade que ela — 35 anos ou uns dois anos mais — e cujos volumosos cachos na altura do queixo lembravam os de Bryn, exceto pela cor preta como a noite.

— É o meu dia de sorte — disse a mulher, beijando-a.

— Será que pode ser o meu também? — perguntou Connor, de olhos fixos na boca carnuda da mulher.

— Para de dar em cima da minha namorada, Connor. — Lydia caiu na risada, puxando a mulher em um abraço feroz.

— Não estava dando em cima dela — objetou Connor. — Só fiz um elogio. Acha que eu invadiria o seu território? Esquece que faço patrulha com você. Não quero ficar na ponta oposta das suas adagas.

— Rapaz esperto — disse Lydia, então virou a mulher para que ela me encarasse. — Tess, esta é Calla. É a loba dorminhoca que estávamos torcendo para se misturar com a gente.

— E pelo visto já se misturou. — Tess veio para mim na mesma hora, estendendo-me ambas as mãos. — É uma honra conhecê-la.

Novamente essa palavras... honra. Isso me desconcertava.

— Obrigada. — Peguei ambas as mãos; eram suaves e quentes. Quando sorria, ela iluminava os pálidos olhos azuis, cheios de sinceridade e bondade. Gostei dela instantaneamente.

— Temos tempo para uma xícara de café? — perguntou Isaac, com uma cafeteira na mão. — Ou vamos direto para sangue e tripas?

Fiquei olhando para ele, chocada com aquela pergunta sobre café ou carnificina.

— Você não vai a lugar algum — disse Lydia, puxando Tess novamente para um abraço. — Ceifeiros cuidam da fortaleza. Só os Combatentes e a loba vão nesta corrida.

— E eu — disse Adne.

— Soube que é a nova Tecelã, Ariadne. — Isaac serviu-se um pouco de café.

— Adne — respondeu. — Só Adne.

— Continua se rebelando contra o seu pai, Ariadne? — perguntou Tess enquanto se apoiava em Lydia. — Já falamos sobre isso.

— Você falou sobre isso — retrucou Adne, passando por elas e sentando-se em uma cadeira da mesa da cozinha ao lado de Ethan. Ele olhava fixo para seu café e o prato repleto de migalhas de biscoito. — E que tal vocês irem para o quarto? Não é todo mundo que esbarra com o amor verdadeiro, e vocês ficam aí roçando nariz com nariz a cada oportunidade.

— Pode parar — disse Lydia. — Não temos muitas oportunidades de ficarmos juntas e você sabe disso. Na maioria dos dias, temos sorte se conseguimos compartilhar uma horinha no mesmo fuso horário.

— Além disso, você tem 16 anos, Ariadne. — Tess a encarou com olhar severo. — Ainda não deu tempo de esbarrar com o amor.

— Claro que deu. — Connor puxou uma cadeira e se sentou ao lado de Adne, levando os braços ao redor dos ombros. — Ela só não reconhece isso ainda.

Adne resmungou e inclinou a testa sobre a mesa.

— Eu me caso com o primeiro que me arrumar uma xícara de café, não importa quem.

— Me joga a caneca, Isaac! — Connor levantou-se parcialmente.

— Ah, por favor — balbuciou Adne ainda grudada na mesa.

— Está brincando? — disse Connor. — Um xícara de café em vez de uma aliança? É o tipo de proposta que estou pronto para aceitar.

Toquei o anel frio e metálico em meu dedo. Notei que agora Adne me olhava e escondi as mãos debaixo da mesa.

— E a única que você pode bancar — Isaac acrescentou.

— Bem, isso também. — Connor riu.

— Ainda não ganhei café — reclamou Adne. — Mesmo com minha generosa oferta.

— Não desista tão facilmente, meu bem. — Isaac sorriu e lhe deu uma caneca quentinha de café. — Café, Calla?

— É, eu… — hesitei, ainda sem entender essa conversa bizarra em face de uma batalha iminente. — A gente não devia se concentrar no ataque? Anika disse que temos pouco tempo para essa empreitada.

Todos ficaram em silêncio. Prendi a respiração, pois claramente tinha dito a coisa errada.

Tess sentiu pena de mim:

— Querida, sempre há tempo para uma xícara de café. — Ela pegou meu braço e me acomodou em uma cadeira ao lado de Connor.

— Sempre há tempo para qualquer coisa boa quando estamos encarando a morte frente a frente — acrescentou Connor.

— Amém — murmurou Ethan do canto da mesa.

Fitei os sorrisos desanimados e minha confusão se evaporou. Pensei na vida que levavam. No que tinham de enfrentar. Defensores. Guardiões. Espectros. A matéria dos pesadelos.

Sobrevivência. Tudo tinha a ver com isso. Os Inquisidores eram guerreiros, como os Guardiões. Encaravam cada confronto como se fosse o último. Tudo isso — desde o café completamente fora de hora às piadas inapropriadas de Connor — fortalecia suas defesas. Mesmo não sendo armaduras. Eram defesas mentais. Uma maneira de salvar seus espíritos do desespero.

Por mais estranho que fosse, conseguia lidar com essa estratégia. Principalmente porque tinha café na história. Se bem que imaginei que o mau humor por não tomar nem um golinho talvez me desse mais ânimo para guerrear.

— Que lugar é este? — perguntei, tentando entender como se encaixavam a área do depósito, a sala de treinamento e agora a cozinha.

— Temos postos avançados adjacentes aos principais núcleos de povoamento dos Defensores no planeta. Os postos possuem dois objetivos principais: manter-nos interligados com nossos contatos no mundo dos humanos e servir de locais de treinamento para ataques contra os Defensores.

— Purgatório, doce Purgatório — suspirou Isaac.

— Pode até ser o Purgatório — Lydia riu. — Mas o café é bom demais.

— Purgatório? — Franzi a testa, então sorri quando Isaac me entregou uma caneca do líquido fumegante, preto como alcatrão.

— Sabe, o lugar onde você fica entre o paraíso e o inferno — disse Connor. — O paraíso é a Academia e o inferno...

— É Vail. — Ethan empurrou a cadeira e foi para o canto mais afastado da cozinha, aparentemente incapaz de tolerar minha presença.

Tess balançou a cabeça repreensivamente, mas ele a ignorou, bebendo seu café solitário e em silêncio.

Decidi que manter distância de Ethan era provavelmente o melhor a fazer. Não importava se ele confiava ou se gostava de mim. Não estava ali para fazer amigos. Estava ali para salvar minha matilha.

Virei-me para Connor.

— Então onde estamos exatamente?

Fiz a pergunta e em seguida precisei disfarçar meu temor; se estávamos próximos dos Defensores, que segurança tínhamos?

Lydia respondeu enquanto ela e Tess se juntavam à mesa conosco.

— Estamos em um armazém em Denver. Os Tecelões abrem suas portas para os pontos de ataque a partir daqui. Os Combatentes vêm e vão de acordo com suas missões.

— E nós, Ceifeiros, residimos aqui sozinhos – disse Isaac, com expressão de luto.

Tess estalou a língua:

— Está dizendo que não sou boa companhia?

— Só se parar de cozinhar para mim. — Isaac lançou-lhe um sorriso resplandecente.

— Você agora cozinha para ele? — perguntou Lydia. — É boazinha demais.

— Não estraga meu combinado, mulher! – protestou Isaac. — Além disso eu lavo a louça.

— Lava mesmo — confirmou Tess.

Dei um gole no café tentando acompanhar o ritmo das informações.

— O que são os Ceifeiros?

— Não restam muitos Inquisidores no mundo. — A voz de Lydia tinha um tom duro. — A maioria fica na Academia ensinando ou treinando; eles só saem para missões conforme a necessidade. Mas aqueles que ainda lutam a boa batalha do dia a dia vivem em postos avançados como este. Nossos grupos possuem sempre a mesma distribuição de membros: grupos de dez, missões específicas para cada um. Os Ceifeiros cuidam dos suprimentos e administram produtos valiosos por meio do mercado negro, mantendo o fluxo do nosso dinheiro com moedas do mundo contemporâneo.

— Mercado negro? — Franzi a testa, um pouco nervosa.

— Não se preocupe, Calla, não comercializamos nada grotesco, como órgãos humanos. — Tess deu uma risadinha, balançando a cabeça. Ri sem graça, e ela se apressou: — São prioritariamente obras de arte e antiguidades. Coisas que sabemos onde encontrar, às quais os humanos não têm acesso.

— Ela está tentando dizer que Ceifeiros são contrabandistas — disse Connor. — Mas contrabandistas bonzinhos.

— Connor, sabe que estudamos duro e muito tempo para esse trabalho — disse Isaac.

— Mais tempo que você — acrescentou Tess.

— Quanto tempo? — perguntei.

— O treinamento padrão para os Inquisidores é de dois anos de habilidades gerais e mais um ano de especialização para as missões — disse. — Ceifeiros fazem mais dois anos.

— Para aprender a contrabandear?

— Olhe o que você fez, Connor. — Tess balançou a cabeça. — Não. Não é assim que funciona. Ceifeiros estudam sobre história da arte, idiomas e os clássicos de trás para a frente. Além do treinamento de combate. Ceifeiro é uma função quase tão perigosa quanto a de um Combatente.

Limpei a garganta, tensa.

— E os Combatentes são?

— Os Combatentes são seus correspondentes — respondeu Lydia. — São treinados para a linha de frente na ofensiva contra os Defensores. Executam ataques em alvos inimigos designados. Mas o que eles fazem principalmente é matar Guardiões.

— Que ótimo — disse, sentindo os caninos afiarem com suas palavras. — E os Tecelões abrem portas. E o Monroe, ele é seu...

Tentei me lembrar do que o haviam chamado.

— Guia — sugeriu Tess. — Ele é nosso Guia.

Ethan se aproximou, batendo com a caneca vazia na mesa.

— Agora que o pré-escolar acabou, podemos ir andando? Anika tem razão. Temos poucas horas de luz do dia.

— Ethan! — Tess ficou de pé.

— Calma, moça. — Connor também se levantou. — Ele tem razão. Precisamos ir embora.

Lydia me fitou.

— Tenho certeza de que você ainda tem várias perguntas. Desculpe não podermos responder tudo agora.

— Não faz mal. — Levantei da cadeira, os músculos estavam tinindo. A cafeína e a ideia de entrar na floresta me deixaram morrendo de vontade de correr.

Era hora de a alfa encontrar sua matilha.

SEIS



A porta que Adne abriu dessa vez revelou uma paisagem que eu conhecia desde que nasci. Encostas nevadas sob o sol da tarde, ofuscado apenas por intervalos de sombras dos enormes pinheiros.

— Este é o lado leste — murmurei. A necessidade de correr, procurar meus companheiros de matilha e levá-los para um lugar seguro era urgente. Trinquei os dentes, lutando para me controlar.

— É — confirmou Adne. — Será que vai funcionar? O encontro será aqui por perto. Grant está em uma trilha de neve a um quilômetro daqui; fica na reserva natural que dá na fronteira onde sua matilha faz a patrulha, mas não deve estar perto o suficiente para provocar o ataque dos lobos... Tomara…

— Detesto o inverno — resmungou Ethan, enquanto amarrava o cadarço da bota.

— Não vejo a hora de fazer um anjo de neve — comentou Connor enquanto colocava o par de calçados para neve.

— Às vezes eu não gosto mesmo de você — disse Ethan, procurando por suas luvas, mas notei que ele se esforçava para não sorrir.

Lydia caiu na risada e vestiu o uniforme para neve.

— Calla, eu e Ethan vamos com você procurar sua matilha. Connor vai na outra direção para se encontrar com Grant.

Concordei com a cabeça e pensei que preferiria que fosse Connor que viesse conosco em vez de Ethan. Não ajudava o fato de que Lydia tinha tomado a dianteira quando caminhávamos na direção do portal e que Ethan fosse o último de nós. Temi que minhas costas na mira de sua balestra fossem muita tentação para ele.

— Eu ficarei esperando — disse Adne, fechando a porta e se apoiando no tronco de uma árvore. — Não demorem. Acho que mesmo com as vinte camadas de roupa não vou aguentar esta altitude. Está congelante.

O comentário interrompeu meu impulso de sair correndo livremente pelos bancos de neve.

— Por que não espera lá dentro?

Os Inquisidores me encararam. Encarei de volta, sem entender por que todos franziam a testa para mim. Quando a porta estava aberta dava para ver o outro lado do portal. Estava turvo, mas nem tanto.

Ethan resmungou algo em voz baixa. Adne lançou um rápido olhar em sua direção antes de me sorrir brevemente.

— Desculpe. A gente esquece que você não conhece todas as regras. Os portais nunca são deixados abertos.

— Nunca. — Ethan bateu o pé na neve. — E os Tecelões nunca participam de um confronto de verdade. Eles ficam na fronteira de qualquer zona de combate.

Adne fez uma careta, mas Connor balançou a cabeça.

— Você sabe por que isso é necessário, fofura.

— Cala a boca.

Lydia pôs a mão sobre o ombro de Adne.

— O Tecelão é o instrumento mais valioso e poderoso dos Inquisidores. Procuramos fazer com que corram o menor risco possível.

— Por isso fiz a pergunta — disse, frustrada pelo tanto que ainda não sabia sobre meus supostos aliados. — Se ela estiver do outro lado, pode fechar o portal ao primeiro sinal de perigo.

— Não importa quão cuidadoso seja um Tecelão, cometemos erros. — Os olhos de Adne pareciam facas. — Algo pode acabar entrando.

— Achei que tinham dito que os Defensores não podem fazer portais — comentei.

— Defensores não são capazes de criar portais — confirmou Adne. — Mas podem atravessá-los. Assim como suas feras. Guardiões, espectros, seja lá o que for.

— E se os Defensores algum dia puserem as mãos em um Tecelão? — disse Lydia. — Se forçassem o prisioneiro a abrir portas, nunca seríamos capazes de prever a chegada deles. Por isso, os portais ficam sempre fechados e os Tecelões, longe dos confrontos. Eles trabalham fora da zona de perigo... Pelo menos, o mais afastado possível.

Adne estava com cara de quem havia chupado um limão.

— É por isso que se alguma coisa aparecer sem ser a gente, você volta para o Purgatório — disse Connor para ela.

— Conheço o protocolo — disse ela. — Já me formei, lembra?

— Como poderia me esquecer? — Connor sorriu, soprando-lhe um beijo antes de sair caminhando pesado pela neve.

— Tudo bem, Calla — disse Lydia. — Obviamente, você é a melhor pessoa para nos guiar. Mostre o caminho.

Sorri, mudei de forma e saí correndo pela neve. O ar fresco do inverno invadiu minhas narinas. Queria uivar. Um coelho saiu correndo de um arbusto e comecei a salivar.

— Calla! — gritou Lydia.

Freei, e a neve me cobriu como um véu branco. *Ops.*

A excitação de correr pela montanha havia feito me esquecer de que não estava com outros lobos. Humanos eram lentos. Virei-me e corri de volta para Lydia e Ethan, mudando de forma ao alcançá-los.

— Desculpe.

— Pode ir na frente, mas não se perca de nós — disse Lydia.

Ethan ajeitou a balestra nas costas.

— Se a gente achar que você está muito longe, acerto seu rabo.

Lydia cravou os olhos nele.

— Brincadeira, estava brincando — respondeu ele, mas o sorriso que me lançou não era amigável.

De volta à forma de lobo, consegui ficar bem à frente dos Inquisidores, mas os mantive ao alcance da vista. A neve fresca que caía não estava ajudando. Eliminava cheiros, alterava pistas, apagava velhos odores.

A porta que Adne havia aberto estava ao sudoeste da caverna Haldis. Avancei na direção desse perímetro apostando que a patrulha dos Guardiões estaria correndo por ali à tarde. Adaptar-me aos novos aliados não era fácil. Nossa incapacidade de nos comunicar era no mínimo tediosa, além de terrivelmente frustrante. Sempre que quisesse falar algo com eles precisava voltar, mudar de forma e avançar novamente. Fiquei ainda mais desesperada para encontrar meus companheiros de matilha. Tentei lembrar como havia sido fazer esse caminho quando Shay ainda era humano. Havia sido paciente, e os Inquisidores estavam provando ser mais do que rápidos ao se moverem sobre o terreno coberto de neve. Embora não fosse a parceria ideal, sabia que poderia funcionar. Foquei nessa ideia enquanto saltava através da neve que caía.

Pisando sobre a terra nevada até tocar o terreno congelado, erguendo o focinho para testar o olfato, fiz tudo que podia para encontrar pistas do rastro de meus companheiros. Mas não consegui encontrar nada. Nenhuma pista, nenhum cheiro. Nada. *Onde estão eles?*

Minha esperança estava caindo tanto quanto o sol no horizonte quando Lydia me chamou novamente.

— Alguma coisa? — Ela olhava para as sombras iminentes que se espalhavam como gotas de tinta sobre a neve.

— Não — disse, chutando a neve. — Isto está enterrando os cheiros. Não encontrei nenhum sinal de patas que não fossem de outros animais.

— Os seus companheiros não teriam deixado rastros por aqui durante a patrulha? — perguntou Ethan.

Franzi a testa. Ele havia chamado a atenção para o que mais havia me atormentado enquanto avançávamos pelo perímetro. Mesmo que a rota tivesse sido alterada, eu deveria ter visto algum sinal de Guardiões nessa parte da montanha. Estávamos perto demais da caverna Haldis para as patrulhas não terem passado. Exceto... exceto... havíamos roubado o objeto escondido na caverna e os Defensores sabiam disso. Nossa escola estava empesteada com o medo deles, com a apreensão, depois que Shay encontrou o estranho cilindro, tomando-o para si. Haldis não precisava mais de proteção. Não haveria mais patrulhas. E a única razão para haver lobos rondando o perímetro sagrado seria para esperar por...

— Ai, não — disse, batendo com a palma da mão coberta de neve na testa. Meu sangue congelou.

— O quê? — perguntou Lydia.

Não queria contar para eles. Sentia-me uma completa idiota. Como pude ter esquecido algo tão importante? Minhas bochechas coraram, porque sabia o motivo. Havia ficado tão entusiasmada com a

possibilidade de encontrar Mason ou Ansel, mesmo a mal-humorada da Fey, de me reunir com a matilha, que acabei criando expectativas que sempre tive como alfa. Esse era o lugar onde fazíamos patrulhas. O lugar que havia sido o foco de toda a minha vida. Não havia me ocorrido considerar outras opções.

Mas por que Shay não tinha dito nada enquanto falávamos desse plano? Ele sabia que Haldis não estava mais lá. Ele a possuía.

— Calla.— Lydia voltou a falar. — O que foi?

Enquanto titubeava uma explicação e uma desculpa, algo chamou minha atenção. Alguém a quase 100 metros de distância se aproximava com muita rapidez.

— Cuidado — disse Ethan, apontando sua balestra para o desconhecido.

— Espere. — Lydia pôs a mão no braço de Ethan. O indivíduo estava de pé e nos olhava, acenando com os braços desesperadamente. — É o Connor.

Ele se movia com uma rapidez impressionante para alguém em raquetes de neve. Os Inquisidores deviam ter treinos rigorosos para combates nessas condições.

— Vamos — disse Ethan, indo na direção de Connor.

Quando o alcançamos, ele se curvou, descansando as mãos nas pernas, esbaforido.

— Ele está morto — disse Connor ofegante. — Grant está morto. Cortaram a garganta dele.

Havia sido criada para ser violenta, por isso nunca pensei que a morte me deixaria alarmada. Mas a imagem do esquisito e gentil professor Selby mutilado em uma poça de sangue me fez estremecer.

— Droga. — Ethan baixou a cabeça.

Lydia fechou os olhos.

— É uma pena. E isso significa que precisamos dar o fora daqui... ou ir ao encontro de Adne.

Connor concordou e me olhou.

— Encontrou seus companheiros de matilha?

— Não — disse, ainda chocada com a notícia da brusca morte do professor Selby. — E acabei de me dar conta de que...

Um uivo me fez engolir as palavras. O segundo e o terceiro uivos vieram logo em seguida e arrepiaram minha nuca.

— Essa não é minha matilha — sussurrei.

— Eles sabem que estamos aqui — disse Ethan. — Vamos rápido.

— Fique perto de nós — disse Lydia para mim, tomando a dianteira mais uma vez.

Iniciamos o trajeto de volta, mas Lydia nos guiou em zigue-zagues, diferente do caminho linear que havíamos cruzado na ida. Ela abriu uma nova trilha na direção de onde estava e evitou a rota que havíamos feito antes. Na forma de lobo, eu ia e voltava, rastreando os passos, constantemente testando o ar, com ouvidos atentos para qualquer sinal dos lobos que haviam uivado, tentando discernir se estavam atrás de nós. Mas a aproximação do crepúsculo trouxe um silêncio inquietante e me lembrei de como a neve engolia o som assim como o cheiro. Uma rajada de vento levantou uma camada de neve, cobrindo nossos rostos com cristais de gelo, voando na direção de onde haviam soado os uivos.

Nada bom. Estávamos contra o vento. Os Guardiões seriam capazes de sentir o nosso cheiro, mas eu não conseguiria farejá-los até que estivessem quase em cima de nós.

Os uivos soaram novamente, bem mais perto.

— Acho que não vamos conseguir sair daqui sem lutar — disse Ethan.

— Apenas continue correndo. — A respiração de Lydia saiu em pequenas nuvens de vapor.

Estávamos quase chegando ao lugar onde havíamos deixado Adne, quando uma sombra caiu de um galho acima de nós.

Lydia rodou rapidamente, adaga em punho.

— Sou eu! — Adne ergueu os braços.

— O que você estava fazendo em cima de uma árvore? — perguntou Connor olhando em meio aos galhos.

— Estava me escondendo. — Adne limpou a neve das pernas. — Ouvi os uivos e achei melhor me precaver.

— Boa ideia — disse Connor, claramente aliviado por vê-la sã e salva.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Mataram o Grant — disse Connor.

Adne empalideceu.

— Ah, não.

Levantei as orelhas, envolvida com os novos sons da floresta atrás de nós. O arranhar de patas no gelo. Não queria mudar de forma, então lati para os Inquisidores. Foi suficiente.

Ethan aprontou a balestra.

— Adne, abra a porta.

Avancei, observando a floresta. Um vulto moveu-se. Um lobo castanho-avermelhado surgiu entre as árvores. Meu coração saltou. Era um Nightshade. Sasha, mãe de Fey e uma das parceiras de patrulha de minha mãe. Corri para ela.

— Calla, não! — gritou Lydia, mas continuei correndo.

Lati novamente, desta vez para chamar Sasha. Ela surgiu rapidamente entre dois troncos e lhe enviei um pensamento.

Sasha! Sasha, espere!

O lobo vermelho virou-se e veio em minha direção. Vinha a toda velocidade e não diminuiu o ritmo quando ficou mais próxima, rosnando.

Bem-vinda de volta, Calla.

Fiquei completamente aturdida quando ela se chocou contra mim e rolamos na neve. Girei para longe e saltei quando ela enfiou os dentes em meu ombro.

Pare! O que está fazendo?

Ela não respondeu e avançou para cima de mim novamente, seus olhos estavam sedentos de sangue.

Meus instintos vieram à tona e reagi, rosnando. Meus dentes afundaram em seu peito, mas o gosto de sangue de um companheiro de matilha na boca me abalou intimamente. Não havia nada de natural nesta briga. Estava atacando um dos meus, a mãe de uma amiga. Estava indo contra todos os meus princípios.

Tentei me aproximar novamente.

Por favor, Sasha. Estou aqui para ajudá-la.

Quase não consegui escapar do ataque seguinte.

Garota idiota.

A verdade nua e crua pousou sobre meu pelo. Sasha estava tentando me matar e se quisesse sobreviver teria de matá-la. Estava desesperada para encontrar uma maneira de evitar esse desastre.

Quando Sasha voltou a investir contra mim, rolei para o lado, girei na neve e cravei os dentes em seu tendão. Ela grunhiu quando dilacerei seus ligamentos. Meus dentes alcançaram o músculo e ela ganiu novamente, contorcendo-se e rosnando em vão para mim. Satisfeita em saber que ela seria incapaz de me perseguir, soltei sua perna e corri de volta para onde estavam os Inquisidores. Pude ver o portal reluzente em meio às árvores.

Mas também ouvi os gritos de batalha. Com um impulso, ganhei velocidade.

— Calla! — Adne acenou. Corri direto para ela, que estava a apenas 3 metros de distância, quando algo pesado e duro bateu em mim. Girei várias vezes, completamente sem ar. Cambaleante, consegui com muito esforço ficar de pé e me virei para ver quem tinha me atacado.

O pelo do enorme lobo era malhado de cinza e marrom. Ele me encarava, rosnando.

Achei que o coração tinha parado quando meus olhos se fixaram nos de Emile Laroche.

O alfa Bane esteve nos caçando.

O medo me paralisou, enquanto imagens se cristalizavam em minha mente. Sasha estava caçando com Emile. Com Emile. Isto não fazia nenhum sentido. Sasha era a companheira de patrulha de minha mãe. Era uma Nightshade. Os lobos Nightshade obedeciam somente aos seus alfas: Stephen e Naomi Tor. Nightshades e Banes desprezavam uns aos outros e evitavam manter contato o quanto podiam. As matilhas só agiam em parceria por ordens diretas dos Defensores.

Mas agora Emile Laroche, o alfa Bane, liderava os Nightshades. Arrepiei-me, rosnando para ele, enquanto combatia a incredulidade. Tudo sobre a realidade nua e crua que se apresentava diante dos meus olhos era equivocado, anormal. Por que Sasha seguiria Emile? Por que ela havia me atacado? Onde estavam meus pais? Onde estava minha matilha?

Saliva escorria da mandíbula do Bane quando ele avançou para me perseguir.

Veio implorar perdão?

Meu corpo todo tremia.

Seus músculos agitaram-se quando ele sacudiu a cabeça.

Acho que é tarde demais.

Rosnei. Se Emile queria briga, eu lhe daria uma, embora a ideia parecesse desesperadora. Emile havia criado uma reputação de matador entre os Guardiões. Era uma fera imensa e poderosa e tinha muitos mais anos de luta nas costas do que eu.

Não me arrependo de nada.

Agarrei-me ao solo, à espera de sua investida. Mesmo que não fosse capaz de derrotar Emile, ainda conseguiria lhe causar estrago. Muito estrago.

Ele se agachou, seu rosnado soava como uma risada abafada. *Foi exatamente isso que seu pai disse.*

Meu pai?

O choque de suas palavras ainda me paralisava quando o vi uivar e torcer a cabeça para retirar a adaga que o havia acertado na lateral. Girou pela neve, deixando um rastro de vermelho escarlate pelo caminho quando uma segunda adaga voou atrás dele.

— Calla! Vá até Adne! — gritou Lydia. Ela corria atrás de Emile com mais duas adagas nas mãos.

Levantei-me com dificuldade e corri para o portal.

— Vá! Vá!— gritou Connor enquanto atacava um outro Bane veterano, a poucos metros da nossa rota de fuga. Guardião e Inquisidor rolaram na neve, produzindo uma nuvem brilhante de poeira branca. Avistei o brilho da adaga de Connor sob a luz do sol a cada corte que fazia no lobo. As presas do Bane mordiam em busca de carne, mas não a encontravam, pois Connor se contorcia e se esquivava, conseguindo manter-se longe do alcance da boca do lobo. Corri atrás dele, que conseguiu se defender dos dentes do Guardião com a parte cega de uma

das facas, enquanto usava a segunda com destreza contra o lobo. Com um chute, soltou o corpo frouxo do animal de sua espada e me seguiu.

Pelo canto dos olhos vi que Ethan protegia Lydia de um ataque, disparando uma quantidade impressionante de flechas, ao lado do portal. Mudei de forma, lutando para conseguir respirar, mas ansiosa para perguntar o que viria depois.

— Vamos! — Um braço surgiu do portal brilhante e Adne me puxou para dentro do ambiente aquecido da sala de treinamento do Purgatório enquanto Connor me empurrava para a frente, ambos tombando de fora da floresta nevada.

— Lydia, estamos a salvo! — gritou Ethan. — Volte! — Ele tinha dado dois passos na direção de Lydia quando quatro lobos surgiram da floresta e correram na direção do alfa Bane.

— Lydia! — gritou Ethan, disparando mais flechas.

Ela deixou de olhar para Emile e avistou os Guardiões que se aproximavam. Atirou duas adagas nos novos atacantes e conseguiu derrubar um e diminuir o ritmo de outro. Mas ao se virar e sair correndo pela neve na direção do portal, Emile saltou para cima dela, voando pelos ares.

A força de sua queda a derrubou, deixando-a coberta de neve. Os três lobos que restaram alcançaram Emile quando ele abocanhou a garganta de Lydia.

— Não! — gritou Connor, passando por mim na direção da porta. Mas Ethan estava no caminho, bloqueando a passagem. Ethan fez que não com a cabeça e então olhou para Adne.

Connor praguejou, mas não discutiu.

— Nós a perdemos, Adne — disse Ethan, sem se virar para ver Emile despedaçando o corpo de Lydia. — Feche a porta.

SETE



Tess estava encolhida no chão, enquanto Connor falava com ela em voz baixa.

— É melhor levá-la conosco — disse Ethan a Isaac. — Eles podem enviar outro Ceifeiro temporariamente. Eu continuo atuando até Anika resolver o que vai fazer.

Isaac concordou com a cabeça.

Sentei à mesa enquanto Adne construía uma porta de acesso à Academia e tentei refletir sobre o que havia acabado de acontecer. Lydia estava morta. Mal a conhecia, mas a forma como ela havia morrido me amargurava. O enjoo embrulhou meu estômago e me fez tremer. Escondi o rosto nas mãos.

Não conseguia afugentar a ideia de que eu havia sido a responsável por essa tristeza que recaía sobre meus novos aliados. Tess soluçava e cada choro seu era como uma lâmina cortando minha pele. Eu havia corrido para Sasha. Havia concluído que qualquer Nightshade seria um aliado. Não poderia estar mais equivocada. Minha suposição irresponsável havia custado a vida de Lydia.

Alguém tocou meu ombro. Ergui a cabeça e vi Adne olhando para mim.

— A porta está aberta — disse ela.

Eu a segui pela porta brilhante. Tess chorou nos ombros de Isaac quando ele a abraçou, murmurando palavras de adeus, antes que Connor a pegasse pela cintura e a guiasse pela porta de Adne.

Quando passei por Ethan a caminho da porta, ergui o braço e o peguei pela manga da jaqueta. Devia ter sido mais sábia e escolhido outra pessoa, mas as palavras queriam saltar da garganta:

— Sinto muito — sussurrei.

Ele sacudiu a minha mão para longe, mas seu olhar era mais triste do que zangado.

— Não sinta, isso é o que nós somos.

Pude ver essa verdade na prática. Com exceção de Tess, os Inquisidores carregavam a tristeza nas costas e seguiam em frente de uma forma que era ao mesmo tempo brutal e bela.

— Me atualizem assim que puderem — disse Ethan.

— Pode deixar — respondeu Adne, e fez sinal para que eu passasse.

Anika nos aguardava. Os olhos afiados como flechas estavam fixos em Tess, que lutava para conter as lágrimas.

— Lydia? — perguntou Anika. Tess desabou novamente e Anika baixou a cabeça.

— Nosso agente também — acrescentou Connor.

— Tess, é melhor você ir descansar no seu quarto, na ala Haldis — sugeriu Anika.

Tess concordou. Quando ela já havia partido, Anika aproximou-se de Connor.

— O que aconteceu?

— Não sei direito. — Connor esfregou a nuca. — Quando cheguei ao local do encontro, Grant estava morto. Estava sangrando havia pelo menos uma hora. O corpo já estava congelado.

Anika franziu a testa e desviou os olhos para mim.

— E a matilha?

Balancei a cabeça negativamente, sem saber se deveria contar a eles sobre Haldis e minha teoria de que as rotas das patrulhas haviam sido alteradas. Sobre a péssima interpretação que fiz. Em face do que tinha acabado de acontecer, achei melhor não contar nada.

— Os lobos que encontramos nos atacaram sem hesitar — disse Connor.

Com a garganta seca, consegui balbuciar:

— Alguma coisa mudou.

— O quê? — Connor me encarou, severo.

— Um dos lobos que nos atacou era Nightshade — prossegui. — Não era da minha matilha, mas era uma veterana. E estava sendo liderada pelos Banes.

— Tem certeza? — Anika semicerrou os olhos.

— Tenho. — Forcei a voz para que permanecesse estável. — O lobo que matou Lydia é Emile Laroche.

— O que você disse? — Monroe estava de pé na soleira da porta de entrada do lugar, ao lado de Shay.

Adne cruzou o salão e pôs o rosto sobre o peito de Monroe.

— Perdemos Lydia — informou Connor, observando Monroe abraçar a filha. Era a primeira vez que via os dois agirem como pai e filha.

— E foi Emile? — perguntou Monroe, acariciando os cabelos de Adne. — O alfa Bane?

— Foi — respondi.

O grupo de Inquisidores próximo a Anika havia se fechado em um círculo estreito, e palavras sussurradas passavam de um para o outro.

Shay veio em minha direção e fui ao seu encontro. Não hesitei quando ele estendeu os braços. Minha cabeça girava. Coisas haviam acontecido em Vail. E que eu não conseguia compreender. Debrucei-me sobre ele e deixei que seu cheiro me invadisse os sentidos, me dando equilíbrio.

— Você está bem? — sussurrou ele.

— Não estou ferida. — Mantive o tom baixo. — Mas coisas aconteceram.

Ele me abraçou com mais força.

— O quê?

— Aqui não — murmurei.

Ele me beijou no topo da cabeça.

Monroe nos olhou, seu rosto estava sombrio.

— Vamos precisar discutir isso com Silas.

Anika concordou.

— Ele deve estar no escritório.

Adne já havia deixado o abraço do pai e agora enxugava as lágrimas.

— Vou com vocês.

— Devia descansar um pouco.

— Não. — Qualquer vestígio de vulnerabilidade havia se desvanecido, substituído por sua habitual expressão rebelde.

— Então vou também — disse Connor. Ele observava Adne. Vi perguntas brilhando em seus olhos ansiosos.

Não entendia por que estava sendo tão zeloso. Adne me passava a ideia de alguém nada menos que feroz, e estava enfrentando a situação

incrivelmente bem, levando em consideração que... ah. De repente, a preocupação de Connor fez sentido.

Havia sido a primeira missão de Adne como a nova Tecelã, a primeira vez com o grupo Haldis, e haviam perdido duas pessoas. Será que ela estava realmente encarando tudo com serenidade como os demais Inquisidores ou era apenas encenação até que estivesse sozinha?

— Por aqui — disse Monroe, que franziu a testa para Adne antes de nos conduzir para fora do salão.

Em vez de virar para o corredor, ele passou pelas portas de vidro. O ar que vinha do pátio era gélido, mas Monroe não demonstrou qualquer reação ao avançar pela passagem. Olhei de relance a terra árida, dava para ver trilhas sinuosas e fontes secas sob nós. Ninguém falou enquanto caminhávamos. Nossa respiração preenchia o ar com pequeninas nuvens brancas. O pátio era gigantesco. Havíamos caminhado quase um quilômetro quando Monroe abriu as portas do outro lado da Academia.

Enquanto a arquitetura do corredor por onde havíamos passado era idêntica à da ala Haldis, o design ali era surpreendentemente diferente. Haldis, das paredes à madeira escura do salão tático, estava repleto de cores quentes e ricas de ocre, carmim e mogno.

O espaço em que havíamos entrado cintilava como se houvesse sido esculpido em gelo. O azul glacial, lavanda, prateado e o branco brilhante cobriam as paredes. As cores produziam ondas e se espiralavam, acompanhadas de um farfalhar silencioso como o do som suave de uma brisa estável.

— Onde estamos? — perguntei. A mudança constante de cores nas paredes causava a impressão de que tudo a nossa volta se movia.

— Esta é a ala Tordis. — Monroe se virou olhando por sobre o ombro. Notei que ele ainda caminhava e que eu havia ficado para trás. Por mais

incrível que fosse o lugar, os Inquisidores, e mesmo Shay, já deviam ter passado por ali antes. Nem pareciam reparar na sua beleza, ou, se reparavam, não estavam tocados o bastante para comentar.

— Quantas alas mais existem?

— Quatro — disse Monroe enquanto eu o alcançava. — Haldis, Tordis, Pyralis, Eydis.

— Terra, ar, fogo e água — murmurou Adne.

— Os quatro elementos. — Shay olhava de relance para as paredes também. Talvez ele também estivesse ali pela primeira vez. — Tordis é ar.

Monroe fez que sim com a cabeça.

— Cada elemento possui características específicas. Precisamos das qualidades dos quatro para sobreviver, mas cada Inquisidor se especializa ao entrar na Academia.

— O que é Haldis?

— A terra produz guerreiros — disse Connor, beliscando a bochecha de Adne. — Nós somos os mais durões.

— Você bem que gostaria. — Adne deu um murro no braço de Connor. — Além disso, Pyralis também faz Combatentes. Haldis é conhecida por seus Ceifeiros... ou Guias.

Ela olhou para Monroe, que inclinou a cabeça sutilmente.

— E você? — perguntei a Adne. — Você não é treinada em Haldis? Mas trabalha com eles?...

— Como eu disse. — Monroe parou em frente a uma porta de pinho estreita e com entalhes intricados. — Precisamos de todos os quatro elementos para sobreviver. Os Tecelões trabalham com todas as divisões porque a criação de portas pede o uso de todos os elementos em sintonia.

— Uau — disse Shay, erguendo uma das sobrancelhas para Adne.

— Não é tão impressionante quanto parece — respondeu ela, lançando um olhar sombrio para o pai.

— Claro que é. — Connor despenteou o cabelo de Adne e ela lhe mostrou a língua.

— Mas a maioria de nós permanece em uma única divisão. — Monroe bateu à porta.

— Tordis, o ar, é o elemento do intelecto. Os Escribas treinam e vivem aqui.

A porta se abriu e Silas apareceu. Tinha os braços carregados de pergaminhos.

— O que foi? — Fez uma careta para Monroe. — Estou no meio de algo importante.

— Perdemos o Grant.

Os pergaminhos caíram no chão e o rosto de Silas ficou lívido.

— Não.

— Sinto muito. — Monroe passou por ele e fez sinal para que o seguíssemos.

Silas continuava petrificado no corredor quando passei por ele.

— Uhm... — Shay olhou em volta. — Isto é um escritório?

Era uma boa pergunta. Parecia que todos os dicionários do planeta haviam ido para lá ter uma morte pavorosa. O piso estava coberto por papéis. Torres de livros balançavam precariamente como se fossem monumentos prestes a desabar.

— Não toquem em nada. — Silas, aparentemente já recuperado do choque, me deu um empurrão e caminhou em direção a sua mesa, ou ao que parecia ser uma mesa, enterrada sob mais papéis e mapas, como se pisasse em campo minado.

Connor caminhou com pressa pelo ambiente, chutando livros e pilhas de anotações para longe.

— Droga, Connor! — gritou Silas. — Agora não vou conseguir achar o que preciso.

— Não é problema meu — disse Connor, sentando-se em uma cadeira pouco depois de tirar livros de cima dela. — Como se eu desse a mínima para os seus privilégios especiais de criança-prodígio. Só porque a Anika mima você não quer dizer que eu também tenha que mimar.

Monroe andou pelo quarto com um pouco mais de cuidado, seguido de Ariadne e Shay. Resolvi tomar o caminho que Connor já havia limpado.

— Tem mais cadeiras, Silas? — perguntou Adne.

— Este é o meu escritório — resmungou Silas. — Não é o arquivo de Tordis. Não costumo ter companhia.

— Pode sentar no meu colo. — Connor piscou para Adne e deu tapinhas nas coxas.

— Que cavalheiro — murmurou ela, apoiando-se na mesa de Silas.

— Estamos bem em pé — disse Monroe.

— Vão me contar como perdemos um agente? — Silas tateava por entre montes de pergaminhos. Localizou uma caneta e um papel em branco e começou a rabiscar.

— Não tenho certeza — disse Monroe, olhando-me de relance.

Encarei-o por um instante, e então percebi que queria que eu tomasse a liderança. *Bem, era isso o que eu era, certo?* Endireitei a postura, surpresa embora satisfeita por Monroe reconhecer meu lugar de alfa.

— Tem alguma coisa errada com as alcateias de Guardiões — comentei. — Não sei bem o que aconteceu, mas as patrulhas que conhecia não estão mais acontecendo.

Silas franziu os lábios e então fez que sim com a cabeça para eu continuar.

— Emile Laroche estava liderando os lobos Nightshades — disse, e senti os ombros enrijecerem ao me lembrar da luta com Sasha. — Ainda não consigo imaginar como isso é possível.

Ao mencionar o nome de Emile, os maxilares de Monroe trincaram.

— O alfa Bane estava patrulhando com os Nightshades? — Silas não tirava os olhos do papel enquanto escrevia.

— Não patrulhando — falei, sentindo um frio na barriga. — Caçando. Estavam nos caçando.

A caneta escorregou dos dedos de Silas. Seus olhos estavam esbugalhados quando se encontraram com os meus. — Acha que eles sabiam que nosso grupo estava indo para lá?

— Se não sabiam, pelo menos não pareciam surpresos — respondi. — Acho que eles estavam, sim, esperando por nós.

— Devem ter conseguido a informação de Grant antes de matá-lo. — Silas suspirou.

— Acho que não — disse Connor. — Fui eu que o encontrei. Parecia que tinha sofrido uma cilada e sido morto instantaneamente.

Silas franziu a testa.

— Então devem ter conseguido a informação de fontes próprias.

— Está falando de espiões aqui? — perguntou Shay. — Acha que vocês têm um dedo-duro?

— Claro que não — bramou Silas. — Nossa gente não é vira-casaca. Estou falando da gente dela.

Ele apontou para mim. Fiquei sem ar. Demorei menos de um segundo para mudar de forma e saltar em cima da mesa de Silas, rosnando. Meus

dentes morderam o ar a centímetros de distância de seu rosto. Silas berrou, caiu para trás com a cadeira e deu uma cambalhota de costas.

— Calla! — gritou Monroe.

Voltei à forma humana, ainda agachada sobre a mesa.

— Como assim "a minha gente"? — Lancei um olhar fulminante para Silas, que me apontava um abridor de cartas.

— Você sabe que ela não é um lobisomem, não sabe? — Shay debochou do Escriba. — Esse negócio de prata não vai servir de muita coisa.

— Monroe! — Silas olhou apavorado quando me pendurei sobre a borda da mesa, pronta para saltar.

— Calla, por favor — pediu Monroe.

Não olhei para ele.

— Explique o que quis dizer, Silas.

Ele engoliu em seco.

— Só quis dizer que seus companheiros de matilha são as fontes de informação mais prováveis sobre você e Shay. Possivelmente estão sendo interrogados.

Estremeci e quase perdi o equilíbrio.

Estão sendo interrogados.

— Mas… eles não sabem nada — gaguejei. — Só eu e Shay sabíamos... ai, Deus.

— O quê? — Connor se inclinou. Senti o sangue se esvair do meu rosto.

— Ren — sussurrei. — Ren sabia.

— O quanto ele sabia? — A voz de Monroe estava vacilante.

— Contei a ele sobre Corinne, que os Defensores a executaram. — Lutei com as lembranças embaçadas daquela noite. — Contei que Shay é

o progênito.

— Merda — disse Connor. — Lá se vai nossa aliança.

— Por quê? — perguntou Shay.

Silas levantou-se lentamente, sem tirar os olhos de mim.

— Porque eles mantêm esses lobos mais jovens privados de liberdade até terem certeza do limite de suas lealdades. Não vamos conseguir chegar até eles.

Monroe cobriu o rosto com as mãos. Praguejou e deu um golpe com o punho fechado, lançando uma pilha de livros pelos ares.

— Sinto muito — disse Adne ao pai.

Ele não respondeu.

Connor se levantou, pegou uma cadeira para Monroe e se sentou no chão de frente para ele. Monroe fez um sinal positivo com a cabeça, grato, sentou-se e descansou os cotovelos sobre os joelhos, perdido em pensamentos.

— Já que esta opção está descartada — falei —, e agora?

Deslizei para fora da mesa, ignorando o modo como Silas se curvou quando passei por ele.

— Não quero desistir da minha matilha — disse eu. — Não podemos simplesmente abandoná-los.

Sabia que Ren corria perigo, mas imaginar Bryn e Ansel sendo interrogados era ainda pior. Eles não sabiam de nada. O que quer que tivesse acontecido a eles era exclusivamente minha culpa. Meus segredos os haviam colocado em perigo.

— Não os abandonaremos — respondeu Monroe, olhando para a frente. — Mas agora nossa missão é de resgate. Não é uma aliança. Ao menos, não imediatamente.

— E precisamos de mais informação antes de sequer pensar em resgate — opinou Silas, recuando sobre uma estante quando o encarei.

— Ele tem razão, Calla — disse Adne. — Não podemos entrar em Vail às cegas. Talvez só estejam interrogando o Ren, mas também podem estar interrogando seus companheiros de matilha.

Olhei para Shay. Ele relutou, mas fez que sim com a cabeça.

— E então? — retruquei. — Apenas esperamos?

— Não. Esperar não é uma opção — disse Monroe.

— Está na hora da bomba nuclear. — Connor sorriu para Silas. — Certo?

— Esta é a pior metáfora que já escutei. — Silas voltou para sua mesa, resmungando enquanto levantava papéis que eu havia despedaçado.

— Do que estão falando? — Shay franziu a testa.

— Ainda não se deu conta, garoto? — Connor lançou um olhar de cima a baixo para Shay. — Estamos falando de você.

— De mim? — Shay olhou espantado.

Monroe ergueu os olhos. Estavam injetados.

— Silas, é chegada a hora.

— Hora de quê? — perguntei. Ainda estava com a cabeça na minha matilha. Em Ansel e Bryn. Meu peito queimava na tentativa de afugentar as imagens de tudo que poderia ter acontecido a eles. E que ainda podia estar acontecendo.

— De Shay aprender quem ele é — disse Monroe.

— Eu sei quem sou — retrucou Shay.

— Quer apostar? — Connor deu uma risada. — Você vai ter uma surpresa... ou cem. Dobro sua aposta.

— Deixa ele em paz — repreendeu-o Adne.

— Quer a história ou um plano? — perguntou Silas.

— Um plano — respondi. — O que Shay pode fazer para salvar minha matilha?

— Não muito — respondeu Silas. — Primeiro precisamos juntar as peças.

— Peças? — Shay franziu a testa para o Escriba. — Que peças?

— As peças da cruz — replicou Silas em um tom simpático, como se isso explicasse tudo.

— As peças da cruz? — As sobrancelhas de Shay franziram ainda mais.

Com uma das sobrancelhas arqueada, Silas se inclinou para a frente, e lançou uma pergunta para Shay que mais parecia uma acusação:

— Quanto de *A guerra de todos contra todos* você leu, exatamente?

Saí em defesa de Shay:

— Escuta aqui, professor, estávamos fugindo para salvar nossas vidas assim que descobrimos que o progênito seria sacrificado em um altar no dia de Samhain. E, pelo que entendi, se não tivéssemos chegado até aqui, seu grupo estaria até hoje tentando salvá-lo e provavelmente fracassaria. Cuidado com o que diz. — Mostrei meus caninos afiados para ele.

Uma onda de perplexidade invadiu o ambiente. Connor deu uma risada debochada para Silas quando o viu pegar o abridor de cartas novamente.

Monroe ergueu uma das mãos.

— Ela tem razão, Silas, não é todo mundo que pode se dar ao luxo de dedicar suas vidas ao estudo como você. Temos sorte por eles estarem aqui e é inútil acusá-los por não terem conseguido compreender toda a história antes de fugir.

Silas tremeu como se estivesse se esforçando para não vomitar, mas momentos depois olhou Shay com tristeza.

— Desculpe.

Shay retribuiu com um sorriso desanimado.

— Apenas lemos fragmentos.

— Tudo bem então. — Silas respirou fundo, como se estivesse tentando quebrar o recorde em nado debaixo da água. — Cada um dos lugares sagrados possui uma parte da cruz. Você precisa carregar a cruz como descreve a profecia. É a única forma de vencermos. — Depois que as palavras saíram, ele soltou o restante do ar de forma explosiva e trincou os dentes.

— Escrever sinopses seria uma profissão impensável para você, Silas — murmurou Connor. — Sua capacidade de resumir é zero.

— E de ser razoável também — murmurou Adne, sorrindo para Shay, que riu, mas evitou encontrar os olhos magoados de Silas.

— Resumir é blasfemar — contrapôs Silas.

Inclinei-me para a frente, hesitante, sem paciência para uma nova insinuação crítica.

— Não entendo. Shay já carrega a cruz. Ele possui a tatuagem.

Connor riu.

— Cara, que pena que não aceitou a aposta.

Eu e Shay trocamos olhares confusos.

Silas parecia um ganso prestes a botar ovos de ouro.

Shay franziu a testa.

— E?

— A tatuagem é apenas uma marca de quem você é, um sinal para aqueles que o buscavam. Não é a cruz. — O brilho nos olhos do Escriba estava tão forte que quase não dava para encará-lo, sobretudo pela soberba.

— Então o que é a cruz? — perguntei em voz baixa.

Monroe não me olhou; seus olhos castanhos estavam fixos em Shay. Um suspiro sóbrio, quase arrependido, soou de sua garganta.

— É uma arma.

OITO



— Uma arma? — A pergunta de Shay saiu num sussurro, mas não demonstrava medo.

— Tecnicamente são duas armas — disse Silas com entusiasmo. — Mas foram feitas para serem usadas em sintonia. Como uma única força.

— Duas armas? — perguntei.

— É — disse Monroe, ainda com voz grave. — Duas espadas.

— Espadas? — Shay franziu a testa.

— A Cruz Elementar — explicou Silas. — Uma espada da terra e do ar e a outra do fogo e da água. Se olhar o sinal, verá que cada barra da cruz possui a extremidade afiada. São pontas de espadas.

— Espadas — repetiu Shay, parecendo frustrado e um pouco desapontado.

— O que foi? — perguntei.

Ele fez uma careta e olhou para as mãos.

— Shay? — Monroe se inclinou para a frente, testa franzida.

— É que... é tão previsível — murmurou Shay. — Nunca me vi lutando com espadas. Principalmente agora que sou um lobo.

Uma corrente de calor passou por minhas veias com as últimas palavras e precisei desviar os olhos de Shay para acalmar a súbita palpitação no coração. *Talvez ele entenda de verdade o que significa ser um Guardião. Se isso fosse verdade ele poderia ajudar a liderar minha matilha, a qual, na minha opinião, valia mais do que qualquer arma.*

— Não se trata de espadas quaisquer — disse Monroe. — Você é o único capaz de usá-las.

O único? Era impressionante. Olhei para Shay; sua expressão era de curiosidade e desconfiança. Cruzou as mãos e voltou a franzir a testa.

Caí na risada, pois finalmente entendi o porquê de sua frustração e arrependimento.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo, Shay, mas talvez não seja tão eletrizante quanto um chicote... ou um furador de gelo.

— Furador de gelo? — Connor se animou.

Shay fez que sim com a cabeça, mas manteve os olhos baixos.

— Aposto que agora se arrepende de não ter lido mais as histórias em quadrinhos dos ninjas, hein? — Eu não conseguia parar de rir.

Adne olhava para mim e Shay alternadamente.

— Do que estão falando?

— Das aspirações de infância do Shay — respondi com um sorriso provocador. — E dos manuais de treinamento favoritos dele.

— Espadas parecem tão... *sem graça*. — Ele balançou a cabeça.

— Se está procurando por inspiração nos quadrinhos, *Path of the Assassin* ou *Shaman Warrior* são as melhores pedidas — sugeriu Silas. — Muita luta com espadas e uso de duas espadas ao mesmo tempo, o que você vai precisar dominar. Posso emprestar minha coleção.

Shay ficou um pouco mais animado e sorriu para o Escriba.

— Vamos continuar o treinamento que você começou na Academia nesta semana — disse Monroe. — Isto não vai ser problema. Connor pode cuidar disso.

— Posso ajudar. — Adne lançou um olhar sombrio para Monroe. Ele franziu a testa.

— Ela tem razão — disse Connor. — Sei que ela não é Combatente, Monroe. Mas Adne tem habilidades incríveis de combate. — Ele piscou para Adne. — Tenho certeza de que vai ter fila para ver o primeiro embate dela com o progênito.

Adne sorriu para ele.

— Viu, Monroe?

— Muito bem. — Ele suspirou. — Adne vai ajudar no treino.

— Precisamos juntar as quatro peças da cruz antes de qualquer coisa — lembrou Silas.

Apesar da raiva, a mente estava a mil. Partes da cruz. Shay disse ter visto quatro mapas no livro dos Defensores. Seria Haldis uma das peças? E que tipo de peça era? Não se parecia com nenhuma arma que eu já tinha visto... A não ser que... A Cruz Elementar era composta de duas espadas. O cilindro que havíamos encontrado na caverna obviamente não era uma lâmina, mas eu sabia o que poderia ser. Principalmente, porque Shay era *o único capaz de usar as espadas.* E ele era o único capaz de tocar Haldis. Só podia ser isso.

— Não — disse em voz baixa. — Restam apenas três partes.

Todos ficaram em silêncio, olhos arregalados para mim.

— O quê? — disse Silas finalmente.

— Eu e Shay entramos na caverna Haldis — respondi. — Ele tem a parte que estava escondida lá.

Shay empalideceu.

— É... Não tinha contado sobre Haldis ainda, Cal.

— Eu sei. — Deixei que meu olhar exprimisse exatamente o que achava *daquela* decisão. — É *o cabo. Não é? O cabo da espada*?

— É. — Monroe se virou e encarou Shay. — O que vocês não contaram para a gente sobre Haldis?

Shay meteu a mão no bolso interno da jaqueta.

— Desculpe. É que não sabia se podíamos confiar em vocês. Mas acho que a esta altura isso é irrelevante. — Ele revelou o cilindro ocre e reluzente.

O silêncio no ambiente era tão denso que tive a impressão de que se estendesse os braços seria capaz de agarrá-lo.

— Quando você recuperou Haldis? — murmurou Monroe, finalmente. Seus olhos estavam vidrados no estranho objeto.

— Eu e Calla fomos inspecionar a caverna em outubro — disse Shay, rolando o cilindro para a frente e para trás nas palmas das mãos. Quanto mais olhava para aquilo, reparando o encaixe perfeito dos dedos dele no formato do cilindro, mais convencida ficava da minha suposição.

— Foi quando Shay usou o furador de gelo — acrescentei. — Os Defensores deixaram uma aranha gigante tomando conta de Haldis. Shay a matou.

— Com furadores de gelo? — Connor arregalou os olhos.

Shay estremeceu.

— Foi horrível.

— Não sei, mas — falei, com um sorriso se formando em meus lábios ao lembrar da luta — você derrotou aquela fera sem muita dificuldade.

— Com furadores de gelo? — repetiu Connor, observando Shay como se o visse verdadeiramente pela primeira vez.

— É — disse Shay, mas parecia se sentir um pouco mal. Agarrou o cilindro levemente brilhante com mais força.

Silas bufou e se inclinou sobre a mesa até encontrar uma bolsa de couro meio enterrada entre a montanha de papéis. Ao se levantar, ele tinha posto um par de luvas grossas de couro. Avançou na direção do objeto cintilante.

Abri a boca para falar, mas fechei-a em seguida e apenas observei. Ele tocou no objeto liso, soltou um grunhido e cambaleou para trás, sacudindo a mão. O restante dos Inquisidores tinha os olhos sobre Silas.

— Que estranho — disse ele, e tentou tocar em Haldis novamente.

— Não faria isso se fosse você — avisei com tranquilidade. — A dor vai piorando a cada toque.

Todos focaram os olhos em mim. Continuei firme e retribuí cada olhar com severidade.

— Você sabia que eu ia me machucar? — A voz de Silas borbulhava de revolta.

— Não sabia — refutei. — Bem, não tinha certeza. Achei que talvez. Achei que talvez só os Guardiões não pudessem tocá-lo. Mas pelo visto só o Shay pode.

Os olhos de Silas se abriram ainda mais.

— Mesmo com luvas encantadas?

Esse cara era maluco.

— Achou que luvas seriam suficientes para tocar Haldis?

— Bem, tinha uma teoria... — Ele coçou a cabeça.

Monroe grunhiu, baixando a cabeça e a cobrindo com as mãos.

— Silas, você não disse que era uma teoria. Você jurou que funcionaria. Dissemos a Anika que funcionaria!

— Imbecil — disse Connor, bufando. Ele se aproximou um centímetro de Shay e observou Haldis, mas manteve uma distância segura.

— O que foi? — perguntou Shay, franzindo a testa ao ver a expressão de derrota nos rostos dos Inquisidores.

— Silas planejou os mais recentes ataques dos Combatentes. — Adne deu um sorriso amarelo. — Nossos grupos de ataque vinham tentando entrar nos lugares na esperança de reunir as partes da cruz e mantê-las em segurança até a chegada do progênito.

— Mas nenhum de vocês pode tocá-las — concluí. Minha confiança nos Inquisidores vacilou um pouco. Conseguiriam mesmo ajudar minha matilha cometendo erros como este?

— Não sabíamos disso. — Connor encarou Silas. — E dezenas de Combatentes perderam suas vidas somente na tentativa de se aproximar dos locais.

Olhei para o chão, caindo na real e percebendo que tínhamos cometido o mesmo erro hoje. *Não posso culpá-los. Todos estamos dando o melhor de nós.*

Silas se mostrou levemente desanimado.

— Tinha certeza de que funcionaria.

— Por que estão tão focados nessas partes? — perguntei. — O que há de tão especial nas espadas?

— A Cruz Elementar é a única arma capaz de eliminar os espectros. — A voz de Monroe estava morbidamente baixa. — Quando o progênito conseguir usar as espadas, ele extinguirá os espectros do planeta, derrotará as criaturas das Trevas. Até o próprio Bosque Mar. Nada além da cruz é capaz de fazer isso.

Shay encarou Monroe, seu rosto tornou-se subitamente lívido.

— Posso lutar contra os espectros?

— Pode — disse Monroe, pousando a mão sobre o ombro de Shay. — Você pode e vai. Quando chegar a hora.

Silas, aparentemente recuperado de seu momento de humilhação, se pronunciou:

— Precisamos recuperar a Cruz Elementar. É a única coisa que nos trará a vitória sobre os Defensores.

Concordei com um aceno de cabeça, tentando imaginar que tipo de poder era necessário para derrotar Bosque e sua horda.

— Por que escondeu isso da gente? — Monroe se virou para Shay, os olhos carregados de raiva.

Shay olhou em volta, os rostos abatidos, e suspirou.

— Desculpe. Mas não estava convencido de que vocês eram os bonzinhos da história. Não confiaria em vocês até Calla confiar.

Mordi o lábio, grata por suas palavras, mas triste pelo que isso havia custado aos Inquisidores.

— Tudo bem — disse Monroe com grosseria, cruzando os braços. — Vamos em frente. Pelo menos sabemos que os Defensores não podem tirar a arma de Shay depois que ele a tiver.

— Que bom que você já possui Haldis, Shay — disse Adne. — Uma viagem a menos.

Shay sorriu.

— Acho que sim. — Ele se virou para Silas. — Então, quem era a moça?

— A moça? — Silas ergueu a sobrancelha.

— A mulher que estava na caverna. Ela cantou e então todas as luzes se apagaram e de repente Haldis estava na minha mão.

— Ah. — Silas sorriu. — Era Cian.

— Quem? — Shay olhou para Silas, confuso.

— Guerreira, profetisa — respondeu Silas. — A única razão por que estamos aqui hoje.

— Ela foi a primeira Inquisidora — acrescentou Monroe. — E sua tia-avó de muitas gerações passadas. A linhagem do progênito começa com os antepassados de Eira e Cian.

— Quem era Eira? — perguntei.

A expressão de Monroe ficou mais tranquila, e em seguida ele fitou Shay.

— Sua notável avó. Era irmã de Cian e a primeira Defensora.

— Irmã? — Shay arregalou os olhos. — Como é possível?

Silas pigarreou.

— Ah, vamos acabar logo com isso. — Connor deu um grunhido. Sem cerimônia, deitou-se no chão e se espreguiçou, fazendo de travesseiro uma pilha de papéis.

— Não é uma história longa — murmurou Silas.

Connor não abriu os olhos.

— E é uma boa história — implorou Silas.

— Boa? — Então Connor abriu os olhos na mesma hora. — É um desastre sanguinolento, isso sim.

— Quis dizer que é *excitante* — consertou Silas.

— É, nossas vidas estão arruinadas e você chama isso de triunfo literário.

— Deixa ele contar a história, Connor — disse Adne bruscamente e fez sinal para Silas. — Era uma vez...

Silas sorriu radiante.

— O mundo espiritual não era ocultado dos humanos. Sociedades ao redor do globo misturavam-se com as forças da terra e as do mundo das

Trevas. Essa mistura é o que a maioria das pessoas chamaria de "mágica", mas é muito mais do que isso.

— Como assim? — perguntou Shay.

— A conexão com os poderes elementares da terra é natural. Algo que faz parte da vida de qualquer ser vivo no planeta. Tudo pertence ao mesmo sistema, às mesmas energias. A habilidade de tirar proveito dessas forças varia de pessoa para pessoa, mas a habilidade latente está aí para qualquer um.

— Então qual é o problema? — Shay franziu a testa. — Se a mágica é inerente às pessoas.

— Não apenas pessoas — corrigiu Silas. — Animais, plantas, terra, céu, pedra. Tudo.

— As forças elementares não são o problema, Shay — comentou Monroe, cabisbaixo. — Mas a magia do planeta não é a única que toca este mundo.

— Quer dizer a das Trevas? — perguntei. Um calafrio percorreu minha espinha. — De onde vêm os espectros e os súcubos?

Monroe fez que sim com a cabeça.

— Nada mau, loba — provocou Silas. — As Trevas existem como uma espécie de força oposta à da Terra. Nunca inteiramente parte deste mundo, mas sempre por perto. Como trens em trilhos paralelos.

— Ou como um irmão gêmeo mau. — Adne riu sem entusiasmo.

— Exatamente. — Silas assentiu com a cabeça. — À medida que mais humanos passaram a tirar vantagem do mundo espiritual, alguns acharam prudente tentar utilizar as forças das Trevas para benefício próprio.

— Por que não há nada disso registrado? — perguntou Shay. — Apesar de as pessoas sempre terem ouvido falar do mundo das Trevas.

— Desculpe — retrucou Silas. — Achei que você fosse uma pessoa culta. Nunca leu livros de história?

— Claro que já.

— Bem, se prestasse atenção, teria notado que até meados do século XIX as pessoas ainda falavam em bruxas, demônios e monstros o tempo todo.

— Achei que era só superstição. — As sobrancelhas de Shay se uniram.

— Entram a revolução científica e a era moderna. — Silas sorriu. — Uma salva de palmas para os Defensores.

Eu e Shay trocamos olhares confusos.

— Você está se antecipando, Silas — murmurou Monroe.

— Claro, minhas desculpas — disse o Escriba rapidamente. — A ideia de superstição é uma invenção moderna. E sua utilização, claro, serve como justificativa para todas as criaturas assustadoras que sempre foram reais e difíceis de serem controladas. Você é prova de que a superstição foi uma ferramenta muito útil e bem-sucedida no processo de reescrita da história.

Shay estava incrédulo:

— Você só pode estar brincando.

— Ele não está — disse Adne friamente.

— Então o que aconteceu de verdade? — perguntei, ainda me debatendo contra a redoma de mentiras em que havia estado por toda a minha vida.

— Como disse antes, o uso do poder elementar é bom e saudável, mas diletantes do reino das Trevas criaram problemas para eles e seus vizinhos. Criaturas das Trevas não se misturam bem com humanos.

— Como assim? — perguntou Shay.

— Você viu — falei. — Somos a comida deles. Espectros, súcubos e íncubos. Eles se alimentam das piores partes de nossa vida. Nutrem-se do nosso sofrimento.

O rosto de Adne estava lívido, mas ela se afastou bruscamente de Monroe quando ele tentou pegar sua mão.

— Ah — murmurou Shay. — Tem razão. Desculpe.

Silas acenou a mão com indiferença.

— Não tem problema. Mas, no passado, alguns humanos de caráter nobre resolveram tomar para si a tarefa de serem superiores na presença das Trevas. Restringiram a prática de pessoas irresponsáveis que andavam brincando com fogo e combateram seres das Trevas que se manifestavam na Terra.

— Mas não é possível combater os espectros — repliquei.

— Os espectros são criaturas recentes — explicou Monroe. — Bem, relativamente recentes, uns quinhentos anos ou pouco mais.

— Isto é recente? — Fiquei boquiaberta.

— Historicamente, sim — respondeu Silas. — Os espectros foram criados pelos Defensores. Antes de seu surgimento, bruxos eram capazes de convocar súcubos e íncubos — eles possuíam mais características humanas e por isso podiam passar para o lado de cá sem exigir muito esforço do convocador.

— Como surgiram os Defensores? — perguntei impaciente.

— Já chego lá — replicou Silas, indiferente ao meu tom. — Os guerreiros que se autoelegiam como sentinelas da ponte entre a terra e o mundo das profundezas eram bem-sucedidos. Vigilantes, pacientes e ferozes, evitavam o ataque das forças do inferno e a destruição que seus habitantes poderiam infligir a este mundo. Mas então uma cavaleira linda, carismática e aparentemente invencível em combate apareceu no

século XV. Ela imaginou um novo propósito para seus companheiros. Eira.

A voz de Shay era pouco mais que um sussurro:

— O que ela fez?

— Ela era ambiciosa — comentou Silas. — Defendia que os guerreiros eram capazes de muito mais do que apenas proteger a Terra, e que poderiam livrar-se das Trevas de uma vez por todas. Fechar as portas que ligavam o nosso mundo ao de lá de baixo.

— Parece uma boa ideia — comentei.

— E é — concordou Silas. — Mas os caminhos do inferno estão pavimentados de boas intenções.

— Neste caso, quase literalmente — murmurou Connor. Ele cobriu os olhos com os braços, mas dava para ver os músculos do maxilar e do pescoço tensionados.

Silas lançou um olhar de desprezo para ele.

— Eira decidiu que lideraria os cavaleiros nessa nova missão. Mas para fechar as portas entre os mundos, ela precisava descobrir como haviam sido abertas. Buscou dominar o saber das Trevas e isso a modificou.

— Como? — O rosto de Shay havia recuperado um pouco da cor natural.

— Ela encontrou a fonte, a origem do caminho que ligava as Trevas ao planeta Terra. Um ser mais poderoso do que qualquer humano jamais havia encontrado nos breves contatos com as forças ocultas. Essa criatura enviou seus emissários ao nosso mundo para que acumulassem poderes e os enviassem de volta para ele, tornando-o cada vez mais forte, ampliando as portas e possibilitando que mais e mais de suas criaturas se infiltrassem na Terra.

Estremeci, com a sensação de que estava sendo puxada para dentro de um túnel, de olhos vendados, e não queria descobrir onde estaria depois de ter a venda removida.

— Eira era forte, mas sua ambição provou ser mais poderosa. Acima de tudo, a criatura tinha esperanças de abrir um caminho largo o suficiente para que pudesse vir pessoalmente para o nosso mundo, dominá-lo. Seria o lorde não apenas de um, mas de dois reinos, o das Trevas e o da Terra. Ele prometeu a Eira um lugar ao seu lado se ela o ajudasse.

— E foi o que ela fez. — Monroe olhava as mãos, que tremiam.

— Ela não estava só — disse Silas. — Muitos guerreiros cansaram de proteger o mundo das forças do mal e de sacrificar suas vidas em troca. A fome de poder entre os companheiros de Eira também se mostrou enorme. Ela não encontrou dificuldade em reunir um grande número de fiéis seguidores.

— Os Defensores — disse Shay.

— Foi assim que se autodenominaram — explicou Silas. — Defensores de um poder grande demais para a maioria dos humanos. Eles se consideravam diferenciados, elite. Eleitos pelo destino para reinar na Terra e desfrutar do poder das Trevas.

— Mas é uma mentira — retrucou Connor.

— É mesmo? — murmurei. — Os Defensores reinam na terra; eles colhem todos os benefícios desse poder.

— É verdade — respondeu Monroe, olhos distantes e amargurados. — Mas o poder não pertence a eles, e eles vivem com medo de perdê-lo. No fim das contas, são escravos da mesma criatura que seduziu Eira. Nossas histórias o chamam de o Precursor. Vocês o conhecem como Bosque Mar.

NOVE



Shay ficou em silêncio no momento em que saímos do escritório de Silas. Não sabia se deveria conversar com ele, tocá-lo. Como eu me sentiria se tivesse acabado de descobrir que meu único parente "vivo" era na verdade uma espécie de lorde demoníaco?

Fiquei arrepiada. Havíamos descoberto verdades demais, removido montanhas, que preferia que ainda escondessem o horror debaixo delas. Sempre soube que meus mestres eram cruéis, mas agora precisava encarar sua real natureza: os Defensores não apenas usavam as forças das Trevas, eles se associaram às forças do mal por vontade própria. Aquele mundo misterioso possuía apenas criaturas que provocavam sofrimento, e seus horrores eram a fonte de poder dos Defensores. Um poder que eu havia lutado a vida inteira para proteger.

Avancei, forçando para a frente o corpo que resistia. Queria me fechar em mim como um casulo, fechar os olhos e fazer a verdade se dissipar em sonhos. Desejei que Bryn estivesse comigo nesse momento para conversarmos sobre o assunto — não tinha dúvidas de que arranjaria uma forma de implicar comigo. Suas piadas sempre contra-atacavam minhas dúvidas. Sua risada contagiante aplacava minha tensão

quando precisava tomar decisões difíceis como alfa. A imagem de seu sorriso me invadiu como uma onda de culpa. Onde ela estava agora? Será que os Defensores tinham machucado Bryn?

— Deviam descansar um pouco — aconselhou Connor. — Vou levá-los de volta aos seus quartos.

— Conheço o caminho — disse Shay, agarrando meu braço. — Não precisamos de escolta.

— Cuidado, garoto — disse Connor. — Ainda é nosso convidado. Demonstre um pouco de respeito.

— Garoto? — Shay engrossou; a mão apertou meu braço com força. — Você é só três anos mais velho que eu.

Connor endireitou os ombros e tocou o punho da espada.

— Aposto que você não teria estômago para as coisas que já vi. Progênito ou não.

Vi aonde aquilo ia dar.

— Parem com isso, vocês dois. — Estávamos todos exaustos e no limite.

— Ela tem razão — disse Adne. — Já tivemos nossa cota de estresse por hoje. Não precisamos de sangue como *gran finale* para este dia desagradável.

— Não é essa a verdade. — Connor não soltou o punho da espada.

Tentei reprimir a irritação examinando os veios de cristal que se entrelaçavam pelas paredes. Mesmo nos corredores, agora iluminados apenas por centelhas de candeeiros em intervalos regulares, as nervuras emitiam um brilho sutil. À medida que caminhávamos, as cores de Tordis, semelhantes a teias de gelo cobrindo as paredes, foram ganhando tons de rosa e amarelo pálido. A intrincada trama de luzes de múltiplos tons começou a se contorcer e tremer. Em seguida, o escarlate e o laranja

flamejante saltaram ao longo das paredes a nossa volta, como se tivéssemos acabado de entrar em uma fornalha.

As cores não foram as únicas coisas que haviam mudado. A temperatura havia aumentado, mas, em vez de ser um calor agradável, deixou-me desconfortável. Espirrei, sacudindo a cabeça para tentar afugentar um odor estranho e desconhecido, ao mesmo tempo que Shay torceu o nariz.

— O que é *isso*? — perguntou ele.

A mistura invisível que invadia minhas narinas tinha ingredientes familiares — pimenta-preta, sálvia, cravo e cedro —, mas a combinação de odores era insuportável. Meus olhos ardiam e lacrimejavam. O calor na pele começou a me causar coceiras, uma sensação desconfortável como se estivesse sendo picada por vários mosquitos. Shay grunhiu, coçando os braços.

— Ah. — Connor olhou-nos de canto de olho. — Devíamos ter cortado caminho pelo pátio.

Shay começou a tossir e lançou um olhar acusador para Connor.

— Não se preocupem — disse Adne. — Já quase passamos.

— Passamos pelo quê? — Cobri o nariz e a boca com as mãos e também comecei a tossir, como se inalasse fumaça.

— Aqui é Pyralis, e estamos passando pela Botica — explicou Adne, apontando para um par de portas que se assemelhavam às do centro tático de Haldis, mas os triângulos sobre as portas da Botica eram planos, com seus cumes apontados para cima.

— Desculpe — resmungou Connor. — Não me dei conta de que poderia afetar vocês.

— Por que não incomoda vocês? — perguntei, fazendo respiração cachorrinho, mas, após passarmos pelas portas, os cheiros pungentes

haviam começado a se dissipar.

— A Botica produz nossos encantamentos. Os componentes que usamos para deixar nossas armas mais eficazes contra… — Adne fez uma careta de constrangimento ao olhar para mim.

— Guardiões.

Passei a língua pelos caninos afiados.

"*Flechas encantadas, espero que esteja curtindo a viagem.*" Que bom que Ethan estava no Purgatório. Se estivesse caminhando ao seu lado agora, com o peito ofegante ao lembrar do veneno dos Inquisidores serpenteando em minhas veias, não sei se teria conseguido não arrancar um pedaço de carne de seu braço.

— É — acrescentou Connor. — Devem ficar longe de Pyralis. Nunca será um lugar agradável para vocês visitarem.

— Obrigado pela dica — resmungou Shay, soltando o colarinho da camisa, com o qual esteve cobrindo o nariz.

Soube que havíamos chegado a Haldis quando as sombras furiosas pararam de bruxulear sobre as paredes e se tornaram os escuros matizes suaves que ondulavam no fundo do solo. Os gases ardentes de Pyralis haviam se dissipado. Respirei fundo algumas vezes, desfrutando o ar limpo que aliviava a dor nos pulmões. A coceira diminuiu, embora tanto eu quanto Shay ainda tivéssemos arranhões pelos braços como recordações da breve passagem pela Botica.

— Então cada ala representa um dos quatro elementos da natureza? — perguntei. — Terra, ar, fogo e água?

Depois de ter visto as três alas, fiquei curiosa para saber como era o setor da Academia representando o elemento água.

— É — disse Adne.

— Bonito, não é? — perguntou Connor. — Um lugar legal para chamar de lar.

— Obrigada. — Adne sorriu para ele.

— Hã? — Franzi a testa.

Connor riu.

— Os Tecelões fazem fios por todo o edifício. Mas Adne resolveu atribuir-se todo o mérito.

A tensão nos ombros aliviou um pouco com a risada de Connor. Notei que estava voltando ao normal. O efeito instantâneo de suas provocações deixou evidente o quanto seu humor fatalista poderia ser uma vantagem para seus aliados. Mesmo que fosse geralmente irritante.

— Fios? — perguntou Shay.

— É a chave para movermos a Academia — disse ela, esfregando a testa. — Mas, honestamente, minha cabeça está explodindo. Posso maravilhar vocês com minhas habilidades ensandecidas outra hora?

Ela parou em frente a uma porta.

— Esta é a sua, Calla.

Connor sorriu para mim com malícia.

— Estou logo adiante no corredor se tiver pesadelos, lobinha. A cama é grande o suficiente para ser compartilhada, contanto que não morda... com força.

Agarrei Shay antes que ele partisse para cima de Connor.

— Você precisa relaxar — resmungou Connor, balançando a cabeça ao ver que Shay tinha os punhos fechados.

— Caramba, Connor — chiou Adne. — Dor de cabeça, lembra? Será que consegue guardar seus comentários por hoje?

— Desculpe.

Fiquei chocada. Ele nunca havia se desculpado pelas piadinhas antes. Connor foi até ela e tirou alguns fios de cabelo que cobriam os olhos de Adne.

— Você devia dormir um pouco.

— Não está tarde o suficiente para dormir. — Achei tê-la visto estremecer. — Mesmo que fosse, acho que não vou conseguir.

— Podemos conversar então — disse ele. Qualquer rastro de seu humor brincalhão havia desaparecido.

Ela o fitou em silêncio por vários instantes e então assentiu com a cabeça.

— Sabe encontrar o seu quarto, Shay?— perguntou Connor, sem tirar os olhos de Adne.

— Tenho quase certeza que já disse que sim — retrucou Shay. — Uns dez minutos atrás.

— Uh-huh. — Connor pôs o braço ao redor dos ombros de Adne, acompanhando-a pelo corredor.

Observei-os se afastarem, tentando compreender aquela interação dos dois cheia de altos e baixos como uma montanha-russa.

O som de Shay pigarreando interrompeu minha divagação sobre a estranha relação entre Connor e Adne.

— Onde é o seu quarto? — perguntei.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça, olhando o corredor, evitando me encarar.

— É a porta ao lado, mas achei que talvez...

Meu pulso saltou e em seguida meu rosto corou enquanto o comentário de Connor vinha em replay na minha mente.

— Quer entrar? — perguntei.

Ele sorriu, erguendo olhos esperançosos para se encontrarem com os meus.

Peguei sua mão, ciente de que ele conseguia sentir minha pulsação acelerada no momento em que nossos dedos se tocaram. O quarto estava escuro, mas dava para ver a cama, uma escrivaninha e algumas poltronas. O quarto parecia estar em uma categoria entre dormitório e hotel de luxo. Nada mau.

Mas para onde eu deveria ir? Havia esbarrado em território desconhecido. Eu e Shay estávamos sozinhos e não precisávamos nos esconder. Nesse lugar não havia ninguém para nos flagrar. Estávamos seguros… em teoria. Todo o meu corpo tremia, cheio de desejo, pela liberdade de possibilidades.

Será que devo levá-lo para a cama? É rápido demais? Devia bancar a recatada? Cara, sou uma negação para essas coisas.

Shay parou atrás de mim. Ele me abraçou pela cintura e me puxou contra seu corpo.

O calor que me invadiu quando ele me beijou no pescoço se espalhou como tentáculos de seda por todo o meu corpo. Inclinei-me para trás contra ele, o alívio me inundando. Relaxei, cada um dos músculos foi amolecendo. Estávamos a sós, não mais sob os olhares atentos dos Inquisidores — que embora fossem hospitaleiros ainda assim me faziam sentir desconfortável. Mesmo que não estivesse completamente confortável com a nova situação, pelo menos ainda estava viva. Suspirei fundo quando percebi que estávamos a salvo, por enquanto.

Fechei os olhos e as mãos de Shay moveram-se lentamente pelo meu corpo. Apesar da roupa, ainda assim sentia o calor de sua pele. Era incrivelmente tranquilizante.

— Então o que acha? — perguntou ele. — Dos Inquisidores? A princípio parecem ser os bonzinhos da história.

— É o que parece. — Movi o corpo sutilmente em seu abraço. — É estranho, mas eles me lembram os Guardiões de alguma forma.

— Faz sentido. Ambos são guerreiros. E fazem sacrifícios por causa da guerra. — Ele puxou a gola da minha camisa e seus lábios tocaram meu ombro.

— Sacrifícios. — Estremeci com o leve toque de sua boca em minha pele e de repente me lembrei de Lydia. Do professor Selby. Por que arriscavam suas vidas? Tanta coisa que ainda não sabia sobre os Inquisidores.

— Eles são lutadores incríveis — comentei, tendo um flashback e me lembrando do lado leste da montanha.

— Às vezes há vantagens em ser humano — disse Shay.

— Quando, por exemplo?

— Se fôssemos dois lobos agora, eu só poderia lamber você.

Dei uma risada e tentei me virar para fitá-lo, mas ele me segurou.

E me beijou abaixo do queixo.

— Viu, muito melhor do que lamber. — A velocidade repentina das batidas do coração e a onda de calor que invadiu meu corpo diziam que, sim, era muito melhor.

Seus lábios roçaram minha orelha enquanto suas mãos deslizavam por meus quadris, moldando-os contra ele.

— Tenho certeza de que poderíamos inventar outras coisas melhores também.

Virei-me antes que ele tivesse tempo de me deter e inclinei o rosto na direção do dele, ansiosa para que seus lábios tocassem os meus. Quando tocaram, foi como uma flecha em chamas acertando o âmago do meu

corpo. Ele manteve o beijo suave, excitante. Os toques delicados de sua boca na minha me fizeram arder de desejo, faminta por mais. Perdi os dedos nas ondas suaves de seus cabelos, puxando-o e beijando-o intensamente. Mordi seu lábio inferior e ouvi seu gemido de prazer. Ele pressionou minhas costas com uma das mãos e com a outra tocou-me por debaixo da blusa, acariciando, explorando.

— Senti saudade — sussurrou, beijando-me novamente. — Tanta.

— Eu também — falei, quase sem ar, enquanto seus lábios deslizaram ao longo do meu queixo. Minha pele ganhou vida sob seus dedos. Cada toque era como uma corrente elétrica.

Ele riu, e consegui recuperar o fôlego o suficiente para perguntar:

— Isto é engraçado para você?

— Não — murmurou ele, rente aos meus lábios. — É que esta roupa é bem mais fácil de manusear do que aquela armadura de castidade que você vestia da última vez que nos beijamos.

Estremeci quando seus dedos enfatizaram a observação.

— Está falando do meu vestido de casamento? — Concentrei-me para ser coerente ao falar. — Estas são mais confortáveis, mas é meio esquisito usar as roupas do inimigo.

— Eles não são mais seus inimigos. E a roupa ficou bem em você. — Ele sorriu com a boca grudada na minha. — Principalmente essas calças justas de couro. — Suas mãos voltaram a agir e minhas pernas ameaçaram fraquejar.

— Quer começar de onde paramos no meu quarto? — perguntou. — Quer dizer, de onde paramos *antes* de termos de fugir para salvar nossas vidas?

Meu coração falhou, mas outra voz ecoou em minha mente. Uma voz que escutei quando estávamos correndo da morte.

Você o ama? As palavras de Ren me rondavam, invadindo meus ouvidos. Precisei fechar os olhos e tentei afugentar o som, lutando contra a tempestade de sentimentos que me dominava.

Isso só tem a ver com amor.

Sua voz poderosa parecia tão próxima, tão real. Meus olhos se abriram subitamente e praticamente esperava ver o alfa na minha frente: cabelos bem escuros, olhos brilhantes cor de carvão, sorriso provocante, lábios entreabertos para me cumprimentar.

Oi, Lily.

Mas me deparei apenas com as amplas janelas da parede externa do quarto.

Com alguma relutância, esquivei-me do abraço de Shay. *Por que isso continua acontecendo?* Não conseguia escapar das lembranças de Ren. Apenas ficavam mais fortes.

— Acho que não devíamos. — Estava rouca e meu corpo permanecia trêmulo, mas não sabia se ainda era efeito dos toques de Shay ou da visão inesperada de Ren intrometendo-se entre nós.

Ele suspirou ao ver que me afastava.

— O que há de errado?

Não queria contar a verdade, então decidi falar de outro assunto que me incomodava.

— O confronto hoje foi muito duro. Lydia morreu para eu poder voltar. Ela morreu por mim. É difícil acreditar que os Inquisidores não me odeiam.

— Acho que o Ethan odeia você. — Shay fez uma careta.

— O sentimento é recíproco. — Sorri sem vontade. — Estou falando dos demais. Monroe é reservado, mas nunca fica com raiva. Connor, na verdade, é bem legal.

— Entendo. — Shay trincou os dentes.

— Não *dessa* forma — murmurei. — É divertido e simpático. Você sabe, como a Adne.

Dei um tom sugestivo ao nome de Adne. Também sabia bancar a ciumenta.

Ele não notou ou ignorou a indireta.

— É, ela *é* incrível. Passei a semana inteira com ela.

— Fazendo o quê? — perguntei, contendo um grunhido antes que me escapasse da garganta.

— Uau, você fica uma gracinha quando está com ciúme. — Ele acariciou meu rosto, e retirou os dedos quando os afugentei de brincadeira. — Sabe que só tenho olhos para você.

— Sei. — Ri, mas o grunhido continuava entalado na garganta.

— É sério. — O tom enfático me fez olhar para ele. Quando se inclinou e beijou a ponta do meu nariz, derreti, sabendo que era verdade.

— Adne só me mostrou o lugar — explicou. — Fizemos alguns treinamentos. São muito bons nisso aqui, em treinamento.

— Que tipo de treinamento? — Passei os dedos por seu ombro e pelo braço, demorando-me em seus músculos fortes.

— Combate — respondeu, pressionando o maxilar. Senti seu bíceps flexionar em minha mão.

— Ah — disse eu. — E como foi?

Ele deu uma risada aguda.

— Acho que sei lutar melhor agora.

— Você já era muito bom antes — disse eu.

— Precisa me ver agora, baby. — Ele deu um sorriso malicioso.

— Nunca mais me chame assim — reclamei. — Ou vai precisar usar suas habilidades de combate.

— Está bem — disse ele, erguendo as mãos e fingindo se render. — Nada de apelidos piegas. Tenho aprendido sobre o que é a Academia e como os Inquisidores treinam, mas continuo sem saber nada sobre o futuro ou o meu papel nessa história toda. Continuo sem ver ou entender nada.

— Shay... por que ainda não tinha mostrado Haldis? — Alguma coisa me incomodava por ele ter mantido esse segredo, mas não sabia bem por quê.

— Não queria oferecer nada até saber que poderia confiar neles. Até ter você de volta — respondeu ele, provocando uma fagulha de calor que correu meu corpo até se acomodar em meu interior. — Acho que agora confio.

— Quer dizer que você e os Inquisidores estavam se dando um gelo?

— Basicamente isso. — Shay riu. — Queria ter certeza de que estavam sendo sinceros sobre fazer uma aliança com os Guardiões, que não machucariam você depois que saísse do coma.

— Obrigada por isso — disse, ainda surpresa pelo fato de Shay ter enganado os Inquisidores. — Shay, você sabia que estávamos indo tentar encontrar minha matilha. Por que não nos deteve?

— Você queria ir — protestou ele, mas notei que se esquivava.

— Só pensava em encontrá-los. Nem passou pela minha cabeça que as patrulhas haviam cessado... Só percebi quando não os encontrei.

Shay não conseguiu esconder um indício de sorriso.

— Você sabia — concluí indignada. — Sabia que não os encontraríamos.

— Não sabia. Suspeitava.

— Por que não disse nada? — A surpresa se transformou em raiva. Duas pessoas morreram. — Meu instinto de alfa tomou conta quando fui

à procura de Ansel e dos outros. Não conseguia pensar em mais nada. Você devia ter dito alguma coisa.

— Queria que você estivesse segura — respondeu ele, com ombros tensionados. — Achei que você poderia mostrar sua utilidade aos Inquisidores sem realmente correr perigo.

— Fomos direto para o perigo — briguei, furiosa ao pensar que ele poderia ter me defendido, mas que tentou fazer isso se omitindo. — Pessoas morreram. Gente de bem.

— Eu sei — respondeu ele rapidamente, e notei que também estava ficando tão alterado quanto eu. — E sinto muito por isso, Calla. Não disse nada porque achei que não haveria lobos nas proximidades de Haldis. Como poderia imaginar que estariam esperando por vocês?

Porque é o que fazemos de melhor. Mordi a língua, pois não queria mais brigar com ele. Lágrimas queimaram meus olhos e a fadiga se instalou nos ossos, fazendo-os doer. Fui até a cama e me sentei. Não eram apenas as perdas dos Inquisidores que me dilaceravam. A frustração comigo mesma me oprimia o peito, de forma pesada e dolorosa. Investi na missão com a enorme esperança de me reunir à matilha. Agora, não sabia mais o que aconteceria, como seria capaz de reencontrá-los.

Deitei na cama, descansando a cabeça entre os travesseiros. Algumas lágrimas solitárias escorreram pelas bochechas quando fechei os olhos. A cama afundou quando Shay se esticou ao meu lado. Seus lábios tocaram minha nuca, mas eu já não estava mais com ele no quarto. Estava de volta a Vail, com minha matilha. Ter confrontado Emile havia me mostrado não apenas o que estava enfrentando, havia me lembrado do que tinha perdido. Desprezava o alfa Bane, mas não odiava seu filho.

Veio implorar perdão? Acho que é tarde demais.

Ter fugido garantiu minha liberdade, mas Ren continuava em Vail. E ele havia mentido para nos ajudar a escapar. Como Emile havia reagido a essa traição? Que tipo de perdão os Defensores haviam dado a Ren, se é que o perdoaram? Estaria vivo?

Os dedos de Shay percorreram meu quadril e me puxaram para ele.

— Pare, Shay. Não. — Minha voz estava trêmula quando me virei, afastando-me. — Eu... simplesmente não posso.

Eu o queria, mas o turbilhão de emoções estava me deixando angustiada, desconfortável.

Shay envolveu o braço em minha cintura.

— Por que não?

Demorei alguns instantes para responder.

— Você sabe por quê.

Um gemido baixo saiu da garganta de Shay.

— Ele não está aqui, sabia? Sua união, essa história de alfa, tudo isso... acabou. Não precisa mais se comportar como se ele fosse uma espécie de obstáculo. Queria tanto que você pudesse...

Shay não sabia como estava errado. Ren estava ali; de alguma forma continuava comigo, seguindo-me em cada movimento. Com ou sem união, tínhamos uma ligação poderosa. Sempre existiu, desde o dia em que nos conhecemos e que nossa união foi anunciada. Esse vínculo, essa lealdade ainda me prendia a Vail, e a ele. A única coisa que me havia feito questionar se eu e Ren realmente deveríamos ficar juntos era esse garoto, deitado agora ao meu lado. E não tinha certeza de que sabia o que isso significava.

Shay estava em silêncio, mas sentia seus olhos zangados fixos em minha nuca.

— Não entendo — disse. — Está livre agora, Cal. Você quer isso.

Ele tinha razão. Queria isso, mas meus desejos não eram as únicas coisas que me impulsionavam.

— Não, não estou. Não totalmente. — Suspirei, virando-me para vê-lo. — Desculpe, mas até saber que minha matilha está a salvo, não quero ter de fazer mais escolhas que me façam sentir que os abandonei.

Assim que pronunciei as palavras, soube como eram verdadeiras. Não era somente Ren que me atormentava, eram as escolhas que eu havia feito.

Ele contraiu os lábios até formarem uma linha fina.

— Quer dizer que me amar é trair sua matilha? Mesmo depois de tudo que aconteceu, ainda assim você consideraria Ren como seu parceiro pelo bem deles?

— Eu… eu não sei. — E me dei conta de que realmente não sabia o que faria. Tentei fazer com que a voz saísse convincente: — Com tudo o que está acontecendo, não acha melhor manter as coisas neutras? Temos coisas mais importantes para tratar do que essa questão entre mim, você e Ren. Concorda?

Enquanto falava, meus dedos tocavam o anel que Ren havia me dado.

Os olhos verde-claros de Shay transformaram-se em duas ágatas.

— Coisas mais importantes?

— Como salvar o mundo? Essa guerra que precisamos vencer para os Inquisidores? Chamaria isso de mais importante. — Tentei dar uma risada descontraída, mas fracassei pateticamente.

Shay também não estava achando graça.

— Assuntos *completamente* separados.

— Eu sei. — Não conseguia mais encará-lo. — É que... tudo bem. Você não vai gostar do que vou dizer.

— Não importa. Só quero que me diga a verdade.

E se eu não souber a verdade? O que fazer se meus sentimentos escapam pelos dedos como água sempre que tento apreendê-los?

— Ainda não acabou. — Mal consegui sussurrar as palavras.

— O que ainda não acabou?

— Eu e Ren.

— Como pode dizer isso? — perguntou. — E o que é que você fica mexendo com os dedos?

Meu coração congelou quando ele fixou os olhos em minha mão.

— O que é isso?

— Nada. — Tentei enfiar a mão debaixo do travesseiro, mas ele a agarrou e ficou olhando para o metal brilhante e a safira de azul intenso.

— Calla — Shay falou lentamente. — O que é isso?

Pigarreei, tentando manter a calma apesar do coração acelerado.

— É um anel.

— Um anel. — Quando ele tocou a aliança de ouro branco trabalhada, tirei a mão abruptamente.

— Ele deu isso a você. — Senti todo o corpo dele ficar tenso junto ao meu quando vociferou. — Não foi?

Fiz que sim. Por um instante achei que ele fosse mudar de forma e me morder.

— Quando? — perguntou, com olhos ainda severos.

— Na noite da união.

— Tire isso.

— O quê? — Pus o travesseiro na minha frente como um escudo.

— Tire isso — repetiu. — Por que ainda usa o anel que ele deu?

— Eu não… — deixei escapar as palavras. — Se tirasse, poderia perdê-lo.

— E?

Não respondi e baixei os olhos.

— Então quando diz que ainda não acabou sua história com Ren, significa que ainda está noiva dele? É por isso que está usando o anel? — Ele parecia calmo, mas eu sabia que não estava. Podia sentir a torrente de emoções que exalava de seu ser. Sua raiva invadia o espaço entre nós, forte como fumaça de lenha queimada, e algo mais se escondia atrás dela. Senti um aperto no peito ao reconhecer o sutil cheiro agridoce da mágoa — poeira e rosas murchas.

— Não é isso… mas não posso ficar com você. Não assim. — Minha voz estava trêmula. — Quando ele está lá e só Deus sabe o que fizeram com ele. Com todos eles. Shay, nós *os deixamos para trás.* Como podemos pensar em outra coisa? Eu não consigo. Simplesmente, não consigo.

— Mas isto não quer dizer que...

— Não.

— Esquece. — Ele saiu da cama. — Vá dormir, Calla. Não vou mais incomodar você esta noite.

Senti um embrulho no estômago ao vê-lo ir embora. Relutei contra o desejo de correr atrás dele e em vez disso virei-me com a barriga para cima e me pus a olhar as estrelas pelo teto de vidro, na esperança de que a exaustão absoluta me levasse a adormecer.

Fugi de Vail e isso podia ter mudado tudo, mas ainda assim eu não sabia a que lugar pertencia.

DEZ



Meus dentes cravaram em seu pescoço, *dilacerando sua traqueia. O gosto metálico de sangue quente invadiu minha boca e desceu pela garganta. As batidas do seu coração foram ficando mais lentas. Pausas longas e agonizantes foram pontuando-as. Seus olhos encontraram os meus, seus lábios curvaram-se em um sorriso, e ouvi sua voz em minha mente.*

Bem-vinda, Calla.

Cambaleei para trás e mudei para a forma humana, subitamente gelada e enjoada. Stuart, morto, continuava sorrindo apesar do buraco no pescoço. Senti um leve toque no ombro. Virei-me e me deparei com uma mulher. Ela sorria como o morto, complacente e acolhedora. Seus escuros cabelos castanho-avermelhados caíam como ondas sobre as costas e suas íris cor de carvão tinham riscas prateadas. Brilhavam de regozijo enquanto ela me observava. Seus lábios carnudos estavam entreabertos.

— Calla. — Ela murmurou meu nome como se entoasse uma prece, com fervor e esperança. Baixou os olhos escuros e segui seu olhar. Uma criança, praticamente um bebê, dormia em seus braços. O rosto tranquilo da criança me fez dar um passo à frente. Quando olhei com mais atenção,

a criança abriu os olhos. Céu noturno cheio de estrelas brilhantes. Olhos iguais aos da mãe.

Ren.

Ele me olhou. Uma risada cativante e exuberante saiu de seus lábios e ele bateu palmas em reconhecimento e comemoração. Um calor aconchegante ganhou vida em meu peito. Olhei Corinne Laroche e o sorriso desapareceu. A sombra avançou atrás de mim, uma nuvem de tormenta destrutiva. Abri a boca para dar um grito de alerta, mas a voz não saía. Borrões translúcidos espalharam-se pelo pescoço e pelos ombros de Corinne. Videiras pretas envolveram seus braços como tentáculos. Ela começou a gritar e Ren caiu de seus braços. Ele deu um grito apavorado. Eu me joguei para pegá-lo, mas um par de braços musculosos agarrou a criança no ar. Corinne se debateu enquanto o espectro a devorava, seu corpo preso por cordas negras e ondulantes que pulsavam e se contorciam com os espasmos da agonia dela.

Caí de joelhos, horrorizada. Um riso entre dentes tirou minha atenção da mulher sendo torturada. Emile Laroche encarava furiosamente sua companheira e o desprezo transbordava em seus olhos azul-claros. Olhou de relance para a criança que berrava em seus braços. Seus ombros se contraíram e ele balançou a cabeça em sinal de repreensão; o cabelo castanho-claro caiu para a frente do rosto, criando sombras e transformando seus traços em uma máscara de crueldade diabólica. Ren gritou e a boca de Emile afinou-se como a ponta de uma navalha, expressando repugnância. Agarrou a criança com mais força. Com um último olhar de desdém para Corinne, virou-se de costas para ela e foi embora. Os gritos agudos de medo de Ren soaram em meus ouvidos; o choro do bebê se uniu aos gritos da mãe em um coro medonho.

Não conseguia me mover. Meus olhos estavam presos ao tormento de Corinne. Uma pessoa se aproximou de mim; virei-me. Ren olhava a mulher sendo consumida pelo espectro. Ele já não era mais criança, mas um jovem, meu futuro parceiro. Os olhos de carvão que haviam brilhado como uma galáxia inteira agora estavam opacos e vazios. Seu cabelo escuro, molhado de suor, colado na testa e na nuca. Um mosaico de hematomas roxos, amarelos, verdes e pretos marcava seu torso. Arranhões vermelhos e feridas de queimadura trilhavam um caminho grotesco em seus braços e costas. Seus olhos moviam-se devagar sobre a mãe. Ele franzia a testa como se a cena de horror a sua frente não fizesse nenhum sentido. Balançou a cabeça e suspirou.

— Meu Deus, Ren. — Tentei tocá-lo, mas minha mão atravessou seu corpo.

Ele continuava a olhar a mulher agonizante. Não se virou para mim, mas seus lábios moveram-se sutilmente.

— Onde você está, Lily? — Ele virou o punho. Algo cintilou um brilho azul: meu anel surgiu na ponta do dedo dele; balançando como um pêndulo que contava o tempo que ele não tinha.

Chagas surgiram em seus ombros, a pele em carne viva; o sangue escorreu, lavando seu corpo como um rio cor de carmim. Faixas do líquido vermelho escorriam por seus braços, pulsos e dedos. Corinne e eu gritávamos juntas.

Abri os olhos e lutei para conseguir respirar. O pesadelo era um turbilhão nos limites da minha consciência. Os gritos haviam se tornado um pranto que ecoava em meus ouvidos. Esforcei-me para não destruir a cama a golpes enquanto tentava acalmar o coração. Uma tristeza oca substituiu lentamente o medo que me fez acordar.

Meu coração desacelerou. O mundo real estava de volta. Continuava cansada e imaginei ter dormido pouco mais de uma hora. Ainda sonolenta, agarrei o anel que Ren havia me dado na noite da união. Mesmo na escuridão do quarto ele brilhava, capturando o pouco da luz das estrelas vindo do teto envidraçado. Virei-me de lado e fechei os olhos, mas no mesmo instante voltei a visualizar Ren sangrando. Dormir não era uma opção — pelo menos por algum tempo.

Saí do quarto sem ideia de para onde ir. O único pensamento que me impulsionou a sair da cama era o de que caminhar pelos corredores da Academia me distrairia do horror do sonho. Olhei para a próxima porta descendo o corredor. Parte de mim queria ir até Shay, para me desculpar e me reconfortar em seus braços. Mas ainda estava muito confusa com este lugar, com a luta com Emile. Muitas coisas relacionadas a esse confronto me abalaram totalmente, enchendo-me de dúvidas. Não apenas a morte de Lydia, como também minhas próprias escolhas. Não havia matado Sasha. Não quis. Eu seria útil para os Inquisidores em uma batalha?

Enquanto caminhava, girei o anel no dedo, lembrando de como havia brilhado no sonho. O que significava ter aceitado esse sinal de devoção de Ren e ainda assim tê-lo abandonado no altar? Isso fazia de mim uma traidora ou só uma covarde?

Os pensamentos sombrios foram interrompidos com uma fungada. Um aroma familiar e delicioso guiou-me escada abaixo. Respirei fundo novamente e deixei que o aroma encorpado e marcante me atraísse. Dois degraus mais e cheguei a um ambiente espaçoso, ocupado por mesas. Algumas luzes acesas iluminavam suavemente o lugar.

Rapidamente descobri a fonte do delicioso aroma. Várias cafeteiras francesas estavam sobre uma das mesas. Vapor saía das canecas

enquanto os Inquisidores bebericavam e conversavam em voz baixa. Monroe serviu café na caneca de Tess. Ela não chorava agora, mas seu rosto estava abatido pela tristeza. Adne estava com eles, um violão no colo. Connor estava lá também, parecia levemente alterado. Fiquei surpresa em ver Silas sentado ao lado de Monroe.

O clima na sala evidenciava que os Inquisidores haviam se reunido para chorar seus mortos. Por mais que o cheiro de café me atraísse, não queria interrompê-los. Virei-me de costas quando ouvi chamarem meu nome.

Virei a cabeça. Monroe fez sinal para mim. Hesitante, me aproximei da mesa.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou o Guia.

— Não — disse, incomodada com tantos olhares sobre mim. — Não conseguia dormir e senti o cheiro do café.

— Lá de cima? — perguntou Connor.

Fiz que sim com a cabeça, alternando o peso do corpo em cada pé.

— Maneiro. — Ele sorriu, tirando um cantil do cinturão e despejando seu conteúdo no café. Uísque, imaginei, pelo cheiro forte como a nicotina do líquido âmbar.

— Não foi minha intenção incomodar vocês — falei.

— Não está incomodando. — Tess fez um gesto para que me sentasse e me serviu uma caneca de café empurrando-a para o lugar vazio da mesa ao lado dela. — Junte-se a nós.

— Estamos apenas contando histórias — disse Adne. Ela tocava as cordas do violão preguiçosamente. — Sobre Lydia e Grant.

— Pode nos contar uma história se quiser — disse Monroe. — É assim que homenageamos nossos mortos e os conservamos conosco.

— Eu? — Franzi a testa, mas me sentei à mesa e envolvi a caneca quente de café com as mãos.

— Você via Grant com mais frequência do que nós. — Silas tinha um caderno de anotações de frente para ele, mas não tinha os olhos sobre o texto. — Deve ter uma história para compartilhar.

Pensei no professor Selby. O que poderia dizer? Havia sido um bom professor. Mas por algum motivo dizer que "*Grandes Ideias era minha aula predileta*" soava superficial.

— Desculpem-me — respondi em voz baixa. — Sinceramente, acho que não posso.

— Não tem problema — disse Connor, dando um bom gole no seu café batizado. — Acho que já ouvi histórias tristes demais por hoje.

— Não seja grosseiro. — Silas havia voltado a posicionar a caneta sobre o papel. — Tenha respeito.

— Lydia era uma lutadora — disse Connor. — Diria que somos uns idiotas por estarmos curtindo fossa por sua causa.

— Connor — exclamou Monroe, olhando para Tess. Mas ela balançou a cabeça.

— Ele tem razão. — Tess sorriu. — Acho que estamos todos desapontando-a neste momento.

— Você nunca a desapontaria. — Adne ergueu o braço e tocou o rosto de Tess.

Os olhos de Tess lacrimejaram, mas ela continuou sorrindo.

Adne sorriu também, mas não olhava para Tess.

— Ei, dorminhoco, já ouviu falar de pente?

Virei-me e vi Shay passando os dedos rapidamente pelos cabelos, embora não tivesse ajudado muito na arrumação dos leves cachos. Vestia

um jeans e uma camisa, mas dava para ver que havia acabado de sair da cama.

— Desculpe — disse ele. — Tive pesadelos e não consegui dormir de novo. E aí senti o cheiro do café...

— Cara de um, focinho de outro — comentou Connor.

Olhei para Shay, perguntando-me se ainda estaria zangado. Sentou-se na cadeira entre mim e Adne. Ele me deu um sorriso encabulado e soube então que estava arrependido por termos brigado. Eu também estava. Inclinei-me e o beijei no rosto.

— Também não conseguia dormir.

Ele pôs o braço ao redor dos meus ombros.

Silas nos observava.

— O quê? — perguntei, irritada com sua bisbilhotice.

— Venho ponderando sobre teorias antagônicas a respeito do progênito — disse ele. — Não consigo me decidir se é mais provável que ao transformá-lo em Guardião você tenha potencializado as habilidades dele ou as enfraquecido.

— Que habilidades? — perguntou Shay.

— Você tem poderes natos — continuou Silas. — Por causa de sua herança.

— Minha herança? — Shay tinha as sobrancelhas franzidas. — Está falando das histórias de cavaleiros e demônios que contou mais cedo?

— Do seu pai, claro. — Silas pendeu a cabeça, apertando os olhos para Shay antes de se voltar novamente para o caderno de anotações e escrever furiosamente.

Endireitei-me na cadeira.

— Está fazendo anotações sobre ele?

— Óbvio. — Silas não ergueu o rosto.

— Pare com isso! — Tirei a caneta da mão dele com um tapa.

Silas olhou-me, boquiaberto.

— Sabe. — Connor sorriu para mim. — Acho que amo você.

— Estava apenas registrando minhas observações. — Silas foi atrás da caneta. — Esta é uma oportunidade única.

— Não sou uma oportunidade — vociferou Shay. — Sou uma pessoa.

— Você é o progênito — replicou Silas. — É fundamental que tenhamos total compreensão de seu potencial antes de darmos o próximo passo. Anika me encarregou de avaliar suas aptidões para realizar as tarefas necessárias.

Monroe suspirou.

— Acho que ela não quis dizer para você anotar todas as interações com Shay, Silas.

— É. — Connor deu mais um trago no café e voltou a encher a caneca. — Por que tem sempre de bancar o esquisito?

— Você é um homem das cavernas. — Silas se sentou, encarando Connor. — Sou muito mais eu.

— Ainda não entendi o que quis dizer com herança — disse Shay, servindo-se de café. — Nem lembro do meu pai. Morreu quando eu tinha 3 anos.

Silas olhou para ele, sobrancelhas franzidas.

— Bosque Mar me carregou pelo mundo pelos últimos 16 anos — prosseguiu Shay. — Mais cedo, você o chamou de Precursor. Obviamente ele não é meu tio. O que tem de importante sobre meu pai?

O lugar esfriou abruptamente e até Silas empalideceu quando Shay mencionou o nome do Defensor.

— É verdade, Bosque Mar não é seu tio — disse Monroe. — Mas seu pai era um dos Defensores.

O rosto de Shay desbotou.

— Obrigado por me lembrar.

— Isso não tem importância, Shay — comentou Monroe. — O que importa é que você é o progênito.

— Quer dizer que não sou humano? — A caneca na mão de Shay começou a tremer e ele me fitou com olhos suplicantes.

— Você é humano… ou pelo menos era antes de eu transformar você. — Apressei-me a tranquilizá-lo e olhei Monroe. — Sei diferenciar os mortais de um de nós. Shay não é um Defensor.

— De repente, você virou expert sobre o progênito? — debochou Silas.

— Calma, Silas — advertiu Monroe com tranquilidade. — Os Defensores precisavam que Shay continuasse ignorante sobre sua herança. — Ele se focou em mim. — E teriam escondido esse conhecimento dos Guardiões também. Calla, é importante que você saiba que os Defensores são humanos. Assim como nós.

Senti o ar faltar nos pulmões e um mal-estar nauseante me invadir.

— Então eles estavam mentindo — disse Shay. — Não são os tais místicos Antigos.

— Mentir é o que eles fazem de melhor — comentou Tess.

Consegui reunir forças para fazer uma pergunta:

— Como podem ser humanos? Eles não têm cheiro de humanos, e nem vocês, por sinal. E os poderes que eles possuem?

— Você sente o uso da magia, Calla, os sinais que permanecem desse poder. Inquisidores e Defensores aproveitam-se de algo exterior aos seus corpos, mas continuamos humanos. Houve um tempo em que os humanos estavam mais próximos da natureza e de seus poderes inerentes — explicou Monroe. — Aqueles com a conexão mais forte com as

mágicas elementares e a habilidade para utilizá-las se destacavam em suas comunidades. Eram curandeiros, homens e mulheres de grande sabedoria.

— Mas não podem ser humanos — protestei. — São imortais.

— Não são, não — explicou Monroe. — Queriam que vocês acreditassem que são devido à forma como escolheram usar seus poderes e que nós recusamos, como Tess acabou de dizer.

— Como assim? — perguntou Shay.

— Temos profundo respeito à natureza, ao poder natural inerente ao ato de criação e seus ciclos — replicou Connor com um sorriso debochado.

— Inquisidores acreditam que a mortalidade é positiva e não algo que deva ser evitado. — Silas ignorou Connor, mergulhando em uma aula. — Nós envelhecemos e morremos. A morte é parte do ciclo natural. Defensores usam o poder para estender suas vidas por uma longevidade sobrenatural. A interação com o mundo das Trevas muda a essência dos Defensores, embora iniciem como humanos e se mantenham humanos no cerne. Fazem o mesmo pelos Guardiões. Por isso é tão raro que haja novas alcateias. Apenas quando considerado necessário, os Guardiões são encarregados de procriar. Nossos registros mostram que até duas gerações passadas não havia filhotes de lobos filiados a Haldis. Os Defensores pareciam ter demonstrado um novo interesse em restabelecer laços familiares mais fortes entre suas matilhas.

Shay me fitou; uma expressão de horror havia encoberto seu rosto e eu confirmei com a cabeça aquelas palavras.

— Mas os Defensores têm filhos — protestou ele. — Havia filhos de Defensores na escola. E o Logan herdou sua alcateia.

Silas deu um risinho afetado.

— Os Defensores são incrivelmente vaidosos e guardam seus poderes de forma ciumenta. Muitos Defensores inevitavelmente acabariam disputando poder com os parentes, e eles não correriam este risco. Apenas os mais poderosos estão autorizados a ter filhos para continuarem seu legado neste mundo. Alguns residem em Vail, como vocês puderam testemunhar. O restante está espalhado pelo planeta, concentrado nas proximidades dos locais de poder. E temos postos avançados para acompanhar as atividades desses Defensores nessas localidades. Mas embora estejam em maior número que os Inquisidores, ainda não ultrapassam a população humana. Por isso os Defensores optaram por utilizar humanos como peões em proveito próprio. Na política, no mercado global. Tudo isso.

— Mas como tiram vantagem? — Minha mente estava a mil com o dilúvio de novas informações. Mentira, tudo mentira.

— É — disse Shay. — Entendi que usam o poder que têm para se transformarem em seres quase imortais, mas vocês não possuíam pessoal em quantidades parecidas às dos Defensores no começo?

— Mais ou menos. — Silas estava emburrado, parecia frustrado por seu discurso não ter nos deixado calados e pasmos com tamanha erudição.

— Esta seria a parte em que eles ganham vantagem sobre nós. — Connor se inclinou sobre a cadeira, os ombros caídos.

— Não entendo — disse Shay.

— Talvez fosse melhor começar explicando quem Shay é e deixar que as peças da história se encaixem — opinou Monroe.

— Mas… — começou a falar Silas.

— Vamos descomplicar — disse Monroe. — Comece pela linhagem de Shay.

— Está bem. — Silas suspirou. — O progênito é descendente da primeira Defensora, Eira, e o filho do traidor. Foi assim que os Inquisidores conseguiram identificá-lo. Isso é a marca de nascença.

— O traidor? — Shay parecia ainda mais confuso. Estava completamente perplexo com aquela conversa. Nenhum dos Inquisidores parecia surpreso; aparentemente aquela era uma notícia velha para eles.

— É, é. — Silas tamborilava os dedos na mesa. — O presságio sobre o progênito era de que um Defensor, um poderoso descendente direto de Eira, abandonaria os seus e se voltaria contra eles, e seu herdeiro seria a causa da ruína dos Defensores. O filho desse Defensor é o progênito.

Shay continuava com a testa franzida para Silas, que folheou as páginas de seu caderno de anotações e o virou para Shay.

— Está bem aqui.

— É latim — retrucou Shay.

— Você não lê latim? — perguntou Silas, incrédulo.

— Não sem o auxílio do dicionário — rebateu Shay.

— Silas, a maioria de nós não lê latim com a mesma habilidade que você — explicou Monroe.

— Podemos seguir adiante? — Connor havia afundado a cabeça nas mãos.

— Espere — pedi, lançando-lhe um sorriso como pedido de desculpas. — Estou dizendo que mesmo que os Defensores sejam humanos encobertos por uma camada de magia, ou seja lá o que for, não identifiquei nada disso em Shay. Ele não tinha o cheiro deles. Conheço os Defensores e nunca reconheci Shay como sendo um deles.

— É — confirmou Monroe. — Sei disso. Mas é porque a mãe de Shay era humana.

— Seu pai traiu os Defensores por amor — disse Adne.

— Por quê? — Shay continuava embasbacado. — Por que ele abandonou os Defensores?

— Ah, por favor, Adne, isto é tão clichê – criticou Silas. Adne o olhou de cara feia e ele retribuiu o olhar.

— É clichê porque o amor é importante, Silas — repreendeu-o Tess, com olhos úmidos mais uma vez. — É uma das poucas coisas nesta vida que realmente fazem as pessoas assumirem riscos.

Encontrei os olhos de Shay, e senti o calor subir pelo rosto.

— Tudo bem. — Silas parecia entediado. — Enfim. Ele partiu, porque os Defensores, loucos pelo poder como são, proibiram uniões estáveis entre os de sua espécie e humanos. Tristan escapou com Sarah e tentou se esconder com ela. Cegonhas, abelhas nas flores... bebê. — Ele apontou para Shay.

— Então como o encontraram? — perguntou. — Se ele estava escondido, então como os Inquisidores souberam que o traidor da profecia existia?

— Não precisamos procurá-lo — disse Monroe. — Ele nos procurou.

— Ele? — Shay arregalou os olhos.

— É — confirmou Monroe. — Ele queria proteção para a esposa e o filho. Sabia quem era; sabia que lhe daríamos proteção. Infelizmente, não foi suficiente.

— Os Defensores os acharam? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Nas ilhas Aran. Achamos que os havíamos deixado isolados, mantivemos a localização em absoluto sigilo, mas fracassamos. Sequestraram a família, mataram Tristan e Sarah, e Bosque Mar pegou Shay para criá-lo. Até este momento.

Shay olhava para o nada, pálido; suas mãos continuavam trêmulas.

— Não entendo por que ele não é um Defensor — insisti. — Não importa quem foi seu pai?

— Importa para a profecia — respondeu Silas. — Mas sua essência, seu ser, está ligado à mãe. É sempre a mãe que importa.

— Hã? — Franzi a testa.

Tess sorriu.

— Porque o poder da criação pertence às mulheres.

— Pode se vangloriar o quanto quiser, Tess. Pelo menos consigo preservar meu corpinho. — Connor deu um tapinha no abdômen sarado.

— Deixando de lado a guerra dos sexos — interveio Silas —, Tess tem razão. A essência da mãe parece sempre prevalecer e determinar a natureza da criança. É por isso que você só conseguiu reconhecê-lo como o humano que ele era em todos os aspectos. O uso do poder das Trevas do pai não foi transmitido. A única evidência de sua ancestralidade misturada era o sinal de nascença.

— Quer dizer que a essência da mãe é sempre dominante? — perguntei. — Isto havia acontecido antes?

— Com os Defensores não — respondeu Silas. — Ninguém além de Tristan havia ousado repudiar o tabu dos Defensores sobre a procriação com outras espécies. Só ficamos sabendo desse padrão por causa do período Agonizante.

— Mas foi apenas uma guerra — refutei. — O que isso tinha a ver com filhos?

— Alianças se formam por muitas razões — comentou Monroe em voz baixa, virando o rosto para nós, com olhos subitamente distantes.

Silas fez que sim com a cabeça.

— Nos anos que culminaram na revolta dos Guardiões, os laços entre os Inquisidores e os soldados-lobos tornaram-se muito fortes — em

muitos aspectos. Os registros nos dizem que os filhos oriundos das parcerias tendem a refletir a linhagem da mãe. Se o pai fosse um Guardião, a criança era um Inquisidor, se o pai fosse um Inquisidor, a criança permanecia lobo.

Arregalei os olhos.

— Inquisidores e Guardiões tiveram filhos juntos?

— Há muito tempo — respondeu Monroe; seus maxilares tensionaram-se e ele continuou com o olhar vazio. — Os Defensores fizeram de tudo para exterminar esses descendentes e cortar os laços para sempre.

Minhas mãos tremiam.

— Mas as fêmeas Guardiãs não podem simplesmente ter filhos...

Calei-me, sentindo o calor invadir minha nuca e meu rosto. Não queria ter dito isto. As palavras simplesmente escaparam. Tantos segredos sobre minha vida haviam sido revelados, mas este era um que pretendia manter bem guardado.

Minhas palavras tiraram Shay de suas divagações.

— O quê? — Ele me fitou, desconfiado.

Olhei para a mesa.

Não. Não. Não quero falar sobre isso. Era pessoal demais. E horrível demais.

Monroe limpou a garganta:

— Uma das tentativas dos Defensores de exercer mais controle sobre as matilhas de Guardiões foi pela regulação de parceiros e nascimentos entre seus soldados. Começaram a fazer isso depois do período Agonizante. Eles usam seu poder para encerrar ou iniciar o ciclo reprodutivo das fêmeas Guardiãs, que só engravidam depois de estabelecidos por seus mestres o parceiro e o tempo propício.

— Meu Deus — murmurou Shay.

Fiquei ofegante. *O que ele vai achar de mim agora?*

— Não é culpa sua, querida. — Tess passou o braço a minha volta. Seu cheiro era reconfortante: flor de macieira e mel. Deixei-me apoiar sobre ela, grata por sua constante delicadeza. — Eles são uns canalhas.

Silas se manifestou:

— Mas a prática só foi iniciada após o período Agonizante. Os Defensores não eram tão cuidadosos com esses detalhes antes da revolta.

— Sua mãe era humana, Shay — disse Monroe com um breve e solidário olhar em minha direção. — Você nasceu com a essência dela, e foi esta essência que Calla sentiu em você.

— Então a traição de meu pai aos Defensores indicou que eu era o progênito — concluiu Shay.

Fiquei aliviada por termos mudado de assunto e decidi contribuir para que ele seguisse adiante:

— E a marca de nascença. Mas ele não consegue vê-la. — Apontei para Shay. — Quando comentei sobre a tatuagem da cruz, ele não fazia ideia do que eu estava falando.

— Há um encantamento no símbolo para mantê-lo oculto — explicou Silas. — Não é apenas uma marca de nascença, não é uma tatuagem. É um emblema místico.

— Então os humanos não conseguem ver a tatuagem? — perguntei.

Silas revirou os olhos, levou as mãos ao rosto rapidamente como se afugentasse um mosquito irritante.

— É um encantamento mais sutil ainda. Os Defensores são bons nisso: manipular sutilmente. Na verdade, é o dom deles. A tatuagem apenas sugere àqueles que a notarem que deve ser ignorada. Usamos uma tática similar para evitar que as pessoas esbarrem na Academia.

Humanos sempre desviam o olhar, a ignoram. Assim como ninguém chegaria para Shay e perguntaria quem fez a tatuagem.

Ele fitou Shay, olhos embaçados com uma espécie de reverência estranhamente irônica.

— Achariam que você não lavou o pescoço direito depois de um jogo sinistro de rúgbi ou algo parecido. Você sabe: coberto de lama, este tipo de coisa.

— Mas eu podia ver — informei.

— Você não é humana — disse Silas. — Você é...

Eu o interrompi:

— Uma aberração. Certo. Como pude esquecer?

Ele empurrou a cadeira para trás quando deixei as presas à mostra.

Shay fez uma careta e tocou cautelosamente a nuca.

— Que ótimo. Então eu sou o Escolhido, mas não tenho nenhuma aptidão para a higiene pessoal.

O rosto de Silas iluminou-se em um sorriso surpreendente.

— Exatamente.

Adne gargalhou e lançou um olhar de desespero para Shay.

— Ajude-me, Obi-Wan, você é minha única esperança… mas poderia tomar um banho antes? — Ela piscou melindrosamente para ele. — Posso esfregar suas costas quando quiser.

O rosto pálido de Shay ficou vermelho como um tomate e a encarei com um olhar de reprovação. Mas ela estava olhando para Connor, que apenas acrescentava mais uísque ao café.

O sorriso de Silas não desapareceu. Ele inclinou-se para trás na cadeira, estudando Shay.

— Mas agora que sua namorada loba o transformou e tudo o mais, você deveria ser capaz de enxergar o sinal. Guardiões não deveriam ser

afetados pelo feitiço.

— Não sou namorada dele — protestei, e então fiz cara de sem graça para Shay, que corou ainda mais. Os Inquisidores me encaravam, a surpresa estampada em seus rostos.

— Bem, não sou — completei sem convicção, sentindo-me fria e escorregadia como mármore. Não conseguia voltar a encarar Shay. Foi duro, mas tinha dito a verdade. Eu o amava, mas não sabia o que eu era dele. Tudo em nossas vidas estava em constante mudança. Não conseguia encontrar terra firme para pisar.

Shay pôs as mãos na cabeça.

— Achei que se descobrisse a verdade tudo ficaria mais fácil, mas não ficou. Não dá para acreditar que o único parente que conheci é uma espécie de criatura das Trevas.

— Não é uma criatura das Trevas qualquer. Ele é mais poderoso do que qualquer inimigo que já enfrentamos, e você é a chave para proteger seu reinado — disse Monroe. — O Precursor não poderia confiar apenas em seus subordinados para proteger você. Como pôde ver, eles fracassaram nessa obrigação. Tenho certeza de que alguns devem ter sofrido terrivelmente por causa de sua fuga.

Estremeci com a palavra "sofrido" e descobri que não conseguia parar de tremer. *O que está acontecendo com minha matilha?* Shay pôs a mão sobre a minha, olhando para Monroe.

— Já aconteceu antes, não foi? — perguntou Shay. — Lemos sobre o último episódio em que os Guardiões tentaram se rebelar.

— Quer dizer o período Agonizante? — perguntou Silas. — Este foi um período muito importante da nossa história. O mais perto que chegamos da vitória. Embora tenha terminado muito mal.

— Não. — Endireitei-me na cadeira, olhando-o diretamente, pois sabia que ele teria as respostas para as perguntas que estavam me queimando por dentro. — Essa não foi a revolta mais recente.

Monroe hesitou.

— Não.

— Esqueça, Lily.— Adne me encarava feio. — Isto não é assunto seu.

Escancarei os dentes para ela.

— Quer, por favor, parar de me chamar assim?

— Não vou parar enquanto tiver essa reação. É bom ver que tem algo de humano. Esse jeito austero de lobo me dá arrepios, sabe?

Olhei-a boquiaberta. *Conheço essa garota há menos de um dia e ela já consegue me decifrar como se eu fosse um livro aberto. Como isso é possível?*

— Adne está certa. — Connor se inclinou na minha direção. Dava para sentir seu bafo de uísque. — Deixa isso pra lá.

— Não vou deixar, não — repliquei. — O que aconteceu com os Banes? Como Corinne Laroche morreu?

— Disse para deixar pra lá. — Connor bateu com o punho na mesa.

— Corta essa — rosnou Shay.

— Monroe? — murmurou Tess, olhando para Connor inquieta.

— Tudo bem — disse Monroe em voz baixa. — Eles precisam saber.

Connor balançou a cabeça, esvaziando o restante do frasco na caneca de café.

— Tanto barulho por causa de mais histórias tristes.

ONZE



Monroe se inclinou no encosto da cadeira.

— A primeira vez que vim para o Purgatório foi aos 20 anos, para servir como Combatente. Era um cara audacioso, explosivo, cheio de ambição e não tinha papas na língua. Eu me achava o máximo.

Ele pigarreou, passando uma das mãos pelos cabelos pretos.

— Não gostava das regras impostas por nosso Guia na época. Era um homem meticuloso chamado Davis. Eu ficava impaciente com sua insistência para que os Combatentes mais novos patrulhassem em pares. E que a gente passasse a mesma quantidade de tempo colhendo informações sobre os Defensores e planejando e executando ataques.

Ele cruzou os braços, perdido em suas lembranças.

— Um dia, quando deveria estar treinando, saí para patrulhar sozinho. Escalei até as proximidades de Haldis, convencido de que conseguiria matar um Guardião sem ajuda. Eu era um idiota. Se as circunstâncias tivessem sido diferentes, eu estaria morto.

— Quais eram as circunstâncias? — perguntou Shay.

— Encontrei um Guardião sozinho. Atacou-me com uma rapidez que jamais pensei que fosse possível. Nem tive tempo de sacar minha arma.

Havia subestimado completamente a habilidade dos meus adversários. Ele me derrubou e achei que me mataria. — Sua voz estava embargada e ele engoliu em seco. — Mas em seguida não era mais um lobo que estava em cima de mim. Era uma jovem. — Monroe me olhou e sorriu. — Um pouco mais jovem que você, Calla.

Assenti com a cabeça, meu coração estava acelerado.

— Por que ela mudou para a forma humana?

Monroe tensionou o maxilar.

— Ela me pediu para matá-la.

— O quê? — Shay estava boquiaberto.

Ouvi um som abafado e vi que Tess chorava novamente. Adne passou o braço pelos ombros de Tess.

— Fiquei perplexo — continuou Monroe. — Ela mal conseguia falar, afogada em lágrimas. Abraçou-me, soluçando.

A emoção invadiu os olhos de Monroe e subitamente senti dificuldade de respirar.

Ele se mexeu inquieto na cadeira.

— Ela havia sido obrigada a acasalar com um homem cruel que ela não amava. Estava atormentada pelo medo constante que tinha de seu mestre, ainda mais impiedoso que o marido, e apavorada pelo que pudesse acontecer com sua matilha, por quem tinha um carinho enorme, mas cujas vidas eram tão instáveis e desprovidas de liberdade quanto a sua. — Ele fez uma pausa e deu um longo suspiro antes de voltar a falar. — Mas ela havia conseguido suportar tudo até aquele momento.

— O que mudou? — sussurrou Shay. Olhou-me de relance e viu meu rosto contraído. Ele acariciou minha mão e agarrei a dele.

— Seu mestre tinha ordenado que ela tivesse um filho. — Monroe fechou os olhos. — E ela não conseguia suportar a ideia de trazer ao

mundo outra vida que tivesse que passar pelos mesmos sofrimentos que a afundavam no desespero todos os dias.

— O que você fez? — perguntei com um sussurro.

— Ofereci ajuda. — Monroe abriu os olhos; estavam tomados de violenta emoção. — Contei sobre o período Agonizante. A verdadeira história que minou todas as mentiras que haviam dito a ela desde que nasceu. Uma época em que Inquisidores e Guardiões unidos lutaram contra os Defensores. Estava desesperado para conseguir convencê-la de que havia uma alternativa. Algo além da morte, que lhe desse esperança. Nunca havia visto tamanha dor. Não havia nada que desejasse mais do que salvá-la.

Eu e Shay ficamos em silêncio, fascinados com a história. Connor olhava fixamente para dentro de sua caneca, enquanto Adne acariciava os cabelos de Tess. Silas parecia não prestar nenhuma atenção, com as energias direcionadas para seu notebook, parando ocasionalmente para observar Shay.

Monroe sorriu desanimado.

— Começamos a nos encontrar em segredo. Eu lhe dava o máximo de informação que conseguia sobre como as alianças haviam se formado no passado.

Senti um carinho na mão. Fitei Shay, que sorriu carinhosamente para mim. Monroe observou nossa troca de olhares e ergueu as sobrancelhas.

— Soa familiar?

Shay fez que sim com a cabeça.

O sorriso de Monroe transformou-se em careta e então ele falou novamente:

— Davis havia ficado furioso comigo por eu ter desobedecido suas ordens, mas não pensou duas vezes em aproveitar a chance de ter os

Guardiões do nosso lado. Parecia nossa melhor oportunidade de reconquistar o controle de Haldis. Corinne conseguiu o apoio de vários de seus companheiros de matilha. Nosso plano era trazê-los para nós primeiro, reunir uma força significativa de grupos de Inquisidores, e então realizar um ataque combinado aos Defensores em Vail.

— Mas alguma coisa deu errado. — Shay franziu a testa.

Monroe confirmou com a cabeça. Limpou a garganta, mas ao falar a voz continuava rouca:

— Corinne engravidou. Ela havia tido a esperança de evitar isso de alguma forma. — Monroe estremeceu. — Mas essas coisas às vezes são difíceis de controlar.

Ele ficou em silêncio por um momento; cruzou as mãos sobre a mesa.

— Teve medo de fugir grávida e não queria correr riscos com o recém-nascido, por isso pediu para adiarmos o plano. Até que a criança estivesse maior, até o filho completar um ano, quando já não estaria tão vulnerável para a fuga. Eu concordei. — Ele fez outra pausa. Suas mãos tremiam.

Forcei-me a perguntar, apesar do medo crescente:

— O que aconteceu?

— Nesse meio-tempo, o complô foi descoberto. — As articulações dos dedos de Monroe perderam a circulação do sangue de tão fechadas que estavam suas mãos. — O grupo de Inquisidores sofreu uma emboscada no dia da fuga no condomínio dos Bane. Perdemos mais da metade de nossa gente.

— E Corinne? E os aliados? — A voz de Shay era de revolta.

Monroe respondeu em tom desanimado:

— Já haviam sido entregues aos espectros. Todos mortos antes mesmo de chegarmos.

Precisei fechar os olhos enquanto as cenas do pesadelo ganhavam vida com as palavras de Monroe. Meu corpo parecia que ia desmoronar.

— Mas deixaram o Ren viver? — sussurrei. — Eles não mataram o filho dela.

— Tem sido difícil juntar as peças, mas, pelo que entendemos, o parceiro de Corinne era leal ao seu mestre, nunca conspirou contra os Defensores. E a criança ficou sob sua tutela. Afinal de contas, um jovem alfa para a nova matilha é sempre necessário. E, como você mesma disse, Ren não sabia nada sobre a verdadeira causa da morte da mãe.

Shay apertou minha mão e percebi que as lágrimas escorriam pelo rosto. Sequei-as rapidamente. Ele olhou para Monroe.

— Tem alguma ideia de quem a traiu?

O maxilar de Monroe estava tenso; ele olhava para as mãos.

— Acho que isso é tudo, colegas — murmurou Connor. — Estão satisfeitos?

Shay olhou em volta.

— Vocês querem por favor...

— Não, Shay. — Pus a mão em seu braço. — Obrigado, Monroe.

Monroe se levantou, dando as costas para nós.

— Boa noite para vocês.

— Eu também vou dormir — disse Tess. Ela o seguiu rumo às escadas.

— Que forma de se esvaziar um lugar — murmurou Connor, olhando para a caneca de café.

— Pare, Connor — disse Adne, e se levantou. — Vamos encontrar outro jeito de matar o tempo.

Ele sorriu para ela.

— Tenho algumas ideias.

— As minhas são melhores e mais apropriadas para a ocasião. — Adne se sentou à mesa, pôs os pés no banco e descansou o violão sobre os joelhos. Ela dedilhou as cordas e pendeu a cabeça para o lado.

— Pedidos?

— As damas primeiro — disse Connor.

Ela começou a cantar, sua voz era baixa, mas poderosa.

— Rage, rage against the dying of the light.

Shay se animou.

— Dylan Thomas?

Ela fez uma pausa e ergueu os ombros.

— É. É meio que nosso mantra por aqui. Fiz uma melodia para o poema.

— Há quanto tempo você toca? — Shay observou-a manusear a palheta, claramente fascinado.

— Desde os 4 anos — disse Adne. — Minha mãe me ensinou.

— Nasceu com o dom, mas isso não é surpresa. Ela é boa em tudo que faz. Criança-prodígio e tal. — Connor tirou um dos cachos cor de mogno da testa de Adne. Os olhos castanhos de Connor brilharam sob a luz da lareira enquanto seus dedos tocavam a pele dela.

Uma suspeita perturbadora me deixou arrepiada. Algo se escondia sob a superfície das constantes provocações entre Connor e Adne. Tinha certeza.

Tantos segredos interligam todos eles. Esses dois também têm segredos.

— Dá para perceber — murmurou Shay, com olhos vidrados nos dedos ágeis de Adne. — Pode me ensinar?

Adne parou de dedilhar.

— Ensinar você a tocar?

Shay fez que sim com a cabeça.

Ela sorriu para ele e bateu na superfície da mesa ao lado.

— Claro.

Shay foi para o lado de Adne e ela pôs o violão sobre as pernas dele. Engoli em seco quando ela se moveu para trás de Shay, inclinando-se sobre ele para poder guiá-lo com as mãos no violão.

Apesar de minhas suspeitas sobre Connor e Adne, fiquei na dúvida se a história dos dois havia ficado no passado — e Adne tinha agora os olhos focados em um futuro com Shay. Eu não tinha dúvidas sobre os sentimentos dele por mim, mas o ciúme me atacava sempre que via os dois juntos. Mesmo que ele não estivesse interessado nela, estavam se tornando amigos muito rápido. E isso fazia meu coração doer. Sentia falta dos meus amigos. Principalmente de Bryn. Apesar de viver bisbilhotando minha vida e dando palpites sobre meus sentimentos, sua preocupação e sua presença me serviam de suporte. Todo alfa precisava desse apoio.

Evitei olhar para Adne e Shay. A ideia de virar um lobo e derrubar Adne no chão se tornava cada vez mais tentadora.

— Acho que por hoje é só. — Connor bocejou escandalosamente, apesar de toda sua atenção voltada para a aula de violão improvisada. — Adne, posso acompanhá-la aos seus aposentos?

— O quê? — Adne mal olhou para ele. — Desde quando preciso de escolta? Por acaso viajamos no túnel do tempo até o século XIX e não percebi?

Connor encarou Shay e então bateu com o salto da bota no chão. Parecia vulnerável, uma fragilidade que nunca havia notado no Inquisidor, sempre dado a piadas e palhaçadas.

— Não, eu... — balbuciou ele. — Boa noite, então.

— Boa noite. — Adne voltou a atenção para o violão.

Connor voltou a olhar para Shay e Adne mais uma vez, hesitante. A expressão em seu rosto era estranha, um sentimento entre a raiva e a tristeza.

— Acho que vou para a cama também — disse. *Antes que acabe arrancando os dedos dela.*

— Eu a acompanho até o quarto. Posso até cantar uma cantiga de ninar... E talvez você possa me mostrar o que a faz uivar — disse Connor, com um sorriso malicioso no canto da boca.

— Ei! — protestou Shay, saindo do transe para encarar o Inquisidor.

— Fica tranquilo, cara. — Connor caiu na gargalhada.

— Vamos lá, Shay — brigou Adne, puxando os dedos de Shay de volta ao violão. — Preste atenção. Ponha os dedos aqui e aqui. Este é o G.

Shay corou e se virou para olhar Adne.

— Desculpe... Tudo bem, G.

— Não se preocupe, logo logo você aprende. — Ela apoiou o queixo no ombro de Shay.

Segui Connor pelo corredor, com uma bola de fogo ocupando o espaço onde antes ficava meu estômago.

— Está aguentando firme, criança? — Ele me fitou enquanto subíamos as escadas. — Afinal, são muitas mudanças radicais acontecendo na sua vida.

Dei de ombros, sem saber bem como reagir à pergunta.

— Por que se importa? — Fiquei arrependida pelo tom áspero, mas ainda estava irritada com a cena de Adne agarrando Shay na mesa. Além disso, conversar com Connor era como andar em uma montanha-russa: não sabia se estava fazendo comentários inapropriados ou perguntas genuinamente atenciosas. Os Inquisidores estavam me deixando emocionalmente afetada.

— Sabe que vai ter que confiar na gente... mais cedo ou mais tarde — disse ele.

Mostrei os dentes, mas não era bem um sorriso.

— Mais cedo ou mais tarde.

— É justo — respondeu, parando em frente a uma porta. — Bons sonhos, alfa.

— Obrigada. — Abri a porta.

Nem me dei ao trabalho de acender a luz; em vez disso, desabei na cama e fitei a escuridão do céu com a cabeça agitada demais para que o sono fosse uma possibilidade real. No entanto, estava exausta, enfraquecida. Mas a dor era mais forte que isso.

Estou só.

Até esse momento não havia me dado conta disso verdadeiramente. Nunca havia estado só. Sempre tive a matilha, independentemente dos desafios que a vida me havia imposto pelo caminho. Na ausência de meus amigos, ficava perdida, totalmente sem propósito. Havia fugido de Vail para salvar Shay, mas também para salvá-los. Agora essa opção parecia mais uma esperança efêmera do que uma solução, e se distanciava cada vez mais da realidade.

O que estou fazendo aqui?

Rolei na cama, enterrando o rosto no travesseiro, e fechei os olhos. O quarto estava um pouco frio, mas não me dei ao trabalho de me cobrir com o pesado cobertor. A temperatura desconfortável que me arrepiava todo o corpo alimentava o espírito desconsolado. Estava tensa, mas não me movi ao ouvir a porta se abrir e fechar silenciosamente. Senti o cheiro da grama quente do verão e de cravo. Os passos leves de Shay cruzaram o quarto e então pararam.

— Sei que está acordada, Calla.

Suspirei e me virei para encará-lo.

— O que aconteceu com a aula de violão? — Soei maliciosa, o que me deixou ainda mais irritada, pela facilidade com que Adne me tirava do sério.

— Queria ter certeza de que você está bem. — Ele veio engatinhando pela cama.

Deitei-me de barriga para cima.

— Deixou Adne sozinha? Acho que ela estava ansiosa para continuar ensinando você. — *Acho que estava ansiosa para muito mais do que isso...*

— Precisou voltar para Denver — respondeu ele. — Silas apareceu com um relatório para ela levar ao posto avançado. Mas agora que estou aqui parece que seria melhor ter deixado *você* sozinha.

Não conseguia decidir se ele estava irritado ou se divertindo com a situação, por isso não respondi. Deixei os olhos perdidos no céu estrelado novamente. Então as mínimas luzes pisca-piscas foram cobertas por uma sombra, quando Shay se aproximou de mim. Prendi a respiração ao sentir que em vez de se deitar ao meu lado ele colocou o corpo em cima do meu. Seu peso pressionou-me contra o colchão.

— Shay.— Estava perplexa, mas sem medo. — O que está fazendo? — Minhas mãos subiram até seu peito e mantiveram o torso suspenso rente a mim.

Seus dedos agarraram meus pulsos, puxando-me para baixo, dificultando minha resistência.

— Chega de se esconder atrás do medo, Calla. Chega de fugir. Pode tentar arrancar minhas mãos se realmente é isso que quer. Mas vou beijar você agora.

Engoli em seco ao me deparar com o brilho confiante e vívido de seus olhos. Ele não tinha medo de mim. Apesar do toque suave de seus dedos, sentia a intensidade de sua força. Era surpreendente e sedutora. Ele já não me abordava com a hesitação que tinha quando humano. Ele agora era um Guardião; e não apenas isso, era o progênito: ele carregaria a Cruz Elementar. Uma arma que o mundo nunca havia visto. Era um verdadeiro guerreiro. Minha cara-metade. Talvez mais que isso. Meus lábios curvaram-se em um sorriso ao perceber que a vulnerabilidade de Shay, que me fez salvar sua vida, havia se dissipado e sido substituída por uma força implacável que combinava com sua determinação persistente e incansável. Já não precisava mais de mim para protegê-lo, mas ainda me queria. A expressão que marcava seu rosto era de fome, da necessidade de saber que eu também o desejava. E o desejava.

Estou livre agora. Eu o amo. Não há motivo para não seguir adiante.

Soltou meus pulsos, sem tirar os olhos de mim. Não o afastei, mas sim descansei as mãos nos músculos de seu peito. Ele curvou-se sobre mim e o abracei pelo pescoço, enfiando os dedos nos cachos suaves do cabelo dele. E então seus lábios estavam nos meus, abrindo-os delicadamente.

O beijo de Shay guardava a promessa dessa liberdade que tanto havia desejado. Doce e suave como os primeiros brotos de flor que surgem para encontrar o sol da primavera. Fechei os olhos e permiti que o puro prazer tomasse conta de mim. Mel e cravo. Chuva fresca e quente invadindo minha boca, derramando-se por dentro de mim. Ele era o raio de sol que afugentava o frio do inverno.

Ele pressionou o corpo contra o meu com mais força e envolvi minhas pernas ao redor dele. Deixei escapar um som baixo que se confundia com algo entre um gemido e um murmúrio. Seus beijos

continuaram explorando minha boca, cada toque instigando mais desejo em mim. Movi as mãos por suas costas, sentindo a força de seus ombros, desejando desvendar ainda mais esse território. Ele passou as mãos por debaixo da minha camisa, acariciando minha barriga e subindo lentamente. Meu sangue pegou fogo.

Arranquei a camisa e a joguei longe. Senti cada centímetro do corpo de Shay ficar subitamente mais rijo enquanto ele me olhava. Deslizei as mãos por debaixo de sua camisa, e desci com os dedos até encontrar os botões da calça jeans, tateando-os, querendo ir em frente, mas insegura, sem saber se deveria. Ele deitou-se sobre mim e me beijou com mais força. Pressionei-me contra ele, precisando senti-lo ainda mais próximo, e detestando o que ainda restava de roupa separando nossas peles. Abri o primeiro botão da calça e deslizei para o segundo. Minha respiração estava ofegante com o rastro de fogo que suas mãos produziam em minha pele.

— Calla — murmurou ele, com os lábios pressionados contra os meus. — Não faz ideia de há quanto tempo desejo fazer isso.

Alguma coisa em suas palavras me fez vacilar, como se tivesse tropeçado na escuridão e de repente estivesse caindo, caindo. E então não era mais Shay que estava em cima de mim, mas Ren. Aqueles olhos escuros brilhando sob a luz fraca do quarto, suas mãos escorregando por minha pele. *Um beijo, Calla. Não faz ideia de há quanto tempo desejo isso.*

Foi como se um vento gélido varresse o quarto. O fogo que queimava minha pele foi apagado e em seu lugar senti apenas um vazio congelante. Estremeci e meu estômago ficou embrulhado. Comecei a balançar a cabeça.

— O que foi? — As mãos dele ficaram imóveis.

— Pare. — Pousei as mãos fechadas sobre o peito de Shay, e desta vez o afastei com força suficiente para fazê-lo recuar, chocado. Fechei os olhos e agarrei a camisa jogada no chão, incapaz de continuar a olhar para ele. — Não posso.

Meu corpo tremia violentamente e mal consegui vestir a camisa de volta. O precipício negro que residia em meu peito rugia ao ganhar vida, sugando minha breve tranquilidade para dentro de seu profundo esquecimento. Odiei a mim mesma por tê-lo afastado, pois sabia que queria Shay, e o amava. *Por que ainda me prendo ao passado? O que há de errado comigo?*

Shay falou, alarmado:

— O que aconteceu? Você está pálida. — Ele tentou me abraçar, mas saí da cama.

— Desculpe — murmurei, incapaz de verbalizar o súbito conflito de impulsos que me atormentava. Cruzei as mãos na altura do peito. Instintivamente meus dedos tatearam o anel de Ren.

A voz de Ren invadiu meus ouvidos. *Diga que vai voltar para sua matilha. Para mim.*

Parecia que o lugar estava girando a minha volta. Eu havia deixado Ren para trás. Ele havia arriscado tudo por mim e era assim que eu o recompensava. Entregando-me a outra pessoa, quando estava prometida a ele. *O que estou fazendo aqui? Com pessoas que sempre foram meus inimigos? Pertenço a minha matilha.* O fogo em minhas veias transformou-se em gelo quando me dei conta de que não estava livre. Não estaria até que minha matilha estivesse a salvo. Uma parte de mim era prisioneira do medo de tê-los condenado a um destino terrível.

— Calla, o que foi? — Shay veio em minha direção, mas ambos viramos a cabeça bruscamente ao ouvir o som de batidas na porta. No

momento seguinte, a porta foi escancarada e Adne entrou apressada.

— Calla! — Ela estava com os olhos arregalados. — Precisamos voltar para Denver agora!

— O que aconteceu, Adne? — Shay correu para ela. — Um ataque? Os Defensores?

— Não. — Ela o encarou por um momento como se estivesse perplexa por vê-lo em meu quarto. Afugentou o susto e se virou para mim. — Ethan rendeu um Guardião enquanto patrulhava.

— Um Guardião? — Meu coração disparou ao ver o temor no brilho de seus olhos.

A voz dela estava trêmula.

— Ele diz ser seu irmão.

INFERNO

PARTE I

Abandone todas as esperanças, aquele que aqui entrar.

—Dante, *Inferno*

DOZE



— O quê? — Minha pergunta saiu como um sussurro rouco.

— Seu irmão? — Shay estava boquiaberto. — Está falando de Ansel?

— Não o ouvi dizer o nome — explicou Adne. — O que está fazendo aí parada? Vamos!

Saí do meu estado de choque e corri para a porta. Adne veio em seguida correndo pelo corredor. Ouvi os passos de Shay atrás de mim.

Ethan rendeu um Guardião. *Rendeu?* A adrenalina que me impulsionava a seguir Adne transformou-se em pânico entorpecente. Tentáculos paralisantes de medo viraram espinhos afiados de terror quando avistei a porta reluzente e aberta.

Parei, sem reconhecer o homem que estava de pé ao lado da porta.

— Que bom que os encontrou — disse ele. — Todos já atravessaram.

— Este é Jerome, Calla. Vá. — Adne me empurrou para dentro do portal.

Tropecei para a frente, caindo de quatro dentro da sala de treinamento do Purgatório.

— O que deu em você?! — esbravejou Monroe. — É só um garoto!

Temi descobrir o que era capaz de deixar Monroe tão zangado.

— Ele estava correndo para cima de mim, Monroe. Gritando como uma hiena, juro — exclamou Ethan, sua voz estava estremecida e carregada de tensão. — Ele gritava: sou um Guardião, sou um Guardião. Sem parar. O que queria que eu fizesse?

Isaac, Connor e Silas olhavam para alguma coisa no chão em frente a eles, lívidos. Foi quando vi uma poça de sangue a seus pés.

Monroe tirou os olhos possessos de raiva de Ethan ao ouvir nossa aproximação. Sua raiva deu lugar ao medo quando me viu.

— Calla. — Ele pisou no rio de sangue que passava pelo círculo de Inquisidores e agarrou meu braço.

Desvencilhei-me e passei correndo por Connor, que havia se posicionado atrás de Monroe em uma segunda tentativa de bloquear minha visão da pessoa que estava no chão.

Ansel estava imóvel. Suas roupas estavam escuras de tanto sangue. Gritei e cobri a boca com as mãos. Flechas estavam cravadas em seu peito.

— Ansel! Ansel!!

— Não sabia quem era… — começou Ethan, e me olhou aflito. — Ele simplesmente se jogou em cima de mim. Achei que fosse arrancar meus olhos fora com suas garras.

Saltei para cima de Ethan, mas os braços de Connor me envolveram por trás.

— Calma, moça — disse, tentando manter a voz estável, mas pude ouvir que estava ansioso. — Não vamos fazer nada precipitado.

— Vou matar você — sussurrei, debatendo-me contra Connor.

— Oh, Deus. — Shay estava do meu lado, com olhos assustados para Ansel. Ele me olhou. — Pode ajudá-lo?

A onda de fúria havia me arrancado toda espécie de pensamento racional. Fechei os olhos, tentando ganhar fôlego.

— Se o coração ainda estiver batendo — murmurei. — Talvez.

— Tudo bem, então vamos fazer isso. Ajudo você. Precisa se concentrar, Cal. Salve Ansel. — Shay tocou meu braço. Olhou para Connor. — Solte ela.

Connor olhou para Monroe, que havia se posicionado entre mim e Ethan. Monroe consentiu com um breve aceno de cabeça. Connor me soltou e Shay pegou minhas mãos, puxando-me para perto de Ansel. Ajoelhei-me no sangue e pus as mãos no peito de Ansel. Dava para ouvir sua respiração, entrecortada e arfante. Ainda tinha pulso, mas estava fraco e cada vez mais lento.

Engasguei no choro.

— Ai, Deus, Ansel.

— Desculpe. — Ethan nos observava, seu rosto estampava tristeza e desespero. — Não sabia que era seu irmão.

Encarei-o, a ira deixava cada batida do meu coração ensurdecedora.

— Pare de falar, Ethan — mandou Monroe, que se moveu para tampar minha visão do Inquisidor.

— Calla. — A voz de Shay me trouxe de volta à razão. — Ele precisa de ajuda agora. O que posso fazer?

Balancei a cabeça, tentando me concentrar.

— Ele precisa de sangue, e precisamos tirar as flechas.

Shay concordou com a cabeça.

— Arranque as lanças o mais rápido que puder quando eu disser que é a hora.

— Está bem.

Ele foi para o outro lado do corpo imóvel de Ansel e agarrou a haste de uma das flechas. Levei o antebraço à boca e o mordi. Deslizei a mão para baixo da cabeça de Ansel e a ergui. Introduzi à força meus dedos entre os lábios dele e os abri. Então me inclinei e enquanto pressionava meu braço sangrando em sua boca, murmurei em seu ouvido.

— Escute, maninho. Por favor, escute — falei aos soluços. — Preciso que me ouça. Precisa beber, Ansel. Por favor, beba.

Meu sangue verteu em sua boca. Desceu por sua garganta. Fechei os olhos e apoiei a testa em sua têmpora. Os Inquisidores nos observavam atentos, silenciosos, imóveis. Uma mescla de desespero e curiosidade transparecendo em seus semblantes.

Ansel não se mexeu. Meu sangue enchia sua boca; até começar a vazar de um dos cantos dos lábios.

— Calla? — A voz de Shay estava tomada de temor.

— Por favor, Ansel — sussurrei novamente. — Beba. Eu te amo. Não faça isso. Beba.

O corpo de Ansel deu um solavanco. Ele abriu o maxilar e engoliu o sangue. Seus músculos entraram em convulsão e sua cabeça escapou do apoio do meu braço.

— Adne, Connor, venham aqui — gritei. — Ele vai reagir. Preciso que o segurem com força.

Ambos vieram para o meu lado e prenderam os ombros de Ansel ao chão. Ele deu outro solavanco, mas não houve dificuldade em mantê-lo preso. Apesar do medo, franzi a testa. Seu esforço estava fraco. Algo estava errado. Voltei a colocar o braço com sangue em sua boca.

— Vamos lá, An — disse a ele. — Precisa disso. Continue bebendo. Não relute.

Ele voltou a engolir o sangue e então começou a bebê-lo com mais regularidade.

— Mantenham-no preso ao chão — pedi, olhando rapidamente para Adne e Connor.

Com rostos contritos, fizeram que sim com a cabeça.

— Shay, comece a tirar as flechas.

— Tá. — Shay deu um rápido suspiro. — Lá vai. — Arrancou a primeira flecha do peito de Ansel.

Ansel não abriu os olhos, mas se agitou e rosnou, cuspindo sangue. Adne deu um grunhido e Connor continuou pressionando o corpo de Ansel com força.

— Não o soltem! — gritei, e novamente levei o braço à boca de Ansel.

A ansiedade aumentava a cada minuto. Ansel mal reagia. *E se já for tarde demais para o meu sangue salvá-lo?*

— De novo, Shay — pedi, afugentando o medo nauseante que invadia minha garganta. — Precisamos tirar as flechas o mais rápido possível.

Shay concordou com a cabeça e arrancou mais duas flechas.

— Tirei todas — anunciou, jogando as flechas no chão.

Mantive o braço pressionado na boca de Ansel. Ele parou de se debater e bebia o sangue com mais vontade e frequência. Apoiei o corpo no chão com a outra mão. Ele estava tirando muito sangue de mim.

— Calla. — Shay veio para o meu lado e envolveu o braço em minha cintura.

— Vou ficar bem — respondi.

Ansel parou de beber. Hesitante, tirei o braço da boca de meu irmão e cobri a ferida com a mão. Ele abriu os olhos de repente.

— Calla?

Comecei a chorar, segurando-o em meus braços.

Monroe soltou um suspiro estremecido.

— Graças a Deus.

— Não é de se estranhar por que é tão difícil para os Combatentes matá-los — gracejou Silas. — Viram como foi rápido? Vou falar com a Academia sobre desenvolver novos encantamentos contra isso.

— Agora não, Silas — disse Connor, com os dentes cerrados.

— É você mesma — disse Ansel, olhando-me incrédulo, com a voz ainda um pouco instável. — Não acredito que achei você.

— Ansel. — Mergulhei o rosto em seu cabelo embaraçado. — Ai, Deus, Ansel.

Seus olhos permaneciam levemente confusos quando observou o círculo de Inquisidores ao seu redor, até finalmente focar em Ethan, que deu um passo atrás.

— Ele atirou em mim. — Ansel soava estranhamente divertido. — Este aí atirou em mim.

— Não se preocupe — expliquei. — Tudo vai ficar bem. Ele não sabia quem você era, mas está a salvo agora.

Ansel me olhou novamente. Não reconheci o sorriso vazio que surgiu em seu rosto.

— Devia ter deixado ele me matar.

TREZE



Meus dedos se cravaram nos ombros de Ansel enquanto o encarava perplexa, incapaz de falar, sem acreditar no que havia acabado de escutar. Mal conseguia reconhecer o cheiro do meu irmão sob os odores desagradáveis que o encobriam. Sujeira, sangue e o gosto pungente de medo.

Shay se agachou ao nosso lado.

— Ei, Ansel. Respira fundo. Está tudo bem.

O nó na garganta aumentou quando Ansel deu uma gargalhada. Nunca havia ouvido um som tão assustador. Áspero e infeliz.

— É mesmo, Shay? — perguntou Ansel, com o sorriso assustador. — Está tudo bem?

— Ansel, o que há de errado? — Afastei uma mecha de cabelo grudada em sua testa.

Ele arrancou minha mão, tentando desvencilhar-se dos meus braços.

— Sai fora, me deixa em paz.

Abracei-o ainda com mais força. Não conseguia entender aquele comportamento estranho. Ele me empurrou, mas não me movi nem um centímetro.

Shay arregalou os olhos, enquanto observava Ansel parar de relutar. E então se levantou, lívido.

— Ai, não.

Fitei-o.

— O quê?

Shay balançou a cabeça, com os olhos sobre Ansel.

— Não sei se isso é possível, mas acho que...

— Acha, garoto predestinado? — Ansel olhou para Shay e estremeceu. — Você sabe, claro que sabe. — O sorriso sumiu e deu lugar a uma expressão vazia de derrota.

— Do que estão falando? — sussurrei.

— Eu… — Ele ergueu os olhos para mim. Por um instante, o ódio queimou em suas íris acinzentadas, fazendo-as brilhar como nuvens cheias de raios, mas em seguida a luz se foi, substituída por uma vasta névoa espessa e cheia de desesperança.

Monroe deu um passo cauteloso em nossa direção. Ansel não reagiu. Olhava para o nada, perdido. Monroe se ajoelhou ao lado dele, franzindo a testa.

— Ele está machucado?

— Não sei — disse, sem tirar os olhos de Ansel. — Irmãozinho, por favor. Fale comigo.

— Eles tiraram de mim. — A voz de Ansel estava tão baixa que quase não o escutei.

— Tiraram o quê? — perguntei.

— Calla.— A voz de Shay tinha um tom de alerta. — Talvez seja melhor deixar que descanse. Deixe-o.

— Me tiraram de mim mesmo — prosseguiu Ansel, sem me encarar. — Tudo. Está acabado. Estou morto.

— Não pode fazer mal a você aqui — disse Monroe gentilmente. — Sua irmã tem razão. Você não está mais em perigo.

— Não importa — disse Ansel.

Minha paciência se esgotou.

— O que há de errado com você?

Larguei-o bruscamente, e ele caiu no chão como um boneco de pano. *Ai, Deus. O que aconteceu?*

Ele ficou no chão parado por um instante e então seus ombros começaram a tremer quando começou a esmurrar o chão, aos prantos.

Connor olhava meu irmão, boquiaberto.

— Um Guardião pode sair arremessando o outro assim? Ou é porque você é uma alfa?

— Não! — Lutei contra a súbita compreensão que recaiu sobre mim.

Engatinhei até Ansel, virando-o cautelosamente.

— Ansel? — Toquei-o, mas ele recuou abruptamente.

— Não me toque.

— Por que não me enfrenta? — Desconfiei já saber a resposta, mas meus instintos protestavam, recusando-se a acreditar.

Ele me encarou feio, com punhos fechados ao lado do corpo.

— Já disse. Eles me tiraram.

— Precisa explicar, An. Não estou entendendo. — Mas, sim, entendia. Apenas não conseguia aceitar.

A voz de Shay soou atrás de mim:

— Ele não é mais um Guardião.

Virei-me para Shay. Seu rosto continuava pálido, um pouco esverdeado.

— Não é possível. — *Não, não, não.*

— É sim — respondeu Monroe em voz baixa, mantendo uma distância respeitável, enquanto observava meu irmão balançar-se para a frente e para trás, cheio de mágoa.

— Não é não! — Estremeci, sem querer acreditar no que via diante dos meus olhos.

— Guardiões podem ser feitos — continuou Monroe. — E desfeitos.

— Não! — Fiquei de pé, ao lado do meu irmão como se ele estivesse sendo atacado. — Não pode ser!

— Monroe tem razão. — Silas alisou a frente da camisa. — Guardiões são aberrações da natureza. Os Defensores sabem como manipular suas criações de acordo com suas necessidades.

Rosnei para ele, que me fitava indiferente.

— É verdade.

— Cala a boca, Silas. — Connor deu um cascudo na cabeça dele.

— Ai! — resmungou Silas, esfregando o local. — O quê? Só estou ressaltando…

— Esqueça — vociferou Monroe.

— Por quê? — Shay se agachou ao lado de Ansel, olhando-o atentamente. — Por que fizeram isso com você?

Ansel fez uma carranca e encarou Shay.

— Um exemplo. Queriam dar um exemplo.

Minha boca ficou seca.

— Um exemplo para quem? — perguntei titubeante.

Ansel se virou para mim e caí de joelhos novamente. Como meu próprio irmão me olhava desse jeito?

— Para sua matilha — sussurrou. — Ou já se esqueceu da gente desde que arranjou novos amigos?

— Calma aí — disse Shay, posicionando-se entre mim e Ansel. — A culpa não é da Calla. Ela fez o que fez para salvar minha vida. Se quer culpar alguém, culpe a mim.

Ansel sorriu para ele friamente.

— Parabéns, cara. Você é o lobo que eu não sou. Ela fez você para proveito próprio e deixou a gente para trás.

— Não foi isso que aconteceu. Ansel, eles iam matá-lo! — Meus olhos ardiam e as lágrimas escorriam pelo rosto.

— Antes ele do que nós — disse ele, olhando agora para o chão. — A matilha inteira vai morrer em breve.

— Não — sussurrei. Não fariam isso, fariam? Matar os lobos mais jovens? Todos eles? Fiquei tonta, negando a possibilidade. Os Defensores haviam executado Guardiões insurgentes no passado. Será que arruinei a vida de meus companheiros de matilha quando fugi?

Monroe surgiu de repente ao nosso lado e pousou as mãos nos ombros de Ansel.

— Escute com atenção. Podemos ajudar você e seus amigos, mas preciso que me diga a verdade. Você foi seguido?

Ansel revirou os olhos e então cuspiu no rosto de Monroe.

Adne prendeu a respiração, mas Monroe ergueu a mão.

— Compreendo sua dor — disse em voz baixa, porém sem raiva. — Mas precisa confiar em mim. Não somos seus inimigos. Sua irmã está a salvo aqui. E você também.

Eu mal conseguia respirar. As lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto, caindo do queixo para a gola da camisa. O que eu havia feito? Rostos surgiram defronte dos olhos fechados. Bryn. Mason. Ren.

Senti alguém tocar minha mão.

— Calla — murmurou Shay. — Não é sua...

— Pare. — Desviei a mão para longe da de Shay. — É, *sim,* minha culpa.

Ansel deu um longo suspiro estremecido.

— Eles me jogaram de uma van no Centro. Só disseram que encontraria minha irmã se tivesse sorte.

— Ethan? — Monroe ficou de pé.

— Estava sozinho — informou Ethan. — Nenhum espião. Nenhum Guardião.

— Provavelmente foi um alerta — comentou Connor. — Eles gostam desse tipo de ameaça.

Adne estremeceu e Connor passou o braço ao redor do pescoço dela.

— É bem possível — disse Monroe.

Adne deu um passo adiante.

— Ele precisa de um banho. Posso providenciar roupas limpas.

— Só quero ficar sozinho — murmurou Ansel, mas a revolta já não estava mais presente em sua voz.

Fui engatinhando até ele.

— Deixe eles ajudarem, An. Podem mesmo nos ajudar.

— Não devia ter dito aquelas coisas para você. — Finalmente olhou para mim, olhos apáticos, repletos de dor. — Estou feliz por estar viva.

Ri entre lágrimas.

— Obrigada.

— Por que nos deixou?

— Não podia deixar o Shay morrer. Simplesmente não podia. — Engasguei. — Não queria ter deixado vocês. Sinto muito.

Ele apoiou a cabeça em meus ombros, trêmulo, e o abracei.

— Eu também.

CATORZE



Estávamos reunidos na cozinha do Purgatório. Silas e Adne colocaram canecas de chá fumegantes sobre a mesa. Já limpo do sangue e da imundície, com roupas que Adne havia conseguido, Ansel se parecia mais com ele mesmo. Ou quase isso. Seu rosto continha um resquício do Ansel de que eu me lembrava. Ele tremia mesmo com o cobertor ao redor do pescoço. Meu irmão sempre havia sido uma pessoa cheia de otimismo, com um sorriso sempre prestes a surgir no canto da boca. Agora seu rosto estava contraído. Seus olhos, parcialmente cobertos pelo cabelo castanho-claro, distantes e indiferentes.

Sentei ao seu lado, observando cada movimento, imaginando o que ele estaria pensando, se estava sofrendo. Tentei sentar mais perto, mas ele moveu a cadeira para longe. Era como se não conseguisse suportar minha presença.

Não era mais um lobo. Entendia o peso dessa perda. Sempre havíamos sido lobos. Viver sem essa outra parte de mim seria… impossível. Ficaria perdida no mundo. *Mas por que ele não quer ficar perto de mim? Sei que não é culpa dele. Será que está envergonhado? Com medo de mim?*

Ansel não havia sido jogado para as feras, mas para longe delas. Abandonado como um renegado na sarjeta, já sem nenhuma serventia para seus mestres.

Ficamos sentados em silêncio, esperando que ele respondesse à pergunta de Monroe.

Ansel não se moveu, suas mãos agarravam a caneca a sua frente.

Monroe limpou a garganta.

— Sei que é difícil, mas precisa nos contar o que aconteceu depois que Shay e Calla deixaram Vail.

Ansel soltou a caneca e escondeu as mãos trêmulas debaixo da mesa.

— Estávamos todos esperando por ela na clareira.

Fechei os olhos, subitamente, de volta à floresta. Ouvi os tambores, Sabine e Nev cantando. Lembrei de ter reconhecido o cheiro de Shay, e de tê-lo encontrado amarrado e vendado. O coração acelerou, entrando em sintonia com as batidas veementes dos tambores em minha memória.

— Mas ela nunca veio. — A voz de Ansel afugentou a neblina de imagens e abri os olhos, deparando-me com seu olhar severo.

— Ela me encontrou — disse Shay. — Eu havia sido sequestrado. Me amarraram para eu ser sacrificado na cerimônia.

— Interessante — murmurou Silas.

— Não é interessante — retrucou Connor. — É grotesco.

— O que você está fazendo aqui? — Arreganhei os dentes para ele. — Você não é só o cara que carrega papéis?

— Esta é das minhas. — Connor sorriu.

— Os Escribas coordenam todo o serviço de informações dos postos avançados — rebateu Silas, estufando o peito. — Hoje perdemos um agente que era peça fundamental para nós; este rapaz talvez possa nos dizer o que aconteceu.

Ele ergueu uma sobrancelha para Ansel, que olhava indiferente para a mesa.

Silas limpou a garganta e fitou Shay.

— Conte-nos do sacrifício. Houve algum ritual de preparação?

— Ritual de preparação? — perguntou Shay. — É... não. Fiquei desacordado. Se aconteceu alguma coisa antes de eu aparecer no meio da floresta, não sei o significado disso.

Connor olhou para Shay.

— Você está bem, garoto?

— Tudo bem — respondeu Shay, embora um pouco pálido.

— Podemos esperar para fazer perguntas depois que ele terminar? — pediu Monroe, fazendo um gesto para que Ansel continuasse a falar.

O grupo ficou em silêncio.

— Nenhum de nós sabia o que aconteceria depois — disse Ansel, e fez uma pequena pausa. — Bem, pelo menos, ninguém da minha matilha. Achávamos que Ren e Calla ficariam sozinhos. Sabíamos que haveria um sacrifício, mas achávamos que seria...

Calou-se, olhando em volta.

— Ai, que graça. — Connor deu uma risada mórbida.

— O quê? — perguntou Adne.

Ethan fez uma careta. Levantou-se caminhando de um lado para o outro, próximo à fornalha.

— Um de nós. Achavam que um de nós seria morto.

Isaac engasgou com o chá. Adne lhe entregou um pano de prato.

Um silêncio constrangedor tomou conta do recinto.

— Isso é passado — disse Monroe finalmente. — Esqueçam.

Ansel olhou para Monroe e, após receber um aceno de cabeça, continuou:

— Estávamos esperando havia tanto tempo que Efron mandou alguns Banes veteranos para a floresta. Começaram a uivar quase que na mesma hora. Todos correram. Lobos e Defensores. Foi quando a encontrei.

— Flynn — respondemos eu e Shay ao mesmo tempo.

Ansel concordou com a cabeça.

— Não conseguia tirar o olho dela. Não conseguia entender o que ela fazia no meio da floresta para começar, e morta, obviamente por um de nós.

Ele fez uma pausa, olhando para mim.

— Você sabia que ela era um súcubo?

— Só descobri depois que a ataquei — murmurei, lembrando-me de suas asas e do fogo que ela cuspiu pela boca.

— Foi aí que tudo virou um caos — prosseguiu Ansel. — Efron e Lumine começaram a gritar ordens. Tentei ficar com a Bryn, mas os Banes veteranos nos agarraram. Não sabia o que havia acontecido. Jogaram a gente dentro de um carro e logo depois estávamos no Centro da cidade.

— No Centro? — perguntei, franzindo a testa.

— Na Eden — respondeu. — Mas não na boate. No subsolo. Efron tem uma espécie de… prisão lá. Foi para lá que nos levaram.

— Esta é uma informação útil — murmurou Silas.

— O quê? — perguntou Shay.

— Não sabíamos onde ficava a instalação de detenção dos Defensores — explicou Monroe. — Continue, Ansel.

— Não entendia por que estavam tratando a gente como inimigo. — Ele agora falava atropeladamente. — Eles me colocaram em uma cela com o Mason. Fey e Bryn em outra... Não as víamos, mas dava para escutar os gritos.

Comecei a tremer. Shay entrelaçou os dedos nos meus, e desta vez não me afastei.

— Nada aconteceu durante um tempo. — A voz de Ansel estava tão baixa que todos nos inclinamos, em um esforço para escutá-lo. — Colocaram grilhões na gente e não conseguíamos mudar de forma. Mas, no início, era só isso.

Shay encarou Monroe.

— Vocês têm uma espécie de troca, de barganha ou coisa parecida?

Monroe não respondeu.

— O quê? — Franzi a testa e fitei Shay.

— Eles colocaram isso em você quando chegou na Academia — disse ele.

— Se ela acordasse enquanto a carregávamos teria nos atacado sem nem saber o que estava fazendo — disse Connor. — Não tínhamos opção.

Shay abriu a boca para responder.

— Não, Shay — disse rapidamente. — Está tudo bem.

— E então trouxeram o Ren. — Ansel pareceu não notar a troca de olhares. Estava perdido no passado, ou pior, preso a ele.

Ouvi o nome de Ren e soltei bruscamente a mão de Shay. Ren havia tentado nos ajudar. Mentiu para os Defensores por nós. O quanto havia lhe custado?

De repente, conseguia ouvir a voz dele. *Isso só tem a ver com amor.* Senti sua respiração roçar minha pele, seus lábios nos meus. A ferocidade de seu abraço antes de deixá-lo.

— E foi então que tudo começou. — Ansel deu um solavanco na cadeira e os ombros estremeceram violentamente.

— O que começou? — perguntou Monroe aflito.

— As torturas — suspirou Ansel. — Os espectros vieram.

— Adne, é melhor sair agora — disse Monroe, observando o corpo trêmulo de Ansel.

— Não — protestou ela, apesar das mãos também trêmulas.

— É melhor que não escute isso — insistiu Monroe. — Chamo você quando terminarmos.

— Não — repetiu ela.

— Por que ela não deve ficar? — perguntou Shay.

Monroe tensionou o maxilar. Não respondeu a Shay, apenas manteve o olhar fixo em Adne.

Adne engoliu em seco, mas esticou a coluna.

— Espectros mataram minha mãe.

— É melhor você ir — disse Monroe em voz baixa. — Por favor.

— Tudo bem, Monroe — disse Connor, indo para perto de Adne e pegando suas mãos. — Ela é forte.

Monroe franziu a testa, contrariado, mas desistiu de argumentar.

Ansel continuava tremendo e falando.

— Primeiro entraram na nossa cela com Lumine e Efron. Escolhiam um de cada vez e faziam os outros olharem. Às vezes era Emile com outros Banes veteranos. Ficávamos presos na forma humana e eles nos atacavam, dilacerando-nos com garras e presas. O suficiente para nos fazer sangrar sem nos matar. Às vezes os Defensores apareciam e convocavam os espectros, que eram piores que os Guardiões. Muito piores. É como se nos engolissem por inteiro, nos deixando presos lá dentro; dá para sentir a pele se desfazendo. É como estar sendo comido vivo, lentamente... muito lentamente. Então você desmaia. Quando acorda, eles foram embora. Mas poucas horas depois, voltam e acontece tudo de novo. Às vezes, dava para ouvir Bryn e Fey gritando.

Baixei a cabeça, tentando apagar a imagem de Bryn sendo envolvida por trapos negros de sombra. Adne cambaleou. Connor passou o braço ao redor de sua cintura, fazendo-a recuperar o equilíbrio.

— Perguntaram alguma coisa? — indagou Monroe. — O que queriam de vocês?

— Queriam saber onde estava Calla — respondeu Ansel. — E ficavam perguntando sobre o progênito. Não sabia o que isso significava.

— Estavam falando de Shay — expliquei. — Shay é o progênito.

O sorriso de Ansel era lúgubre.

— Agora sei disso. E sei que o querem morto. As peças começaram a se encaixar à medida que foram fazendo as perguntas.

— E quanto a Renier? — perguntou Monroe. Ele tinha as mãos sobre a mesa, fechadas com força.

— Tiraram a gente das celas e nos colocaram em um salão grande. Tudo era novo, iluminado como um hospital. Com exceção desse lugar. Escuro e velho. Saímos de uma prisão para irmos para uma masmorra. E estavam todos lá.

— Todos? — perguntei.

— Todos os Guardiões. Mais de cem de nós e todos os Defensores com seus espectros. Todos olhando para uma pilha de pedras erguidas uma sobre a outra. Como um palco ou altar.

Um altar.

Não, não. Ren não. Por favor, Ren não.

— Renier estava no altar? — A voz de Monroe estava trêmula. Olhei para ele, surpresa por ver que seu medo era o mesmo que o meu.

— Não. Ele estava ao lado do altar com Emile e meu pai — disse Ansel, que me olhou em seguida. — Minha mãe estava no altar.

Levantei, mas as pernas mal conseguiam me suportar.

— O quê?!

O sorriso opaco retornou ao rosto de Ansel.

— Surpresa?

— Como pode me perguntar uma coisa dessas? — vociferei. — Mamãe não tinha nada a ver com isso.

— Mas é a fêmea alfa — lembrou Ansel. A tranquilidade em sua voz me aterrorizava mais do que suas palavras. — Ela deveria ter ensinado a você o seu lugar.

Meu lugar. Tudo o que mais havia odiado sobre meu destino. O outro motivo por que havia fugido. Tão ruim quanto a ameaça de perder Shay.

— E ela fracassou — balbuciou Ansel. — Foi o que disse Lumine. Ela fracassou em cumprir sua obrigação.

Afundei no banco e não recuei quando Shay me abraçou.

— O que fizeram com ela?

— Deixaram Emile matá-la na frente do papai.

Meu corpo virou uma gelatina, e eu teria caído do banco se Shay não estivesse me segurando.

Monroe olhou para Adne, que estava muito pálida.

— Assassinaram sua mãe? — sussurrou ela.

Connor a puxou para perto, murmurando algo em seu ouvido. Lágrimas escorreram de seu rosto, mas ela não fez nenhum som.

— Disseram que era a punição para os dois como alfas. Ela morreu porque você fugiu. Papai perdeu a companheira.

Engasguei com um soluço, meus olhos ardiam e as lágrimas embaçavam a visão que tinha de Ansel.

Minha mãe. Mataram minha mãe por minha causa. Que espécie de monstro eu sou?

— Mas deixaram o alfa Nightshade vivo? — perguntou Silas. Ele fazia anotações e tive vontade de arrancar seus dedos a dentadas. Bem devagar.

— Não existe mais um alfa Nightshade — disse Ansel.

— O que quer dizer? — Shay me abraçou com força. Estava toda dormente, incapaz de me mover.

— Foi o restante do castigo — disse Ansel. — Os Defensores desmembraram a matilha Nightshade. Emile é o único alfa agora. E lidera as duas alcateias. Efron e Lumine disseram que haveria uma nova ordem. Os Banes haviam provado serem mais leais e devem mandar nos Nightshades até que estes provem sua lealdade.

— Mas como puderam fazer isso? — perguntou Ethan.

— Precisam trazê-lo de volta. — Ansel apontou para Shay. — Essa é a nova norma. Os Guardiões têm a obrigação de encontrá-lo e levá-lo para os Defensores. Quem conseguir será agraciado por eles. Se for um Nightshade, o lobo se torna o novo alfa e lidera uma matilha.

— Mas é impossível — falei. — Alfas não podem ser promovidos, nascem alfas. Enquanto nosso pai estiver vivo, ele será o alfa Nightshade, seja ele legitimado pelos Defensores ou não.

— Diga isso a eles. — Ansel me encarou.

— Isso pode funcionar a nosso favor — murmurou Ethan. Ele e Connor entreolharam-se e Connor concordou com a cabeça.

— Como? — perguntei. — Como isso pode nos ajudar? Vamos ser perseguidos sem trégua.

— Poderia… — começou Connor, mas Monroe o interrompeu.

— Espere. Ansel, e quanto a Renier Laroche?

Ansel deu um longo e baixo suspiro.

— Chamaram-no de traidor, como Calla. E o fizeram se ajoelhar no altar.

Encontrei minha voz e sussurrei:

— Mataram o Ren?

Ansel fez que não com a cabeça e algo que parecia estar morrendo renasceu.

— O que aconteceu? — perguntou Monroe; seus punhos relaxaram um pouco.

— Disseram que a traição dele foi culpa de Calla. Que não se pode confiar nas mulheres. Que as fêmeas nasceram para seduzir e enganar. Que a Calla enganou o Ren. Que ele estava apenas tentando salvar a companheira que ele acreditava que o amava.

A companheira que ele acreditava que o amava. Havia me apaixonado por outra pessoa, mas Ren ainda fazia parte de mim. Compartilhávamos algo que eu não sabia classificar. Seria amor também? A culpa perfurou minha pele como mil agulhas. Forcei-me a ficar ereta e me desvencilhei dos braços de Shay.

Silas concordou com a cabeça.

— Hummm, sim. O fardo de Eva. Boa tática.

— Silas, prometo que quebro o seu queixo se falar mais alguma coisa — ameaçou Connor, apertando os ombros de Adne.

— Não há nada de errado em tentar entender as escolhas do oponente — disse Silas baixinho. — Se não os estudarmos, não teremos como dar o próximo passo.

— Deixe isso para lá, Connor — disse Monroe. — Silas, agora não é o momento.

Silas resmungou alguma coisa, enquanto Connor continuou encarando-o.

— Mandaram um espectro atacá-lo. — Ansel estremeceu. — Por mais tempo do que jamais havia visto. Quando acabou, não pude acreditar que Ren ainda estava consciente. Disseram a ele que poderia escolher seu futuro. Que ainda tinha o controle de seu destino.

— Qual foi sua resposta? — perguntou Monroe.

— Depois do ataque do espectro, ele não conseguia falar. Fiquei surpreso por ter sobrevivido. Aquela coisa o consumiu por tanto tempo, muito mais tempo... — Ansel se contraiu, em seguida fez um ruído baixo como se fosse vomitar.

O frio me invadiu, como uma geada se formando em meus ossos. Todo o meu corpo tremia descontroladamente.

Minha mãe está morta. Ren foi torturado. E é tudo minha culpa.

— Levaram o Ren embora. — Ansel enxugou a saliva que caía de sua boca. Tentou dar um gole no chá, mas a xícara tremia violentamente em suas mãos. — Não sei para onde. Mas se não der a resposta que eles querem ouvir, tenho certeza de que vão matá-lo.

Monroe soltou um som angustiado e baixo. Seus olhos se moveram para observar o fogo da fornalha, e sua mente viajou para um lugar longe dali.

— E então eles me levaram para o altar — disse Ansel.

Estendi as mãos, na esperança de que ele as aceitasse. Ele as fitou e desviou os olhos. Trouxe de volta as mãos vazias, sentindo-me oca por dentro.

— Lumine disse que os filhos de Naomi Tor não eram de confiança — disse Ansel. — Ela pôs as mãos no meu peito. Achei que estivesse sendo rasgado ao meio. Ouvi a mim mesmo uivando, vi minha forma de lobo flutuar na minha frente e então ela pegou fogo. Queimando, queimando. O pelo fumegando. Eu podia sentir o cheiro, senti-lo sendo queimado

vivo. E então o lobo virou cinza. Lumine acenou com as mãos e a cinza sumiu no ar. E então descobri. Senti que o lobo havia ido embora. Eu não era nada.

— Estar vivo não é ser nada. — Monroe havia caminhado para trás de Ansel. Pôs uma das mãos no ombro dele, que estremeceu, mas não se desvencilhou. — Nós somos apenas humanos e acreditamos que vale a pena viver.

— Não sou humano — refutou Ansel. — Sou um Guardião. Era um Guardião. Não sei mais o que sou.

— Posso transformá-lo de volta — disse eu subitamente. — Pode ser um Guardião outra vez.

— Não. Fui desfeito. — O rosto de Ansel contorceu-se de raiva. — Foi o que Lumine disse. Foi o que disse a todos. Só posso ser recriado pela Velha Mágica. Um alfa não pode me transformar. Estou amaldiçoado.

— Vamos ajudar você — disse Monroe. — Podemos ensiná-lo outras formas de lutar. Não precisa ser lobo para ser forte.

— Esta guerra já teria terminado se apenas os lobos fossem fortes — murmurou Ethan.

— Não quero lutar de nenhuma outra forma! Quero ser lobo outra vez. — Ansel se virou para Monroe, a febre ardia em seus olhos. — Pode fazer isto? Sei que vocês conhecem a mágica.

Monroe ficou em silêncio.

— Disse que queria me ajudar. — Ansel estava desvairado. — É disso que preciso. Calla, faça eles me ajudarem.

— Não criamos Guardiões — disse Monroe finalmente. — Não alteramos a natureza.

— Do que estão falando? — protestei. — O lobo faz parte da natureza de Ansel. O que não é natural é o que fizeram com ele.

— Neste caso, pode ser verdade — disse Monroe. — Mas, sinceramente, não temos meios de desfazer isso. Não destruímos uma criatura para tornar outra inteira novamente.

— O que quer dizer com destruir uma criatura? — perguntou Shay.

— Teríamos que pegar a essência de outro lobo e matar o animal neste processo para dar ao seu irmão o que ele quer.

Fiquei arrepiada.

— Não entendi.

Silas reviu suas anotações:

— Os Guardiões foram criados durante anos de experimentos com as leis naturais do planeta. Os Defensores sempre gostaram de alterar a natureza em proveito próprio. Os Guardiões foram uma das primeiras demonstrações da força que ganharam ao se aliar com o reino das Trevas. Faziam experiências com humanos e animais, tentando por muitos anos uni-los e criarem guerreiros supremos. Houve muitas, muitas tentativas fracassadas. Corpos destroçados, criaturas mutiladas incapazes de se adaptar a este mundo ou a qualquer outro. E então vieram os Guardiões. Porém a criação, as criaturas... são aberrações da natureza. O motivo principal por que os Inquisidores combatem os Defensores.

Olhei-o séria.

— Você me chamou de aberração?

Silas olhou-me de cima a baixo.

— Sim, sim. Chamei.

— Chega, Silas — disse Monroe.

Senti como se insetos percorressem minha pele, picando-a, deixando ferrões, ferindo-a.

— É verdade que os Guardiões surgiram assim?

Pensei na história que me contaram na infância. O primeiro Defensor — um nobre guerreiro, ferido, à beira da morte, salvo somente pela ajuda de um lobo solitário. O prêmio de ser elevado. Os laços de amor e lealdade que não poderiam ser quebrados.

— É. Eles inventaram um belo conto de fadas sobre a origem de vocês? — debochou Silas, obviamente ávido por continuar a falar, mas calando-se ao ver o olhar severo de Monroe.

— Mais mentiras — balbuciou Shay. Olhou as próprias mãos. Perguntei-me se estaria arrependido por tê-lo transformado, agora que conhecia a verdade: que minha espécie não havia nascido como recompensa por lealdade, mas pela manipulação violenta da ordem natural das coisas. Um dos primeiros atos das muitas atrocidades pelas quais os Defensores eram conhecidos.

— Calla, precisa fazer alguma coisa — sussurrou Ansel. — Mesmo que não possa me ajudar. Antes de me despacharem, Lumine disse que desfaria o restante da nossa matilha, um por um, para dar o exemplo. Não pode deixar isso acontecer. É a sua matilha.

Não conseguia falar. Minha língua estava pesada como chumbo e estava me engasgando. O que eu poderia fazer? Todas as minhas escolhas haviam destruído meu mundo. Minha mãe estava morta, meu irmão agora era a casca vazia do garoto que havia sido antes. E tudo isso por quê? Eu e Shay estávamos a salvo, mas havíamos feito algo de bom? Os Defensores estavam menos ameaçadores? A cabeça latejava. Pus as mãos nas têmporas, tentando me organizar em meio ao caos de dúvidas.

— Não vamos permitir que isso aconteça.

Ergui a cabeça para assimilar as palavras de Monroe. Seu rosto estava sombrio. O maxilar tensionado.

— Vamos salvar sua matilha.

QUINZE



Não achei que fosse possível sentir mais frio, mas quando as palavras de Monroe se acomodaram a nossa volta, podia jurar que a temperatura havia caído.

Shay limpou a garganta e falou devagar:

— O que quer dizer com vamos salvar sua matilha?

Monroe não respondeu.

Shay se recusava a me olhar.

— Detesto ter que dizer isso, mas obviamente Ren sabia do risco que estava correndo quando fez suas escolhas, ou seja, ele tinha noção das consequências. Estava disposto a fazer esse sacrifício.

— Sacrifício? — Detestava a frequência com que essa palavra surgia em minha vida. Minha mãe havia sido sacrificada. Meu irmão parecia achar que teria sido melhor que o tivessem matado. Não conseguia suportar a ideia de que Ren em breve aumentaria o número de vítimas que eu havia feito ao salvar Shay.

— Não. — Encarei Shay. — Ren não vai ser sacrificado. Vamos a Vail salvá-lo.

Ansel fez que sim com a cabeça, enquanto balançava o corpo para a frente e para trás no assento. Shay se recusou a me olhar.

— Ir a Vail fazer o quê? — perguntou ele. — Sermos mortos? Veja como a última viagem foi ótima.

— Shay — interveio Monroe. — Não podemos deixar os jovens lobos com os Defensores. Seria crueldade. Daria para salvar pelo menos alguns... resgatar a aliança. Só não será possível fazer isso tão rápido quanto gostaríamos.

— Não estou querendo ser cruel — disse Shay. — São vocês que vivem dizendo que estamos em guerra. Guerras geram vítimas.

Monroe não tirava os olhos de Ansel.

— São crianças. É diferente.

— Crianças? — Shay deu uma risada áspera. — Estamos falando do outro alfa. Sei que Calla é nova, mas não dá para chamá-la de criança. Renier Laroche não é diferente. Ele sabia o que estava fazendo. Isso é passado.

— Como pode dizer isso? — Encarei Shay, chocada. — Se ele for morto será porque estava tentando nos salvar!

— Estou sendo honesto — retrucou ele friamente. — Se formos a Vail será um banho de sangue. Você não pode correr esse risco. Não vou deixar.

— Não vai me deixar! Quem você acha que é? — O sangue ferveu em minhas veias. Meus dentes ficaram tão afiados que espetaram a língua quando gritei.

Voltei-me para Monroe.

— Não podemos abandoná-lo!

Monroe pegou na minha mão.

— Não vamos abandoná-lo, Calla. Tem minha palavra.

— Como pode dizer isso? — Shay agora gritava. — Como pode permitir uma missão suicida como esta?!

— Ele ama Calla — respondeu Monroe em voz baixa. Ele já se arriscou para salvá-la e não vai traí-la. Morreria por ela.

A culpa rasgou minha barriga como uma faca. Shay praguejou baixinho.

— Não tem como saber — disse com os punhos fechados ao lado do corpo. — Ele é um Guardião. Vi o que são capazes de fazer. Li sobre sua história. Há séculos seguem os Defensores sem questionar. Ren é um deles.

Monroe se virou para Shay, com o maxilar tensionado.

— Ele não é apenas um Guardião. É o filho de Corinne. Ela mudou de ideia. Ele também vai mudar.

— Corinne está morta — murmurou Shay. — É hora de superar sua história de amor, coroa.

Um estalido sólido soou quando o punho de Monroe acertou o queixo de Shay e o fez tombar no chão. Adne prendeu a respiração e correu para perto de onde ele caiu. Ethan foi para o lado de Monroe, lábios contraídos e olhos misteriosos.

— Pai, por favor — murmurou Adne. Ela devia ter ficado realmente decepcionada, porque nunca a tinha escutado chamar Monroe sem que fosse pelo nome. — Seja coerente. Shay só teme pela vida de Calla. Ele também a ama.

Ela pareceu muito decepcionada. Era a primeira vez que reconhecia os sentimentos de Shay por mim. Teria sido reconfortante se não estivesse com tanta raiva dele. Mesmo que fosse por amor, ele não tinha o direito de tentar evitar que eu ajudasse minha matilha.

— Claramente, perdemos a razão aqui — resmungou Shay, e esfregou o queixo, enquanto Adne o ajudava a se levantar.

— Desculpe. — Monroe balançou a cabeça lentamente, olhando para o punho ainda fechado.

Connor olhou rapidamente para minha expressão de perplexidade, passou por mim e Monroe, e se posicionou entre Adne e Shay.

— Escutem — disse. — A última coisa de que precisamos é perder o controle agora. Estamos do mesmo lado.

— Você quase me enganou — murmurou Shay.

— Fica tranquilo, Predestinado. — Connor sorriu com ironia. — Se quer mesmo mudar as coisas, tornar o mundo melhor, precisamos salvar os Guardiões. A vida deles é um inferno; precisamos tirá-los de lá. E Monroe tem razão. Se conseguirmos salvar alguns, teremos dado os primeiros passos rumo a uma aliança. Precisamos começar de algum lugar.

Monroe fez que sim com a cabeça.

— Ethan — chamou Shay. — Me ajude.

— Sei que você é o progênito e tudo o mais, garoto — murmurou Ethan. — Mas acho que o Monroe e a garota-loba têm razão. Devemos entrar lá, e rápido.

— Você seria a última pessoa que se esperaria abraçar a causa de Defensores pelo Tratamento Ético dos Guardiões. — Connor deu uma risada.

Ethan sorriu para Connor antes de fitar Ansel, que continuava encurvado, em estado deplorável, abrindo e fechando os punhos.

— Acho que talvez eu os tenha interpretado mal.

— E como acham que vamos salvá-los sem correr o risco de perder tudo? — perguntou Shay, esfregando o queixo dolorido.

Meu coração quase parou por alguns segundos quando todos os Inquisidores olharam para mim. Mas foi Adne que se manifestou:

— Comigo.

— O quê? — Monroe saiu de seu devaneio de luta para encarar a filha, com olhos alarmados e severos.

— Ação furtiva antes do amanhecer. Temos algumas horas para planejar tudo. Precisaremos de um grupo pequeno. Abrirei um portal lá dentro.

— Não. — Monroe empalideceu.

— Todo Tecelão deve conseguir criar uma porta interna com êxito para ganhar um posto — disse ela. — Passei em todos os exames. Você tem os relatórios. Posso fazer isso.

— O que é isso? — Shay franziu a testa.

Ethan sorriu para Adne.

— Garota esperta.

— Não — repetiu Monroe, dando um passo na direção da filha. — As portas internas são abertas apenas em casos de emergência. Devem ser usadas por uma equipe de Combatentes.

— O que é uma porta interna? — perguntei.

Adne me encarou, com olhos brilhantes.

— São portais abertos em lugares onde os Tecelões nunca estiveram. É preciso criar a porta baseada em uma imagem mental do lugar escolhido a partir de referências e informações.

Ela se virou para Monroe.

— Neste caso, teremos o elemento surpresa perfeito, que é do que precisamos.

— Vai contra o protocolo — disse Monroe. — Não vou permitir.

— O protocolo é uma idiotice — disse Adne. — Consigo colocar uma equipe lá dentro e tirá-la. É o único jeito.

Ela não desviou os olhos de Monroe.

— Isso teria salvado Stuart e Kyle.

Monroe trincou os dentes, mas não disse nada.

Connor pôs a mão no ombro de Adne.

— É muito arriscado, moça. Tem certeza de que quer fazer isso?

Ela confirmou com a cabeça, mas Monroe fez que não.

— Proíbo qualquer discussão sobre esse assunto. Está fora de questão. Proteger o Tecelão é a primeira prioridade da equipe.

Adne riu com desdém.

— Segundos atrás, você estava disposto a arriscar tudo. Isso não tem nada a ver com protocolo, e sim comigo. Desista, Monroe. Estou oferecendo a única estratégia viável, e você sabe disso.

Monroe encarou-a, sério.

Ela falou em tom mais ameno:

— Por favor, sabe que posso fazer isso. Deixe-me ajudá-los.

Ethan se voltou para Monroe:

— Ela tem razão. É a única chance de isso funcionar. Provavelmente, será um desastre total.

— Teria que ser um time pequeno — disse Connor, ainda fitando Adne.

— Quantas pessoas? — Shay franziu a testa. — Quer dizer, sem contar nós aqui.

— Você não vai — disse Connor bruscamente. — É o progênito. Se você morrer, todos nós morreremos.

Monroe deu um longo suspiro.

— O progênito não vai. Adne, pode abrir uma porta próxima a Eden, mas não lá dentro.

— Mas talvez não seja suficiente — protestou ela.

— Uma porta dentro da discoteca seria suicídio. O perigo de fracassarmos, de perdermos a Tecelã e deixarmos o portal comprometido é grande demais. E acabamos de descobrir sobre o local de detenção. Não vou correr esse risco. Talvez do outro lado da rua onde ele é mantido prisioneiro ou numa viela. Atacamos de lá, fazemos o resgate e vamos embora.

— Quem vai? — perguntou Shay. Não parecia nada satisfeito, mas a revolta havia se ausentado de seu olhar.

— Apenas voluntários — informou Monroe. — Esta não é uma missão oficial. É pessoal. Não vamos voltar para a Academia; o ataque acontecerá uma hora antes do amanhecer. Quem for participar precisa descansar e fazer o que tem de fazer antes de nos reunirmos.

Ethan pigarreou.

— Eu vou.

Não consegui disfarçar um ruído de surpresa.

Ele me ofereceu um sorriso seco.

— Posso não gostar de você, loba, mas me arrependo de quase ter matado seu irmão. E aqueles safados mataram o meu irmão. Gostaria de dar-lhes uma lição… e de deixá-los muito irritados quando não virem mais seus prisioneiros.

Monroe franziu a testa para ele, mas Ethan deu de ombros.

— Como disse, Monroe, isso é pessoal.

— Tudo bem, Ethan. Você vai e eu vou.

— Dois? — Shay me olhou, boquiaberto. — Só vão dois?

— Não. — Monroe sorriu para ele e então me olhou. — Vamos levar uma alfa Guardiã conosco. Teremos a quantidade de músculos de que precisamos para realizarmos o resgate.

— Não leve a Calla — pediu Shay. — Vão querer matá-la. É perigoso demais.

Dei um pulo, arreganhando os dentes para ele.

— Por acaso você esqueceu quem eu sou? Não preciso que me proteja!

Quando me deparei com seu olhar, minha fúria se dissipou. Seus olhos estavam tomados de medo… e amor.

— Eu sei.

— Precisamos dela para nos ajudar a encontrar sua matilha — explicou Monroe. — Calla precisa ir.

Os ombros de Shay caíram, mas ele fez que sim com a cabeça.

— Também vou — disse Connor de repente. — Se é para ser a última festa, não vou perder de jeito nenhum.

— Está tudo acertado então — disse Monroe. — Silas?

— O quê? — O Escriba esteve enchendo seu caderno de anotações.

— Posso confiar em você para reportar a Anika... um pouco mais tarde, pelo menos? — pediu Monroe.

Ele voltou a escrever, mas concordou com a cabeça.

— Faço um trato com você. Descubra como pegaram o Grant e não me reportarei a Seta. O relatório que posso fazer agora está, no mínimo, pouco denso.

— Obrigado — disse Monroe. — Ethan, vamos falar de logística. Isaac, pode arranjar alguma coisa para esse rapaz comer? Connor…

— Já estou providenciando — disse Connor, encaminhando-se para a saída. Olhou rapidamente para Adne, para Shay e para mim. — Vamos

nessa, garotos, não vou conseguir carregar tudo sozinho.

Fitei Ansel, mas ele voltou a olhar as mãos e tremer. Era melhor deixá-lo sozinho agora. Queria ajudá-lo, mas se estava indo para um confronto, precisava me concentrar. Ver Ansel daquele jeito me embrulhava o estômago. Só conseguia enxergar sua desolação e minha mãe ensanguentada sobre o altar. Engoli bile e levantei para seguir Connor. Adne já estava de saída da cozinha.

— Carregar tudo o quê? — Shay se levantou.

— Armas. — Connor deu um sorriso irônico e desapareceu pela porta.

DEZESSEIS



— Armas? — repetiu Shay, observando o andar animado de Connor ao entrar na sala de treinamento.

— Ai, deixa pra lá, apenas siga-o — resmungou Adne. — Garotos e seus brinquedos. E você tinha achado que ele cresceu.

— Do que estão falando? — perguntei, caminhando ao lado de Adne. — Ele já não usa as espadas?

— Só duas — respondeu Adne.

— Não é suficiente? — murmurou Shay enquanto seguia Connor.

Do outro lado do salão, havia uma porta estreita. Connor a destrancou e o seguimos para dentro. A escuridão nos engoliu completamente devido à ausência de janelas. Franzi a testa, balançando a cabeça, subitamente invadida por um estranho zumbido.

— Au! — gritou Connor. — Droga. Acho que o Silas esqueceu seus manuais de treinamento no chão de novo. Onde está o maldito interruptor?

— Aqui — disse Adne, e, no momento seguinte, a luz fraca de uma lâmpada iluminou o lugar.

Fiquei boquiaberta e Shay assoviou. As quatro paredes estavam cobertas por armas: sinistras espadas abauladas, do comprimento de um homem alto, da ponta dos pés à cabeça; adagas com lâminas Ethan continuou em silêncio, mas trocou olhares com Connor.

— Tudo bem — disse Connor, erguendo as espadas. — O primeiro round é seu. Dois de três?

— Adne? — perguntou Shay.

— Duvido que consiga repetir esse movimento — disse ela, empurrando-o para trás cheia de graça para que a soltasse.

— Vamos ver. — Shay sorriu.

Não conseguia mais suportar aquilo. Ver a ferocidade da luta, ouvir o bate-papo animado entre eles, tudo isso me fazia sentir uma forasteira. Como se não precisassem de mim nem me quisessem ali. Sua força, sua fluidez e seus risos eram farpas sendo cravadas em mim. Era como se nada do que havia sido revelado na cozinha tivesse importância. Minha mãe estava morta, minha matilha, sequestrada e eles já estavam em outra. Precisava ir me lamentar sozinha.

A tristeza me consumiu, fazendo meu humor se transformar numa patética e amarga autopiedade. Pensei em Ansel. Quão pior teria sido para ele? A culpa me invadiu quando lembrei que não era a única que havia perdido uma pessoa amada. Naomi, nossa mãe, havia sido arrancada de nós, mas esta não havia sido a única perda de Ansel. Seu lado lobo havia sido usurpado e *destruído.* Eu sofria, mas ainda estava inteira. Ainda era uma Guardiã. Para ele não havia retorno.

Ninguém notou quando me afastei em direção à porta, enquanto Connor se lançava contra Shay, que, surpreso, deixou cair uma das espadas.

— Ei!

— Acha que vamos pedir licença depois dessa última luta? — retrucou Connor. — Adne, derruba ele!

— Com prazer. — Ela riu, entrando na briga.

Shay se curvou e rolou pelo chão para fugir do golpe ágil de Adne.

— Não vai rolar!

O som de aço contra aço continuou a soar atrás de mim, enquanto me retirava discretamente.

DEZESSETE



Uma fresta de luz amarelada atravessava o corredor, vinda de um quarto no topo da escadaria que eu havia descoberto enquanto farejava Ansel. A porta estava entreaberta. Empurrei-a de leve e olhei lá dentro.

— Assim você me quebra, rapaz. — Isaac esfregava as têmporas enquanto fitava meu irmão. — O que mais posso dizer?

Dei uma batida na porta. Isaac se virou e Ansel ergueu os olhos, mas baixou a cabeça no momento em que me viu.

— Chegou a equipe de reforço? — perguntou Isaac, vindo em direção à porta.

Fiz que sim e observei Ansel sentado na beirada da cama com olhos fixos nos sapatos.

— Que bom que está aqui. — Quando Isaac se aproximou, baixou a voz. — Tess é muito melhor do que eu para essas coisas. Ela costuma receber nossos hóspedes.

— Não sabia que havia quartos no posto avançado — comentei, olhando o pequeno quarto espartano.

— Quando os Combatentes vêm para cá, às vezes, precisam de vários dias para planejar a missão — explicou Isaac. — Eles usam esses quartos

quando não estão na Academia. Além disso, os Ceifeiros moram aqui.

— É verdade — disse eu, antes de perguntar: — Como ele está?

— Diz que não está sofrendo — contou Isaac. — Mas o garoto está claramente consternado. Não consegui fazê-lo comer. Esquentei um ensopado. Está na mesinha de cabeceira. Quem sabe você não tem mais sorte?

— Obrigada por ter ficado com ele — agradeci.

— Imagine — disse Isaac. — Se você for ficar aqui, preciso voltar lá para baixo.

— Tudo bem — disse, passando por ele.

Sentei ao lado de Ansel na cama. Ele não disse nada. E agora olhava para as mãos que seguravam alguma coisa que eu não conseguia ver.

— Então não vai comer? — Apontei para a tigela com o ensopado.

— Vou comer quando tiver fome — balbuciou.

— Tenho me alimentado da comida deles — disse eu, tentando dar um tom mais animado às palavras. — Juro que não está envenenada.

Ele não riu, mas suas mãos abriram ao esfregarem alguma coisa que ele guardara no bolso da calça. Parecia um pedacinho de papel amassado.

— O que é isso? — Franzi a testa.

— Nada. — Ele cruzou os braços. — O que você quer?

— Você passou por muita coisa — disse eu, desistindo da conversa descontraída. — Precisa se cuidar.

Ergui o braço para tocar seu ombro, mas ele se afastou bruscamente.

— Não me toque.

— Por que não? — perguntei suavemente. — Estou tão feliz de ver você, An. Senti sua falta.

Ele riu, mas foi aquele som breve e desagradável que soou novamente.

— Sentiu mesmo? Nunca teria desconfiado.

Não sabia como aliviar a dor dilacerante que me atacava o estômago, causada pelas palavras de Ansel.

— Tive que fugir.

Ele não respondeu.

— Não tive escolha. Iam matá-lo.

— Mataram a mamãe — sussurrou ele.

— Eu sei. — Engasguei com minhas palavras. — Mas a cerimônia, An. Eles iam me fazer matar o Shay.

— Quantas vezes você vai me contar isso? — perguntou Ansel em voz baixa. — Isso não justifica o que aconteceu com a gente. Você não sabe o que fizeram. Não estava lá.

Ele começou a arranhar os pulsos. Inclinei-me para mais perto e então vi as feridas que ele havia feito. Agarrei sua mão, afastando-a bruscamente.

— Pare com isso!

Ele riu novamente.

— Por que deveria?

— Posso não ter estado lá, mas sei o quanto foi doloroso para você.

Ele estremeceu, agarrando o estômago como se estivesse nauseado.

— Ainda dá para sentir eles arrancando parte de mim. Não consigo parar de pensar em como fizeram isso. — A voz dele se transformou em um sussurro. — Não posso viver assim.

— Ansel, sua vida não acabou. Ainda está aqui; e eu te amo. — Agarrei a mão dele. — Por favor, não se machuque.

Não podia dizer que não tinha importância ele ter sido desfeito. Teria sido uma mentira. Entendia o que significava perder seu lado lobo.

— Vamos descobrir uma forma de fazer você se sentir melhor.

— As únicas pessoas capazes de me tornarem completo de novo são os Inquisidores — disse. — E eles já disseram que não vão me ajudar. E os Defensores...

— O que eles fizeram com você foi terrível, mas não pode desistir. Por favor. Precisa ser forte por mim. Por Bryn.

Ele fez uma careta.

— Mesmo que Bryn esteja viva, ela estará melhor sem mim.

— Isso não é verdade.

— Ela merece alguém que possa acompanhá-la. Se estivesse comigo não poderia ser totalmente ela. Bryn precisa de um Guardião.

— Não, ela não precisa.

— Como sabe disso?

— Nem sempre foi assim — disse em voz baixa.

— Do que está falando, Calla? — Ele me olhava, com uma raiva que eu nunca havia visto antes. *Ele acredita ter perdido tudo o que era importante para viver.*

— Porque descobri que Inquisidores e Guardiões já se apaixonaram antes. — Apertei a mão de Ansel delicadamente. — Você não precisa ser lobo para merecer o amor de Bryn.

Ele me olhou, incrédulo.

— É verdade. Há muito tempo — disse. — Éramos aliados... E em alguns casos mais do que isso.

— Há muito tempo. — Seus olhos tornaram-se vazios novamente e notei que ele fraquejava outra vez.

— Mas também sei por que me apaixonei por Shay. — Minha voz saiu trêmula. — Mesmo antes de transformá-lo.

Ansel me fitou. Por um instante aquela armadura de tédio caiu e pude ver meu irmão outra vez.

— Eu sabia. — Ele quase sorriu.

— Sei que sabia.

— Pelo visto, isso vale alguma coisa. — Ele suspirou. — É verdade que disse que fugiria com a Bryn. Talvez seja tudo culpa minha. — Um dos cantos da boca de Ansel curvou-se em um sorriso. Em seguida, ele franziu a testa. — Você chegou a amar o Ren? Achei que sim. Quer dizer, obviamente vocês tinham uma química, algum tipo de ligação. Será que era porque os dois são alfas?

Tremi de ponta a ponta com as emoções assustadoras que arrepiaram minha espinha.

— Eu…

Imagens dançaram a minha frente, lembranças das risadas de Ren, do rosto dele. Só havia admitido meu amor por Shay quando achei que fosse perdê-lo. Agora era Ren que estava em perigo. Minha necessidade de salvá-lo também era por amor?

E então parecia que ele estava ali comigo outra vez. Sussurrando em meus ouvidos. *Isso só tem a ver com amor.* Quase dava para sentir a respiração dele em minha pele.

Como não respondi, Ansel balançou a cabeça.

— Esquece.

Ele engatinhou na cama e se deitou.

— Então você confia neles? — perguntou.

— Nos Inquisidores?

— É.

— Acho que sim — disse. *Não tanto quanto gostaria.*

— O que você vai fazer depois? — perguntou. — Se você se reunir com a matilha amanhã, e então?

— E então ajudamos o Shay — disse, ainda perdida nos pensamentos sobre Ren.

— Ajudá-lo a fazer o quê?

— Salvar o mundo.

— Só isso? — Ansel riu, mas desta vez a risada soou espontânea.

— É. — Sorri. — Só isso.

Ambos ficamos calados por vários minutos.

No silêncio do quarto, as batidas do meu coração eram ensurdecedoras.

— Ansel, acho que deveríamos tentar.

— Tentar o quê?

— Transformar você. Os Defensores sempre mentem. Também podem ter mentido sobre isso.

Vi os músculos de sua garganta moverem-se enquanto ele engolia saliva.

— Acha mesmo?

Não sabia o que achar, mas desejei com todas as forças que estivessem mentindo sobre isso.

— Eles sempre mentem — sussurrei.

Ele virou a cabeça e me encarou.

— Tudo bem. — Seu corpo tremia.

Quando mudei de forma, ele se encolheu. Não conseguia imaginar como devia ser difícil para ele ver minha transformação, tão natural, sem esforço, quando este poder lhe havia sido roubado.

Ansel se pôs rapidamente de pé, observando-me. Lentamente, baixei o focinho até seu antebraço, movendo as orelhas para a frente e para trás freneticamente. Mordi-o rápida e profundamente. Ele deu um curto suspiro. Captei o cheiro pungente de medo.

Mudei novamente de forma, levantando o braço para erguer o queixo dele e fazê-lo me encarar.

— *Bellator silvae servi.* Guerreiro da floresta, eu, a alfa, invoco-o para me servir nesse momento de necessidade.

Só conseguia ouvir o som da minha respiração, ofegante e temerosa, enquanto esperava. Fechei os olhos, na esperança de que algum poder saísse de mim para Ansel, conectando alfa e companheiro de matilha. Fechei os olhos com força e falei novamente; dessa vez, a voz saiu estremecida.

— *Bellator silvae servi.* Guerreiro da floresta, eu, a alfa, invoco-o para me servir nesse momento de necessidade.

Nada. Nenhuma mágica emanou entre nós.

Quando abri os olhos, Ansel estava balançando a cabeça. Estava de olhos fechados. Uma lágrima escorreu em seu rosto.

— *Bellator silv...*

— Pare — resmungou Ansel, cujos olhos vermelhos encontraram os meus. — Não.

Não sabia o que dizer. Eles haviam realmente feito aquilo. O lobo em Ansel havia ido embora e eu não conseguia trazê-lo de volta. Neste momento, odiei os Defensores como nunca antes.

— Deixe-me dar um pouco de sangue — pedi, com um nó na garganta, e me dei conta de que também chorava. — Você ainda está sangrando.

— Não. — Ansel tirou a camisa, tentando amarrá-la ao redor do braço ferido. — Não quero.

— Ansel. — Toquei-o.

— Não quero! — A fúria em seu olhar me paralisou.

Ele se deitou na cama. Seu rosto não exibia qualquer emoção, mas sua expressão vazia era mais assustadora que sua raiva.

— É melhor você ir — disse ele, olhando para o teto. — Precisa dormir para amanhã.

— Não vou deixar você.

Ele meteu a mão no bolso, pegando o papel amassado.

— Ansel, o que é isso? — perguntei, tentando ver melhor o que era.

— Me deixa em paz. — Seus olhos se detiveram no bilhete sujo por alguns segundos e então ele o amassou com força contra o peito. — É da Bryn, tá bom? Consegui guardar enquanto os Defensores nos separavam.

— Ah. — Ela devia ter escrito um poema para ele. Senti uma pontada no peito e meus olhos arderam. Será que tinha alguma coisa dele com ela? Meu irmão e minha melhor amiga, cujo amor eu havia tentado esconder dos Defensores. Talvez tivesse sido melhor se houvessem fugido juntos. Seria possível que tivesse acabado pior do que agora?

Ansel se virou, voltando o rosto para mim.

— Vá embora.

Continuei na beirada da cama, com as pernas encolhidas e os joelhos sob o queixo. Quando a respiração dele se tornou constante, indicando que já dormia, estiquei-me, com cuidado para não tocá-lo, e descansei a cabeça em um travesseiro, observando meu irmão dormir.

Depois de algum tempo, ele começou a fazer sons, um miado baixo, como um jovem animal em sofrimento. O som se repetiu várias vezes, enquanto ele tremia e se contorcia ao meu lado. Finalmente adormeci, ainda sob o som suave do pranto que invadia os pesadelos de Ansel.

DEZOITO



— Calla — sussurrou Shay, sacudindo meu ombro delicadamente.

O som da voz dele me arrancou de pesadelos amaldiçoados por gritos angustiantes e sombras escorregadias que ameaçavam me engolir.

Por um momento, não lembrava onde estava. Apenas ouvia a voz calorosa de Shay e sentia seu perfume sutil e atraente. Inclinei-me para a frente, desejando ardentemente senti-lo mais perto de mim.

Ele se mostrou confuso quando acariciei o contorno de seu queixo.

— Pediram para acordar você. Está na hora.

A doçura do momento foi arruinada pelo súbito e frio golpe que senti ao lembrar onde estava e o que estava prestes a fazer. Pisquei várias vezes, afastando o sono, e me sentei rapidamente, mas em seguida me arrependi quando Ansel se agitou. Não acordou, mas continuou a murmurar, inquieto em seu sono, como havia acontecido durante toda a noite. Meu humor despencou ainda mais quando lembrei que havia tentado ajudá-lo, em vão.

— Vamos — disse Shay. — Os outros estão esperando lá em baixo.

Deixamos o quarto em silêncio.

— Como ele está? — perguntou Shay enquanto descíamos as escadas.

— Tentei transformá-lo em lobo. — Precisei me apoiar no corrimão, invadida pela tristeza que me acertou em cheio.

— Tentou? — perguntou Shay. — Pela sua cara, acho que não funcionou.

Confirmei com a cabeça. Ele passou o braço ao longo dos meus ombros e tocou minha testa com os lábios.

— Foi bom ter tentado, Cal. Sinto muito.

— Eu também.

— Acha que ele vai ficar bem?

— Não sei — disse, olhando de volta para o corredor escuro. — Ele simplesmente parece estar... destruído.

— É — concordou Shay e estremeceu. — Apesar do pouco tempo que tenho de transformação, sinto o lobo como parte de mim. Não consigo imaginar perdê-lo.

Fiz que sim e o fitei. Seria verdade? Teria Shay uma relação forte com seu lobo interior? Ou estaria apenas tentando ser solidário com Ansel?

— Eu devia ir com vocês — disse ele.

— Não — discordei. — Os Inquisidores têm razão. Você significa muito para arriscarmos perdê-lo.

Ele deixou cair os braços e ombros e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Você ainda acha que não sou capaz de lutar.

— Sei que sabe lutar — repliquei. — Já o vi lutar mais de uma vez. Você é um guerreiro. Essa não é a questão.

— Poderia ajudar — comentou. — Sei disso.

— Desta vez, não importa o quanto sabe lutar. — Balancei a cabeça. — Teremos de enfrentar espectros. Até você conseguir a Cruz, não pode vencê-los.

— Nem vocês — retrucou ele, e vi o brilho de seus caninos afiados.

— Eu sei. — Senti como se um pedregulho me pressionasse o peito.

Uma missão suicida.

Estávamos arriscando tanto e eu nem ao menos sabia se o resto da matilha ainda estava viva. Se Ren ainda estava vivo. E se já os tivéssemos perdido?

Podia ouvir os Inquisidores andando de um lado para o outro no vestíbulo vazio. Quando chegamos ao andar de baixo, Shay me agarrou pelos braços e me virou. Antes que tivesse tempo de entender o que acontecia, seus lábios já estavam grudados nos meus. Apoiei-me em seu abraço e retribuí o beijo. Suas mãos acariciaram meus braços e em seguida seus dedos me agarraram com força. Senti o medo dele e fiquei na dúvida se deveria ou não me desvencilhar, pois sabia que cada toque e carinho só aumentavam minha própria ansiedade. Comecei a tremer, não apenas por causa do fogo que me queimava à medida que o beijo ficava mais intenso, mas também porque, de repente, percebi que se as coisas dessem errado em Vail talvez não pudesse mais beijá-lo. Nunca mais.

Ele interrompeu o beijo, apoiando a testa na minha.

— Talvez você não devesse ir. Ansel precisa de você. Deixe o Monroe liderar os Inquisidores. Eles podem levar adiante o resgate sem você.

— Preciso ir — retruquei, afastando-me. — Sou a única capaz de convencer a matilha de que os Inquisidores são confiáveis.

— Se alguma coisa acontecer com você...

— Aqui estão vocês. — Adne apareceu, estalando a língua. — Não temos tempo para longas despedidas. Vocês não sabiam? O romance morreu. Estamos em cima da hora.

— Desculpe. — Saí dos braços de Shay, com medo de que, se ficássemos muito próximos, acabaria me rendendo ao medo e

abandonando o que restava de esperança de salvar meus companheiros.

Você ainda é uma alfa, Cal. A matilha precisa de você. Você sabe quem você é.

Eu me fixei nessa ideia enquanto cruzava o hall até encontrar Ethan e Connor à minha espera.

Connor fez um aceno positivo com a cabeça quando me viu chegar.

— Isaac vai ficar de olho em seu irmão enquanto estivermos fora.

— Eu também. — Shay havia me seguido.

— Obrigada — disse, incapaz de encará-lo, com medo de ter uma crise de covardia que brotava do meu desejo egoísta de ficar perto dele.

No que eu me tornei? Ter admitido meu amor por Shay havia me enfraquecido? Eu me sentia sem forças, sem nenhuma das características que refletiam a pessoa que sempre achei que fosse. Determinação de ferro, independência — traços que sempre valorizei haviam fugido pelo ralo nas últimas semanas. Precisava desesperadamente me reencontrar. Precisava provar a Ansel e a minha matilha que não os havia abandonado. Se não conseguisse isso, não conseguiria continuar sendo quem sou.

Monroe veio rapidamente da cozinha.

— Como estamos?

— Todos presentes e preparados — disse Connor, guardando uma adaga na bota.

Monroe fez um aceno positivo com a cabeça.

— A porta que Adne vai abrir dá em uma viela sem saída, adjacente à rua da boate de Efron. Vamos invadir pela entrada lateral e de lá ir até a prisão.

— O que Adne vai fazer depois que vocês já estiverem lá dentro? — perguntou Shay. — Vão deixá-la sozinha no portal?

Monroe respondeu que sim com a cabeça.

— E se a atacarem? — Shay franziu a testa. — Deixem-me ir com ela. Ficarei no portal, por precaução.

— Nem pensar. Você não vai participar desse confronto de jeito nenhum, Shay. — Monroe tensionou o maxilar, mas sorriu desanimado para a filha. — E se o portal for atacado, ela saberá se defender.

Adne arregalou os olhos, surpresa.

— Obrigada.

— Acho que vou chorar — disse Connor, apoiando o rosto no ombro de Ethan.

— Sai fora — resmungou Ethan, e reajustou o arco da balestra pendurada ao longo do corpo. — Provavelmente, estaremos todos mortos em uma hora. Talvez menos.

— Mais um motivo para valorizar cada momento juntos. — Connor fingiu enxugar lágrimas do rosto.

— Adne, posso conversar com você a sós um momento? — perguntou Monroe.

— Não, de jeito nenhum. — Ela fez que não com a cabeça. — Não vou deixar você vir com um sermão piegas de pai para filha só porque podemos morrer. Deixa eu fazer o meu trabalho.

— Não é isso… — começou Monroe, mas Adne se virou de costas para ele.

— Connor. — Monroe observou Adne tirar as adagas escocesas do cinturão. Virou bruscamente a cabeça para o restante do grupo. — Precisamos conversar.

Connor franziu a testa, mas seguiu Monroe para um canto escuro.

— Ah, claro. — Ethan sorriu. — Para o cantinho do castigo.

Adne olhou de relance para Shay.

— Não vai tentar pular pelo portal depois que eu o abrir, vai? Estou me perguntando se devemos fazer você dar a sua palavra de que não.

— Nem pense nisso — advertiu Ethan. — Já falamos sobre esse assunto. Não vou arriscar meu pescoço se não tiver certeza de que você está a salvo aqui. Na verdade, por que não vai para a cama?

— Depois que vocês forem embora, vou lá em cima ver como está Ansel — disse Shay, mas notei o tom contrariado em suas palavras. — Não vou fingir que isto não está acontecendo.

— Como quiser. — Ethan deu de ombros. — Se fosse você, ia dormir.

— É porque, diferente de você, ele é um cavalheiro — disse Adne, que em seguida abraçou Shay e beijou sua bochecha. — Obrigada por se preocupar, Shay. Vamos ficar bem.

Subitamente, eu era a única ali que precisava dar um uivo.

— Pode crer que não sou cavalheiro — retrucou Ethan. — Se me agarrasse assim, não deixaria você escapar só com um beijinho na bochecha.

Shay fez cara feia e esfregou a nuca enquanto o rubor invadia sua pele e Adne dava risinhos.

Meus olhos pousaram em Connor e Monroe e lá ficaram. Não conseguia entender o que acontecia, mas os dois estavam muito agitados. Os lábios de Monroe moviam-se rapidamente e ele tinha algo nas mãos. O que era? Envelopes? Connor andava para a frente e para trás ao lado de Monroe, passando as mãos pelos cabelos, e balançava a cabeça. Observei-os, perguntando-me o que acontecia ali.

Finalmente, Monroe agarrou os ombros de Connor e pressionou os papéis contra o peito do jovem. Vi Connor baixar a cabeça e os ombros, como se desse um longo suspiro, derrotado. Pegou os envelopes da mão de Monroe e os colocou no bolso da jaqueta. Monroe apertou o ombro

de Connor antes de retornar. Disfarcei o olhar, ainda confusa com o que havia acabado de testemunhar.

— Ela está quase terminando — disse Ethan enquanto Monroe se aproximava. Virei-me para Adne, que saltava e girava no êxtase de entrelaçamentos. Já a tinha visto abrir portas antes, mas ainda assim ficava impressionada com os caminhos cortantes de luz que se entrecruzavam e rodopiavam na sua frente.

Assustei-me quando Connor surgiu de repente ao meu lado. Observava, em silêncio, Adne tecer. Qualquer vestígio de seu bom humor havia desaparecido. Ele agora estava pálido, completamente tenso. Olhei para Monroe, mais uma vez, imaginando o que teria acontecido entre os dois.

O sangue retumbou em meus ouvidos quando avistei o outro lado do portal. Um beco escuro coberto de neve. Ao longe, pude ver vagamente um poste iluminando, com brilho opaco, e os estabelecimentos fechados do centro de Vail.

Lar.

DEZENOVE



Fazia frio do outro lado do portal. O ar fresco de inverno beliscou minha pele. Respirei fundo, deixando o vento gélido descer pela garganta. O resultado foi um tremor visceral que tocou cada osso do corpo, me fazendo sentir viva. Desejei correr, uivar, caçar. Vi meu hálito espiralar como fumaça na minha frente.

Olhei para trás e vi a imagem embaçada de Shay andando de um lado para o outro, em frente ao portal ainda aberto. Quis ir até ele e reconfortá-lo de alguma maneira. Após a ordem de Monroe, atravessei o portal sem olhar para trás, sem querer demonstrar qualquer hesitação em relação à missão. Agora estava arrependida por não ter oferecido nada a Shay: um sorriso, pelo menos. Ou outro beijo. Lembrar que Adne havia sido a última a beijá-lo me deixou ainda pior. Ela estava ao lado do portal, espadas para baixo e rosto sereno, enquanto Connor e Ethan vigiavam o beco.

— Não tem medo de alguém ver a luz? — perguntei, com um gesto para o portal reluzente.

— Não tem janelas nesta parte da viela — respondeu Adne. — Por isso escolhi este lugar.

Suas palavras me deixaram apenas levemente tranquila. Pelo menos, a porta não estava mais tão iluminada como quando foi construída, mas ainda chamava a atenção, como o piscar das luzes de Natal. Como já estava próximo da data do feriado, torci para que se alguém visse as luzes presumisse que estavam ali por esse motivo.

— Tudo limpo — disse Ethan, ressurgindo da escuridão da viela. — Nenhum obstáculo ou patrulha até a porta lateral.

Connor não disse nada, ainda com olhos atentos para as sombras.

— Que bom — disse Monroe. — Vamos avançar.

Ethan tomou a dianteira com Monroe, e eu mudei para a forma de lobo, pisando com patas silenciosas pelo beco, enquanto Connor vinha na retaguarda. O coração retumbava em minhas veias, tão ensurdecedor para meus ouvidos sensíveis de lobo que mal conseguia acreditar que não fosse audível para os Inquisidores. Nenhum deles falou ou mesmo me olhou. Estavam todos concentrados enquanto caminhavam em silêncio pelo estreito corredor.

Quando chegamos até a porta lateral, Monroe ergueu o braço.

— Tem alarme?

— Não — respondeu Ethan. — Só o cadeado.

— Mãos à obra. — Connor pegou um objeto de metal do bolso e foi para a porta.

Ethan tomou a posição de retaguarda.

Ouvimos um clique e um rangido quando a porta se abriu. Monroe e Connor entraram imediatamente, agachados, à espera de um ataque.

Não apareceu ninguém.

Trocaram olhares surpresos e então fizeram sinal para que os seguíssemos. Ethan fechou a porta.

Passamos pelo corredor. Meu estômago embrulhou quando lembrei de minha ida ao escritório de Efron. Será que o mestre dos Banes estava lá agora? Levantei o focinho e cheirei o ar. A boate fedia a suor rançoso, temperado com o cheiro doce e enjoativo do hálito de súcubo. Passei a pata no nariz, desejando me livrar da mistura nociva de odores.

Por enquanto, não havia cheiro novo no ar, nenhum movimento na boate. O ritmo pulsante e a confusão de luzes coloridas haviam sido substituídos pelo silêncio e pela escuridão. Nada de dançarinos, nada de súcubos disfarçados de *go-go girls*, nada de Guardiões. O único som presente eram os passos abafados dos Inquisidores à medida que avançávamos pelas sombras. Não achava nossa aparente solidão tranquilizadora. O lugar estava silencioso demais, quieto demais para a Eden, que se alimentava da pulsão do sangue e da luxúria.

— As escadas estão aqui — sussurrou Connor. Ele estava em frente a uma escada em caracol de metal fundido. Inclinei-me sobre o corrimão e olhei para o metal espiralado que descia no que parecia ser um sombrio abismo sem fim.

— Nenhuma luz? — perguntou Ethan.

— Ainda não — disse Connor, descendo.

A escada descia, descia e descia. Os degraus íngremes e em círculos me deixaram tonta. A escuridão nos envolvia e a sensação era de que havia fechado os olhos e começado a girar.

Apesar da habilidade para enxergar no escuro, a descida me deixou nervosa. Fiquei aliviada quando uma luz fluorescente surgiu e, à medida que descíamos a escada, se tornou mais intensa, iluminando tudo a nossa volta de cinza-esverdeado. A escada em caracol nos levava às entranhas da boate. Aquilo parecia uma eternidade. Em que profundidade estaríamos?

— Acho que é o fim — disse Connor, finalmente pisando fora dos degraus de ferro, que provavelmente algum dia haviam sido pintados de branco, mas que com o tempo acabaram cobertos de teias de aranha. Ele deu mais um passo, quando um vulto saltou da escuridão, atrás da escada, e derrubou Connor, cuja espada saiu voando para um canto.

Ethan gritou um palavrão atrás de mim e se jogou no chão por cima do corrimão, e na mesma hora passei correndo por Monroe e avancei contra o lobo. Ethan atirou flechas contra o Guardião, que mantinha Connor preso ao cimento, enquanto cravei os dentes em seu flanco desprotegido. O lobo rosnou e sacudiu a cabeça quando as flechas acertaram seus ombros. Com os dentes arreganhados, ele me atacou, mas me desvencilhei facilmente e agachei para uma segunda investida.

Connor aproveitou a distração do Guardião e puxou uma *katara* do cinturão, enfiando a curta lâmina na barriga do lobo. O Guardião ganiu e em seguida seu gemido se transformou em um gorgolejo. Tombou sobre Connor, imóvel. Connor arrancou o corpo do lobo de cima de si. Ethan segurava a balestra pronto para atacar, examinando o lugar.

— Só um? — perguntou Monroe, vindo em nossa direção com as espadas em punho.

— Por enquanto — disse Ethan, baixando a arma.

— Sorte a nossa. — Connor limpou o sangue das mãos. Fui para o seu lado e observei o lobo morto. Era um Bane veterano, mas não era estranho. Eu o conhecia: o pai de Sabine. Eles haviam acabado de matar o pai de Sabine.

Mudei de forma e balancei a cabeça em negação.

— Você está bem? — perguntou Connor.

— Tem alguma coisa errada — comentei, olhando apreensiva pelo pequeno espaço, incomodada por estar na forma humana quando o

perigo estava tão iminente. — Este lobo não deveria estar aqui.

— Como assim? — perguntou Monroe. — Eu teria ficado surpreso se não houvesse um Guardião aqui. Na verdade, *estou* surpreso por termos encontrado apenas um.

— Não — disse, lutando contra o mal-estar que começava a revirar meu estômago. — Este lobo. Eu o conhecia... Ele não faz a segurança de Efron; ele é um Guardião que patrulha a montanha. Como os demais lobos da minha matilha.

— Não podem ter trocado de posto? — perguntou Ethan.

— Isto nunca acontece. Não com as matilhas da montanha.

— Aposto que muita coisa mudou desde o seu desaparecimento — murmurou Connor.

— Talvez. — Eu me sentia angustiada enquanto olhava o lobo morto. *Não era para ele estar aqui. Sei disso.*

— Ficaremos em alerta, Calla — disse Monroe, tirando-me de perto do corpo. — Mas precisamos seguir adiante; demoramos mais tempo do que imaginava para descer. Não podemos mais perder nem um minuto. Sinto muito que tenha sido um conhecido seu.

Atrás da escada havia uma única porta. Connor tentou virar a maçaneta, então pegou sua ferramenta de abrir cadeados. Ele abriu a porta cuidadosamente, revelando um estreito corredor, iluminado pelas mesmas lâmpadas fluorescentes e tremeluzentes. Havia seis portas no corredor: uma em cada extremidade, duas no final e duas nas laterais. As portas laterais eram retângulos metálicos grossos, cortados por uma fenda estreita na altura dos olhos.

— E agora? — perguntou Ethan.

— Começamos a abrir as portas — respondeu Monroe. — Cada um fica com um cadeado; cada um tenta uma porta.

— Não, espere. — Agarrei o braço de Monroe. — Siga-me.

Mudei de forma, com o focinho baixo, farejando o corredor. Quando alcancei a última porta do lado direito, gani e arranhei a superfície de metal.

— Esta aqui? — perguntou Monroe.

Voltei a ganir, desesperada para atravessar a porta. Meu coração disparou enquanto Monroe pegava o cadeado. Quando a porta se abriu, perdi o fôlego.

Dois jovens estavam sentados, um de frente para o outro, encostados nas paredes da cela. Correntes prendiam seus punhos às paredes, separando-os e limitando seus movimentos. Permaneceram quietos, de olhos fechados. Trapos cobriam seus corpos. Calças rasgadas, camisas retalhadas. Seus rostos estavam marcados por hematomas e manchas verdes, roxas e vermelhas. Como um arco-íris monstruoso pintado em suas peles.

A luz na cela piscava constantemente e o lugar parecia tremer quando olhei lá para dentro.

Dei um uivo e corri para dentro da cela.

Mason piscou incrédulo ao ouvir o som do meu chamado. Virou a cabeça lentamente, com olhos semicerrados para mim.

— Não pode ser.

Nev gemeu, ainda com os olhos fechados.

— Só me avise quando tudo acabar.

— Calla? — Mason se inclinou na minha direção e se contraiu.

Lambi seu rosto e mudei para a forma humana e assim consegui falar.

— Mason. Sou eu. Vou tirar vocês daqui.

— Sério? — Mason me olhava como se eu fosse fruto de sua imaginação.

— Calla? — Os olhos de Nev já estavam abertos.

— Está dizendo que ela é de verdade? — Mason se aproximou, as correntes se arrastaram no chão de cimento, e tocou meu rosto. — Ai, meu Deus.

— Conseguem andar? — Monroe havia se posicionado ao nosso lado e se agachou para falar com Mason.

— Quem é você? — Mason franziu a testa e o nariz. — Ei! Você é um Inquisidor. Que merda é essa?

— Está tudo bem, Mason — falei e peguei na sua mão. — Eles estão do nosso lado.

— Inquisidores? Do nosso lado? — Nev riu. — Talvez ela não seja real mesmo.

— Sou real — respondi rapidamente, preocupada com o tempo. — Por favor, respondam. Conseguem andar?

— Acho que sim — disse Mason, esticando as pernas. — Não tento há algum tempo. Vai nos contar como chegou até aqui? E por que os Inquisidores estão nos ajudando?

— Só depois que estivermos a quilômetros de distância de Vail — disse Connor. — A hora de contar histórias pode esperar.

— Ele tem razão… mas depois, prometo que tudo isso vai fazer sentido.

— Contanto que a gente saia deste buraco dos infernos, não precisa fazer sentido — disse Nev cobrindo os olhos.

— Não sei se seremos muito úteis para vocês — comentou Mason. — Não consigo mudar de forma desde que nos colocaram aqui.

— São as correntes. — Toquei no ferro em seu pulso. — Vai conseguir se transformar quando tirarmos isto.

— Connor — chamou Monroe, apontando para Nev. — Livre-o disso.

Monroe se agachou para soltar Mason.

— Não sei se é uma boa ideia — comentou Ethan, com olhos desconfiados para os Guardiões acorrentados.

— O que vai fazer, atirar neles? — protestei. — Já esqueceu por que estamos aqui?

— Aqueles que vieram nos resgatar querem nos matar, é? — perguntou Mason ao reparar na balestra de Ethan apontada para seu peito. — Legal.

— Bem, combina com tudo o que vem acontecendo ultimamente — declarou Nev. — Poderia até dizer que estou surpreso, mas estaria mentindo.

— Não vão matar vocês. — Encarei Ethan com cara feia até ele baixar a arma.

— E se… — começou ele.

— E se for uma armadilha? — completei. — Olhe para eles. Como vão lutar desse jeito? Estou preocupada em não conseguir tirá-los daqui inteiros.

— Eu também — manifestou-se Connor. — E ainda tinha esperanças de conseguir reforço dos lobos para seguir adiante.

— Se tivermos de lutar, vamos lutar — grunhiu Nev quando as correntes caíram de seus braços. Em seguida, ele era um lobo e rosnava enquanto mancava na direção de Mason.

— Ai, caramba. — Ethan recuou e ergueu a balestra.

— Pare com isso! — mandei. — Eles não são nossos inimigos.

Libertado, Mason também mudou de forma. Os dois lobos se cercaram, cheirando-se, lambendo um ao outro e buscando conforto no contato físico. Fiquei olhando-os, desejosa de me juntar a eles, mas ao mesmo tempo respeitando o momento de reencontro dos dois.

— Opa — murmurou Ethan, quando Mason revelou os caninos e enfiou suas presas no ombro de Nev e lambeu com vontade o sangue que começou a escorrer.

— Está tudo bem — disse em voz baixa. — Assim vão curar as feridas e poderão lutar conosco.

Nev usou o sangue do peito de Mason; senti o poder da relação dos dois fluir a nossa volta, substituindo as feridas por força.

— Que bom que funcionou — disse Connor, que, aparentemente, assim como eu, sentiu a tensão aumentar na cela. — Mas precisamos ir em frente.

Ethan estava com a testa franzida.

— Esperem um pouco.

— O quê? — perguntou Connor.

— Essa coisa do sangue vai ser um problema. — Ethan se virou para mim. — Como vamos conseguir matar os outros Guardiões?

Minhas sobrancelhas grudaram uma na outra.

— Do que está falando?

— Se vocês, lobos, ficam tirando casquinhas um do outro, não se recuperam toda vez que engolem o sangue?

Tive que me controlar muito para não dar um murro na cara dele.

— É assim que funciona — disse Monroe.

Olhei para Monroe, surpresa, embora não devesse me espantar que já tivesse descoberto os segredos de cura das matilhas devido a sua ligação com Guardiões durante a aliança frustrada.

Com as mãos na cintura, encarei Ethan.

— Não basta beber o sangue de um Guardião para curar as feridas. O sangue tem que ser presenteado; do contrário é apenas sangue.

— Presenteado? — Ethan olhou-me, confuso.

Mason acompanhava a conversa. Mudou para a forma humana.

— Ela tem razão — disse. — Não pode ser tirado. O sangue tem que ser ofertado para invocar seu poder de cura. — Os hematomas no rosto não haviam desaparecido, mas haviam diminuído consideravelmente.

— Está muito melhor agora. — Ele sorriu e ergueu os braços para mim. Atirei-me em seu abraço.

— Que bom que está bem — disse ele. — Tinha quase certeza que você estava morta.

— Presenteado — murmurou Ethan novamente; sua expressão aparentava perplexidade e admiração.

Nev permaneceu na forma de lobo, ao lado de Mason, na defensiva, mas, quando sorri para ele, abanou o rabo.

Apontei para os Inquisidores.

— Connor e Ethan, quero que conheçam Mason e Nev. Monroe está no comando. Ele já ajudou Guardiões antes.

Mason ergueu as sobrancelhas.

Balancei a cabeça negativamente.

— Como disse, depois explico tudo. Onde estão os outros?

— Não sei. Mudaram a gente de lugar várias vezes. Separavam, rearrumavam os grupos. Sempre ficamos em pares.

Ele fez uma pausa e engoliu em seco.

— Acharam que conseguiriam desestabilizar a gente mais rápido se nos fizessem assistir a outro companheiro ser atacado por um espectro. Há algum tempo que eu e Nev dividimos a mesma cela, mas perdi a noção dos dias. Não lembro quanto tempo passou desde a última vez que vi os demais.

— Acha que ainda estão vivos? — perguntou Monroe.

— Acho. — Mason suspirou. — Os Defensores não fazem execuções discretas. Se fossem matar outro lobo, teriam nos arrastado para assistir.

Ele me olhou com tristeza.

— Sua mãe, Calla… Sinto muito...

— Eu sei — murmurei, interrompendo-o enquanto um nó se formava na garganta. — Ansel me contou.

— Ele está bem? — Mason empalideceu. — O que fizeram com ele...

— Ele está péssimo — contei. — Mas está a salvo.

— Você disse que mudaram vocês de lugar — interrompeu Monroe. — Onde?

— Existem quatro blocos de celas aqui em baixo — respondeu Mason. — Cada bloco está interligado pela Câmara.

— O que é a Câmara? — perguntou Ethan.

— Onde a violência se torna um espetáculo — explicou Mason, com um sorriso desanimado. — Estava compondo uma música sobre isso na cabeça. Sabe, para matar o tempo. É o lugar onde mataram a Naomi.

Mason pegou na minha mão ao notar minha angústia.

— E onde puniram Ansel... e Ren.

Ao dizer o nome de Ren, seus olhos encontraram os meus, cheios de perguntas. O sangue esquentou e o pulso acelerou pela necessidade de encontrá-lo.

— Precisamos checar as outras celas — disse Monroe, com a voz cheia da mesma urgência que eu sentia. — Vamos.

Connor checou a última cela naquele bloco e a encontrou vazia. Mason e Nev eram os únicos prisioneiros nessa ala.

— Pelo visto, é a porta número cinco — disse Connor, e se dirigiu para a porta do outro extremo do corredor por onde havíamos entrado.

O lobo ao lado de Mason, de pelo cinza-acobreado, começou a rosnar.

— Qual o problema com o seu cão de guarda? — perguntou Ethan.

Monroe lançou um olhar severo para Ethan.

— Sem querer ofender — acrescentou Ethan rapidamente.

— Esta porta dá na Câmara — informou Mason, e suas mãos começaram a tremer.

— Há outra forma de acessar os outros blocos de celas? — perguntou Monroe.

Mason fez que não com a cabeça.

— Abra a porta, Connor — disse Monroe.

VINTE



Não havia painéis fluorescentes piscando no teto da Câmara. Em vez disso, pequeninas luzes fracas e oscilantes circulavam o ambiente, além de uma grande quantidade de lamparinas que tremeluziam como se nos dessem um sombrio sinal de alerta. Banhado pela luz bruxuleante, amarelada e obscura, o amplo lugar bocejava como uma enorme boca faminta. A sensação que tinha era de que uma britadeira perfurava minhas costelas.

— Passamos por um túnel do tempo ou coisa parecida? — perguntou Connor.

— Isso ou essa parte do mundo é o festival da Renascença mais depressivo de todos os tempos — comentou Ethan, caminhando cauteloso, com a balestra pronta para disparar.

Olhei em volta e tentei segurar o coração que parecia querer sair pela boca. Eles tinham razão. Diferentemente dos blocos estéreis de celas, esse lugar havia sido construído com pedras empilhadas, como montes de lesmas, uma massa cinzenta e viscosa que parecia eternamente úmida. O espaço mal iluminado estava vazio, exceto por uma imitação de

tablado gótico que sobressaía de uma das paredes. Haviam talhado palavras na pedra atrás da plataforma.

Abandone todas as esperanças, aquele que aqui entrar.

Dante. Estremeci ao lembrar das imagens horrorosas que decoravam as paredes do escritório de Efron e como essas cenas, provavelmente, eram recriadas neste lugar. O cômodo fedia a mofo, teia de aranha, urina… e sangue. Tanto sangue. Fraquejei. O cheiro era insuportável. A morte invadiu os pulmões, embrulhando meu estômago. Mason me pegou pelo braço e me deu apoio.

— Eu sei. — Foi tudo o que disse.

Meus olhos continuavam fixos no tablado por mais que tentasse desviá-los. Minha mãe havia sido morta ali. Assassinada por Emile Laroche enquanto meu pai era obrigado a ver tudo. Meu irmão havia sido mutilado. E Ren. O que haviam feito com Ren? As lágrimas escorriam, queimando meu rosto, e então Monroe pôs a mão em minha bochecha e enxugou com o polegar a água salgada e cáustica.

— Um dia, tudo isto vai abaixo, pedra por pedra — disse ele. — É por isso que lutamos.

Concordei com a cabeça, incapaz de falar.

— Há um conjunto de celas em cada lado do salão — explicou Mason, apontando para a porta mais próxima. Era idêntica à que havíamos atravessado.

— O lugar está sempre vazio? — perguntou Monroe, e sua pergunta ecoou pela cavernosa Câmara, dando ênfase às suas palavras.

— Não quando estive aqui — respondeu Mason. — Estava lotada de Guardiões aguardando ordens dos Defensores.

— Não gosto disso — comentou Ethan.

— Nem eu — declarou Monroe e olhou para mim. — Pode nos levar aos outros?

Respirei fundo e quase vomitei. As reminiscências de tanto tormento haviam entranhado no chão. Parecia farejar um determinado odor entre uma pilha de corpos em decomposição. A náusea me fez perder o equilíbrio novamente.

— Aqui não — respondi. — Quem sabe nos blocos, como o que acabamos de deixar.

— Precisamos fazer isso o mais rápido possível — exclamou Monroe. — Connor, Ethan e os lobos vão na frente enquanto eu tento as portas.

Fomos para a porta ao sul primeiro. Monroe tentou abrir o cadeado, enquanto Connor e Ethan ficaram de prontidão, de olho no salão em busca de algum sinal de emboscada. Mason e Nev agora estavam na forma de lobos, circulavam e protegiam o grupo, farejando o ar, com as orelhas levantadas, dentes à mostra reagindo aos odores violentos que nos assaltavam.

Monroe abriu a porta e o segui para dentro. Embora também desagradáveis, os odores nesse bloco não eram insuportáveis. Dei alguns passos antes de voltar para a forma humana.

— Está vazio — informei. — Vamos para o próximo bloco.

— Sem sorte? — perguntou Ethan quando retornamos à Câmara.

Monroe assentiu com a cabeça.

— Onde fica o próximo? — Connor tentou relaxar os ombros tensos, sem tirar os olhos dos pontos de acesso à Câmara.

— Bloco oeste — disse Monroe, cruzando o salão. Olhei em volta. A ordem escolhida por Monroe significava que o bloco norte seria o último a ser revistado se não encontrássemos todos na próxima ala de celas. O bloco norte era o mais próximo ao tablado — queria estar bem longe

daquelas pedras manchadas com o sangue da minha mãe. Daria para ver seu sangue entre as pedras? Suportaria sentir seu cheiro espalhado por elas?

Tirei os olhos do tablado e tive a impressão de que sombras próximas ao teto haviam tremulado. Parei e estudei a escuridão.

— Calla? — Ethan parou ao meu lado.

Esperei e observei o ponto onde achava ter visto o movimento. Apenas sombras ocupavam o local. Meus nervos, à flor da pele, estavam me fazendo enxergar coisas.

— Não é nada — disse, apressando-me atrás de Monroe.

Quando alcançamos a ala sul, Nev choramingou e arranhou o chão ao lado da porta.

— O que foi? — perguntou Monroe.

Nev mudou de forma.

— Sinto o cheiro da Sabine. Ela está aí dentro. Outros lobos também.

Mason choramingou e deu voltas em círculo, com a cabeça rente ao chão.

— Quantos mais? — Connor agarrou o punho das espadas com mais força.

— Não tenho certeza — respondeu Nev. — Mas não é só a Sabine que está do outro lado.

— E o restante da matilha? — perguntei. — Ren está lá dentro?

— Se estiver, o cheiro dos outros lobos está mascarando o dele — disse Nev. — Não consigo captá-lo.

— Mas consegue sentir o dessa tal Sabine? — Ethan franziu a testa.

— Ela cheira a jasmim. É um cheiro distinto. Fácil de identificar mesmo na multidão.

— Uh… tá — disse Ethan, com olhos curiosos. — Jasmim?

— Podemos deixar para falar de perfumes depois? — retrucou Connor. — Suspeito que tem uma boa briga nos esperando atrás desta porta.

— Estamos prontos — disse Nev, transformando-se em lobo, sua fúria aumentando enquanto rosnava.

— Vou abrir a porta agora — avisou Monroe. — Estejam preparados para qualquer coisa.

A tranca abriu. E a porta também. Mudei de forma, com furor no mais alto grau.

O corredor estava vazio e era idêntico aos que já havíamos revistado.

— Qual porta? — sussurrou Monroe, olhando para Nev.

Nev passou pelas duas primeiras portas, com o focinho seguindo pistas, farejando. Mason ficou na retaguarda, orelhas em pé.

Nev parou em frente à última porta do lado direito e olhou para Monroe, que assentiu com a cabeça. Connor e Ethan estavam com as armas em punho quando Monroe girou a maçaneta. Hesitou, olhando para os demais.

Não está trancada, disse sem emitir som.

Os Inquisidores trocaram olhares aflitos, tensos, e Monroe escancarou a porta.

Primeiro ouvi os rosnados e em seguida dois Banes veteranos saltaram da cela. O primeiro chocou-se contra Connor e deu um uivo quando a adaga o acertou entre as costelas. Duas flechas de Ethan acertaram o segundo lobo no peito. Ele tombou no chão, uivando, mas ainda de pé, e se virou para atacar novamente. Mason se jogou em cima do lobo ferido. Eles rolaram no chão em um furioso emaranhado de dentes e presas, ferindo um ao outro. Nev correu para acudir Mason. Ethan entrou na cela.

— Entre com ele, Calla — orientou Monroe. — Se seus companheiros de matilha estiverem lá dentro, só você pode convencê-los de que somos seus aliados.

Concordei com a cabeça e entrei na cela. Ethan olhava para um terceiro Bane, que estava agachado diante de uma pessoa aparentemente desmaiada contra a parede. Vi as mechas pretas de cabelo, as curvas elegantes do corpo precariamente cobertas por trapos. Sabine. Não se movia. Meu sangue gelou. Estava morta?

— Calla? — Virei ao ouvir meu nome e achei que meu coração fosse arrebentar. Bryn me observava com olhos espantados e incrédulos. Estava acorrentada da mesma forma que havia encontrado Nev e Mason. Seu rosto estava magro, bochechas esqueléticas; o vestido estava um pouco menos esfarrapado que o de Sabine. Senti um nó na garganta ao perceber que elas ainda estavam com os vestidos usados na noite da união — ou o que havia restado deles.

Soltei um ganido e fui direto em sua direção, mas parei ao ouvir Ethan me falar em voz baixa:

— Se eu fosse você, ficaria longe da garota — disse, com a balestra apontada para um Bane, que rosnava na frente de Sabine.

As orelhas do lobo levantaram e ele fixou seus olhos em Ethan. A fera estava em cima de Sabine, com as presas próximas de seu pescoço. Identifiquei, em seu rosnado constante e baixo, o prazer asqueroso que o Bane sentia.

Sabine gemeu suavemente e abriu os olhos. A onda de alívio que me invadiu ao ver que ainda estava viva foi engolfada pelo horror ao ver o Bane pegar o pescoço de Sabine com a boca.

— Calla, precisa fazer alguma coisa! — gritou Bryn, que se debatia contra as correntes. — Efron ordenou que os Banes a matassem se

alguém tentasse um resgate.

Virei-me e me concentrei no outro lobo.

Ethan já havia se movido. Com um grito, jogou longe a balestra e se atirou contra o lobo, surpreendendo-o. Humano e Guardião tombaram no chão. Ethan soltou um palavrão quando o lobo enfiou os dentes em seu ombro. Corri para onde estavam. O lobo ensaiou outro ataque, com a atenção voltada exclusivamente para Ethan. Cravei a mandíbula no ombro do Bane. O sangue espirrou e senti meus dentes tocarem o osso. O Guardião grunhiu, virando-se para me atacar. Girei no chão para fugir de sua mordida. Este segundo de distração bastou para Ethan. Ele pegou a adaga, deslizou por baixo do lobo e furou sua garganta. O animal estremeceu e em seguida ficou imóvel. Seu corpo frouxo caiu no chão quando Ethan puxou a adaga de volta.

Sabine tinha as mãos no pescoço e olhava boquiaberta para Ethan. Ele foi até ela e tocou seu braço cuidadosamente.

— Está machucada? — perguntou, olhando-a de cima a baixo. Desviou os olhos, corando ao perceber que tão pouca roupa cobria o corpo da moça.

— Não — sussurrou ela, ainda observando-o. — Quem é você?

— Ethan — respondeu, e pigarreou, enquanto buscava um lugar seguro onde pousar os olhos. — Estou aqui para ajudar vocês.

Ela deu um suspiro aflito.

— Você é um Inquisidor.

Ele fez que sim e a encarou finalmente.

— Mas estou do seu lado.

Quase engasguei, não por causa do sangue na boca, mas porque nunca havia imaginado ouvir essas palavras saindo da boca de Ethan.

— Achei que fosse morrer. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Sabine. — Tinha certeza disso. Ele disse que não sobreviveria se o deixasse.

— Quem disse isso? — Ethan tocou o rosto de Sabine lentamente. Vi que seus dedos tremiam.

Bryn respondeu a pergunta:

— Efron.

— Efron Bane? — Como se de repente lembrasse quem era, Ethan logo afastou as mãos do rosto de Sabine e se virou para Bryn. — O Defensor.

Ela fez que sim.

— Ele… gosta de mantê-la por perto. Acho que ele levou a escolha que ela fez para o lado pessoal.

— Como assim, por perto? — Ethan franziu a testa. Sabine o fitou como se transmitisse algo por telepatia.

Ele fechou os punhos.

— Que Deus amaldiçoe esse canalha.

Sabine olhou para o outro lado, outra lágrima escorreu de uma das faces.

Mudei de forma e dei um passo na direção de Sabine.

— Que escolha?

— Ele disse que eu poderia fazer um novo juramento de fidelidade — sussurrou ela, com mais lágrimas nos olhos. — Poderia retornar para a matilha de Emile se denunciasse você e sua matilha.

Uma escolha. Os Defensores ou eu. Um calafrio invadiu meu corpo.

— Não faria isso — disse Sabine com uma careta, e em seguida enxugou as lágrimas do rosto. — Não sei por que foi embora, Calla, mas

o que fizeram com o Ansel... sabia que fariam o mesmo com Mason e Bryn. Não podia compactuar com isso.

— Efron pegou pesado com ela — disse Bryn. — Os espectros vinham aqui todos os dias. E só para atacar Sabine. Vieram por mim muito menos vezes. Quatro, talvez cinco. Para mim foi tranquilo.

— Não diria isso. — Sabine esboçou um sorriso desanimado. — Uma vez é duro o suficiente.

— Sinto muito por tudo o que vocês passaram. — Ajoelhei-me ao lado de Bryn.

Ela me abraçou com tanta força que mal consegui respirar.

— Estou tão feliz por você estar viva.

— Sinto muito — sussurrei novamente, sentindo o horror se arrastar sob minha pele. Podia ter sido prisioneira, mas estava em segurança, havia sido bem tratada e longe da agonia que meus companheiros haviam suportado dia após dia desde minha fuga de Vail.

— Não é sua culpa — disse ela. — Você não fez nada. Eles fizeram.

— Sei disso, mas…

Ela me interrompeu, titubeante:

— Cal… não sei o que fizeram com Ansel depois de machucá-lo. Acho que ele pode estar...

— Não. — Peguei-a pelos ombros, obrigando-a a me encarar. — Sei o que fizeram com ele, Bryn. É horrível. Mas ele não morreu. Ele encontrou a mim e ao Shay.

— Ele está vivo? — Sua voz saiu estremecida, olhos arregalados; estava desesperada para acreditar em mim, mas desconfiada das minhas palavras.

— Prometo que vai vê-lo assim que chegarmos em Denver.

Connor entrou repentinamente na cela, com espadas cobertas de sangue. Mason e Nev vinham logo atrás, com focinhos da mesma cor escarlate que as lâminas. — Está tudo sobre controle aqui?

— Está — respondeu Ethan. — Pode tirar isso dela? — Ele apontou para as correntes que prendiam os pulsos de Bryn, voltando sua atenção para os braços acorrentados de Sabine. — Eu cuido dessa aqui.

Mason seguiu Connor até o lado de Bryn. Mudou de forma e mordeu o pulso, deixando que ela tomasse seu sangue, enquanto Connor a libertava. Ethan abriu espaço para Nev, que se ajoelhou ao lado de Sabine.

— Está aguentando firme? — sussurrou Nev, e estendeu o braço para ela.

— Muito mal — respondeu ela, enfiando os dentes na pele de Nev.

Ethan rondava os dois, observando a pele pálida de Sabine ganhar vida. Vi que ele deu um longo suspiro quando ela ergueu o rosto e sorriu.

— Como se sente agora? — murmurou ele.

— Vou ficar bem — disse ela, com um jeito tímido que nunca havia visto em Sabine. Ela o fitou bem nos olhos. — Você salvou minha vida.

Agora era a vez de Ethan mostrar timidez, desviando os olhos.

— Eu… é… — Coçou a nuca, à procura de palavras.

Livre das correntes, Sabine se inclinou na direção de Ethan e o abraçou pelo pescoço.

— Obrigada. Muito obrigada.

Ele endureceu em seus braços, mas os músculos tensos foram aos poucos relaxando quando ela insistiu no abraço. Ele se permitiu tocar, de leve, o rosto nos cabelos dela.

— Jasmim — murmurou.

— O quê? — perguntou Sabine, olhando-o.

Ethan limpou a garganta.

— De nada.

— Até um Inquisidor. — Nev riu com vontade. — Só você mesmo, Sabine. Vou te contar.

— Do que está falando? — Ela olhou para Nev e franziu a testa. Nev apenas sorriu.

— Esqueça — disse Ethan rapidamente, pigarreando novamente enquanto lançava um olhar antipático para Nev. Ele se soltou dos braços de Sabine e se levantou. Sabine voltou a sorrir, apenas para ele, e Ethan parecia um pouco atordoado.

Nev deu uma risada, balançando a cabeça.

— O que é tão engraçado? — Sabine perguntou, enquanto ele a ajudava a se levantar.

Monroe apareceu na entrada antes que Nev pudesse responder.

— Quem encontramos?

— Mais dois da matilha — disse, apontando para as meninas. — Bryn e Sabine.

Seu rosto mostrou-se um pouco desanimado.

— Nenhum sinal dos demais?

Balancei a cabeça negativamente, ciente de que compartilhávamos o mesmo sentimento de desespero. Não havíamos encontrado Ren. Fiquei na dúvida se o encontraríamos.

— Se elas já estiverem recuperadas, precisamos seguir adiante — disse Monroe. — Precisamos procurar os outros.

— Será que vamos resistir a outra emboscada? — perguntou Connor. — Obviamente, os Defensores estavam à nossa espera; este primeiro grupo deve ser só o começo. O próximo encontro pode ser muito, muito pior.

— Vamos terminar o que começamos — disse Monroe. — E nosso grupo duplicou.

Connor abriu a boca para protestar, mas Monroe o repreendeu balançando a cabeça.

— Vamos terminar isso — disse Monroe. Virou-se de costas antes que Connor tentasse retrucar e andou rapidamente pelo corredor.

VINTE E UM



Bryn pegou na minha mão, apoiando-se em mim enquanto saíamos da cela.

— Morri de saudades, Cal — disse ela. — Achei que não fosse mais ver você.

— Também senti saudades — disse, embora achasse que não merecia seu carinho. Ela havia sofrido tanto à minha espera. Todos eles.

— Prefiro ficar sobre as quatro patas — disse ela, retribuindo meu sorriso antes de se transformar em um lobo de pelos cor de bronze. Juntou-se aos demais lobos, que caminhavam lado a lado, unidos em bando, cheirando-se uns aos outros, com os rabos balançando.

Ethan e Connor observavam os jovens lobos restabelecerem seus laços de alcateia. A expressão dos Inquisidores era de perplexidade. Imaginei que estivessem tentando compreender como seus arqui-inimigos demonstravam afeto, lealdade e se divertiam. Características que os Inquisidores reconheciam em sua espécie, mas não em Guardiões. Apenas Monroe parecia estar familiarizado com o comportamento dos lobos. Ele tomou a dianteira, guiado por um único objetivo.

Cruzamos a Câmara, rumo à ala norte de celas. O tablado se aproximava e o cheiro de sangue e carne fresca foi ficando mais intenso. O gosto amargo e as várias camadas de agonia invadiram meus sentidos em uma onda ofuscante. Cambaleei, sufocando, à medida que nos aproximávamos das rochas erguidas. A violência testemunhada nesse ambiente parecia ter entranhado no piso e nas paredes. Baixei a cabeça e tive vontade de cobrir os ouvidos. Tive a impressão de ouvir minha mãe gritando. Connor segurou meu cotovelo, dando-me apoio.

— Aguenta firme — murmurou.

Concordei com a cabeça e tentei não olhar para as manchas no tenebroso tablado.

Monroe destrancou a porta do bloco de celas. Ele a abrira parcialmente, quando alguma coisa se movimentou em minha visão periférica. Assim como havia visto mais cedo, um movimento furtivo entre as sombras.

— Espere. — Agarrei o braço de Monroe.

— O que foi, Calla? — perguntou ele, me olhando.

Meus olhos examinaram o ponto onde achei ter visto o movimento. Então avistei o que procurava.

Uma gárgula.

Agora estava imóvel. Parecia apenas uma estátua pregada no friso de pedra circular que sustentava o teto, mas todos os meus instintos me gritavam que não era uma estátua.

— Ethan. — Apontei para a criatura. — Atire naquilo, agora.

— É somente uma estátua. — Ele franziu a testa. — Assustadora de doer, mas não posso desperdiçar flechas.

— Atire nela.

Ele me olhou por alguns segundos e então atirou na estátua. A flecha voou certeira. Ethan soltou um palavrão quando a flecha acertou não um monstro esculpido, mas perfurou a carne. A gárgula gritou, pedra ganhando vida.

— Que merda é essa?! — Connor deu um salto para trás enquanto a criatura se soltou do friso e voou em nossa direção.

Tapei os ouvidos, com medo de que os tímpanos fossem perfurados pelos berros tenebrosos do monstro. Bryn rosnou e deu um salto, encontrando a criatura em pleno ar. Chocada com a coragem da loba, a gárgula recuou, expressando em forma de guincho sua indignação. Os dentes de Bryn rasgaram uma das asas do monstro com os dentes, a criatura tombou no chão e um sangue cinza espesso como leite escorreu de sua carne rasgada. Sabine saltou sobre o peito da gárgula, prendendo-a contra o tablado. Bryn a atacou novamente, desta vez sacudindo a cabeça veementemente após abocanhar a garganta da criatura. Ouvi o quebrar de ossos e o pescoço da gárgula rompeu-se.

— Estava nos observando este tempo todo — comentei ofegante.

— Há mais desses? — perguntou Connor, girando ao redor do próprio corpo, com os olhos apontados para o teto.

— Não, mas Calla tem razão. Devia estar seguindo nossos passos desde que chegamos — disse Monroe. — Acho que acabamos de soar o alarme.

Ficamos todos imóveis, assimilando o significado das palavras de Monroe. Nosso silêncio foi recebido por um som de aviso ao longe, como tambores bem baixos. O ruído de unhas em ferro fundido, passos na escada. Vinham rápido, e o som de tambores tornou-se mais vibrante à medida que nossos inimigos desciam do andar de cima da boate.

— Estão vindo atrás de nós — disse Monroe, olhando para a porta que nos levaria para fora da prisão e de volta para as escadas.

— Conhecem outra saída? — perguntou Connor, olhando para os lobos. Meus companheiros se entreolharam. Sabine ganiu antes de mudar de forma.

— Nenhum de nós viu outra saída — respondeu ela. — Aquele é o caminho por onde nos trouxeram até aqui, sinto muito.

Os olhos dela encontraram os de Ethan quando se desculpou.

— Estamos encurralados aqui embaixo então — concluiu ele, olhando para Sabine como se estivesse estudando as possibilidades de como gostaria de passar seus últimos momentos na terra.

— O restante da alcateia tem que estar nesse bloco — disse Monroe. — Se conseguirmos libertá-los, poderemos travar uma luta decente. Quem sabe, sair daqui.

— Não todos — comentou Connor.

— Não temos outra escolha — rebateu Monroe.

— Ele tem razão. — Ethan recarregou a balestra com flechas. — Chegou a hora da batalha final. Sempre soube que um dia chegaria.

— Não — disse Sabine. — Não vou morrer aqui embaixo. Não vou dar esse gostinho ao Efron.

Ela se transformou em lobo e uivou. O restante dos companheiros de matilha ergueu os focinhos e os lobos se uniram no uivo de batalha. De cima, ouvimos os uivos de resposta dos Guardiões que se aproximavam, desafiando-nos.

O cantar dos lobos pareceu ter dado ânimo aos desesperançados Inquisidores.

— Consigo bloquear aquela porta! — Connor correu pelo salão. — Se realmente for a única entrada, pode nos render algum tempo.

— Boa ideia — disse Monroe. — Ethan, ajude Connor e os lobos. Tente mantê-los longe. Calla, venha comigo.

Enquanto seguia Monroe para dentro do bloco de celas, olhei para trás e vi meus companheiros cercarem Connor e Ethan, que tentavam travar a tranca da porta leste da prisão. Dei um suspiro angustiado e senti um tremor pelo corpo. Sob o odor metálico das celas, um cheiro de lenha queimada temperava o ar.

— O que foi? — perguntou Monroe.

— Ele está aqui — sussurrei.

Um uivo de outra parte da prisão entrou pela ala. Minha nuca ficou arrepiada. Reconheci o uivo — Mason uivava pedindo ajuda. O uivo de Nev soou segundos depois. Monroe me olhou. Ouvi o som de unhas tocando o piso de pedras, seguido de latidos e rosnados.

— Guardiões — expliquei. — Eles conseguiram entrar.

— Encontre-o. Diga a ele que estamos chegando. Vou contar aos demais — garantir que a luta fique longe daqui — e voltarei por você com o restante da alcateia. Eu prometo.

Assenti com a cabeça, engolindo o medo.

Monroe empunhou a espada e correu de volta para a Câmara.

O perfume me atraiu para a última porta do corredor à esquerda. *Por favor, esteja destrancada. Por favor.*

Girei a maçaneta e abri a porta. Esta cela era maior que as outras. Esparso, metal brilhante iluminado por luzes fluorescentes ao longo do teto. Senti o cheiro dele antes de os meus olhos o encontrarem. O cheiro de sândalo e couro cru fez meu peito doer. Sem pensar, entrei cambaleando e correndo para a pessoa agachada em um dos cantos da cela.

— Ren! — Envolvi meus braços ao redor de seu corpo, puxando-o para mim.

— Calla — murmurou ele. Ele repousou a testa em minha garganta, as mãos pressionando minha cintura.

— Está machucado? — sussurrei, ainda abraçando-o com força, aliviada por ele estar vivo.

— Não.

— Graças a Deus. — Afastei-me um pouco, recuperando o fôlego, mal escutando minhas palavras abafadas pelo retumbar do coração. — Não temos muito tempo. Não posso explicar agora. Precisamos ir embora daqui.

Ren me olhou e de repente fui puxada para a frente, pressionada contra ele. Seus lábios tocaram os meus, ardentes, queimando minha pele. As lembranças caíram sobre mim, afogando-me em uma torrente de emoções.

Ren.

Este era o Ren que havia tanto tempo conhecia. Meu pretenso marido. O jovem alfa Bane. Meu rival e meu amigo. Aquele que guiaria a alcateia ao meu lado. Um guerreiro como eu. Um lobo como eu.

Beijei-o também, enquanto as lágrimas ardiam em meu rosto. Carregada pela corrente do passado, apertei o corpo contra o seu ainda mais. Não sabia o que pensar ou sentir. Mas sabia como era bom estar perto de Ren outra vez. Abraçada a ele, sentia-me perseguida pelo destino que sempre nos aguardou, apesar de nunca consumado. Em uma época em que não sabia que as mentiras eram mentiras. Quando achava que entendia meu lugar no mundo. Uma pequena parte de mim ainda ansiava por essa certeza, pela vida que poderia ter tido antes de o meu mundo virar um caos.

Ele se afastou e me fitou. Com uma das mãos contornou meu rosto. Com a outra pegou minha mão. Ele fez uma pausa com os dedos, que se detiveram no trançado de ouro branco do anel.

— Comigo — murmurou. — Seu lugar é comigo.

O nó na garganta doía, e não consegui falar, mesmo que encontrasse as palavras. Quantas promessas já havia feito e rompido? Quanto já havia tirado de Ren por ter ido embora?

Ele me beijou de novo, suavemente desta vez. Seus lábios moveram-se por meu maxilar e desceram por minha garganta. Puxou-me para mais perto e sussurrou em meu ouvido.

— Eles disseram que você viria. Não acreditei, mas agora você está aqui.

O turbilhão de emoções que me tomava congelou com suas palavras, que me trouxeram, aos tropeços, de volta ao presente.

Eles disseram que você viria.

Ergui o rosto e o olhei com mais atenção. Ele estava ali. Vivo nesse lugar. Mas diferente dos outros, não estava ferido. Seu rosto não tinha marcas de tortura e de fome constante. As roupas não estavam rasgadas e imundas. Seu cheiro era o mesmo, tão familiar, quente e masculino, sem nenhuma mácula de vômito, sangue ou sujeira. Olhei para os seus braços. Ele não estava acorrentado. E estava só.

Um medo horripilante percorreu minha pele.

— Ren? — sussurrei. Meu coração protestava com força contra os fatos assustadores que minha mente ia rapidamente assimilando.

Ele se inclinou para a frente e beijou o lóbulo da minha orelha.

— Senti sua falta, Lily. Tanta — murmurou ele, pegando-me pelo braço com força. — Sinto muito.

De repente me vi voar pelo ar até o outro lado da cela. Bati a cabeça contra a parede e não consegui enxergar nada por alguns instantes. Perdi o equilíbrio e desmoronei no chão. Dedos agarraram meu antebraço e me ergueram. Senti o hálito quente de Ren em minha pele. Seus lábios amassaram os meus novamente, mas desta vez senti o gosto de sangue. Afastei a cabeça bruscamente e prendi a respiração, lutando para recuperar o equilíbrio e a visão.

— Ren, pare. Por favor. — Minhas mãos encontraram seus ombros e tentei afastá-lo. — O que está fazendo?

Ele fixou os olhos em mim e vi seu maxilar tensionado, a tensão também em seus olhos. Raiva e tristeza se concentravam na escuridão de suas íris.

— Não quero isso, nunca quis *isso* — disse ele cerrando os dentes. — Não tenho escolha. Você não me deu escolha.

Ele me jogou contra a parede outra vez, arrancando-me o ar dos pulmões. Por um instante, hesitou, olhando-me atentamente, a dor marcando seus traços apesar de sua pegada em meus braços ficar mais forte.

— É o único jeito. — Ele engasgou nas palavras, desesperado por querer acreditar no que dizia. — Você é minha companheira. É meu dever trazer você de volta. Fazer você ficar. Eles disseram que preciso fazer isso.

Olhei para ele assustada.

— Fazer o quê?

— Domar você.

VINTE E DOIS



Ren me prendeu ao ferro frio da parede da cela, um dos joelhos entre minhas coxas.

O choque sugou todas as minhas energias. Não encontrava forças para mudar de forma. *Isso não pode estar acontecendo.*

— Meu Deus, Ren, não. — Mal consegui sussurrar as palavras, olhando perplexa para ele. Não reconhecia mais o homem a minha frente, em cujos olhos brilhavam a insanidade e a mágoa, que o impulsionavam a me machucar. O terror me invadiu como nunca antes. Não queria acreditar que essa mudança fosse possível, mas seus dedos apertaram meus pulsos, fazendo-me gritar. Senti o gosto do sangue na boca. Seus dentes haviam rasgado meus lábios. *Ren pertence aos Defensores agora?*

O tremor tomou conta do meu corpo; ondas de enjoo me invadiram. Só continuava de pé porque Ren me segurava contra a parede. O frenesi em seu olhar me apavorava e evidenciava que sua escolha se nutria de dor e mágoa.

— Não precisa fazer nada disso, Renier. — Uma voz soou da porta da cela, baixa, porém severa. — Solte-a.

Ren já tinha os dentes afiados à mostra, quando Monroe caminhou lentamente em nossa direção. Tinha uma espada em cada mão.

— Você tem, sim, escolha. — Ele continuou a falar em voz baixa. — Deixe este lugar, deixe tudo isso para trás. Venha conosco.

— Com vocês? Inquisidores? — Ren cuspiu no chão.

— Não somos o que você pensa — disse Monroe. — Viemos até aqui por você. Calla está aqui para ajudá-lo. E eu também.

Lancei um olhar de súplica para o alfa, mesmo enquanto me contraía tentando me desvencilhar de sua pegada dolorosa.

— Por favor, Ren. É verdade. Venha com a gente.

— Suas mentiras me fizeram perder tudo o que eu tinha. — Os olhos de Ren estavam fixos em Monroe. — Vou matar você antes que consiga me fazer acreditar em qualquer coisa que diga.

Ele me fitou, com o rosto contorcido por revolta e tristeza, e fez arrepios percorrerem a minha pele.

— Espero que isso não seja preciso — rebateu Monroe. — Não sou seu inimigo, mas não posso forçá-lo a tomar a decisão certa. Este não precisa ser o fim, mas, se não quiser vir conosco, ao menos deixe a moça ir. Não piore as coisas.

— O que pode ser pior do que aceitar a mão estendida de um monstro? — Um homem surgiu das sombras da entrada.

Meu coração saltou dentro do peito violentamente quando reconheci Emile Laroche, largo e atarracado, contrastando com o filho, alto e longilíneo, o corpo cheio de músculos e um cabelo áspero e arrepiado. O alfa Bane olhou direto para mim. Embora estivesse na forma humana, estava escoltado por três lobos: Dax, Fey e Cosette. Meu coração disparou ainda mais quando encontrei seus olhos fixos em mim e os três

rosnaram simultaneamente. Consegui captar o pensamento único que seus olhares de ódio compartilhavam.

Traidora.

Não quis ver a verdade que estava diante de mim. Verdade reforçada por presas afiadas, pelos ouriçados e olhos cheios de ódio.

Uma escolha. Eles tiveram o direito de escolher. Assim como Sabine.

Três de minha matilha haviam se voltado contra mim. Agora pertenciam à matilha de Emile. Haviam escolhido os Defensores em vez dos amigos.

Por quê?

Voltei a fitar Ren. Ele continuava com os dedos cravados em meus braços. Também haviam lhe dado uma escolha. Senti uma contração violenta na barriga e achei que fosse vomitar. Vi a dor por detrás de sua fúria e sabia que Ren não queria me machucar, e que havia escolhido os Defensores porque eu o havia deixado para trás. Porque havia traído alguém que me amava. Ele mentiu por mim e havia sido torturado por isso. Estava arruinado, e a culpa era minha. Que outra escolha poderia ter feito?

— Emile. — A voz rouca de Monroe tirou minha atenção de Ren. O rosto do Inquisidor estava quase irreconhecível enquanto encarava Emile, olhos escurecidos por uma raiva profunda e sem fim.

Emile continuou sorrindo.

— Não imagina o quanto desejei poder reencontrá-lo novamente, Monroe. Obrigado por ter vindo.

Monroe não respondeu, mas suas mãos começaram a tremer.

Emile se virou para Ren. Quando falou, sua voz era fria e sedosa:

— Renier, conheça o homem que matou sua mãe.

Ren soltou os meus braços e a cor desapareceu de seu rosto.

Afastei-me cambaleante e me agachei contra a parede. Meus olhos iam de Ren para Monroe, em seguida para a porta ainda bloqueada por Emile e os lobos. Não havia como sair.

Monroe suspirou ruidosamente.

— Seu canalha mentiroso.

Seus olhos brilharam com lágrimas sutis.

A risada de Emile soou como ossos se quebrando.

— Mentiras? Acha mesmo que Corinne teria morrido se não fosse por você?

Com um grito repentino, Monroe avançou contra Emile.

Mas Ren estava lá, mudando de forma em pleno ar, e um lobo cinza-escuro se preparou para o ataque, rosnando entre o pai e o Inquisidor, impedindo o ataque. Monroe hesitou e perdeu a oportunidade. Deu um salto para o lado e rolou para longe quando Ren tentou mordê-lo.

— Pelo visto estou em vantagem, velho amigo. — Emile sorriu enquanto Ren avançava na direção de Monroe, encurralando-o contra uma parede.

— Vamos ver — replicou Monroe, com os olhos focados em Ren. Os músculos do lobo estavam tesos, seu rosnado era furioso. Sabia que Ren estaria em cima de Monroe a qualquer instante, ansioso por derramar sangue e vingar a morte da mãe.

— Ren, não! — gritei. — Monroe não matou sua mãe. Ele tentou salvá-la!

— Mate esta cadela, Dax — sibilou Emile, apontando para mim. — Agora!

Dax veio correndo atrás de mim, revelando os dentes afiados como navalha. Nunca havia reparado em como Dax era grande quando não estava na forma humana. Nunca havia imaginado que travaria uma luta

com ele. O melhor guerreiro dos jovens Banes. Enquanto observava seus músculos se agitarem sob o pelo, percebi que era o maior lobo que eu já havia visto. Mudei de forma, pelos encrespados, e me firmei no chão. Ele tinha como vantagem o tamanho e a força, mas eu tinha a velocidade.

Embora buscasse um meio de me defender, minha mente estava gritando. *Não quero matar o Dax. Como eu poderia matar o Dax?*

Ele estava a tão poucos passos de distância que poderia me alcançar com um único salto. Rosnei, mas falei com ele por telepatia.

Não faça isso.

Você fez por onde, Calla. Dax se agachou, músculos tensionados como molas, com a boca arreganhada.

Até seus dentes eram gigantescos.

Um rosnado agudo fez Dax hesitar, virando-se em resposta ao chamado de Ren. Seus olhos se encontraram. Dax deu um latido curto e confuso, alternando o olhar entre Ren e Emile.

Ren não abriu seu pensamento para mim, apenas Dax podia me ouvir, mas estava desesperada para saber o que os dois lobos conversavam.

— Não interfira, garoto. — Emile encarou Ren.

Dax recuou e deu um passo à frente na direção da porta, na dúvida se eu conseguiria correr até a saída. Mesmo que conseguisse, teria que deixar Monroe para trás. Congelei, me recusando a abandoná-lo.

— Eu sou seu alfa — disse Emile, mostrando a Dax os caninos afiados. — Mate-a. Mate-a e assuma seu lugar como meu sucessor.

Dax virou-se e me encarou, olhos queimando cheios de sede de sangue, e soube que não hesitaria novamente. Tinha de ignorar as dúvidas que me faziam vacilar e não brigar com um ex-companheiro de matilha. Agora. Ou estava morta.

— Para trás, fofinho! — Connor surgiu a toda pela porta, jogando-se entre mim e Dax, ostentando suas espadas. — Desculpem por interromper a festa, mas está na hora de nos despedirmos. Não que não tenham sido anfitriões maravilhosos.

Dax avançou a toda velocidade. Connor driblou o lobo e o acertou com a espada no ombro. Dax atacou novamente, mas Connor foi mais rápido e deixou mais dois cortes na lateral de Dax. O enorme lobo rangeu os dentes e latiu furiosamente enquanto Connor o cercava, girando as espadas a sua frente em um ritmo atordoante.

Fey e Cosette avançaram em nossa direção, rosnando.

— Não! — gritou Emile, apontando para Monroe. — Esqueçam a garota. É este homem que queremos. Dax, recue. Deixe os outros saírem. Não tem importância. Não há para onde fugir.

Ele voltou a atenção para Monroe.

— Temos um assunto mais importante para tratar. Assuntos pessoais.

Dax foi se afastando aos poucos de nós, sem parar de rosnar; Fey e Cosette assumiram suas posições ao lado de Ren, barrando qualquer rota de fuga que Monroe pudesse ter.

— Connor — exclamou Monroe com firmeza enquanto os quatro lobos o cercavam. — Pegue a Calla e corram.

Connor olhou perplexo para Monroe.

— Não.

— Agora, Connor. — Monroe não tirava os olhos de Ren. — É uma ordem.

— Não vou. — Connor falou com voz estremecida. — Não vale a pena. Não pode valer a pena.

— Vale — respondeu Monroe em voz baixa. — Você sabia que essa era uma possibilidade. Agora tire a garota daqui. E não tente voltar por

mim.

Fiquei tão chocada que mudei para a forma humana.

— Não!

Emile começou a rir. Ren continuava agachado entre o pai e o Inquisidor, com seus olhos cor de carvão em chamas, enquanto observava Monroe baixar as espadas.

— Não vou machucar o garoto — disse Monroe. — Você sabe disso.

— Eu imaginei — disse Emile, com olhos brilhantes para os jovens lobos que rosnavam sem parar. — Quero ter certeza de que ele não vai escapar. Chegou a hora de Ren vingar a mãe.

— Ren, não! Ele está mentindo. É tudo mentira! — gritei. — Venha com a gente!

— Ela não é mais uma de nós — vociferou Emile. — Lembre-se de como ela o tratou, de como virou as costas para todos nós. Fareje o ar, garoto. Ela fede a Inquisidor. É uma traidora e uma vadia.

Ele me encarou e cambaleei para trás ao me deparar com o fogo que queimava em seus olhos.

— Não se preocupe, bonitinha. O seu dia está chegando. Mais cedo do que imagina.

Relutei quando Connor me agarrou pelo braço e me puxou com força até a porta, agora já sem segurança.

— Não podemos ir embora! — gritei.

— Precisamos ir. — Connor se chocou contra mim enquanto tentava me libertar, mas ele recobrou o equilíbrio rapidamente e me prendeu com os braços.

— Me deixa lutar! — protestei, desesperada para voltar, mas sem querer machucar o Inquisidor que me arrastava pelo braço.

— Não! — O rosto de Connor parecia feito de pedra. — Você o ouviu. Vamos embora. E se virar lobo para cima de mim, juro que dou um murro em você.

— Por favor. — Meus olhos arderam quando vi os dentes afiados de Ren brilhando e prendi a respiração ao ver Monroe soltar as espadas.

— O que ele está fazendo? — exclamei, desviando quando Connor tentou me agarrar novamente.

— Esta luta é dele agora — respondeu entre dentes cerrados. — Não é nossa.

Ren deu um salto para trás quando as espadas tombaram contra o chão na sua frente. Seus pelos continuavam arrepiados, mas seu rosnado cessou.

— Ouça-me, Ren — pediu Monroe, agachando-se para que pudesse encarar Ren olho no olho, ignorando os outros dois lobos que o cercavam com uma lentidão cruel. — Você ainda tem escolha. Venha comigo e descubra quem você realmente é. Deixe tudo isto para trás.

O latido curto e agudo de Ren se transformou em um ganido confuso. Os outros três lobos continuaram cercando o Inquisidor, indiferentes ao fato de que o inimigo havia baixado os braços abruptamente.

Connor me envolveu pelo pescoço, dando-me uma gravata dolorosa.

— Não podemos ficar aqui e assistir a isso — protestou ele, arrastando-me lentamente para fora da cela.

— Ren, por favor! — gritei. — Não os escolha! Escolha a mim!

Ren se virou ao ouvir minha voz desesperada e observou Connor me puxando para a saída. Mudou de forma e olhou espantado para as mãos estendidas de Monroe, dando um passo em sua direção.

— Quem é você?

Monroe falou com voz trêmula:

— Sou...

— Basta! Você é um idiota, garoto — vociferou Emile para Ren antes de sorrir para Monroe. — Igual ao seu pai.

E então deu um salto e se transformou em lobo — pelos grossos e espessos com garras e presas afiadas. Vi quando chocou-se contra Monroe, com suas presas ao redor da garganta do homem desarmado, um segundo antes de me virar bruscamente de costas. Connor me arrastou de volta ao corredor em um ritmo frenético.

Olhei para trás, na esperança de ver Ren e Monroe aparecerem juntos, unindo-se a nós na fuga. Mas só escutei rosnados e ganidos ecoarem pelo espaço vazio a nossa volta.

VINTE E TRÊS



Nunca conseguiremos sair daqui. Era uma emboscada. Soluçava enquanto corria, destruída pelo que tinha acabado de ver, pelo que havia descoberto. Era uma emboscada. Haveria um enxame de Guardiões e Defensores no andar de cima da Eden agora, bloqueando nossa fuga. Corri, de mãos dadas com Connor, embora sentisse meus passos mais e mais pesados, como se corresse no cimento fresco.

Gritos vindos do salão à frente chegaram aos meus ouvidos.

Connor escancarou a porta, jogando-me para a Câmara. Qualquer sinal de esperança que ainda me restava esvaiu-se ao me deparar com o cenário a nossa volta. Dois ou três Guardiões forçavam a entrada pela porta leste ao mesmo tempo. Ethan estava em cima do tablado atirando flechas, criando uma barreira ao fazer disparos ininterruptos e certeiros, retardando a aproximação dos lobos. Os Guardiões sucumbiam ao composto alquímico correndo por seu sistema sanguíneo. Cambaleavam, sacudiam os focinhos, e finalmente tombavam sobre o piso de pedra. Os atingidos pelas múltiplas flechas se empilhavam uns sobre os outros na soleira da porta, criando um gargalo que, felizmente, diminuía o número de Guardiões que chegavam até nós. Meus companheiros de matilha já

estavam no corpo a corpo, lutando com os Guardiões que haviam conseguido escapar da mira de Ethan.

Connor praguejou, arrastando-me até o palco.

— A coisa está feia, amigo — comentou Ethan entre dentes, empunhando a balestra mais uma vez. — Estou quase sem munição.

— Seremos arrasados em menos de cinco minutos — disse Connor, verificando o salão.

— Onde está Monroe? — perguntou Ethan.

— Nós o perdemos — disse Connor em voz baixa. Meu sangue gelou ao ouvir suas palavras.

— Bem, agora mesmo é que já era. — Ethan deu um sorriso desanimado. — Últimas palavras?

— Calla — disse Connor. — Se a gente segurar o ataque, você e os outros conseguem voltar para as escadas?

Olhei para os lobos inimigos que avançavam, lutando para ultrapassar o amontoado de corpos que bloqueavam o corredor, com rosnados e empurrões enquanto entravam na Câmara.

— Mesmo que conseguisse, acho que há uns cinquenta ou mais Guardiões amontoados lá em cima. Não daria para a gente sair.

Connor balançou a cabeça, contrariado, e olhou de volta para a porta da ala norte de celas. Olhei para o mesmo lugar, na esperança de ver Monroe ainda vivo, de que houvesse alguma chance de que ele pudesse aparecer.

Um ruído ensurdecedor e um clarão fizeram com que me jogasse no chão; senti um zumbido nos ouvidos como se um raio tivesse atingido as pedras atrás de nós. O lugar crepitava, carregado de eletricidade, e um cheiro de ozônio invadiu o ambiente. Ethan grunhiu ao meu lado, deu um

salto e apontou a balestra para o que quer que fosse que haviam atirado em cima de nós.

— Não acredito — murmurou Connor quando Adne apareceu subitamente da porta reluzente, estendendo as mãos para ele.

— Pode acreditar. — Ela sorriu, ajudando-o a se levantar. Seu sorriso desfaleceu ao ver a profusão de Guardiões que entrava na Câmara.

— Um portal dentro da Eden — disse Ethan boquiaberto, olhando para o portal. — Você conseguiu. Conseguiu mesmo.

— Vou adorar ouvir seus comentários entusiasmados em um outro momento — disse ela. — Mas agora, precisamos ir.

— Minha matilha — disse, levantando-me com dificuldade.

— Todos a bordo — disse Ethan. Ele pulou do tablado, pondo a balestra para trás e empunhando as espadas. Forçou a passagem pelo aglomerado de lobos aos gritos.

— O show acabou, crianças! Acabamos de ganhar nosso bilhete de saída daqui!

Mason abanou as orelhas; viu o portal luminoso e deu um uivo longo e animado. Nev se virou e correu para o tablado. Bryn soltou a garganta de um lobo e saiu em disparada em nossa direção. Sabine estava encurralada contra a parede sul, lutando contra três lobos ao mesmo tempo.

— Aguente firme, Sabine! — gritou Ethan. — Estou indo aí.

— Calla, mantenha os Guardiões longe de Adne! — mandou Connor.

Connor seguiu Ethan, combatendo os Guardiões que tentavam perseguir quem já havia começado a fugir. Mudei de forma, atacando os lobos que conseguiam passar por ele.

Ethan havia alcançado Sabine, afugentando dois lobos de cima dela com golpes de espada certeiros.

— Corra! — gritou, enquanto ela derrubava um terceiro lobo. — Estou bem atrás de você.

Ela passou correndo por ele, rumo ao tablado. Ele conseguiu se livrar de um dos Guardiões, mas o outro lobo o abocanhou no braço. Ethan vociferou, lutando para se livrar. O lobo cravou ainda mais os dentes, disposto a não soltá-lo. Ethan soltou a espada e tentou pegar uma adaga. O lobo continuava com os dentes presos ao braço do Inquisidor, quando Ethan enfiou a lâmina afiada em um dos olhos da fera. O Guardião tombou no chão, mas o sangue esvaía-se do braço rasgado de Ethan, enquanto corria na direção do tablado.

— Estou cobrindo você, cara — avisou Connor, enquanto enfiava a espada em um lobo e esmurrava outro no focinho.

— Aqui! — gritou Adne, acenando para eles. — Atravessem a porta! Preciso fechá-la antes que nos sigam.

Mason, Nev e Bryn já haviam se jogado pela porta iluminada. Sabine esperava ao meu lado. Mudou de forma quando Ethan subiu em cima do tablado e ela o abraçou pela cintura para ajudá-lo a atravessar o portal.

— Vá, Calla — pediu Adne, olhando em volta do salão. — Connor, onde está o meu pai?

— Vá, Calla — repetiu Connor, empurrando-me na direção da entrada tremeluzente.

Olhei para trás após passar por entre a luz e observei Connor abraçar Adne e sussurrar em seu ouvido. Ela contraiu o rosto e desmoronou sobre ele. Connor a pegou no colo e a carregou para longe do confronto.

Minhas unhas tocaram o cascalho. Aspirei o frio ar da madrugada. Tinha gostinho de liberdade, mas o alívio que senti foi breve e meio amargo.

Atrás de mim ouvi o choro de Adne e Connor murmurar:

— Precisa fechar a porta, Adne. Por favor.

Ouvi rosnados e o grito de Adne ao mesmo tempo. Virei-me para o portal e me preparei para mais uma briga. Dois Guardiões haviam atravessado a porta. O primeiro estava em cima de Adne, rosnando rente ao seu rosto, enquanto o outro cercou Connor.

Corri na direção de Adne, captando vultos passando pelo canto dos olhos. Connor ergueu as espadas e Nev e Mason partiram para cima do lobo, encarando-o. Pelo e sangue sujaram o chão quando meus companheiros dilaceraram o lobo inimigo.

Afundei os dentes no flanco do outro lobo na tentativa de arrancá-lo de cima de Adne. O lobo virou a cabeça, uivando e tremendo, tombando sem forças. Adne soltou um grunhido e livrou o corpo, revelando a adaga escocesa coberta de sangue com que havia empalado o Guardião. Sem hesitar, ela correu para o portal aberto, curvando-se ao ver outro lobo saltar através da entrada.

Adne cortou o portal com as adagas. As luzes tremeluzentes em meio à escuridão desapareceram no instante em que investi contra o novo atacante. Nossos corpos bateram no chão. Derrapamos pelo carvalho e pedrinhas arranharam minha pele mesmo com toda a grossa camada de pelo. Quando paramos de deslizar, o outro lobo tentou fugir, mas eu avancei, mirando seu pescoço, ele se esquivou e abocanhei a parte superior da perna dianteira. O lobo ganiu e procurou me afugentar, porém o mordi com ainda mais força. O som metálico da flecha de Ethan soou em meus ouvidos, seguido por três baques surdos e breves. Os latidos do outro lobo se transformaram em gemidos e então ele caiu no chão.

Os rosnados e latidos diminuíram até serem substituídos por nossa respiração arfante e a dos Inquisidores, que, ofegantes, buscavam

recobrar o fôlego. Tudo isso junto formava nuvenzinhas no ar frio.

— Onde estamos? — perguntou Ethan finalmente.

Ele estava praticamente deitado no chão, com o braço ferido caído sobre o peito. Sabine se agachou ao lado dele, examinando seu antebraço rasgado. Bryn, Mason e Nev permaneciam na forma de lobos, amontoados, um pouco afastados dos demais.

Adne não respondeu; havia desmoronado aos pés de Connor. Ele acariciava seus cabelos, enquanto olhava atentamente os arredores.

— Parece que estamos no telhado de um prédio perto da boate.

— No telhado? — perguntou Ethan. — É isso mesmo, Adne?

Ela não respondeu.

— Adne — repetiu Ethan. — Onde estamos?

— Deixe-a em paz — vociferou Connor.

— Não estou tentando bancar o canalha insensível — retrucou Ethan. — Mas não estamos exatamente a salvos ainda. Precisamos voltar para Denver.

Adne saiu da posição fetal devagar, levantando-se vacilante. Ela se afastou quando Connor tentou ajudá-la.

— Ele tem razão. E a resposta é sim, estamos sobre o telhado de um prédio vizinho. Vou abrir uma porta para casa. Só me dê um minuto.

Afastou-se aos tropeços, enxugando o rosto.

Sentei-me no chão e passei para a forma humana, abraçando os joelhos contra o peito. Uma parte de mim me dizia para ir até meus companheiros de matilha para me assegurar de que estavam bem. A primeira viagem por um portal devia ter sido um choque a mais além do estresse da fuga. Mas não conseguia reunir forças para me juntar a eles; não conseguia parar de pensar no que havia acontecido no bloco norte de

celas. Fechei os olhos, o corpo inundado pela dor e pela confusão de ideias.

Igual ao pai.

O que Emile tinha dito não fazia nenhum sentido. O riso que ele lançou para Monroe enquanto falava me causou arrepios. Por que havia chamado a si mesmo de idiota? Por ter pensado que poderia mandar Ren me fazer mal mesmo sabendo que ele me amava?

Meu corpo estava dormente e dolorido pela perda ao me dar conta de que provavelmente nunca mais veria Ren outra vez. E se o reencontrasse seria como sua inimiga.

— Calla? — Abri os olhos e vi Sabine se ajoelhar na minha frente. Bryn, Mason e Nev estavam atrás dela, agora na forma humana.

— O quê?

Sabine engoliu em seco, seus olhos brilhavam.

— Estava ocupada demais lutando para perceber que você voltou sem os outros. Mas agora que você está aqui e eles não...

Senti como se uma pesada rocha me comprimisse o peito, e ficou difícil respirar.

— Estão mortos, não é? — perguntou Sabine com voz embargada.

Não conseguia responder, minha garganta estava seca. Olhei o rosto dela tomado de tristeza, sem querer revelar a verdade, que seria mais dolorosa do que o que ela imaginava.

— Todos eles? — sussurrou Bryn, contraindo o rosto em sinal de dor. — Até o Ren?

— Não — sussurrei.

Connor havia se posicionado silenciosamente atrás de mim. Pôs uma das mãos em meu ombro.

— Você os viu? — perguntou Mason. — E eles ainda estão lá dentro? Vivos?

A expressão aflita de Sabine tornou-se uma careta.

— Você permitiu que eles ficassem para trás?

Ethan se levantou com dificuldade e se uniu ao nosso grupo, atraído pela tensão crescente.

— O que há de errado?

Sabine continuava a me encarar.

— Como pôde fazer isso?

— Calla não teve escolha — disse Connor.

— Claro que teve — rebateu Sabine.

Até mesmo Bryn fez cara de indignação, cheia de desapontamento pela minha aparente covardia.

Não conseguia mais olhar para ninguém, então olhei para o chão, as lágrimas queimando em meus olhos.

— Não os deixamos para trás — respondeu Connor por mim. — Eu estava com a Calla quando ela encontrou o restante da matilha.

— Então por que não estão aqui? — Sabine semicerrou os olhos.

— Eles ficaram, Sabine — disse Neville em voz baixa, após compreender o significado do olhar sombrio de Connor. — Ficaram com os Defensores.

— Não — replicou Bryn.

— Impossível — retrucou Sabine. — Cosette nunca ficaria com eles!

— É verdade — disse Connor. — Atacaram Calla.

— Por que atacariam Calla?— perguntou Mason.

— Emile — respondi. — Estavam obedecendo ordens de Emile.

— E o Ren? — perguntou Bryn, com voz trêmula. — Ele também ficou?

— Ficou. — *Ficou por causa do que fiz com ele.*

— Droga. — Nev se afastou, Mason o seguiu, lançando-me um sorriso entristecido antes de se retirar.

Sabine chorou baixinho.

— Ai, Cosette.

Ethan limpou a garganta.

— Escuta, se essa Cosette ficou para trás foi porque estava com medo.

— Com mais medo de fugir do que o que vai acontecer a ela agora que fui embora? — Ela engasgou com as palavras. — Não posso mais protegê-la de Efron. Ela sabe o que ele vai…

— Mais vale um mal conhecido que o bem por conhecer — disse Connor. — Acontece.

Ela balançou a cabeça em desespero e soluçou.

— Vocês eram íntimas? — perguntou Ethan suavemente.

— Eu… sempre a considerei uma irmã — disse Sabine. — Não consigo entender.

— Calla. — Bryn pegou na minha mão. — E o Ren… você…

Ergui a mão.

— Não consigo, Bryn. Por favor.

Culpa. Vergonha. Arrependimento. Uma avalanche de sentimentos me soterrou. Não suportava a ideia de tentar explicar o que havia acontecido.

— Tudo bem. — Ela se levantou, franzindo a testa. — Vou deixar você em paz.

Ela foi atrás de Mason e Nev.

— Ethan, pode nos dar um minuto a sós? — perguntou Connor, agachando-se ao meu lado.

— Claro — disse ele, já de olho em Sabine, que havia se levantado, mas que, diferentemente de Bryn, não seguiu os demais lobos, apenas se agachou na beirada do telhado, sozinha. Ethan a seguiu, mas manteve distância.

Connor me olhava atentamente.

— Monroe me disse que você e Ren eram íntimos.

O nó na garganta doía muito, mas respondi com um aceno de cabeça. Seria possível que isso pudesse piorar? Não suportaria mais perguntas sobre mim e Ren.

— Você ouviu o que Emile disse — prosseguiu Connor em voz baixa. — Pouco antes de... — Ele não conseguiu terminar a frase e desviou o olhar. Vi quando engoliu a dor da perda.

— Ouvi… — balbuciei, sem entender que importância isso tinha.

Connor pigarreou umas duas vezes antes de conseguir falar novamente:

— Queria pedir para não contar nada até eu conversar com a Adne.

Contar o quê? Havíamos perdido Ren. Assim como o Monroe. Metade da matilha havia se unido aos Defensores. Os que havíamos salvado achavam que nossas perdas eram culpa minha. Mas o que poderia fazer para mudar a situação? Era verdade afinal.

— As pessoas sabem — disse ele em voz baixa. — E mesmo quando não sabem, gostam de falar. Não é segredo que Monroe amava Corinne. Mas ninguém sabia do bebê.

O bebê.

Achei que meu coração fosse se partir em mil pedaços quando compreendi a verdade. As perguntas sem fim de Monroe sobre Ren. Os riscos inacreditáveis que havia corrido para salvá-lo. Ter baixado as armas diante do lobo que estava a ponto de atacá-lo.

E como Ren não tinha nada a ver com Emile, mas era parecido com Monroe. Por isso o Guia me parecia familiar quando se dirigia a mim. Cabelos escuros, os ângulos da face e do queixo bem definidos.

Não vou machucar o garoto. Você sabe disso.

Monroe era o pai de Ren. Corinne havia lhe pedido que a matasse, porque haviam ordenado que ela tivesse um filho. E ela havia se apaixonado por Monroe durante os meses que haviam planejado a revolta... um período em que seu corpo estava livre dos encantamentos dos Defensores para ovular.

— Meu Deus — sussurrei, sentindo as lágrimas escorrerem. — Ren.

Filho de Monroe — não de Emile — e ainda assim Guardião. *A essência da mãe parece sempre dominar, determinar a natureza da criança.*

— Não podemos fazer mais nada — disse Connor. — Queria que tivesse sido diferente. Mas Monroe queria que Adne soubesse a verdade. Vou contar para ela, mas agora não é o momento.

Embora doloroso, engoli em seco.

— Mas… como? E a mãe de Adne?

— Foi antes de eu nascer. — Connor manteve a voz baixa. — Mas ouvi algumas histórias. Depois da aliança, quando os Inquisidores sofreram a emboscada e Corinne morreu, as coisas ficaram feias. Muito feias. E ninguém ficou pior que Monroe. Estou falando de alguém à beira do abismo. Acho que estava enchendo a cara. Sendo descuidado nas missões. Estava tentando se matar.

— O que mudou? — perguntei. Era fácil demais imaginar a culpa que Monroe havia carregado.

— Houve tantas perdas depois da catástrofe de Vail que fizeram transferências por todos os lados — contou. — Diana, a mãe de Adne, era

uma Combatente recém-designada para Haldis. Ela conquistou a amizade de Monroe… conseguiu chegar até ele, salvá-lo de si mesmo. E logo depois nasceu a Adne.

— Você conhecia Diana? — Tentei visualizar a mulher com os cachos cor de mogno de Adne e brilhantes olhos âmbar. Imaginei-a praticando com espadas com Monroe e os dois rindo.

Connor fez que não com a cabeça.

— Fui o substituto dela — explicou, deixando de me olhar para fitar Adne, que estava na beirada do telhado de cabeça baixa. — Acho que nunca saberemos se Monroe algum dia contou a Diana sobre Ren. — E então seus olhos estavam novamente sobre mim. — Pode guardar este segredo?

Fiz que sim com a cabeça, atordoada com as revelações cataclísmicas que não paravam de surgir, cada novo segredo deixando meu mundo mais caótico.

— Obrigado — murmurou. Observei-o se levantar e me perguntei como ele contaria a Adne que era irmã de alguém que não conhecia e que nunca conheceria, exceto para matá-lo.

Connor se afastou e as vozes de Ethan e Sabine chamaram minha atenção.

Ethan se inclinava para o braço esticado de Sabine.

— Já disse que não.

— Deixa de ser infantil — criticou-o Sabine, e vi sangue escorrer de seu braço e tocar o solo.

— Não vou beber seu sangue. — Ele tentou ir rápido para trás, mas cambaleou, incapaz de pôr qualquer peso sobre o braço mutilado.

— Pense em como vai doer ter que esperar isso cicatrizar sozinho. Vai demorar uma eternidade. O sangue vai regenerar tudo instantaneamente,

e, além disso, não vai ficar com nenhuma cicatriz.

— Não ligo para cicatrizes — resmungou ele.

— Tenho certeza que não, durão. — Ela riu. — Mas suas marcas de macho não valem de muita coisa se o seu braço estiver engessado um mês inteiro. Acha mesmo que consegue lutar assim?

— Mas eu… — gaguejou Ethan.

— E sei que ainda está sangrando na ferida do ombro — disse Sabine. — Por que não me deixa ajudar você?

— Me deixa em paz — resmungou ele, como criança mimada, e virou o rosto para Sabine.

— Vou deixar — respondeu ela. — Depois.

Sabine foi sorrateiramente para trás dele, envolveu o peito de Ethan com um dos braços e o prendeu contra o seu corpo.

— Ei! — gritou ele, com olhos assustados. As palavras seguintes se perderam, pois ela pressionou o antebraço sangrando contra a boca de Ethan.

Ele relutou, tentando se livrar, mas Sabine era uma Guardiã de primeira e quase não encontrou dificuldade em segurá-lo. Manteve o braço preso contra os lábios de Ethan, e o sangue escorreu pelo queixo do Inquisidor. Ele se debateu uma vez mais antes de engolir o sangue. Vi algo mudar as feições de seu rosto: uma mistura de medo e fascínio.

A cena era familiar demais e me fez estremecer. Foi como se assistisse a um reflexo vago do dia que forcei Shay a beber meu sangue. A mesma expressão de fascínio havia invadido os olhos dele. Ethan agarrou o pulso de Sabine, pressionando a pele da Guardiã na boca, em vez de afastá-la. Fechou os olhos e bebeu o sangue, estremecendo de êxtase.

Connor, que esteve assistindo a tudo em silêncio, abriu a boca, assombrado ao ver o braço ferido de Ethan cicatrizar diante de seus

olhos. O músculo dilacerado se refez, a pele se fechou, completamente livre de cicatrizes. Os olhos de Ethan continuaram fechados. Estava arrebatado pelo poder do sangue de Sabine que fluía em seu corpo.

Quando a ferida já estava curada, ela apertou o ombro de Ethan e livrou o braço.

— Calma, tigrão — murmurou ela. — Ou vou acabar desmaiando.

Sua voz trouxe Ethan de volta ao telhado, à noite fria, a cinco pares de olhos atentos para ele.

Ele se virou, afastando-se de Sabine, e ficou de pé em um pulo, tremendo.

— Isso...

Ele se afastou, encarando-a, e parecia apavorado. A expressão dissolveu-se em uma careta.

— Não queria isso.

— De nada — rebateu ela, tremendo quando uma rajada de vento gélido tocou sua pele seminua.

O olhar de Ethan continuava severo, mas arrancou a capa de couro e jogou para Sabine vesti-la.

— Vou checar se tem algum espectro tentando subir pela escada de incêndio.

Espectros. Bryn choramingou. Todos, com exceção de Sabine, haviam se transformado em lobos. Nev e Mason pressionaram os focinhos em Bryn e tremiam como ela. Senti calafrios. Era fácil demais imaginar o tormento que meus companheiros haviam sofrido, as lembranças do medo e do sofrimento que os perseguiam, mesmo agora que estavam livres. Soltei um lento suspiro, na tentativa de aliviar a mente. Havíamos tido sorte por só termos encontrado Guardiões na cilada. E conseguido enfrentá-los.

Sorte...

— Tudo limpo — disse Ethan, ao voltar para o grupo reunido. — Ninguém veio atrás da gente. Adne já está preparada para abrir a porta?

— Estou — respondeu Adne, saindo de sua solidão. Os caminhos percorridos pelas lágrimas ainda marcavam seu rosto. — Tem certeza de que não nos seguiram? Eles saíram antes; foi por isso que vim parar aqui.

— O que aconteceu? — perguntou Connor. — Como chegou a nós?

— Depois de uns vinte minutos, vi muita movimentação na rua da boate — carros estacionando; ouvi gritos e gente passando. Dezenas de Guardiões entraram pela porta lateral. Tive medo de me acharem e fechei o portal, e então abri outra porta para este telhado. Esperei um pouco até perceber que vocês estavam em sérios apuros.

— Por que decidiu abrir a porta dentro da Eden? — perguntou Ethan.

— Fiquei observando a boate do telhado — contou ela. — Não paravam de chegar Guardiões. Eram tantos e tanto tempo já havia passado. Sabia que vocês estariam encurralados. Achei melhor correr o risco.

— Obrigado por isso — disse Ethan. — Teríamos virado petisco de lobo se você tivesse bancado a cautelosa.

— Guardiões não comem pessoas — retruquei, franzindo a testa. — Nunca comemos pessoas.

— Entendeu o que quis dizer. — Ele sorriu com malícia.

— Que bom que estava prestando atenção enquanto seu irmão descrevia a prisão — disse Adne, sorrindo-me sem ânimo. — Usei esses detalhes para tecer a porta.

— Como consegue fazer isso? — perguntou Sabine, cobrindo-se com a jaqueta de Ethan. — Nunca vi nada parecido.

— Adne consegue usar a magia para conectar um lugar a outro — expliquei, tentando simplificar ao máximo a informação. — É assim que eles viajam.

— Bacana. — Nev havia voltado à forma humana. — E os Defensores não podem simplesmente seguir você?

— Os Defensores não podem criar portas — falei rapidamente. — Explico depois. — Não achava que fosse o momento de dizer aos meus companheiros de matilha que os Inquisidores consideravam nossa existência um pecado contra a natureza. Além disso, estava encucada. As palavras de Ethan repetiam-se em meus ouvidos. Ninguém havia ido atrás de nós. Por quê? Estávamos escondidos, mas não tão bem assim. Faria todo o sentido que os Defensores estivessem fazendo uma varredura nas ruas, mesmo nos telhados, caçando-nos.

Tentando controlar os nervos à flor da pele, elevei a voz:

— Não faz sentido.

— O que não faz sentido? — perguntou Connor.

— Nossa fuga — comentei. — Foi fácil demais.

— Fácil demais? — replicou Adne. — Meu pai está morto!

A mágoa me invadiu. Baixei a cabeça, pensando em Monroe, em Ren. De como um pai havia estado tão perto de reclamar seu filho roubado. Perguntei-me se Bryn, Mason, Nev e Sabine carregariam as marcas do tormento como meu irmão. Eles pareciam estar bem agora, mas será que, quando passasse a adrenalina causada pela liberdade, ela daria lugar ao sofrimento quando se dessem conta de que nada em suas vidas voltaria ao normal? Será que havíamos realmente salvado alguém? O arrependimento me acertou em cheio, jogando-me em um furacão de desespero.

Connor pressionou a mão no ombro de Adne.

— Calma, Adne. Ela não quis ofender. Do que está falando, Calla?

Balancei a cabeça, sem querer afundar ainda mais no abismo onde ficaria sufocada pela dúvida e pela culpa.

— Não — disse Ethan. — Fala. Você conhece os Defensores. O que está te incomodando?

A força de sua voz tirou-me de minha autopiedade. Tentei lembrar quem era ou pelo menos quem havia sido um dia. Uma líder. Uma guerreira.

— Foi uma emboscada — lembrei.

— Óbvio. — Ethan fez que sim e semicerrou os olhos. — E muito bem bolada.

— Mas não tão boa como poderia ter sido — repliquei lentamente.

— Continue.

— Espectros — disse apenas.

Connor saiu do lado de Adne e deu alguns passos em minha direção.

— O que têm eles?

— Por que não havia nenhum espectro? — Fiz de tudo para manter a voz confiante, apesar de um medo novo e nauseante ter me invadido.

Ninguém respondeu, mas todos me olhavam.

— Pensem nisso. Eles sabiam que estávamos chegando, mas só enfrentamos Guardiões. Não vi nenhum Defensor, e sem Defensores não há espectros.

— Aonde quer chegar? — perguntou Ethan.

— Onde estavam os Defensores? — perguntei. — Por que não participaram da emboscada?

— Não quiseram sujar as mãos — resmungou Connor.

— Não — disse Ethan, com uma sombra de preocupação sobre o rosto. — Ela tem razão. Por que não usariam suas armas mais eficazes se

queriam garantir que não escaparíamos?

— Quem sabe estavam por perto, mas fora do edifício — opinou Adne, secando as lágrimas com a frente da mão. — Nunca havia aberto uma porta interna antes. Eles podiam estar esperando para atravessarem depois que saíssemos da boate.

— Talvez — assenti, mas o medo continuava formigando na pele. — Então, por que não estão lá embaixo procurando por nós?

Ninguém respondeu.

— Bem, não vai ajudar em nada ficar aqui e esperar para ver — disse Connor. — Adne, abra o portal. Vamos voltar para Denver.

— Claro — disse Adne. — Apenas faça seu trabalho, como se nada tivesse acontecido.

Ela se virou de costas para ele, amuada. Mau sinal. Meu desconforto aumentava a cada segundo. Precisávamos dar o fora dali, e a dor de Adne estava atrasando nossa fuga. Era muito esperta para sua idade, mas ainda muito jovem, e isto estava evidente. Connor agarrou seus ombros e a fez encará-lo, virando-lhe o rosto. Pegou-a pelo queixo e se inclinou para ela.

— Você não foi a única que perdeu alguém hoje, Adne — murmurou, tocando sua testa na dela. — Também amava o seu pai. Assim como Ethan.

Desviei o olhar, sentindo-me uma intrusa nesse momento tão íntimo.

— Mas você é a única que pode nos tirar daqui — ouvi Connor dizer.

Olhei-os de relance. Adne havia se afastado de Connor e tirava as adagas escocesas do cinturão.

— Eu sei — respondeu ela, e então começou a tecer.

Bryn mudou de forma e veio para o meu lado.

— Que incrível — sussurrou ela, observando a porta emergir a partir de fios de luz.

Fiz que sim com a cabeça.

Ela pegou na minha mão.

— Desculpe ter me afastado de você, Calla. Tanta coisa aconteceu.

— Não se desculpe. É tudo culpa minha.

— Não é não — retrucou. Fiquei surpresa com seu tom duro. — Se os outros ficaram para trás, são idiotas. Não é sua culpa.

— Mas o Ren… — Quando ele me beijou, senti o quanto ainda me queria, e pelo fogo que havia queimado em meu sangue, soube que parte de mim ainda o desejava. A conclusão me pegou de surpresa, e perdi o fôlego, enquanto lembrava dos primeiros minutos horrorosos na cela com Ren. Consegui ver a dor em seus olhos, embora ele achasse que não tinha opção senão me machucar.

— Não — disse Bryn, sua voz surgindo em meio ao turbilhão de ideias. — Calla, não sei por que fugiu de Vail, mas posso imaginar. Eu e Ansel também pensávamos nisso havia muito tempo. Não a culpo por ter seguido seu coração.

— Foi mais que isso.

— Aposto que sim — respondeu ela. — Mas mesmo que não fosse, não estaria errada em ter fugido. E também não poderia ser culpada pela escolha de Ren. É simples. A escolha é dele.

Fitei-a, fisgada pelo amor em seus olhos. O perdão.

— Obrigada — sussurrei.

— O que vale um sacrifício nesta vida, senão o amor? — Ela sorriu com tristeza.

— Parece Ansel falando.

— Os semelhantes se atraem — disse ela, e vacilei. — O quê? — perguntou ela.

— Nada — respondi, sem querer contar a ela que já havia escutado essa frase antes. Que Ren havia me dito essas exatas palavras e ao recordá-las me dei conta de que foi a maneira que ele havia encontrado para dizer que havíamos sido feitos um para o outro. A lembrança ardeu no peito como carvão em brasa, queimando em fogo lento.

— Não vejo a hora de vê-lo. — Notei que Bryn estava no meio de uma frase.

— Como? — perguntei, afugentando o passado.

— Ansel — respondeu. — Ele está lá, não é? Em Denver?

— Está. Mas Bryn, ele… — Calei-me. Talvez Ansel melhorasse ao ver que Bryn estaria lá para ajudá-lo. Não queria deixá-la mais amedrontada do que já estava.

— Ele está esperando você — disse, e ela sorriu.

Quando a porta foi finalizada, fiquei olhando-a, confusa. Tinha alguma coisa errada. Não conseguia ver o lugar de onde havíamos saído. A imagem atrás do portal estava escura e embaçada.

— É para lá que vamos? — perguntou Mason, também desconfiado da escuridão na nossa frente.

— É — disse Adne, desconfortável. — Só não sei por que está tudo escuro.

— Não importa — disse Connor — De qualquer forma, não temos escolha. Se alguma coisa deu errado, vamos descobrir quando chegarmos lá.

— Muito reconfortante — comentei. Bryn deu um suspiro breve e nervoso e apertei sua mão, arrependida por não ter dito nada a ela.

— É a verdade — retrucou Connor. — Ethan, vá na frente. Lobos, vão bem atrás e façam suas caras e bocas por via das dúvidas. Calla, Adne e

eu os seguiremos e fecharemos a porta assim que todos chegarmos ao outro lado.

— Caras e bocas? — Bryn franziu a testa.

— Ele quer que vocês mudem de forma — traduzi.

— Com prazer — disse Nev, e no momento seguinte já era um lobo. Mason e Bryn mudaram ao mesmo tempo. Os três lobos se cercaram, lambendo-se e se cheirando. Sabine observava Ethan. Ela olhou de relance para os Guardiões mas não se transformou.

Connor esboçou um sorriso para mim.

— Vá em frente, é com eles que você deve ficar.

Meus dentes já estavam afiados quando retribuí o sorriso.

— Só não me trate como um animal de estimação.

Bem-vinda de volta, Calla. Bryn lambeu meu queixo. *Sentimos saudades.*

Nev e Mason se aproximaram, empurrando-me com seus focinhos.

Vocês estão bem?, perguntei.

Diga você, você é a alfa. Nev deu uma lambida em meu ombro. *Suponho que esta seja nossa nova matilha, é bom aproveitarmos e darmos o melhor de nós.*

Balancei o rabo. *É justo.*

Podemos dar o fora daqui agora? Mason bateu com a pata no chão.

Olhei para Connor, que me observava com uma expressão que estampava uma mistura de fascínio e curiosidade.

Sabine também nos observava, mas manteve distância, permanecendo na forma humana.

Ethan ergueu uma das sobrancelhas, fitando nossa matilha, como se estivesse surpreso com a escolha de Sabine de se manter afastada de nós.

— Parece que estamos prontos, Ethan — disse Connor. — Quer seguir a dianteira? Agora que é um homem inteiro outra vez.

— Vá pro inferno — grunhiu Ethan, que corou ao ver que Sabine o olhava de canto de olho.

Ela continuava com a cabeça para a frente, olhos distantes, e apertava a jaqueta com força, trêmula. Não achei que fosse de frio.

— Por que não vai com ele, Sabine? — sugeriu Connor. — Fiquem bem próximos.

Ela fez que sim com a cabeça e desapareceu portal adentro. Meus companheiros de matilha foram correndo atrás. Hesitei um momento, vendo-os atravessar, e olhei para trás, para a ruela que dava na Eden. Aquele lugar havia mudado tudo. Havia tirado a alma de meu irmão, reclamado Ren para si e se tornado o túmulo de minha mãe.

Em vez de seguir a matilha, voltei para a forma humana e encarei Connor.

— E se...

Connor fez que não com a cabeça.

— Nada de olhar para trás.

Fiquei surpresa quando ele deu um passo para a frente, empurrando-me em um abraço.

— Todos nós tivemos perdas hoje — sussurrou ele, apoiando o queixo sobre minha cabeça.

Adne nos observava em silêncio; as lágrimas que cobriam seu rosto refletiam a luz sutil e bruxuleante do portal ainda aberto.

Concordei com um aceno, apoiando-me sobre ele um instante antes de me transformar em lobo e saltar para as profundezas turvas do portal.

VINTE E QUATRO



Uma explosão de calor empurrou-me para trás, atirando-me na direção da porta de onde havia acabado de sair. Por um instante suspeitei que alguma coisa tinha dado errado com o portal e que havia ficado presa entre dois mundos, caído no limbo, e estava a ponto de ser queimada viva. Não conseguia enxergar. Havia uma fumaça espessa no ar que fazia arder meus olhos e invadia os pulmões. Mudei de forma e tentei gritar pelos Inquisidores, mas caí de joelhos, arfante, tossindo, sem conseguir ver nada a minha frente.

— Calla! — Senti alguém agarrar meu braço, sacudindo-me. Só consegui enxergar o rosto de Ansel entre a fumaça.

— Precisa dar o fora daqui — sussurrou, arrastando-me para longe do portal.

— O que está acontecendo? — perguntei, engasgando por causa da fumaça. Finalmente consegui reconhecer o lugar a minha volta. Estava de volta à entrada vazia do Purgatório. As chamas lambiam as paredes, destruindo o esconderijo dos Inquisidores.

— Há mais dois na escada! — Reconheci o grito de Ethan.

— Continue andando — gritou Isaac um segundo depois. — Não os deixe encurralarem você!

Ansel me puxou para baixo e agachamos no chão quando um vulto escuro surgiu e voltou a desaparecer na cortina de fumaça a poucos metros de nós. O medo percorreu a superfície da pele quando me dei conta de que se tratava de um espectro.

— Não se mova — sussurrou Ansel em meu ouvido.

Meu coração quis sair pela boca. Onde estava Shay?

Ouvi um berro, mas não sabia se era de um homem ou de uma mulher.

As silhuetas de Adne e Connor foram iluminadas pela luz do portal.

Connor recuou com o calor e começou a tossir.

— Que merda é essa?

Vi o espectro se virar e se afastar de onde estávamos escondidos, mas deslizar na direção deles. Ansel tentou me segurar, mas o afugentei e avancei na direção dos dois desnorteados.

— Corram! — gritei, chocando-me contra os dois e afastando-os da porta reluzente.

Adne arrastou-se sob mim.

— Ai, meu Deus. O que aconteceu?

— Eles nos acharam — disse Connor, empunhando as espadas. — Os Defensores nos acharam.

— Adne? Connor? — Ethan surgiu de uma nuvem de fumaça, com Sabine inconsciente nos braços. Isaac estava ao lado de Ethan. Ambos ostentavam suas armas, pálidos.

— Merda. — Connor tentava enxergar em meio à fumaça.

— O que aconteceu? — perguntei, olhando para o corpo imóvel de Sabine.

— O edifício está indo abaixo — disse Ethan, esmurrando uma enorme pilha de escombros. — Um pedaço inteiro do telhado caiu bem na hora em que entramos pelo portal. Ela machucou a cabeça. Perdi os outros lobos enquanto tentava fugir dos destroços. Não sei onde estão. Podem ter sido soterrados.

— Lá vem um! Ethan, recue! — Connor baixou a espada, mas seus olhos ficaram vazios e desesperançosos à medida que o espectro se aproximava. — Calla, fique atrás de mim!

— Adne, abra uma porta! — gritou Ethan. — Tire a gente daqui!

Os espectros agora estavam a poucos metros de distância.

Ainda não havia nenhum sinal de Shay ou do restante da matilha. Estariam soterrados sob os destroços? Teriam sido devorados? Quem liderava o ataque? Como os Defensores haviam descoberto o Purgatório?

— Não vamos conseguir. — Connor fez uma careta, colocando-se entre o grupo aninhado e o espectro.

— Alguns de nós vão — murmurou Isaac. Ele empurrou Connor para trás e saltou para cima do espectro.

— Não! — gritou Ethan, enquanto o véu negro envolvia Isaac e o restante de nós olhava petrificado de pavor.

Isaac não esboçou nenhum som. Apenas se agachou enquanto a criatura dos Defensores o consumia.

— Adne! — Connor movia-se entre nós e a cena horrível.

— Está aberta! — gritou Adne. Virei-me e vi um novo portal brilhar atrás dela.

— Vá! — Connor fez um gesto rápido com a cabeça e Ethan, com Sabine nos braços, atravessou a porta.

— Você também. — Connor pegou na mão de Adne.

— Não vou enquanto você não for.

— Isto não é uma discussão — retrucou Connor. — Se não estivermos lá em dois minutos, feche a porta, entendeu?

Seus olhos lacrimejaram, mas ela concordou com a cabeça e desapareceu pela porta mágica.

— Shay! — gritei, desesperada, olhando em volta na fumaça por algum sinal dele ou dos outros. — Ansel!

— Atravesse a porta. — Connor tentou me pegar, mas consegui me desvencilhar rapidamente. — Vieram por *ele.* Provavelmente já o pegaram. Precisa ir agora!

— Não vou deixá-lo! — gritei, tossindo pela fumaça que rasgava meus pulmões.

Várias criaturas sombrias surgiram entre as nuvens cinzentas e instáveis. Connor proferiu um palavrão olhando para mim e para a porta.

— Não sei quantos espectros há, mas não podemos esperar para descobrir. — Ele me pegou pelo braço, puxando-me para trás.

— Por favor — implorei soluçando. — Preciso encontrá-los.

As silhuetas de quatro lobos se materializaram entre a fumaça a toda velocidade em nossa direção. Meu choro engasgado se transformou em grito de alegria. Shay mudou de forma e em seguida seus braços estavam ao meu redor, envolvendo-me com força. E então Bryn, Mason e Nev se posicionaram ao meu lado, olhos arregalados e rostos pálidos.

— Graças a Deus, você está bem — sussurrou Shay, pressionando o rosto em meus cabelos. — Corremos por todo o esconderijo como loucos, desviando dos espectros.

— Onde está Ansel? — Bryn estava aos prantos. — Com toda essa fumaça, não consegui farejar o cheiro dele... não consegui encontrá-lo.

— Não sei onde ele está. — Meu estômago deu um nó. Havia abandonado meu próprio irmão para os espectros?

— Passem seus traseiros pelo portal agora! — Connor arrancou Shay para longe de mim e o empurrou na direção da porta reluzente. — Temos que fechar a porta antes que outros espectros nos encontrem.

— Mas… — balbuciou Bryn, com olhos desesperados pela fumaça, à procura de algum sinal de Ansel.

Mason e Nev voltaram a mudar de forma, farejando o ar e choramingando.

— Chega — bradou Connor, agarrando Bryn. — Chega de esperar.

— Sabia que me deixariam para trás. — A voz de Silas soou entre a fumaça. — Canalhas.

Ele estava nos ombros de Ansel. Meu irmão cambaleou para a frente, suportando o peso do Escriba.

— Ansel! — Olhei todo o corpo dele procurando sinais de ferimento. — Você está bem?

Ele fez que sim com a cabeça, mas evitou me olhar nos olhos.

— Está machucado? — perguntou Connor a Silas.

— Caí da escada quando os espectros apareceram… Acho que torci o tornozelo. Tive sorte de este aqui aparecer — respondeu Silas e acenou para Ansel.

— Leve-o para o outro lado — disse Connor, virando-se de costas para o Escriba, mas reparei o alívio em seu rosto ao ver que Silas estava vivo. — Vamos embora agora.

Ansel manteve os olhos no chão, mas concordou com a cabeça e carregou Silas pela porta iluminada. Bryn correu atrás dos dois. Shay voltou a me envolver e avançamos juntos pelo portal, com Mason e Nev logo depois. Atrás de nós ouvi algo ruindo e em seguida uma explosão ensurdecedora. A rajada nos atirou para a frente, arrancando-me dos braços de Shay. Perdi a consciência pouco depois de ver os corpos dos

meus companheiros caírem na luz do portal como sombras tremeluzindo contra o sol.

VINTE E CINCO



Eu estava deitada de costas, olhando para um céu plúmbeo e estático. Cinzas pareciam flutuar pelo ar, caindo sobre a pele e derretendo.

Derretendo?

Dei um longo suspiro, sentindo o ar gelado invadir meus pulmões. Flocos esparsos de neve continuaram caindo com regularidade. Ouvi murmúrios por toda a parte. O calor insuportável e a fumaça sufocante haviam desaparecido. Rolei pelo chão, agachei-me e tentei entender onde estava.

Colunas delgadas amarelo-claras apontavam para o céu em linhas retas. Esticavam-se para o que parecia uma eternidade plana, até finalmente caírem no horizonte infinito.

Que droga é essa? Minha mão roçou em palhas secas sobre a terra congelada.

Milho. Um milharal. Olhei para os pés. A terra era áspera, impregnada do frio invernal. Mas mesmo sob a grossa camada de neve, dava para ver o negrume do solo rico. Era uma plantação.

Ali perto ouvi alguém tentando recuperar o fôlego. Adne se virou de lado e fez uma careta.

— Bem-vinda de volta a Iowa.

— Onde estamos? — perguntei, balançando a cabeça, confusa. Meus ouvidos ainda zumbiam.

— Nas proximidades do perímetro externo da Academia — respondeu Adne.

Shay grunhiu, esfregando o estômago.

— Acho que quase fui empalado por um talo de milho. Por que não estamos dentro da Academia?

— Não queria correr riscos caso fôssemos seguidos — disse Adne, levantando-se. — Não se preocupe, não estamos tão longe.

— Ei! — O grito de Connor chamou minha atenção.

Mason estava na forma de lobo, rosnando, enquanto Bryn afastada tentava segurar Ansel, que fugia de perto dela.

Nev estava de joelhos. Suas mãos estrangulavam algo contra o chão — algo que havia deixado Mason arrepiado, pronto para atacar. Não era algo, era alguém.

— Que droga é essa? — Ethan se virou e o encarou. Ainda carregava Sabine desmaiada.

— Calla, o que há de errado com eles? — perguntou Connor.

À medida que me aproximava, avistava fios dourados de cabelo. *Não pode ser.*

Ouvi palavras sendo balbuciadas pela traqueia que Nev estrangulava lentamente.

— Por… por favor — engasgou Logan. — Estou aqui... ah... estou... aqui... para... ajudar...

— Nev, espere — pedi, segurando-o pelo braço. — O que ele está dizendo?

— Não me importa. — Nev fez uma careta. Logan estava ficando roxo.

Olhava para eles, paralisada pela indecisão, incapaz de culpar Nev por querer machucar o Defensor. Logan continuava preso ao chão, contorcendo-se em vão enquanto o ar abandonava seus pulmões. O rosto de Nev estava alterado pelo ódio, as mãos no pescoço de Logan não afrouxavam nem por um segundo.

— Quem é esse? — perguntou Connor, já ao nosso lado.

— Um Defensor — respondi. — É o filho de Efron Bane.

— Que merda ele está fazendo aqui? — Connor olhou boquiaberto para Logan, incrédulo. — E como ele chegou até aqui?

— Não faço ideia — respondi.

Logan tentava em vão afastar os braços de Nev. Revirou os olhos para Connor.

— Salvem… eles... — A voz de Logan falhou. — Tristan... não... morto...

— O quê? — Connor curvou-se para a frente, afastando Nev bruscamente. Agora era Connor quem estava em cima de Logan, com a bota no peito do Defensor. Logan bufou e cuspiu, tocando a garganta ferida.

Connor o sacudiu.

— O que acabou de dizer?

— Preciso de abrigo. — Logan tossiu. — Se me mandarem de volta, vão me matar.

— Cuidaremos disso por eles — rosnou Nev, ainda agachado próximo ao Defensor. — Não precisa ir a lugar nenhum.

— Por que daríamos refúgio a um Defensor? — perguntei, encarando Logan. Não confiava nele nem por um segundo. E seu pai representava

tudo de ruim que havia acontecido em Vail. Eles eram os culpados por Ren estar…

A ideia me arrebatou. Ren. Eu o havia perdido para sempre. Pior que isso, minha traição o tinha feito se voltar contra qualquer tipo de vida que não a ditada pelos Defensores. Lágrimas me escorreram dos olhos e cambaleei para trás. Desejei mais que tudo cair de joelhos e arrancar os olhos de Logan com minhas presas para apaziguar a dor que me embrulhava o estômago.

Shay estava ao meu lado, com os braços ao meu redor, e seu toque apenas piorou minha culpa que ardia como sal na ferida.

— Não — disse, afastando-me.

Ethan olhou para Logan com olhos indiferentes.

— Mate-o.

Connor concordou com a cabeça e empunhou a espada.

Adne prendeu a respiração quando Logan caiu na gargalhada.

— Quanta hipocrisia! Achei que os Inquisidores fossem nobres. Idiotas, claro, mas ainda assim nobres.

— Para um homem morto, você tagarela bastante — debochou Connor, baixando a espada até a garganta de Logan.

Logan ficou tenso, mas continuou sorrindo.

— Só quis dizer que se vocês não tivessem acolhido um dos nossos, todas as suas esperanças já teriam acabado, não teriam?

— Do que ele está falando? — perguntou Bryn. Prestava atenção mesmo enquanto rondava meu irmão. Ansel continuava a se esquivar, mas ela o seguia, tentando segurá-lo apesar da reticência de Ansel.

— Meu pai — disse Shay em voz baixa. — Ele está falando do meu pai.

— Sabia que havia sensatez no predestinado — disse Logan. — Um observador notável.

— Você não é Tristan — retrucou Ethan.

— Mas posso ajudar a salvá-lo — disse Logan.

— O quê? — Shay avançou. — O que quer dizer?

— A mesma coisa que estou tentando explicar desde que fugi atrás de vocês — respondeu Logan. — Seus pais estão vivos.

— Está mentindo. — A espada que Shay segurava começou a tremer em seu punho.

— Não minto quando minha vida depende disso — respondeu Logan. — Tristan e Sarah Doran estão vivos. Ainda podem salvá-los.

— Que merda é essa que ele está falando? — gritou Nev, andando de um lado para o outro ao lado de Connor. — Mata este canalha. Não consigo olhar para a cara dele.

Mason avançou, enfurecido.

— Não! — Shay bloqueou o caminho e se virou para Logan. — Como assim, ainda podemos salvá-los? Onde eles estão?

Logan sorriu demoradamente.

— Se quiserem saber, preciso de uma garantia de que não vão me machucar.

— Ele está mentindo — disse Nev entre dentes. — Cala a boca dele agora. Corta a língua fora.

— Esperem. — As palavras relutavam em sair, mas Shay tinha alguma razão sobre isso. — Se ele sabe alguma coisa sobre os pais de Shay, pelo menos precisamos descobrir o que é.

— Que tal: se você não nos contar, corto sua língua fora? — ameaçou Connor, tirando a espada do cinto, enquanto Ethan lhe jogava uma adaga.

O sorriso de Logan sumiu.

— Bárbaros.

— Considero isso um elogio — disse Connor. — Quer pagar para ver?

— Parem com isso! — Silas avançou mancando, parecia estar levemente queimado. — Se ele tiver informações, vamos interrogá-lo de maneira oficial.

— Acho que não pedi sua opinião — retrucou Connor.

— É o que diz o protocolo — lembrou Silas. — Anika vai ficar furiosa se não obedecermos ao protocolo. Se este for mesmo o filho de Efron Bane, não é apenas um informante de valor. Pode ser um refém inestimável.

— O *nerd* tem razão — disse Ethan.

Adne correu para eles, com uma das adagas escocesas para cima.

— Não dou a mínima para o protocolo! Meu pai e Isaac estão mortos por causa dos Defensores. Quero o sangue dele!

Connor prendeu-a pelo braço no último segundo e o golpe da ponta afiada da adaga não acertou o rosto de Logan por poucos centímetros.

— Me solta! — esperneou Adne, aos prantos.

Logan começou a tremer, seus olhos se arregalaram enquanto observava Adne empunhar as adagas.

— Juro que eu tenho a informação de que precisam. Além disso, se quisesse machucar vocês, já não teria convocado espectros?

Ninguém respondeu. Detestava o fato de que tudo que Logan dizia fazia sentido.

Connor levantou o pé e Logan se apoiou sobre os cotovelos, o que inspirou Connor a encostar sua adaga na garganta dele.

— Se oferecer algo importante — perguntou Logan. — Vocês me levam até a Seta?

— Vai depender do quanto acharmos que a informação vale — murmurou Connor, com os olhos fixos na agitação de Adne. — Sua gente tirou muito de nós hoje. E isso foi só hoje.

— E se lhes contar que existe um traidor entre vocês? Vou entregá-lo como sinal de confiança. — A tremedeira de Logan deu lugar a um sorriso malicioso que me causou calafrios.

— Que traidor? — perguntou Connor, passeando com a ponta da lâmina pela garganta de Logan.

— Como acham que os encontramos? — ponderou Logan. — Estamos à caça de vocês há anos. Acham que hoje tivemos apenas sorte?

— Alguém os levou até o posto avançado de Denver — disse Connor.

— Alguém em quem confiam. Alguém que conseguiram ressuscitar.

— Não — grunhiu Shay. — Está mentindo. — Ele deu um passo na minha frente, protegendo-me de algo que ainda não sabia por que deveria temer. Do que ele estava falando?

Logan sorriu para ele.

— Pode ter poderes, progênito. Mas nem você pode protegê-la disso.

— Seu canalha sem coração — gritou Shay. — Cala a boca agora ou eu vou...

— Ou vai fazer o quê? — provocou Logan. — Você me mataria para esconder a verdade? Minhas palavras são um crime mesmo que seja para proteger seus aliados?

— Do que está falando, Defensor? — Connor inclinou-se para a frente, empurrando a adaga contra a pele de Logan. — Estou perdendo a paciência.

— O irmão dela. — Logan falou com dificuldade devido à pressão da lâmina. — O irmão de Calla fez um acordo com meu pai e Lumine.

— Não — sussurrei.

Mason rosnou, batendo com a pata na terra.

Logan agora me fitava.

— É verdade. Ele a traiu.

Procurei afoita por Ansel e o encontrei curvando-se atrás de Bryn, que havia se transformado em lobo e já rosnava como se tentasse protegê-lo de algum ataque iminente. Mason correu para ela e parou em uma posição de sentinela ao seu lado.

Meu Deus.

— Ele é mais perigoso do que eu — debochou Logan.

Connor ergueu a arma e me olhou.

— Calla?

Minha garganta fechou. Virei-me de costas para Connor e corri para Ansel. Bryn arreganhou os dentes para mim, mas assim mesmo o agarrei pelos ombros e o sacudi.

— Ansel, por favor. Diga a eles a verdade. Diga que você não fez isso!

Logan tinha que estar mentindo. Só podia ser mentira.

A cor sumiu do rosto de Ansel; seus olhos reviraram para mim. Vazios.

— Eles disseram que me transformariam em lobo de novo.

Bryn choramingou. Mason latiu, circulando Ansel nervosamente enquanto me fitava.

Recuei, trêmula dos pés à cabeça. Quis sair correndo... fugir de alguma forma dessa verdade insuportável. Mas não tinha aonde ir.

Connor balançou a cabeça.

— É melhor consultarmos Anika.

— Concordo — disse Ethan. Trocamos olhares breves, enquanto ele ajeitava Sabine em seus braços, mas não consegui identificar se estava com raiva ou muito arrependido.

Um assobio agudo soou de algum lugar do denso labirinto do milharal a nossa volta e outros tantos se seguiram. Um a um, Combatentes fortemente armados surgiram do campo, cercando o grupo.

Meus companheiros apontaram para várias direções, rosnando e encarando os Inquisidores.

— Esperem! — gritei, atirando-me entre os lobos e os guerreiros que se aproximavam.

Fiquei surpresa quando vi Ethan parar ao meu lado, ainda com Sabine no colo.

— Não ataquem. — Anika surgiu entre os Combatentes.

Nev, Bryn e Mason recuaram lentamente, observando os Inquisidores, mas continuaram arrepiados, à espera do que aconteceria em seguida. Ansel cambaleou para trás de nós, mudo, curvado, como se desejasse ficar o menor e mais insignificante possível.

— Obrigada — disse Anika. Olhou Ethan segurando Sabine nos braços e ergueu uma das sobrancelhas para ele. O abraço dele na garota desacordada apenas se intensificou.

O olhar de Anika continuou se movendo. Quando parou em Shay, notando que ele estava ileso, mostrou-se levemente relaxada.

Virou-se para Connor, com a voz cortante como uma navalha:

— O que significa essa parada não programada? E com Guardiões a tiracolo? Tiveram sorte de não termos atacado na mesma hora.

Connor se manteve impassível.

— Não pôde ser evitada.

— Quero um relatório completo. — Ela estalou a língua. — Onde está Monroe?

— Morto — informou Adne. — E os Defensores invadiram Denver.

— Como? — Anika perdeu o fôlego. — O que aconteceu?

Connor me olhou, mas não respondeu a ela.

— O irmão da alfa se voltou contra ela — disse Logan, tentando se sentar. Connor o jogou de volta ao chão.

— Quem é você? — Anika caminhou na direção da dupla.

— Meu nome é Logan Bane — disse, encarando Connor. — E estou aqui para oferecer minha ajuda, se seu brutamontes não me matar antes.

— Bane? — perguntou Anika. — Um Defensor?

— Sim, sou um Defensor. Mas abandonei meu pai e o restante de minha gente. Não pertenço àquele lugar. Meu lugar é com vocês.

— Isto é improvável — vociferou Connor.

— Seriam idiotas se recusassem minha oferta — replicou Logan. — Estou oferecendo os pais do progênito.

— Tristan e Sarah? — Anika se ajoelhou ao lado de Logan. — Para o seu bem, espero que esteja falando a verdade.

— E estou.

— Não dê ouvidos a ele. — Adne empurrou Connor quando ele tentou segurá-la. — Ele é um Defensor. Anika, meu pai está morto!

— Podemos deixar para resolver isso depois? — Silas foi mancando até Anika. — Não sei quanto tempo nos resta.

Anika notou a aparência desgrenhada de Silas e franziu a testa.

— Como assim?

— O posto de Denver está comprometido — disse Silas. — É por isso que viemos sem ser convidados. Se eles conseguiram pôr as mãos nos documentos da inteligência que estavam lá antes de o edifício ser destruído pelo fogo, vão descobrir onde está a Academia.

Anika empalideceu.

— Não.

— Sim — replicou Silas. — A Academia precisa ser removida. Agora.

VINTE E SEIS



Os Inquisidores nos fizeram avançar rapidamente. As mãos de Logan estavam atadas, cada movimento seu era observado atentamente pelos quatro Combatentes que o escoltavam até a Academia. Teria ficado aliviada pelo tratamento severo dado ao Defensor se o mesmo não estivesse sendo dado a Ansel.

Logan caminhava com um indisfarçável sorriso arrogante na boca, enquanto meu irmão mantinha a cabeça baixa, tropeçando entre os Combatentes armados.

— Precisamos acabar com isso — sussurrei para Shay.

— Eu sei. Quando chegarmos à Academia. Falo com a Anika. Acho que não vão fazer nada contra ele até lá.

Lancei um olhar severo em sua direção.

— Ele não merece isso. Você viu como estava arrasado. Ele simplesmente não se deu conta de que...

— Eu sei, Calla.— Shay pegou no meu braço e seus olhos me diziam para baixar o tom de voz. — Eu sei. Estou do seu lado, mas primeiro precisamos descobrir o que aconteceu antes de tentarmos convencê-los de que Ansel não é uma ameaça.

Afastei-me bruscamente e fui apressada até Connor e Adne.

— Connor, não pode fazer nada? — murmurei. — Isto não é culpa do Ansel.

— Agora não — disse Connor. — Mesmo que pudesse fazer alguma coisa, não temos tempo para tratar disso agora.

O rosto de Adne estava rígido como pedra.

— Adne — comecei a falar. — Por favor...

— Ele tem razão. — Ela não me olhou. — Não temos tempo. Vamos ter que lidar com isso.

Ela apontou para a enorme estrutura que se destacava entre o milharal. De fora, a Academia era ainda mais impressionante que por dentro. A imensa edificação se curvava ao longe, uma superfície de mármore que reluzia sob a luz do sol invernal, filtrada pela pesada cortina de nuvens. Quatro pináculos delgados apontavam para o céu, interrompendo as curvas suaves do edifício a intervalos idênticos. Todos os quatro andares tinham janelas enfileiradas, causando a impressão de que o prédio estava cheio de luz.

Olhei boquiaberta para a arquitetura imponente, que parecia maior a cada passo que dávamos em sua direção. Como seriam capazes de mover aquilo?

Mais Inquisidores nos aguardavam na entrada do prédio. O primeiro andar se abria na mesma estrutura de um corredor que circulava o pátio central, mas as portas eram espaçadas em intervalos bem maiores.

— O grupo de Haldis? — perguntou uma mulher que reconheci como sendo uma das Guias.

Anika fez que sim, com o rosto sombrio.

— Ainda não está claro o que aconteceu. Mas perdemos Monroe e o posto de Denver foi infiltrado. Declare deslocamento de emergência.

— Não pode estar falando sério? — A outra mulher prendeu a respiração.

— Estou. Vá agora.

— Mas as Conexões Eydis ainda não foram concretizadas...

— Agora.

A Guia correu para dentro da Academia.

Anika começou a vociferar ordens.

— Alertem as alas Pyralis e Tordis! A mudança começa em 15 minutos. Todos a seus postos!

Inquisidores saíram correndo em múltiplas direções.

Anika se virou e encarou os dois grupos de Combatentes que escoltavam Logan e Ansel.

— Levem-nos para o cárcere. Vamos tratar deles depois.

— Não! — Vários Combatentes empunharam suas armas quando segurei Anika pelo braço. Ela balançou a cabeça e eles recuaram.

— Calla, entendo que o garoto é seu irmão, mas até sabermos a verdade sobre o que aconteceu, ele precisa ser tratado com muita cautela.

— Mesmo que tenha contado sobre o esconderijo, tenho certeza de que ele foi enganado — exclamei. — Você não sabe o que fizeram com ele.

Ela desvencilhou o braço.

— Saberei no momento oportuno. Mas não posso resolver essa situação agora. Sinto muito.

Anika acenou com a cabeça para os Combatentes, que levaram Ansel embora.

— Ansel! — Comecei a segui-los, mas Shay me segurou pelo braço.

— Espere.

— Estão tratando meu irmão como um prisioneiro! — gritei, debatendo-me enquanto ele me segurava. — Não é culpa dele. Ele foi torturado. Precisamos ajudá-lo!

— Vamos resolver isso. Eu prometo. Anika precisa saber que pode confiar na sua matilha. Esta é a primeira coisa que precisamos fazer e depois podemos falar sobre o Ansel.

Anika agora estava de frente para Connor.

— Pode me explicar o que aconteceu?

— Não exatamente — murmurou ele, tirando um envelope de dentro da capa. — Mas Monroe me pediu para entregar isto a você se ele não conseguisse voltar.

— Ele foi para uma missão considerando a ideia de não retornar? — Anika segurou o envelope. — E como encontraram os jovens Guardiões? Tinha entendido que não havíamos conseguido descobrir a localização deles.

Connor falou sem encarar a Seta e seus olhos penetrantes:

— Foi uma situação de emergência, Anika.

Anika semicerrou os olhos.

— Está querendo dizer que Monroe liderou um ataque a Vail sem minha autorização?

— Estou.

— E agora ele está morto? — Ela balançava a cabeça em sinal de reprovação. — E perdemos Denver.

— Mas conseguimos os lobos — interferiu Ethan, olhando para Sabine, ainda inconsciente. — Alguns, pelo menos.

— Vamos torcer para que isso faça alguma diferença. — Antes de se virar e sair, vi uma lágrima escorrer por seu rosto. — Precisávamos de Monroe.

— Eu sei — concordou Connor, com voz embargada.

— Os Guias estão me esperando. Discutimos isso depois da mudança. Se conseguirmos fazê-la.

Com isso, ela se afastou rapidamente.

— Se conseguirmos? — perguntei.

Connor não respondeu.

— Calla. — Virei-me e dei de cara com Ethan, Sabine ainda nos braços. — Estou com medo de que ela esteja com alguma lesão interna. Preciso levá-la aos Elixires.

— Aos o quê? — perguntou Shay.

— Nossos curandeiros — explicou Adne. — Ficam no Santuário Eydis.

— Talvez ela precise de sangue da matilha — comentei, olhando para Sabine. Não estava sangrando nem tinha hematomas, mas às vezes as feridas não aparentes eram as mais fatais.

Nev nos rondava.

— Posso ir com eles. Ela pode tomar meu sangue se for preciso.

— Está bem.

Bryn e Mason se aproximaram cautelosamente. Finalmente convencido de que eu não iria atrás de Ansel, Shay soltou meu braço e me afastei. Sabia que ele estava sendo sensato, mas detestava essa sensação de impotência em relação à situação de Ansel.

— E agora? — perguntou Mason.

— Vocês vêm com a gente — respondeu Connor.

O ar foi subitamente invadido por uma vibrante orquestra de sinos. A Academia pulsava com uma energia eletrizante, o som foi ficando cada vez mais alto e intenso. Embora agudas, as badaladas cristalinas tinham uma melodia hipnótica — as paredes reverberavam com a música.

Observei enquanto o lugar começou a pulsar em sintonia com o som. O labirinto de cores se enroscava pelos corredores de mármore a cada nota que soava.

Adne correu pelas escadas.

— Tenho que ir para o meu posto!

— O que está acontecendo? — perguntou Bryn. Trêmula, ela pegou na minha mão.

Connor nos guiou logo atrás de Adne, mas, diferentemente da Tecelã, ele não corria.

— Os Tecelões precisam mover a Academia.

— Como isto é possível? — perguntou Shay.

— É necessária uma coordenação precisa. — Connor nos olhou. — Todos os Tecelões precisam tecer os mesmos fios para abrir uma única porta em consonância.

— Mas como conseguimos passar o edifício por uma porta? — Shay franziu a testa quando chegamos ao segundo andar, a caminho do próximo lance de escadas.

— O edifício não atravessa a porta — disse Connor. — Os Tecelões movem a porta pelo edifício.

— Eles… eles o quê? — gaguejei.

Connor não respondeu. Ele havia nos levado até o quarto andar. Encontramos Adne no meio do caminho entre o corredor onde ficavam nossos quartos e o centro tático Haldis. Com as adagas escocesas em punho, estava imóvel, olhos fechados, inspirando e expirando lenta e ritmicamente.

— Adne. — Shay foi na direção dela.

— Shhh! — Connor jogou o braço na frente de Shay. — Ela precisa se concentrar.

Olhei ao longo do corredor e percebi que outra mulher estava posicionada a uns 7 metros de distância de Adne. Quando olhei na posição contrária, vi um jovem de pé a uma distância parecida.

— Estes são os outros Tecelões — explicou Connor, observando-me. Ele olhou para eles e depois para cada um de nós. — Talvez seja melhor vocês se sentarem. É um pouco intenso demais para quem nunca passou por isso antes.

Todos ficamos olhando para ele, confusos, mas ninguém se sentou.

— Como quiserem. — Ele deu de ombros e se virou para observar Adne.

Um som diferente ecoou pelo corredor. Baixo, agudo como o de um enorme sino. Sua nota reverberou pela Academia, e me arrepiou. Estremeci e Shay pegou minha mão. Entrelacei meus dedos nos dele. O sino tocou novamente e vi Adne estremecer dos pés à cabeça, como eu segundos antes. Ela não abriu os olhos. O sino tocou uma vez mais. Os ecos sobrepunham-se uns aos outros. O ar estava tão carregado com os profundos timbres que tive a impressão de senti-los tocar minha pele.

Quando o sino repicou pela quarta vez, Adne iniciou seu movimento. Agachou-se graciosamente quase na forma de um arco. Mais adiante no corredor, vi a outra Tecelã fazer um movimento idêntico. Adne ergueu a cabeça, seus braços agora davam voltas e faziam curvas, enquanto seu corpo se desdobrava. Novos sons surgiram em consonância com o toque prolongado do sino. Tinidos vivos ressoaram pelos corredores como uma orquestra de sinos de vento. Acompanhando a música suave, surgiram cores: os fios luminosos nas paredes haviam ganhado vida, seus tons preciosos brilhavam e projetavam arcos-íris ao longo do piso e sobre nossos corpos.

Adne agora se movia mais rápido, saltando e girando em uma dança muito parecida à que fazia ao tecer seus portais. Em ambos os lados de Adne, os outros Tecelões moviam-se e rodopiavam numa perfeita cópia de seu corpo ágil. Ela estava ofegante, transpirando, mas não hesitou ou quebrou o ritmo nem uma única vez. As notas vibrantes foram ficando ainda mais altas e machucaram tanto meus ouvidos sensíveis que tive que cobri-los com as mãos. Os arcos-íris no chão e nas paredes começaram a cintilar e explodir no ar como fogos de artifício. As cores ofuscantes tornaram-se ainda mais brilhantes e me cegaram. O chão pareceu se mover. Caí de joelhos, sem tirar as mãos dos ouvidos. Curvei-me e mergulhei a cabeça sobre as coxas. Senti o corpo de Shay envolver o meu, protegendo-me da cascata ensurdecedora de sons e da explosão de luz.

Pelos roçaram em mim. Ouvi um ganido e então outro, enquanto Bryn e Mason, agora lobos, aninhavam-se ao meu lado, empurrando seus focinhos frios por debaixo dos meus braços para então apoiá-los contra o meu queixo. O som era tão alto que parecia não adiantar cobrir os ouvidos. Achei que fosse gritar.

E de repente, havia apenas silêncio.

Levantei a cabeça e suspirei lentamente. Um aroma estranho e forte invadiu minhas narinas: uma mistura de sal, vegetação exuberante, folhas verdes e... cheiro de peixe? Funguei mais uma vez; o cheiro permaneceu o mesmo, mas ainda não conseguia reconhecê-lo. Também tive a impressão de sentir cheiro de limões.

— Você está bem? — Connor nos olhava de pé.

Shay se levantou, ajeitando os ombros para trás.

— Acho que sim.

— Eu avisei — disse Connor com um sorriso provocador. — Intenso.

— Nem fala. — Adne veio cambaleante em nossa direção, como se estivesse bêbada.

Connor a pegou e Adne caiu sobre ele de qualquer jeito.

— Bom trabalho, menina. — Ele roçou os lábios na testa dela.

— Obrigada — murmurou ela. — Acho que sou capaz de dormir por uma semana agora.

Mason já havia voltado para a forma humana. Caminhou até as amplas janelas que davam para o exterior do edifício. A luz que se espalhava pelo corredor era de um dourado-avermelhado. Ouvi quando ele deu um suspiro de espanto.

— Isto é… o oceano?

Eu e Bryn o seguimos até as janelas. Não conseguia respirar ao contemplar aquele pôr do sol. A Academia estava no topo de um deque em um íngreme penhasco com vários metros de altura. A paisagem era cuidadosamente decorada por fileiras de árvores atrofiadas com galhos retorcidos, folhas verde-escuras, pontuadas por detalhes de amarelo vivo. Limões.

Ao longe, avistei um vilarejo que se sobressaía no terreno agreste. Outros vilarejos salpicavam a costa, dependurados sobre falésias, como se estivessem suspensos sobre o mar.

O mar. Ondas batiam nas pedras. O pôr do sol banhava com sua cor a superfície ondulante, criando um tom violeta intenso com ocasionais lampejos de cor-de-rosa. Olhei para a água que se estendia até o horizonte e compreendi por que as pessoas chegaram a acreditar que o oceano dava na beirada de um mundo que tinha fim.

Somente quando Shay pôs o braço ao redor dos meus ombros me dei conta de que estava tremendo.

— Nunca tinha visto antes, não é? — Ele olhava lá para fora pela janela.

Fiz que não com a cabeça, ainda entorpecida pelo choque da mudança e aturdida com a maneira com que este novo lugar mexia comigo e me apertava o coração.

— Sim, é o oceano — disse Adne. — A não ser que tenhamos aterrissado no lugar errado.

O oceano. Era o aroma que não conseguia definir. Nunca havia cheirado nada parecido.

— Onde estamos? — Bryn veio para a janela.

— Cinque Terre — respondeu Connor.

Ela franziu a testa.

— Onde?

PARAÍSO

PARTE III

Deve deixar tudo que mais ama: esta é a primeira
flecha que o arco do exílio dispara.

—Dante, *Paraíso*

VINTE E SETE



— Itália? — exclamou Mason. Tinha as mãos pressionadas contra o vidro. Eu entendia como ele se sentia. Com aquela barreira para o mundo externo ficava difícil de acreditar que o paraíso além das janelas era real.

— Sinto muito. — Connor deu um sorriso debochado. — Sei que vão sentir saudades do milharal.

Adne inclinou o pescoço para a frente e para trás.

— Essa foi difícil.

— Você está bem? — perguntou Connor, o sorriso desaparecendo do rosto.

— Estou bem — respondeu ela. — Cansada, mas bem. Devem estar esperando a gente no salão principal para a assembleia.

— Quero ver o Ansel — disse Bryn de repente. — Podemos checar se ele está bem?

— Ele está bem — disse Connor. — O deslocamento foi perfeito. Se nós estamos aqui, ele está aqui. Nesse tipo de ação é tudo ou nada.

— Mas…

— Olha, garota — interrompeu Connor. — Precisamos esperar Anika esfriar a cabeça antes de começarmos a lhe pedir favores. O irmão da

Calla fez uma baita besteira. Vai demorar um pouco até conseguirmos resolver essa história.

Ele e Adne trocaram olhares que fizeram meus dentes trincar. Nenhum deles acreditava que a situação de Ansel pudesse ser resolvida. *O que vai acontecer com meu irmão?*

Bryn deixou cair os ombros. Mason pegou-a pela mão e me fitou.

— Ele vai ficar bem.

Concordei com a cabeça, cada vez mais insegura quanto a essa possibilidade.

— Vamos arranjar alguma coisa para vocês comerem — disse Adne com a testa franzida. — E então arranjar um lugar para vocês ficarem. Com certeza querem tomar um banho.

Vi que ela olhava Bryn e Mason dos pés à cabeça. Eles precisavam mesmo tomar banho. Ainda vestiam os trapos da noite em que haviam sido presos e sangue seco e sujeira cobriam suas peles. Senti uma pontada no estômago como se houvesse levado um murro de roubar o fôlego. A aparência maltrapilha dos dois me fez lembrar de tudo pelo que tinham passado.

Continuei em silêncio enquanto descíamos as escadas atrás de Connor e Adne. Quando chegamos ao primeiro andar, Adne engasgou.

— Olhem! — Olhei para onde ela apontava. Mason e Bryn também ficaram boquiabertos.

Havíamos feito uma pausa bem em frente às janelas de vidro que davam para o pátio. Além da barreira invisível, o amplo espaço central se transformava diante dos meus olhos. A terra vazia havia ganhado vida, com folhas bem abertas e salpicadas de cores vibrantes dos botões de flores. Fontes entre os canteiros floridos borbulhavam com água abundante.

Connor assoviou.

— Cara, as Conexões estão funcionando muito rápido. Que bom.

— Elas sempre funcionam — comentou Adne. — Mas sempre me impressiona.

— O que são Conexões? — perguntou Mason, com as sobrancelhas unidas como a videira enrolada ao redor da escada do outro lado das portas de vidro.

— Uma das especializações da Academia — disse Connor. — Eydis e Haldis, sobretudo. Eles integram o edifício ao ecossistema local.

— Como jardineiros? — perguntou Bryn.

— Alguns se concentram nos jardins — respondeu Connor, esfregando a barriga. — O que é uma boa notícia. O clima mediterrâneo quer dizer que teremos comida mais fresca. Tínhamos que comer muitos tubérculos no outro local por causa do inverno. Acredita? Azeitonas e limão são as especialidades desta região, certo? Acho que li isso no memorando sobre este destino. Era para a gente se mudar só na primavera. Mas pelo visto a coisa também funciona muito bem agora.

— Espere um momento — interrompeu Mason. — Como é possível? Essas plantas estão crescendo em um ritmo alucinante.

— Mágica elementar — explicou Adne. — Eydis e Haldis, água e terra. As Conexões se ligam ao solo, às raízes das plantas e aos aquíferos naturais. É daí que conseguimos nosso suplemento de água e nossa energia geotérmica.

— Bom ver que está funcionando — disse Connor. — Já que estávamos longe do ideal para realizarmos o deslocamento.

Mason balançava a cabeça incrédulo e notei que suas mãos também tremiam.

— Não é possível. Quem consegue fazer isso?

— Nós — disse Connor, virando-se de costas para o pátio. — E por falar em possível, quem aqui consegue se transformar em lobo?

— Ele tem um argumento e tanto — disse Shay, sorrindo para mim. — Foi o que me fez acreditar nessa história toda.

Mason concordou com relutância, mas murmurou algo entre dentes enquanto descíamos para o térreo.

— Queria que Monroe tivesse visto isso. — Adne suspirou. Baixou a cabeça e ouvi um soluço suave.

— Deixe acabar a assembleia. — Connor pôs o braço ao redor dos ombros de Adne. — Então teremos tempo de conversar sobre seu pai.

Diferentemente do refeitório praticamente vazio em que havia estado na noite anterior, o lugar de encontro dos Inquisidores agora estava completamente lotado. Homens e mulheres se movimentavam pelo lugar, esbarrando-se, e o burburinho das conversas foi aumentando em meus ouvidos como um rugido baixo.

— Aí vem a Tess. — Connor se moveu entre a multidão.

— Quem é Tess? — Bryn se inclinou para cima de mim.

— Ela faz parte do grupo — expliquei. — Do grupo de Haldis.

Bryn franziu a testa.

— Grupo de Haldis?

— Eu não… — As palavras ficaram presas na ponta da língua. Haldis, Eydis. Os recortes de informações isoladas que havia coletado durante minha breve estada com os Inquisidores não haviam me preparado para responder essa pergunta. Tinha tanta coisa que eu ainda não sabia sobre os Inquisidores e agora jogava minha matilha, ou o que havia restado dela, nesse mundo, sem nenhuma certeza sobre o futuro. E se tivesse feito a escolha errada? O zumbido de vozes foi ficando cada vez mais alto. Minha cabeça começou a latejar.

Como não voltei a falar, Bryn deu de ombros e se virou para seguir Mason até a mesa onde Tess e Connor estavam sentados.

— Calla? — Shay me observava.

— Vão indo — disse, empurrando-o na direção de Bryn. — Estou bem atrás de vocês.

Quando ele abriu caminho entre os Inquisidores, recuei lentamente na direção do corredor e, após alcançar as escadas, saí correndo.

Não tinha certeza de para onde corria, só sabia que precisava correr. Uma semana antes havia estado em Vail prestes a concretizar minha união com Ren, a dar o primeiro passo no caminho que havia sido traçado para mim a vida toda. Meu destino. Será que eu ainda tinha um destino? Será que agora ele pertencia aos Inquisidores?

A ideia causou-me um ronco no estômago. Não seria mais enjaulada por ninguém. Servi aos Defensores sem questionar e veja aonde isso havia me levado. Se os Inquisidores me oferecessem uma forma de lutar contra meus antigos mestres, aceitaria. Haviam matado minha mãe, torturado as pessoas que amava. Queria que pagassem. Mas teria que enfrentá-los nas minhas condições. Eu tomaria as decisões para minha matilha. Precisava ter certeza e não tinha certeza de nada.

Estava do outro lado do globo, com a vida em frangalhos. O que parecia ser os fortes vínculos de minha nova matilha haviam se desintegrado por causa de minhas escolhas. Fey, Dax e Cosette haviam buscado refúgio com os Defensores, presos àquela vida apesar de toda a dor que nos havia causado. Tinha certeza de que se Connor não houvesse chegado, minha luta com Dax teria durado até a morte de um de nós. E meu irmão havia se tornado uma sombra de si mesmo, tanto que havia se disposto a me trair para recuperar o que haviam tirado dele.

Mas Ansel não era o único transformado a ponto de ficar irreconhecível. O futuro de Ren havia sido arrancado dele na noite em que fugi de nossa união. Sua matilha não existia mais, seu legado havia retornado a Emile, que era mais monstro do que homem e nem pai de Ren era. Cambaleei, tropeçando na verdade que me pegou desprevenida. O futuro dele tinha sido usurpado havia muito tempo, quando Emile e os Defensores mataram Corinne. A vida do meu ex-futuro noivo havia sido construída sobre um alicerce de mentiras, sangue e ossos.

Fechei as mãos e tapei os olhos. Mentiras, sangue e ossos. Nossas mentiras haviam sido feitas de mais alguma coisa? Pressionei os dedos contra o rosto e o metal frio do anel tocou minha pele como um choque estático. O anel que Ren havia me dado. Uma promessa de futuro.

Quero que saiba que…

O quê? O que Ren havia querido dizer? O que o fez se calar? Quanto teria compartilhado comigo?

O corredor ficou subitamente estreito demais, como se estivesse se fechando a minha volta. Precisava sair. Sentir o cheiro do ar livre. Corri, à procura de uma saída. Encontrei o conjunto de portas de vidro e as atravessei correndo.

O ar denso e salgado do oceano me envolveu. Agachei, apoiando as mãos nos joelhos, e traguei o ar como se bebesse água. As cores vívidas do pôr do sol haviam sido substituídas pelas sombras suaves do crepúsculo, lavanda e cinza. Mesmo na sombra a aliança de ouro branco trançada ao redor do meu dedo continuava a cintilar, captando qualquer luz que houvesse e refletindo-a direto em mim. Debochada. Odiosa.

Isso me faz lembrar dos seus cabelos.

Agora mesmo, uma mecha de fios louros bem claros e entrelaçados caía pelo meu ombro e balançava enquanto me levantava. O pátio era

enorme, e o que ontem havia sido um jardim praticamente estéril agora tremulava com verdes exuberantes e enchia o ar com a revigorante essência mineral de ervas frescas.

Corri para a estufa mais próxima. Qualquer coisa serviria, contanto que fosse afiada. Minha respiração tornou-se precária, ofegante. Escancarei a porta, tropeçando sobre as mudas e vasos de plantas. O cheiro de adubo no ar úmido era doce, mas um pouco enjoativo. Achei o que buscava na outra extremidade da estufa, sobre a beirada de uma bancada de jardinagem.

Agarrei a tesoura de podar com uma das mãos e a grossa trança com a outra, bem na altura onde a nuca encontrava os ombros. Não parei de cortar até que todo o comprimento saísse na mão. Fiquei olhando para ele e então o atirei como se fosse uma serpente viva. Minha respiração ficou mais tranquila e me senti mais leve, livre. Larguei a tesoura de podar e deixei a estufa.

Chovia quando voltei para o pátio, a mais suave das chuvas. Gotículas de água tocaram minha pele como lembranças das gotas de chuva, nada parecido a um temporal; mais suave, inclusive, do que uma garoa. O ar quente da noite deslizava pela pele. Fui até a parte central do jardim. O caminho terminava em um muro de sebe cuidadosamente aparado e atrás dele descobri uma praça central. Degraus desciam até diferentes níveis de canteiros de flores, cercados por árvores frutíferas em flor. Estava tudo perfeitamente quieto, isolado do restante do mundo. No meio da praça havia uma fonte de pedra com quatro figuras esculpidas. Era um grupo estranho: uma mulher em uma armadura como um cavaleiro, um homem vestido com uma túnica de monge, uma criança com rolos de pergaminhos e uma mulher em um vestido simples, agarrada a um galho de árvore cortado. Água borbulhava em uma piscina

aos pés das quatro esculturas, refletindo os tons prateados das nuvens acima.

Caminhei ao longo da borda da piscina e passei os dedos pela superfície da água. O jardim submerso deveria ter me proporcionado tranquilidade, mas não conseguia sentir nada além da tempestade dentro de mim. Passei os dedos pelas mechas tosadas e fiquei chocada quando senti as mãos livres, um pouco acima dos ombros.

— Bom esconderijo.

Girei e me deparei com Shay vindo pela trilha do jardim em minha direção, próxima à fonte central. Minha mandíbula travou. Fiquei imóvel como as quatro estátuas enquanto o observava se aproximar.

— Silencioso, isolado. — Ele olhou para os canteiros de flores cobertos pelas sombras das altas sebes. — Assustador o suficiente para manter as pessoas longe durante a noite, mas não tanto.

Ele sorriu com um dos cantos da boca.

— Dou nota A-, mas só porque a lua não apareceu hoje.

Ele deu mais um passo à frente.

— Muito obrigada. — Falei com tom distante e duro. — Como me achou?

Com olhar tímido, Shay passou a mão pelos cabelos.

— Segui seu cheiro.

— Óbvio. — Virei-me de costas para ele, afastando-me da fonte, embrenhando-me entre as sombras do jardim. — Vá embora.

— Não. — Ele correu para minha frente, bloqueando a passagem.

— Estou falando sério, Shay.

— Eu também. Não acho que deva ficar sozinha agora.

— Esta não é uma decisão sua.

Shay ergueu a mão e pegou alguns fios que se enrolavam ao longo do meu queixo.

— Chega de tranças? — Sorriu, enrolando meus fios curtos em seus dedos. — Gostei. Fica bem em você.

Não respondi e seu sorriso desapareceu.

— Não precisa fazer isso sozinha — disse ele em voz baixa.

— Estou sozinha. — Sentia o peito vazio.

— Sabe que não é verdade.

Respirei com dificuldade e fechei os punhos.

— Diga o que é verdade então.

— Você o amava. — Seus olhos fitavam os meus.

— Amava. — A palavra pairou entre nós, nua e crua. Não conseguia encontrar ar para acalmar meu corpo vacilante.

Ele deu outro passo em minha direção e suas palavras saíram baixas, porém firmes:

— Mas não do jeito que me ama.

Cambaleei para trás como se tivesse sido golpeada.

— Calla — murmurou Shay, esticando a mão. — Não pode se culpar. O que fez, o que sente, nada disso faz com que a escolha do Ren seja sua culpa.

Virei-me de costas para sua mão estendida.

— Pare — pedi. — Não quero falar sobre isso. Não consigo.

— Tem razão — disse carinhosamente. — Não é hora de falar.

Ele se moveu tão rápido que seu corpo tornou-se turvo por um segundo e em seguida eu estava em seus braços. Agarrei seus ombros, minhas unhas cravadas em sua pele, mas ele não me soltou. Apenas me abraçou com mais força.

Grunhi e relutei, mas ele me mantinha presa em seu abraço. Senti as batidas firmes de seu coração ao lado do meu. A umidade banhou meu rosto, a atmosfera impregnada de vapor misturou-se com minhas lágrimas.

Shay me beijou delicadamente, percorrendo o caminho de mágoas em meu rosto com seus lábios. Murmúrios baixos e reconfortantes saíam por entre seus lábios enquanto me beijava.

Quando a tempestade de tristeza aquietou, ergui o queixo e meus lábios encontraram os dele. Ele mordeu suavemente meu lábio inferior e então o beijei com tanto ímpeto que Shay perdeu o equilíbrio e caiu, e rolamos pela trilha do jardim. De repente, eu estava por baixo dele, sem fôlego. Voltei a beijá-lo, dedos trêmulos e desastrados tentando abrir os botões da camisa dele. Senti um grunhido rugindo em seu peito. Ele sacudiu os ombros deixando a camisa cair. Mergulhei meus dedos em seu cabelo, que estava um pouco úmido pela chuva suave.

Seus lábios desceram por minha garganta e ouvi minha respiração arfar, em ritmos curtos, quase gemidos. O ar noturno do jardim, adocicado pelos botões de rosas, porém apimentado pelo sal do oceano, se fazia sentir entre meus lábios semiabertos.

A boca de Shay tocou meu estômago e por um momento não sabia dizer o que havia acontecido com minha blusa. E com minhas calças de couro.

Seu beijo continuou descendo por meu corpo e já não importava mais o que havia acontecido com a roupa.

Camadas de nuvens prateadas sobre nós partiam-se como cortinas de gaze erguidas pelo vento e o luar, como videiras, envolvia nossos corpos. Shay se movia sobre mim enquanto o céu noturno se abria, a silhueta do corpo realçada pela pálida luz que iluminava o jardim. Seus lábios

roçaram meu rosto e seus quadris firmaram-se contra os meus. Pressionados um no outro, pele com pele, sentia cada pulsar de seu coração. Estremeci quando senti algo intenso dentro de mim crescer, abrir-se, pela ansiedade de algo que somente ele poderia me dar. Quando me beijou novamente, achei que fosse desmanchar de tanto desejo. Ele se afastou e me observou silenciosamente. Uma pergunta em seus olhos aguardava uma resposta minha.

— Sim — murmurei.

Beijei-o novamente e já não havia mais perguntas a serem respondidas.

VINTE E OITO



Dava pra ouvir o barulho da tesoura.

Bryn contorcia a boca, concentrada na tarefa que tinha em mãos.

— Sério, Cal, se queria um corte de cabelo, era só pedir. Você fez um verdadeiro estrago aqui.

Observei os fios de cabelo esparramados pelo chão. Não tinha sido fácil chegar até ali. Havia conseguido desenredar-me dos braços de Shay, sair sem ser notada do quarto dele e ir silenciosamente para o meu.

Não estava arrependida de termos passado a noite juntos, mas não sabia o que a manhã me reservava e estava zonza com tudo que havia acontecido nas últimas 24 horas. Precisava de um tempo sozinha antes de estar pronta para a conversa com Shay sobre a noite no jardim. E no seu quarto.

A lembrança fez as chamas arderem no estômago e tremi.

— Calla, prometo que não vou te machucar — disse Bryn, irritada. — Quer, por favor, ficar quieta?

— Desculpe.

A culpa me corroeu quando fui procurar meus companheiros e os encontrei exatamente onde os havia deixado. O estômago roncou com o

aroma de pão recém-saído do forno e limão. O refeitório estava movimentado nessa manhã, mas não havia tanta gente como na noite anterior, durante a assembleia. Inquisidores entravam e saíam, alguns com croissants nas mãos, enfiando uvas na boca, enquanto realizavam suas atividades, outros com xícaras de café fumegantes, sentados nas muitas mesas.

Nev, Bryn, Adne, Connor, Silas, Tess e Sabine — que parecia estar totalmente recuperada — estavam reunidos na mesma mesa onde os Inquisidores tinham tomado café dois dias antes. Ethan e Mason estavam visivelmente ausentes. Aproximei-me lentamente da mesa. Alguém mais fazia falta ali. O peito ardeu quando me dei conta de que procurava Monroe.

Juntei-me a eles, pronta para dar uma desculpa pela ausência e responder a todas as perguntas que teriam sobre como acabei fazendo uma aliança com os Inquisidores.

Mas minha aparência interrompeu a conversa e um silêncio pesado tomou conta da mesa. Adne primeiro franziu a testa, em seguida deu de ombros e voltou a se concentrar na tigela de frutas com creme de leite. Silas ficou movendo a cabeça para a frente e para trás como se tentasse descobrir o que exatamente estava diferente em mim. Tess foi gentil o suficiente para sorrir e me cumprimentar com a cabeça, mas não disse nada. Um sorriso displicente surgia e desaparecia do canto da boca de Nev, como se quisesse rir, mas não era bobo de fazer isso.

Foram necessários menos de cinco minutos para que Bryn se levantasse com um rápido aceno para Sabine. As duas me arrastaram para fora do refeitório e para dentro do meu quarto. Desde então, Bryn esteve tentando consertar o trabalho porco que eu havia feito nos cabelos.

Sabine estalou a língua, saiu de onde estava e se posicionou na minha frente para ter um ângulo melhor do trabalho de Bryn.

— Está cortando tudo errado. Vai ficar desigual.

— Quer fazer então? — retrucou Bryn.

— Quero. — Ela segurou a tesoura.

— Espera um momento. — Ajeitei-me na cadeira e Bryn teve de afastar a tesoura bruscamente para não furar meu pescoço. — Sério, Sabine? Quer cortar meu cabelo?

Franzi as sobrancelhas para ela, incerta se confiava em Sabine para me fazer um corte que ficasse atraente.

— Será um prazer, Calla. Sempre corto o cabelo da Cosette. — Ela semicerrou os olhos por alguns segundos, mas em seguida sorriu novamente.

— Ah, o cabelo da Cosette é lindo. — Bryn sorriu radiante. — Devia deixar a Sabine assumir a tesoura, Cal. Não faço ideia do que estou fazendo. Sei modelar cabelo como uma profissional, mas cortar não é minha praia.

Engoli em seco, mas concordei com a cabeça. Se Sabine fosse ser nossa aliada, tinha que deixar para trás antigas animosidades.

Bryn deu a tesoura a Sabine com um suspiro aliviado.

Ouvimos alguém limpar a garganta atrás de nós e nos viramos todas para a porta.

— Eh… Oi. — Shay passou as mãos pelos cabelos, notando o grupo de meninas e dando a impressão de que estava a ponto de sair correndo.

— Oi, Shay — disse Bryn, sem conseguir disfarçar as risadinhas enquanto olhava para mim e para ele alternadamente.

Sabine apenas acenou para ele, mas rapidamente voltou a atenção para o meu cabelo.

— O que estão fazendo? — Ele deu alguns passos para dentro do quarto, ainda indeciso sobre se era seguro continuar ali.

— Estamos tentando consertar o cabelo da Calla. Ela tosou tudo. — Bryn enrolou alguns fios com os dedos. — O que você usou exatamente?

— Tesoura de podar. — Meus olhos estavam fixos no chão. Não devia ter deixado o quarto de Shay sem ter falado com ele. Agora a situação era constrangedora e não sabia como consertá-la.

— Agora entendo por que está tão horrível — murmurou Sabine.

— Eu achei bonito — protestou Shay, aproximando-se mais um centímetro.

Sabine deu uma gargalhada.

— Você a acharia bonita mesmo que ela tivesse lepra.

Corei e Bryn deu mais risadinhas.

Shay sorriu timidamente e limpou a garganta mais uma vez.

— Cal, estava querendo conversar com você.

Mordi o lábio e evitei olhar para ele.

— Claro, mas estou meio ocupada agora.

— É, sei, claro. Bem, vou ficar no meu quarto.

— Tá.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, mas pelo menos conseguiu não sair correndo do quarto.

Bryn começou a rir.

— Acho que o assustamos.

— É uma responsabilidade e tanto. — Sabine não tirava os olhos de suas tesouradas rápidas. — Provavelmente deve estar um pouco confuso.

Controlei-me para ficar quieta na cadeira.

— Confuso com o quê?

— Por ser nosso novo alfa. Ren está fora, ele está dentro. É muita coisa para digerir. Ele é lobo há poucas semanas; não está acostumado como a gente.

— O quê?! — exclamamos eu e Bryn ao mesmo tempo.

— Calla, não pode dar esses solavancos; vou acabar furando você ou arruinando o seu cabelo — repreendeu-me Sabine, inabalável.

Agarrei-a pelo pulso, mas ela continuou a me olhar placidamente.

— Do que está falando, Sabine? — perguntei lentamente.

Os cantos da boca de Sabine ergueram-se sutilmente como se fosse a única a par de alguma piada particular muito engraçada.

— Está brincando, Calla. Você não sabia?

Franzi a testa e olhei para Bryn, cuja expressão de perplexidade agora era substituída por uma de espanto.

Sabine sorriu ainda mais.

— Viu, Bryn também sabe.

Bryn fez que sim.

— Tem razão… Claro, você tem razão. Não acredito que não me dei conta antes...

Ela me olhou, a culpa corando suas bochechas.

— É que sempre achei que fosse ser o Ren.

— Mas… como? — Não acreditei que estava fazendo aquela pergunta de súplica para Sabine.

— Na verdade, é simples. — Sabine sacudiu meus dedos, agora frouxos, de seu pulso e voltou a cortar meus cabelos. — Todos sabemos que os alfas não podem ser, bem, promovidos, por falta de uma palavra melhor. Alfas nascem alfas. Shay sempre foi um alfa, mas ele não era um lobo. Quando você o transformou, aí ele entrou na corrida.

Sabine tinha razão. Alfas não podiam ser promovidos. Essa era uma das razões por que a solução encontrada pelos Defensores para os problemas dos Guardiões em Vail acabou uma bagunça. Mas não conseguia fazer a conexão do papel de Shay com essa história toda.

Bryn bateu a palma da mão na testa.

— Sou uma idiota.

— Bem, também devo ser — retruquei. — Porque continuo sem entender.

— Não entende porque é uma alfa, Cal. — Ela sorriu, compassiva. — Shay sempre se sentiu a sua altura, certo? Conversa com você de igual para igual, nunca recuou quando você o desafiou!

Mordi o lábio inferior.

— Acho que pensava que era uma coisa humana dele. Que ele não tinha noção, porque não era um de nós.

— Não — disse Sabine. — Isso é coisa de alfa.

Bryn entrelaçou os dedos nos meus.

— Ren sempre viu o Shay como um rival. Até ele devia saber.

— E tinha razão — disse Sabine, puxando alguns fios do meu cabelo entre os dedos, para medir o comprimento. — Você escolheu o Shay.

— O quê? — Desta vez a tesoura arranhou meu pescoço. — Au!

— Não se mexa assim. — Sabine virou minha cabeça. — Nada de sangue. Ainda estou cortando.

— Não escolhi Shay — disse, tocando a pele arranhada. — Estava salvando a vida dele.

— Não estou falando do sacrifício — rebateu Sabine. — Estou falando de ontem à noite.

Consegui escapar da tesoura e agarrei a beirada da cadeira.

— Ontem à noite? — Meu sussurro saiu rouco.

— Sabine. — Bryn chutou a canela de Sabine. — Não.

— Não estou julgando — disse Sabine. — Ela está no direito dela. Shay é um alfa. Quer dizer que é um candidato. Além disso, vi os ombros dele. Aceitaria dar uma volta com ele se me oferecesse.

— Sabine! — exclamou Bryn, olhando-me apavorada.

Mas eu estava chocada demais para ficar com raiva.

— Como você... — Minhas bochechas estavam pegando fogo.

— Está com o cheiro dele. — Sabine sorriu. — Esse é outro detalhe: ele tem um cheiro gostoso, não tem? Que gosto ele tem?

Bryn se virou de costas, mas tinha quase certeza de que havia sido para esconder a risada, pois deu para ouvi-la.

— Pare, Sabine, pare agora mesmo.

— Tomei banho! — Quis enfiar a cabeça em um buraco e sumir.

Sabine riu.

— Não importa.

Olhei Bryn de canto de olho. Ela se esforçava ao máximo para disfarçar o sorriso idiota nos lábios.

— Não é que você esteja com mau cheiro, Cal — disse, tentando fazer com que eu me sentisse melhor. — E Sabine tem razão. Shay tem um cheiro agradável. Você sabe, como de um jardim.

— Ai, meu Deus. — Deixei a cabeça cair sobre as mãos.

— Assim não vai dar para fazer nada com seu cabelo, se ficar se mexendo toda hora — disse Sabine, rindo.

— Está bem. — Ajeitei os ombros, sentei direito na cadeira e respirei fundo. — Termina logo isso. E nem mais uma palavra sobre ontem à noite.

— Sério?

Arreganhei os dentes com o tom desapontado de Bryn.

— Calla, estou tentando dizer que provavelmente você fez a coisa certa. — Sabine se moveu para acertar as camadas próximas ao meu rosto. — Ren errou. Se a quisesse tanto deveria ter vindo até aqui. Deveria estar aqui para lutar por você.

Fiquei olhando para as mãos, constrangida pelas lágrimas nos olhos.

— Calla. — Olhei para cima e encontrei os olhos de Sabine no espelho. — Não se culpe por Ren. Todos sabemos que se preocupava com ele. Ele fez a escolha dele. Todos nós fizemos nossas escolhas.

Encarei-a e, em seguida, olhei meu próprio reflexo. O cabelo louro emoldurava meu rosto em suaves camadas que afinavam a partir das maçãs do rosto, caindo bem rente aos ombros. Meus lábios tremeram.

— Ficou lindo.

— Não fiz muito. — Sabine largou a tesoura e escovou os fios de cabelos soltos dos meus ombros. — Esta é quem você é.

Abri a boca, mas as palavras não saíram, apenas um choro abafado.

— Deus, não chore, Calla. Você nasceu para ser alfa — resmungou Sabine. Mas então apertou meu ombro e saiu do quarto em silêncio, enquanto Bryn me envolvia em um abraço e eu continuava a chorar.

Bryn saiu e voltou com um lenço de papel.

— Quando foi que Sabine sofreu um transplante de personalidade? — perguntei. — Posso jurar que ela estava sendo legal. Ou algo parecido.

— Ela é legal. — Bryn deu um sorriu triste. — Depois de ficar trancada por tantos dias em uma cela com alguém, a gente aprende muito sobre essa pessoa. Sabine nunca foi a vadia que achávamos que fosse. Só era revoltada. Muito revoltada. As coisas que ela tinha que…

Estremeci.

— Ela tem muitos motivos para se revoltar.

Bryn tinha razão. De todos os jovens Guardiões, a vida de Sabine havia sido a mais sofrida, mas por algum motivo era eu quem chorava. Assoei o nariz e olhei para Bryn, ainda fungando. — Você deve me achar patética.

— Nem um pouco — respondeu Bryn. — Passamos por tanta coisa. E se eu fosse você teria feito o mesmo.

— Obrigada — respondi. — Mas não entendo como pode dizer isso. Não sabe o que aconteceu.

— Connor nos colocou a par de tudo. E Silas ficou interrompendo, tentando explicar a história de cada coisa. Ele é muito esquisito, não é?

— É, ele é — concordei. — O que Connor contou?

— Bem, acho que ele não tinha como saber o que você sentia, mas isso é fácil de imaginar. Ele contou quem o Shay é e por que é tão importante.

— Ele contou da aliança? — perguntei, nervosa pela aliança entre Guardiões e Inquisidores já ter sido posta sobre a mesa.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Parece que eles podem nos ensinar coisas incríveis.

— Como o quê? — Isso era novidade. Joguei o lenço de papel amassado na lata de lixo.

— Combate, magia. Nossa verdadeira história. — Ela cruzou o quarto, balançando a cabeça. — Ainda é difícil de acreditar. Todas as mentiras.

— Eu sei.

— Com toda a mágica que eles têm, queria que os Inquisidores pudessem fazer alguma coisa pelo Ansel. — Ela estava de frente para a janela, observando a superfície ondulada do oceano, agora um reluzente azul-turquesa sob o brilhante sol da manhã.

— Eu também.

— Estão tratando ele bem — disse ela, percorrendo os dedos sobre as tramas do tecido da cortina. — Não está em uma cela. É um quartinho pequeno.

— Você esteve com ele? — A culpa me atingiu com força. Como ainda não o tinha visitado?

— Mason e eu ficamos com ele em turnos — explicou ela. Quando se virou, tive a impressão de que uma sombra havia encoberto seu rosto. — Mas ele não fala comigo quando estou lá. Mason disse que faz o mesmo com ele.

— Não fala?

Ela confirmou com a cabeça.

— Talvez só precise de tempo — sugeri, mas meu estômago embrulhou e um nó se formou lá dentro.

— Talvez. — Ela estremeceu. — Calla, estou com medo de a gente estar perdendo o Ansel.

— Juro que não vou permitir que os Inquisidores façam nada de mau a ele — disse, quase rosnando.

— Não. — Ela esfregou as mãos uma na outra. — Não estou preocupada com eles.

A dor em meu estômago já não era mais um nó. Era uma faca.

— Mal consigo reconhecê-lo — sussurrou. — Está tão distante, fechado nele mesmo. Acho que não quer continuar vivendo. Tem arranhado tanto os braços que estão em carne viva.

— Vamos ajudá-lo. — Consegui falar apesar do nó na garganta. — Vamos ajudá-lo a se recuperar.

Bryn concordou e enxugou as lágrimas.

— Quer ir vê-lo agora? — perguntou ela. — Está na hora de trocar com o Mason mesmo. Ele fica mal-humorado se não come a cada duas horas.

— Acho que isso acontece com todo adolescente do sexo masculino. — Sorri e peguei na mão de Bryn. — Vamos ver o Ansel.

— Então não vai mesmo contar nada sobre ontem à noite? — Um sorriso travesso surgiu em seus lábios.

— Não. — Mas também sorri. Meu mundo esteve girando fora de controle. Ter Bryn por perto melhorava tudo.

Havíamos dado alguns passos depois de sairmos do quarto, quando Bryn parou e me encarou.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — respondeu, pegando minha outra mão e espremendo meus dedos. — É que... a Sabine tem razão.

— Sobre o quê? — Tentei decifrar a expressão no rosto de Bryn; não parecia desapontada, apenas com uma expressão curiosa.

— É sobre o Shay — respondeu ela. — Ele é o nosso novo alfa e precisa fazer parte da matilha.

— Ah. — Mudei o peso nos pés, embaraçada. Não era contra ter o Shay como meu alfa parceiro, só estava me acostumando com a ideia.

— Você devia ir lá chamá-lo. Vir com ele, seu par. Vai mostrar a Ansel que as coisas estão mudando. Que ele... que nós temos um futuro.

Concordei com ela. Ajudaria Ansel saber que o mundo que havia feito tanto mal a ele já não nos ditava mais regras? Ele sempre havia acreditado que o amor vinha em primeiro lugar. Talvez se me visse com Shay, por escolha minha, Ansel se reanimasse.

— Está bem. — Fiz que sim com a cabeça e soltei as mãos dela. — Vou atrás dele.

— Ótimo! — Ela me abraçou com vontade. Apoiei-me em seu ombro, pousando o rosto sobre seus cachos macios, e lembrei de como seu cheiro refletia sua personalidade: doce e apimentado como mistura de bala de caramelo com canela. O tipo de aroma que fazia qualquer um se sentir em casa aonde quer que fosse.

Ela saiu saltitando pelo corredor e fui ao quarto de Shay. Bati na porta. Ninguém respondeu.

Bati novamente. Talvez tivesse caído no sono.

— Ele não está aqui.

Virei-me e avistei Adne se aproximando.

— Como assim?

— Anika o mandou para o Centro Tático Haldis e ele está lá, trancafiado com os Guias — respondeu ela, apontando na direção do salão de reuniões com a cabeça. — Estão bolando uma estratégia para o resgate de Tordis.

— Por que não me contaram? — Franzi a testa.

— Isto está em discussão. Por causa do status questionável do seu irmão, alguns integrantes expressaram preocupação em levar os Guardiões na missão de resgate.

Não sabia se ficava chocada, revoltada, ou as duas coisas.

— Estão planejando a missão sem a gente?

— Estão avaliando as opções. — Ela sorriu rapidamente. — Mas isso é bom para nós.

— O que quer dizer com para nós? — perguntei, desconfiada do súbito brilho em seus olhos.

— Vou precisar de sua ajuda em outra missão — respondeu, dedilhando as adagas escocesas no cinturão. — Por baixo dos panos.

— Que missão? — Os pelos na minha nuca se arrepiaram.

A boca de Adne virou um rasgo.

— Vamos resgatar meu irmão.

VINTE E NOVE



Por um instante achei que houvesse perdido o chão e que estava em queda livre.

— Calla? — Adne me agarrou pelos braços enquanto cambaleava, tonta. — Você está bem?

Balancei a cabeça, tentando afugentar o calor estonteante que invadiu meu crânio.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou ela, conduzindo-me pelo corredor.

Concordei com a cabeça.

— Seu irmão?

— É.

— Está falando do Ren? — Foi difícil pronunciar o nome. — Não pode estar falando sério. Isso quer dizer que teríamos que voltar a Vail!

Ela tapou minha boca.

— Aqui não.

Precisei morder o interior da bochecha para não fazer perguntas. Adne me levou pelo corredor, passando pela porta do meu quarto e de

outros mais até finalmente destrancar uma das portas e entrar sorrateiramente.

Embora o layout do quarto fosse idêntico ao meu, não poderia ser mais diferente. A decoração do meu era blasé, como a maioria dos quartos de hóspedes: inofensivo, porém totalmente desprovido de personalidade.

O quarto de Adne era uma revolução de cores: violeta, preto e vermelho-carmim nas paredes e uma manta de veludo amassada sobre a cama. Ela correu para o som, pôs a música alta, e as paredes berrantes pareceram tremer diante dos meus olhos.

— Gosta de The Raveonettes? — E aumentou o volume.

Fiz que sim com a cabeça, o coração batendo no ritmo das vozes etéreas que soavam a minha volta.

— Desculpe. — Ela se deixou cair na cama. — Mas ninguém pode nos ouvir. Não que eu não escute música sempre alta desse jeito, mas enfim.

— Tudo bem.

— Senta — disse, apontando para a cama.

Estava tensa demais para me sentar, mas me apoiei na beirada da cama e fiquei manuseando as franjas da coberta.

— Então o Connor contou.

Ela fez que não com a cabeça, deitando-se e enfiando a mão entre um monte de travesseiros na cama.

— Meu pai me contou.

Puxou um envelope debaixo dos travesseiros.

— Connor só despachou a informação.

— Monroe escreveu uma carta para você? — Olhei as folhas dobradas na mão de Adne. Eram várias. Quanto teria lhe contado? Que segredos do passado ele teria deixado naquelas páginas?

Ela riu, piscando para afugentar as lágrimas.

— Connor disse que meu pai sabia que eu nunca o deixaria me encurralar para um papo careta. Criei o hábito de evitar esses diálogos desde que a mamãe...

Ela olhou para a mesa de cabeceira. Segui seu olhar e vi o porta-retrato de uma mulher. Tinha cabelos louros acobreados e brilhantes olhos cor de âmbar. Seus braços envolviam uma menina magrela com um sorriso bobo: uma Adne muito mais nova.

Adne folheou as páginas.

— Aparentemente, foi ela que os aproximou. Quer dizer, a mãe do Ren, Corinne. Depois que ela morreu, meu pai chegou ao fundo do poço. Minha mãe foi quem o ajudou a dar a volta por cima. E aí eu apareci.

Observei-a, sem saber o que dizer. Ela se deitou de costas com a carta pressionada sobre o peito.

— Eu sou a razão por que ele não foi atrás de Ren — prosseguiu ela, olhando para o teto. — Ele não queria se arriscar e nos deixar, minha mãe e eu. Achava que já havia causado mal demais a Corinne, e nunca superou isso. Ele queria muito resgatar o Ren. Está tudo aqui.

Adne sacudiu as folhas.

— Tenho certeza de que ele queria — comentei. — Mas não o culpo por ter querido proteger você. Ren não sabia de nada disso. Ainda não sabe a verdade. Acha que Emile é o pai dele.

— Eu sei. Por isso precisamos voltar.

— Não sei se Ren quer que a gente volte por ele — disse a ela, lembrando de como ele havia me atirado para o outro lado da cela. — Talvez queira ficar. Como os outros.

— Acredita mesmo nisso? — perguntou ela.

Não respondi; não poderia. A verdade era que não sabia. Queria acreditar que Ren poderia ser salvo, mas havia testemunhado a capacidade dos Defensores de arruinar a vida dos Guardiões. Meu próprio irmão quase havia nos matado, manipulado pelos antigos mestres. Ren conseguiria acreditar em qualquer outra coisa além do que haviam revelado sobre seu passado?

Senti um aperto no coração.

Adne me lançou um olhar pungente.

— Temos que tentar.

Arfei.

— Adne, como? Por pouco não conseguimos sair de lá.

Ela se virou, sentou-se e jogou as pernas para fora da cama.

— É por isso que vai dar certo agora. Duvido que estejam esperando por nós... E só estamos tentando achar o Ren.

— Mas como…

— Vamos localizá-lo. Vou abrir uma porta interna como da última vez. Agarramos ele. Fim da história. — As palavras saíram aos tropeços de sua boca. Seus olhos brilhavam.

— Localizá-lo… como?

Ela limpou a garganta e olhou para baixo.

— É. Eu reparei... bem, este anel que você está usando.

— Meu anel? — Levei as mãos ao peito e cobri a que levava o anel.

— Você foi prometida a ele, não foi? — Ela não ergueu os olhos. — Ele deu o anel para você?

— Foi, mas… — Queria explicar que alianças não faziam parte da união entre Guardiões. Que Ren havia me dado o anel por conta própria, porque estava... porque ele estava o quê? Tentando me dizer que me amava? Mostrando que queria que nossa união significasse mais que

apenas o cumprimento de ordens? Os pensamentos pareciam ter me atirado contra uma parede de tijolos, deixando-me sem ar. Não consegui continuar a frase.

Adne não notou nada.

— E então podemos usá-lo para encontrá-lo.

Ignorei o pulsar acelerado do coração e tentei me concentrar no que ela falava.

— O anel pode localizá-lo?

— Se foi ele quem deu a você, está conectado a ele. Posso usá-lo para identificar sua localização.

— Como é possível?

— O anel possui um fio de conexão — explicou, olhando-me com um sorriso. — Seguimos esse fio até Vail e até o encontrarmos. E aí abro a porta.

— Funciona mesmo?

— Foi assim que encontramos o Shay.

— Ah. — As palmas das mãos começaram a transpirar.

— Sei que é muito arriscado, Calla. Mas pelo que vi, e para ser sincera, pela reação do Shay por causa do Ren, sei que você se importa. Não pode querer deixá-lo lá.

Consegui pronunciar um sussurro dissonante:

— Não quero.

Ela enroscou os dedos nas longas mechas cor de mogno.

— Ele é meu irmão, mas não o conheço. Não tem a ver comigo. Tem a ver com meu pai.

Adne pegou a última página da carta e me entregou.

Apenas duas palavras estavam escritas na superfície branca.

Salve Ren.

Meus olhos começaram a arder. Olhei para Adne, a folha tremia em minhas mãos.

— Preciso fazer isso, Calla. Vai me ajudar?

A tremedeira subiu para os braços e ombros, mas concordei.

Ela deu um longo suspiro e relaxou os músculos.

— Graças a Deus.

— Quem mais? — perguntei, estendendo a página para ela. Não conseguia mais olhar aquilo, as duas únicas palavras me encarando, cavando um buraco em meu peito.

— Ninguém mais. — Ela franziu a testa. — Só eu e você.

— Acha que conseguimos? — A probabilidade não estava a nosso favor, mesmo se tivéssemos ajuda.

— Ninguém permitiria levarmos essa missão adiante — disse Adne. — Se comentarmos isso com alguém, vamos ter escolta atrás de nós 24 horas por dia.

Franzi a testa.

— Talvez alguém da minha matilha.

— Não — disse Adne. — Temos muito pouco tempo. Precisamos agir agora, não dá para realizar uma reunião de recrutamento.

— Como assim, agora? — Minha nuca estava arrepiada.

— Quero dizer, hoje. Bem, hoje à noite, de volta a Vail.

— Isto é loucura! — Não conseguia falar sem gritar.

— Vai estar tudo um caos por lá e os Defensores provavelmente estão concentrados em Denver. — Sua voz inacreditavelmente calma me deixou boquiaberta. — Vamos poder entrar e sair sem sermos notadas e, se duvidar, com mais facilidade do que em qualquer outro momento.

Abri a boca e voltei a fechá-la. Tudo bem, isso era lógico. Lógico e absurdo, mas enfim.

— Não podemos pelo menos levar o Connor? — perguntei. Ficava mais tranquila com outro lutador por perto e Connor já conhecia Ren, além disso, ele parecia apoiar Adne em quase tudo.

Ela estremeceu.

— De jeito nenhum. Ele é a última pessoa a quem pediria ajuda para isso.

O medo me fez partir para o ataque:

— Que diabos existe entre vocês, afinal?

Ela deu uns passos para trás.

— Como assim?

— Metade do tempo em que estão juntos vocês brigam, mas então parecem que estão ficando em segredo ou coisa parecida!

Ela corou, então empalideceu, e finalmente se virou de costas para mim.

— Não existe nada entre mim e Connor.

Insisti:

— Não é o que parece, pelo jeito que ele age.

Quando ela se voltou novamente para mim, seus olhos estavam duros.

— Calla, você pegou o bonde andando. Precisa conhecer melhor o Connor e a mim para entender como as coisas funcionam.

— Que tal fazendo um resumo da primeira parada? — pedi.

Ela deu de ombros e caminhou até o som para mudar o CD.

— Tinha 11 anos quando minha mãe morreu.

Corrigi a postura abruptamente, sem saber o que responder. Eu estava pressionando-a e agora falávamos de mães falecidas.

Adne continuou:

— Connor entrou para o grupo Haldis depois que ela morreu.

Caminhei até ela.

— Adne, me desculpe. Não precisa me explicar nada.

Ela me ignorou, mexendo no som, pulando várias músicas do álbum.

— Ele só tinha 16 anos. Não era extraordinariamente jovem demais para a primeira missão como Combatente, mas era, de longe, a pessoa com a idade mais próxima da minha. Ele fez da minha vida um inferno. Nunca me deixava em paz. Vivia me provocando. Eu passei por uma fase horrível e esquisita na mesma época em que perdi minha mãe. Braços e pernas enormes e nenhuma habilidade para usá-los apropriadamente. Connor me aborrecia, mas precisava disso. Mantinha-me ocupada demais para pensar na minha mãe. Não me dava nenhum momento de tranquilidade.

Ela fez uma careta.

— E naquela época um momento de tranquilidade teria me matado.

Observei as emoções passarem por seu rosto como sombras errantes. Ela fechou os olhos e sorriu.

— À noite, ele ia escondido para o meu quarto e me contava histórias absurdas sobre a Academia Errante até eu adormecer. Ficar sozinha à noite teria sido insuportável. Ele era meu melhor amigo até eu começar a treinar aqui.

— Precisou ir para Denver para sua missão?

— Não. — Ela não me olhou. — Mas eu queria. A Academia me treinou para ser uma Tecelã. Nunca quis estar em nenhum outro lugar a não ser em Denver. O grupo Haldis sempre foi minha família. Meu lugar é com eles.

Baixou a cabeça e os cabelos escuros cobriram seu rosto.

Um instante depois ela deu uma risada, sendo ela mesma novamente.

— A primeira coisa que Connor disse quando me viu, depois de meses no posto avançado, foi: "Vi que ganhou peitos, parabéns. Espero que saiba como usá-los."

— Está tentando dizer que esse é o jeito dele de ser amigo? — perguntei.

Ela arqueou uma das sobrancelhas para mim.

— Você leva esse tipo de comentário a sério? Por favor.

— Acho que não — respondi. Ela tinha razão, alguma razão, mas de certa forma as cantadas que Connor dava em outras garotas eram diferentes das coisas que dizia para Adne.

— Exatamente. Esses comentários são o *modus operandi* do Connor. — Ela sorriu para mim, mas notei uma pitada de nervosismo em suas palavras. — Mas o Silas piorou as coisas.

— Como?

— Perdi uma aposta e ele me fez beijar o Connor. — O rubor foi ocupando seu rosto lentamente. — Claro que isso só deu mais munição para o Connor usar contra mim. — Ela ajeitou os ombros, reflexiva, como se estivesse pronta para um desafio.

Sorri diante de sua postura agressiva.

— Por que Silas fez você beijar o Connor?

Ela deu um sorriso sombrio.

— Porque o Silas é um intelectual brilhante, mas não muito criativo. Ele *odeia* o Connor e não poderia imaginar nada pior do que eu ter de beijá-lo. Então me fez fazer isso.

— Entendo — respondi, estudando seu rosto. — E você beijou o Connor?

— Beijei.

— E? — Não pude ver sua reação, pois ela se virou de costas, à procura de uma música dos Raveonettes. Continuou em silêncio quando a música começou a tocar, movendo o corpo em sintonia com o som.

— E nada. — Ela ergueu a palma da mão para mim. — Connor não vem com a gente. Vai me passar este anel?

Trinquei os dentes, tirei o anel do dedo e o joguei para ela. Sem o peso da joia, sentia a mão estranhamente nua. Apertei os dedos com força, tentando ignorar o vazio que fazia doer os ossos.

Adne pegou apenas uma das adagas escocesas do cinturão e tocou a ponta da arma no anel de ouro branco. Fechou os olhos e respirou fundo e lentamente. Fiquei imóvel, sem coragem de respirar. A atmosfera ao redor de Adne pareceu ficar mais densa e tremeluzir, como se tivessem jogado purpurina dourada sobre ela.

Bem lentamente, ela afastou a adaga do anel. O movimento de sua mão produziu uma única linha fina. Um fiapo dourado.

Ela abriu os olhos e sorriu sem pressa.

— Pronto.

O ar preso em meus pulmões saiu sibilante.

Ela me olhou.

— Tudo bem, Calla. Sei o que estou fazendo. O fio localizador tece uma janela; não podemos passar por ela, mas podemos ver o que está do outro lado. Agora poderemos encontrar o Ren.

Fiz que sim com a cabeça, mas as pernas tremiam.

— E se ele não estiver sozinho?

— Esta é a questão — comentou, devolvendo-me o anel. — O fio vai nos levar até ele e assim teremos tempo suficiente para ver se ele está em um lugar em que podemos entrar sem perigo ou se precisamos esperar. Tudo bem?

— Tudo bem. — Estava aliviada por ela não argumentar que nós duas poderíamos enfrentar uma matilha de Guardiões.

Adne começou a girar o braço lentamente, em círculos contínuos. O fio dourado cresceu e foi ficando mais longo, rodopiando em uma espiral delgada a sua frente.

— Quer ver isto?

Cheguei mais perto de Adne, olhando por sobre seu ombro. A espiral reluziu e se esticou formando um delicado cone. Vi a outra ponta do fio, ao longe, movendo-se, alongando-se. Comecei a ver formas piscarem de dentro da espiral, borradas, fora de foco. Parecia que estávamos flutuando em uma velocidade inacreditável, movendo-nos rápido demais para apreender o terreno. Olhei para dentro da espiral, que agora pulsava com centelhas de luz, e tentei identificar algo familiar. Achei ter visto uma árvore e então uma encosta íngreme. O perfil dos edifícios. De repente, a espiral estremeceu e a luz dourada se abriu, proporcionando a paisagem em declive de uma montanha coberta por pinheiros, e a floresta virgem interrompida por uma clareira.

— Reconhece alguma coisa? — perguntou Adne.

Fiz que sim com a cabeça, mas o restante do corpo estava petrificado.

— Ele está aqui — disse ela, olhando para dentro da espiral. — Mas não sei se está sozinho. Considerando que é madrugada em Vail, devem estar todos dormindo.

— Ele está sozinho — murmurei.

— Tem certeza? — Ela me encarou com a testa franzida. — Se tiver certeza, posso abrir um portal agora mesmo.

Não conseguia tirar os olhos da janela que Adne havia criado e que nos levava até esse lugar. Para Ren.

Tenho certeza.

Adne fechou o portal e se virou para mim.

— Que lugar é este?

Sem o brilho do portal, apenas um pedacinho de lua sobre nossas cabeças refletia pouca luz sobre a clareira. Estruturas parcialmente construídas formavam um semicírculo ao redor de um beco sem saída pavimentado com uma fonte seca no centro. Alicerces haviam sido arrancados, deixando buracos no chão, e vigas de madeira de diferentes comprimentos apontavam para o céu noturno. Ali jazia o legado da matilha Haldis: esqueletos de casas, carcaças do que poderia ter sido.

Minha garganta parecia estar entalada com um chumaço de algodão. Limpei a garganta várias vezes até conseguir falar: — Este é o lugar onde minha matilha ia morar. A gente se mudaria para cá depois da união.

— Sério? — Ela franziu a testa e então arregalou os olhos. — Ai.

Mordi o lábio inferior e concordei com a cabeça.

— Onde acha que ele está? — perguntou ela, olhando para a silenciosa construção.

Apontei para a estrutura no pico de uma pequena encosta, a única casa pronta no terreno.

— Lá.

— Tem certeza?

— Aquela seria nossa casa — expliquei sem conseguir olhar.

— Nossa, caramba. — Ela pôs a mão em meu braço. — Calla, eu... não sabia.

— Tudo bem — respondi, embora não me sentisse tão confiante quanto queria transparecer. — Ninguém mais estará ali. O lugar foi abandonado. A matilha que moraria aqui não existe mais.

— Tudo bem. Então como vai querer fazer isso?

Encarei-a.

— Você não tem um plano?

— Meu plano era achar meu irmão. Achei. Fim.

— Mas precisamos convencê-lo a vir com a gente! — Não acreditei que conseguia sussurrar, devido ao pânico que crescia dentro de mim.

— Por isso trouxe você comigo — disse ela, olhando o terreno abandonado a nossa volta. — E foi uma boa ideia, ou não foi?

Mostrei meus caninos afiados para ela, mas não discuti, e me virei para a casa a uns 50 metros de distância.

— Se fosse sugerir um plano — comentou Adne lentamente —, diria que você deveria ir lá falar com ele. Uive se estiver em apuros. Ou grite. O que achar melhor.

— Obrigada — respondi, lançando-lhe um olhar de censura.

— Iria com prazer — justificou-se e cruzou os braços. — Mas ele não me conhece. É com você que Ren se preocupa. É você quem pode trazê-lo à realidade se ele realmente acha que os Defensores estão falando a verdade. Só você, Calla.

— Eu sei. — A realidade dos fatos se instalava em meus ossos dolorosamente. Essa era a única chance de me redimir por ter deixado Ren para trás. Se é que poderia me redimir.

O ar frio do inverno cobriu meu corpo como uma capa. A friagem ultrapassou a pele, impiedosa, já no combate contra a fagulha de esperança que resistia em minhas veias. No curto período desde minha união com os Inquisidores, havia aprendido o ônus real da guerra dos bruxos. As perdas já não eram mais de pessoas estranhas: Lydia, Corinne, Monroe, minha mãe, mesmo Ansel. O peso de suas mortes e a perda de meu irmão agora estavam acorrentados a mim como uma âncora que ameaçava me afogar em um oceano turvo e escuro de medo e arrependimento.

Este lugar era quieto como esse tipo de morte. Entulhado com os esqueletos da minha vida anterior, repleto de sombras retorcidas e macabras. Não apresentavam nenhuma ameaça real, apenas fragmentos do passado, lembranças dolorosas que grudavam em mim como teias de aranha.

A esperança era real. E brilhava mais que as estrelas acima de nós nessa noite vazia de inverno. Corinne e Monroe haviam partido. Haviam sacrificado tudo pelo filho. E ele estava ali. Era tarde demais para eles, mas Ren ainda podia ser salvo. E eu era a única que poderia salvá-lo.

Isto só tem a ver com amor.

Ele estava ali. Sozinho. Esperando por mim em uma casa onde apenas os fantasmas do passado eram bem-vindos.

Olhando os escombros da vida que poderíamos ter tido, vi que agora isso *não tinha* nada a ver com amor ou com Shay ou com os Inquisidores. Tinha a ver com sacrifício e redenção. E a perda poderia ganhar novo sentido.

Esperança. Uma segunda chance. Ren poderia nos ajudar a ganhar esta guerra. Juntos poderíamos fazer o sangue, a dor, a mágoa valerem alguma coisa. Sabia que não poderia deixá-lo para trás mais uma vez. Nem agora nem nunca. Mesmo que isso significasse me sacrificar também.

AGRADECIMENTOS

Três salvas para a matilha Lua de sangue! Charlie Olsen, Richard Pine, Lyndsey Blessing e a fabulosa equipe InkWell Management têm sido navegantes inestimáveis, mantendo este navio sempre em curso. Sem a sagacidade e a sabedoria de Michael Green minha permanência no mundo editorial não teria nem a metade da diversão. O olhar afiado e a compreensão profunda de Jill Santopolo deram com destreza uma linda forma a este livro. Jill, obrigada por compartilhar suas aventuras de escrita e de trapézio comigo! Penguin Young Readers Group se tornou uma família: Don Weisberg, Jennifer Haller, Emily Romero, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Jackie Engel, Linda McCarthy, Katrina Damkoehler, Amy Wu, Felicia Frazier, Scottie Bowditch, Courtney Wood, Anna Jarzab, Julia Johnson e todos os fantásticos representantes de vendas. Obrigada pelo trabalho que realizam e por torcerem por mim.

Muitos trabalhos apaixonados tornaram este livro possível. Obrigada, sempre, a minha companheira de crítica Lisa Desrochers. Um dos benefícios de ser escritora é ganhar amigos escritores excepcionais: Cynthia Leitich Smith, Becca Fitzpatrick e Kiersten White — sou muito grata por sua gentileza e seu entusiasmo. Agradeço aos meus pais, Darrel e Patricia Robertson, por conseguirem ficar ainda mais animados do que eu com meus livros. Obrigada ao meu irmão, Garth, por nunca me deixar

desistir. E a Will, por acender uma chama dentro de mim que nunca se apagará.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A

Lua de Sangue:

Página no Skoob

http://www.skoob.com.br/livro/247860-lua-de-sangue

Site da autora

http://www.andreacremer.com/

Twitter da autor

https://twitter.com/andreacremer

Site do livro

http://www.nightshadebook.com/

Sobre a autora

http://www.goodreads.com/author/show/3041100.Andrea_Cremer

Sobre o livro

http://www.livroseblablabla.com/2013/02/lua-de-sangue-andrea-cremer.html

Sobre o livro

http://www.houseofchick.com/2013/01/lua-de-sangue-nightshade-02-andrea.html

Capa

Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicaória
Epígrafe
PARTE I | O PURGATÓRIO
    UM
    DOIS
    TRÊS
    QUATRO
    CINCO
    SEIS
    SETE
    OITO
    NOVE
    DEZ
    ONZE
PARTE II | INFERNO
    DEZE
    TREZE
    CATORZE
    QUINZE
    DEZESSEIS
    DEZESSETE

DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
PARTE III | PARAÍSO
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
AGRADECIMENTOS
Colofon
Saiba mais